DR. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO

AS VICTIMAS-ALGOZES

QUADROS DA ESCRAVIDÃO

ROMANCES

TOMO I

AS VICTIMAS-ALGOZES

AS VICTIMAS-ALGOZES

QUADROS DA ESCRAVIDÃO

ROMANCES

POR

JOAQUIM MANOEL DE MACEDO

TOMO I

RIO DE JANEIRO
Typ. AMERICANA, rua dos Ourives n. 19.

1869

AOS NOSSOS LEITORES

I

Queremos agora contar-vos em alguns romances historias verdadeiras que todos vós já sabeis, sendo certo que em as já saberdes é que póde consistir o unico merecimento que por ventura tenha este trabalho; porque na vossa sciencia e na vossa consciência se hão de firmar as verdades que vamos dizer.

Serão romances sem atavios, contos sem phantasias poeticas, tristes historias passadas á nossos olhos, e á que não poderá negar-se o vosso testemunho.

Não queremos ter segredos, nem reservas mentaes comvosco.

E' nosso empenho e nosso fim levar ao vosso

espirito e demorar nas reflexões e no estudo da vossa razão factos que tendes observado, verdades que não precizam mais de demonstração , obrigando-vos deste modo á encarar de face, á medir, á sondar em toda sua profundeza um mal enorme que afeia, infecciona, avilta, deturpa e corroe á nossa sociedade, e á que a nossa sociedade ainda se apéga semelhante a desgraçada mulher que, tomando o habito da prostituição, á ella se abandona com indecente desvario.

E o empenho que tomamos, o fim que temos em vista adunão-se com uma aspiração generosa da actualidade, e com a exigencia implacavel da civilisação e do seculo.

II

Sob as apprehensões de uma crise social imminente, infallivel que á todos ha de custar directa ou indirectamente onerosos sacrificios o povo brasileiro e particularmente os lavradores esperão anciosos, entre receios por certo

justificaveis e clamores que se explicão sem dezar, o pronunciamento legal e decisivo da solução do problema da emancipação dos escravos.

Este estado de duvidas afflictivas sobre o futuro, de temor dos detrimentos que se hão de experimentar, e que o descostume e certa desconfiança do trabalho livre ainda mais exagerão, este mal estar dos proprietarios de escravos, vendo cheio de nuvens o dia de amanhã, póde comparar-se a situação dos espiritos timidos e das pessoas de organisação sobremaneira nervosa, quando em negro horisonte e em atmosphera abafada começão a rasgar-se os fuzis, e a rugir a trovoada que avança formidavel. Esta imagem se nos afigura tanto mais acertadamente applicada, quanto é sabido que depois das grandes trovoadas vem a pureza do ar, a bonança e a claridade.

Como quer que seja, máo grado os interesses que hão de padecer, á despeito das opposições que se fazem e se farão sentir, embalde ás faceis objecções denunciadoras de indubitaveis inconveniencias e senões em quantos pro-

jectos e imaginaveis planos se engendrarem para que menos violenta e dolorosa se resolva a crise, e se opere a revolução social, é positivo que tocamos a vespera da emancipação dos escravos.

Ninguem se illuda, ninguem se deixe illudir. Não ha combinação de interesses, não ha partido politico, não ha governo por mais forte que se presuma, que possa impedir o procelloso acontecimento.

Nunca houve caso em que melhor assentasse a formula do fatalismo musulmano: — *está escripto.*

A famosa prophecia do *Velho do Itajurú* escripta quasi á meio seculo se realisou em nossos dias: *a nuvem negra veio do Norte.*

Havia uma grande potencia, uma republica soberba que em seu seio tolerava a escravidão, e tenaz a mantinha: a confederação Norte-Americana era barreira tremenda ante a qual estacava o movimento emancipador; mas a filha de Washington depois de uma luta formidavel que espantou o mundo, no fim de uma guerra de proporções descommunaes afogou para sempre a escravidão nas aguas ensanguentadas do Potomac

que testemunhara as ultimas batalhas entre o Sul escravagista e o Norte emancipador. O Norte venceu: *a nuvem negra nos veio do Norte.*

Desde então só o Brasil e duas colonias da Hespanha mantem a escravidão aos olhos de todas as nações que protestão contra a excepção.

A voz de Deos, o brado do seculo da liberdade, a opinião do mundo, o pronunciamento dos governos, o espirito e a materia, a idéa e a força querem, exigem, e em caso extremo hão de impôr a emancipação dos escravos.

Nas duas colonias da Hespanha o problema vai resolver-se com expontaneo decreto da metropole.

O Brasil só, isolado, marcado com o sello ignominioso da escravidão diante do mundo, seria o escarneo e o maldito do mundo, e se exporia ao opprobrio da coacção pela força.

O patriotismo se revolta ao simples imaginar do insulto á soberania nacional pela prepotencia estrangeira: mas a razão comprehende a possibilidade e a probabilidade do ultrage.

Tambem vos imbalarão com a tolerancia do

trafico de africanos ; tambem vos fizerão creditar que sem elle feneceria a agricultura ; tambem vos fallarão da soberania nacional para resistir á prepotencia estrangeira, e em dias lugubres em que a patria envergonhada escondeo o rosto, lavrarão de subito e precipitadamente a sentença de morte do trafico de africanos ao som dos tiros dos canhões inglezes que cuspião injurias e affrontas nas faces de fortalezas nossas.

Então foi sómente a Inglaterra ; e o Brasil teve de ceder.

Agora é o mundo, agora são todas as noções, é a opinião universal, é o espirito e a materia, a idéa e a força á reclamar a emancipação dos escravos.

Imaginaes resistencia possivel ? . . .

Não vos illudaes, não vos deixeis illudir ; preparai-vos : a emancipação dos escravos ha de realizar-se dentro de poucos annos.

Está escripto.

III

Não se estirpa o cancro sem dôr.

A escravidão que é cancro social, abuso inveterado que entrou em nossos costumes, arvore venenosa plantada no Brasil pelos primeiros colonisadores, fonte de desmoralisação, de vicios e de crimes, é tambem ainda assim instrumento de riqueza agricola, manancial do trabalho dos campos, dependencia de innumeraveis interesses, immenso capital que representa a fortuna de milhares de proprietarios, e portanto a escravidão para ser abolida fará em seus ultimos arrancos de monstro cruelissima despedida.

A emancipação immediata e absoluta dos escravos, que aliás póde vir a ser um facto indeclinavel e subito na hypothese de adiamento teimoso do problema, e provocador do resentimento do mundo, seria louco arrojo que poria em convulsão o paiz, em desordem descommunal e em sossobro a riqueza particular e pu-

blica, em miseria o povo, em banca-rota o Estado.

A emancipação gradual iniciada pelos ventres livres das escravas, e completada por meios indirectos no correr de prazo não muito longo, e directos no fim desse prazo com indemnisação garantida aos *senhores* é o conselho da prudencia e o recurso providente dos proprietarios.

Ainda assim o costume e o interesse do senhor hão de disputar ao Estado a oppressão e o dominio do escravo: é explicavel a oppsição; é natural a repugnancia que apparece no campo invadido ao principio que invade: é a dôr que faz gemer na extracção do cancro.

Mas o governo e a imprensa devem esforçar-se por illuminar os proprietarios de escravos e convence-los de que está em seus proprios interesses auxiliar o Estdo na obra immensa e escabrosa da emancipação, para que ella que é infallivel, se effectue com a menor somma possivel de sacrificios.

A imprensa que o não fizes, mentirá á sua

missão augusta; o governo que o não fizer, atraiçoará a causa publica.

IV

Pobre escriptor de acanhada intelligencia, rude e simples romancista sem arte, que sómente escreve para o povo, não nos animaremos a combinar planos de emancipação, nem presumidos de sciencia procuraremos esclarecer o publico sobre as altas conveniencias economicas, e as santas e irrecusaveis lições philosophicas que condemnão a escravidão.

Como, porém, é dever de cada um concorrer á seu modo, e nas suas condições, para o desenlace menos violento desse nó terrivel, e servir á causa mais melindrosa e arriscada, porém indeclinavel, que actualmente se offerece ao labor e á dedicação do civilismo, pagaremos o nosso tributo nas proporções da nossa pobreza, escrevendo ligeiros romances.

Trabalhar no sentido de tornar bem mani-

festa e clara a torpeza da escravidão, sua influeucia malvada, suas deformidades moraes e congenitas, seus instinctos ruins, seu horror, seus perigos, sua acção infernal é tambem contribuir para condemna-la e para fazer mais suave e sympathica a idéa da emancipação que a aniquila.

Seguindo dous caminhos oppostos, chega-se ao ponto que temos fitado, á reprovação profunda que deve inspirar a escravidão.

Um desses caminhos se estende por entre as miserias tristissimas, e os incalculaveis soffrimentos do escravo, por essa vida de amarguras sem termo, de arido deserto sem um oasis, de inferno porpetuo no mundo negro da escrevidão. E' o quadro do mal que o senhor, ainda sem querer, faz ao escravo.

O outro, mostra a seus lados os vicios ignobeis, a perversão, os odios, os ferozes instinctos do escravo, inimigo natural e rancoroso do seu senhor, os miasmas, deixem-nos dizer assim, a syphilis moral da escravidão infeccionando a casa, a fazenda, a familia dos senhores, e a sua raiva concentrada, mas sempre em conspiração

latente attentando contra a fortuna, a vida e a honra dos seus inconscios oppressores. E' o quadro do mal que o escravo faz de assentado proposito ou ás vezes involuntaria e irreflectidamente ao senhor.

Preferimos este segundo caminho: é o que mais convém ao nosso empenho.

Esquecemos o Buc-Jargal, o Toussaint, Louverture e o Pai-Simão; o escravo que vamos expôr á vossos olhos é o escravo de nossas casas e de nossas fazendas, o homem que nasceu homem, e que a escravidão tornou peste ou fera.

Contar-vos-hemos, pois, em pequenos e resumidos romances as historias que vós sabeis porque tendes sido dellas testemunhas.

Se pensardes bem nestas historias, devereis banir a escravidão, para que ellas não se reproduzão.

Porque estas historias veracissimas forão de hontem, são de hoje, e serão de amanhã, e infinitamente se reproduzirão, emquanto tiverdes escravos.

Lêde e vereis.

I

SIMEÃO — O CRIOULO

I

No interior e principalmente longe da villa, ou da freguezia e dos povoados ha quasi sempre uma *venda* perto da fazenda: é a parasita que se apéga á arvore, peior que isso, é a inimiga hypocrita que rende vassalagem á sua victima.

A *venda* de que fallo é uma taberna especialissima que não poderia existir, manter-se, medrar em outras condições locaes, e em outras condições do trabalho rural e nem se confunde com a taberna regular que em toda parte se encontra, quanto mais com as cazas de grande ou pequeno commercio, onde os lavradores ricos e pobres se provém do que precisa a caza, quando não lhes é possivel esperar pelas remessas dos seus consignatarios ou freguezes.

Essa parasita das fazendas e estabelecimentos agricolas das visinhanças facilmente se póde conhecer por suas feições e modos caracteristicos, se nos é licito dizer assim: uma se parece com todas e não ha hypothese em que alguma dellas por mais dissimulada que seja, chegue á perder o caracter da familia.

E' uma pequena casa de taipa e coberta de telha, tendo as vezes na frente varanda aberta pelos tres lados, tambem coberta de telha e com o tecto sostido por esteios fortes, mas rudes e ainda mesmo tortos: as paredes nem sempre são caiadas, o chão não tem assoalho nem ladrilho: quando ha varanda, abrem-se para ella uma porta e uma janella: dentro está a *venda*: entre a porta e a janella encostado á parede um banco de páo, defronte um balcão tosco e no bojo ou no espaço que se vê além, grotesca armação de taboas contendo garrafas, botijas, latas de tabaco em pó, á um canto algumas voltas de fumo em rolo e uma ruim manta de carne secca. Eis a *venda*.

Ha muitas que nem chegam á opulencia da que ahi fica descripta; em todas porém apparece humilde no fundo do quasi vasio bojo a porta baixa que communica pelo corredor immundo

com dous ou mais quartos escuros, onde se recolhem as pingues colheitas agricolas do vendelhão que aliás não tem lavoura.

A *venda* é pouco frequentada á luz do sol nos dias de serviço; nunca porém ou raramente se acha solitaria: ainda nesses mesmos dias de santo dever do trabalho, hcmens ociosos, vadios e turbulentos jogam ao balcão com um baralho de cartas machucadas, enegrecidas e como oleosas desde a manhã até o fim da tarde e é milagre faltar algum incansavel tocador de viola; mas apenas chega a noute, começa a concurrencia e ferve o negocio.

Explorador das trevas protectoras dos vicios e do crime, o vendelhão baixo, ignobil, sem consciencia, paga com abuso duplo e escandaloso á garrafas de aguardente, á rolos de fumo, e á chorados vintens o café, o assucar e os cereaes que os escravos furtam aos senhores, e complice no furto effectuado pelos escravos, é ladrão por sua vez, roubando á estes nas medidas e no preço dos generos.

A *venda* não dorme: ás horas mortas da noute vem os quilombolas, os escravos fugidos e acoutados nas florestas trazer o tributo de suas depredações nas roças visinhas ou distantes ao

vendelhão que apura nellas segunda colheita do que não semeou e que tem sempre de reserva para os quilombolas recursos de alimentação de que elles não podem prescindir, e tambem não raras vezes a polvora e o chumbo para a resistencia nos casos de ataque aos quilombos.

E o vendelhão é em regra a vigilancia protectora do quilombola e o seu espião dissimulado que tem interesse em contrariar a policia, ou as diligencias dos senhores no encalço dos escravos fugidos.

Despresivel e nociva durante o dia a *venda* é esqualida, medonha, criminosa e atroz durante a noute: os escravos que ahi então se reunem, embebedam-se, espancam-se, tornando-se muitos incapazes de trabalhar na manhã seguinte; misturam as rixas e as pancadas com a conversação mais indecente sobre o caracter e a vida de seus senhores, cuja reputação é ultrajada ao som de gargalhadas selvagens: inspirados pelo odio, pelo horror, pelos soffrimentos inseparaveis da escravidão, se expandem em calumnias terriveis que ás vezes chegam até a honra das esposas e das filhas dos senhores; atiçam a raiva que todos elles tem dos feitores, contando historias lugubres de castigos exagerados e de cruelissimas

vinganças, á cuja idéa se habituam; em sua credulidade estupida e illimitada esses desgraçados escutam boqui-abertos a relação dos prodigios do feitiço, e se emprazam para as reuniões nocturnas dos feiticeiros; e uns finalmente aprendem com outros mais sabidos á conhecer plantas maleficas, raizes venenosas que produzem a loucura ou dão a morte, e tudo isto e muito mais ainda de envolta com a embriaguez, com a desordem, com o quadro da abjecção e do desavergonhamento já natural nas palavras, nas acções, nos gozos do escravo.

Aos domingos e nos dias santificados a *venda* tem centuplicadas as suas glorias nefandas, aproveita a luz e as trevas, o dia e a noute, e por isso mesmo cada lavrador conta de menos na roça e demais na enfermaria alguns escravos na manhã do dia que se segue.

De ordinario, pelo menos muitas vezes, é nessas reuniões, é nesse fóco de peste moral que se premeditam e planejam os crimes que ensanguentam e alvoroçam as fazendas. Na hypothese de uma insurreição de escravos a *venda* nunca seria alheia ao tremendo acontecimento.

Todavia tolera-se a *venda*: o governo não póde ignorar, a policia local sabe, os fazendeiros e

lavradores conhecem e sentem que essa espelunca ignobil é fonte de vicios e de crimes, manancial turvo e hediondo de profunda corrupção, constante ameaça á propriedade, patibulo da reputação, e em certos casos forja de arma assassina; porque é e será sempre o ponto de ajuntamento de escravos onde se conspire ou se inicie a conspiração; e ainda assim a *venda* subsiste e não ha força capaz de anniquilál-a.

Porque?....

E' que se prohibissem a *venda*, de que trato, se lhe fechassem a porta, se lhe destruissem o tecto, ella renasceria com outro nome. e, como quer que fosse, e, onde quer que fosse, havia de manter-se, embora dissimulada, e abusivamente.

A logica é implacavel.

Não é possivel que haja escravos sem todas as consequencias escandalosas da escravidão: querer a ulcera sem o puz, o cancro sem a podridão é loucura, ou capricho infantil.

Perigosa e repugnante por certo, e ainda assim não das mais formidaveis consequencias da escravidão, a *venda* de que estou fallando, é inevitavel; porque nasce da vida, das condições, e das exigencias irresistiveis da situação dos escravos.

A *venda* é o espelho que retrata ao vivo o rosto e o espirito da escravidão.

Se não fosse, se não se chamasse *venda*, teria outro e mil nomes no patuá do escravo ; seria uma casa no deserto, um sitio nas brenhas ; estaria na gruta da floresta, em um antro tomado ás feras, mas onde iria sempre o escravo, o quilombola, vender o furto, embriagar-se, ultrajar a honra do senhor e de sua familia, a quem detesta, engolphar-se em vicios, ouvir conselhos envenenados, inflammar-se em odio, e habituar-se á idéa do crime filho da vingança ; porque o escravo, por melhor que seja tratado, é, em regra geral pelo facto de ser escravo, sempre e natural e logicamente o primeiro e mais rancoroso inimigo de seu senhor.

O escravo precisa dar expansão á sua raiva, que ferve incessante, e esquecer por momentos ou horas as miserias e os tormentos insondaveis da escravidão ; é na *venda* que elle se expande e esquece ; ahi o odio falla licencioso e a aguardente afoga em vapores e no atordoamento a memoria.

Entretanto, a *venda* é horrivel ; é o recinto da assembléa selvagem dos escravos, onde se eleva a tribuna malvada da lascivia feroz, da

diffamação nojenta e do crime sem susceptibilidade de remorso; alli a matrona veneranda, a esposa honesta, a donzella-anjo são julgadas e medidas pela bitola da moralidade dos escravos; o aleive é applaudido e sanccionado como verdade provada, e o aleive se lança com as fórmas esqualidas da selvatiqueza que falla com a eloquencia do rancor sublimisado pelo alcool; alli se acendem furias contra os feitores e os senhores; alli se rouba a fazenda e se fazem votos ferozes pela morte daquelles que se detestam, porque, é impossivel negal-o, são oppressores.

E não ha para supprimir a *venda*, essa *venda* fatal, que rouba, desmoralisa, corrompe, calumnia e ás vezes mata, senão um só, um unico meio: é supprimir a escravidão.

Não ha; porque a *venda* está intimamente presa, imprescindivelmente adunada á vida do escravo; sem ella, os suicidios dos escravos espantariam pelas suas proporções.

Onde houver fazendas, haverá por força a *venda* perversa, ameaçadora, infamissima, como a tenho descripto e a conhecem todos, sem excepção, todos os lavradores.

Não ha rei sem throno, não ha família sem lar, nem aves sem ninho, nem fera sem antro;

o throno, o lar, o ninho, o antro do escravo é, antes da senzala, a *venda.*

A *venda*, que vos parece apenas repugnante, corruptora, ladra e infame, é, ainda mais, formidavel e atroz; mas em todos esses attributos digna, legitima filha da escravidão, que a gerou, criou, sustenta, impõe e que ha de mantel-a arraigada á sua existencia.

E' um mal absolutamente dependente, porém inseparavel de outro mal; não é causa, é effeito; não é arvore, é fructo de arvore.

Se quizerdes supprimir a *venda-inferno,* haveis de supprimir primeiro a — escravidão-demonio.

II

Era em uma dessas *vendas* sinistras como a que acabamos de descrever.

O sitio era solitario ; a estrada rompia pelo meio vasta floresta que cortava sinuosa, e, descendo declive suave, ia atravessar tenue corrente d'agua alimentada por brejal vizinho e de novo se perdia, como embebendo-se no seio do bosque.

A *venda* mostrava-se triste á beira da estrada, que em sua frente se alargava cerca de seis ou oito braças; tinha ao lado direito o brejal a estender-se para traz, e ao esquerdo e pegada á casa uma rude tranqueira de páo, dando entrada para um terreiro immundo, que se adiantava pouco além da cozinha. Não havia creação no

terreiro; apenas a elle se recolhiam á noute um porco, que chafurdava na lama, e um casal de de patos, que grasnavam no brejo.

A *venda* se isolava na solidão, mas não longe de fazendas e sitios, que se annunciavam de madrugada pelo cantar dos gallos, á tarde pelo mugir dos bois, á noute pelo latir dos cães.

Os cavalleiros e viandantes que passavam ás vezes durante o dia, não se lembravam nunca de chegar-se ou parar áquella *venda* desprezivel, onde em compensação faziam sempre estação demorada os escravos carreiros ou tropeiros que iam ou voltavam, conduzindo generos.

Entretanto, aquelle tecto miseravel, albergue de vicios e torpezas, jámais se achava em abandono de freguezes.

Ha poucos annos, em um dia calmoso do mez de Fevereiro, viam-se ás tres horas da tarde nessa *venda* certas figuras, formando um quadro quasi constantemente alli observado com insignificantes modificações até a hora do negro concurso nocturno.

Para dentro do balcão estava um menino de doze annos, de pés no chão, vestido de calças e camisa que desde um mez não mudava, e cuja côr e qualidade do pano escapariam ao mais tei-

moso exame; era o caixeiro mandrião, e já perdido pela desmoralisação, pela incontinencia da palavra e pela convivencia com os vadios e os escravos. A' porta da *venda* via-se em pé a olhar a estrada um homem de meia idade, cabelludo, amarello, em mangas de camisa com o collarinho desabotoado, o peito á mostra, e calçando grandes tamancos: era o vendelhão.

Em uma extremidade do balcão sentava-se um homem avelhentado, tendo as pernas pendidas, os pés descalços, os vestidos remendados, um velho chapéo de palha na cabeça, e ao peito uma viola, em que tocava de continuo as musicas rudes dos fados. Na outra extremidade do balcão quatro sujeitos moços quasi todos, um ainda imberbe, todos quatro mais ou menos miseravelmente vestidos jogavam o *pacao*, rixando a todo momento, e não se poupando accusações de furtos e de fraude no jogo.

Um ultimo freguez emfim, figura sinistra, tendo olhos de tigre, boca, por assim dizer, sem labios, e com immensa barba mal cuidada, parecia dormir estendido em um banco de páo defronte do balcão.

De espaço em espaço a aguardente inspirava o tocador de viola e animava os jogadores.

A's quatro horas da tarde um cavallo, correndo á desfilada, veio estacar á porta da *venda*, pondo-se o cavalleiro de um salto no chão.

O cavalleiro era um crioulo escravo ainda muito joven.

—Oh !... o grande Simeão !... exclamou o vendelhão, abraçando o escravo.

— Uma pinga que estou com muita pressa ; disse este, e correu para dentro da *venda.*

Simeão recebeu logo um cópo cheio de aguardente, que bebeu de uma vez, atirando o resto á cara do menino, que o servira.

III

Simeão devia ter vinte annos: era um crioulo de raça pura africana, mas cujos caracteres physicos aliás favoravelmente modificados pelo clima e pela influencia natural do paiz, onde nascèra, não tinham sido ainda afeiados pelos serviços rigorosos da escravidão, embora elle fosse escravo.

Havia em seus modos a expansão que só parece propria do homem livre: elle não tinha nem as mãos callejadas, nem os pés esparramados do negro trabalhador de enxada: era um escravo de cabellos penteados, vestido com asseio e certa faceirice, calçado, fallando com os vicios de linguagem triviaes no campo, mas sem a bruteza commum na gente da sua condi-

ção ; até certo ponto, pois, aceito, apadrinhado, protegido e acariciado pela familia livre, pelo amor dos senhores.

A historia de Simeão tem mil historias irmãs até aos vinte annos que elle conta: ha de, portanto, trazer á memoria mil historias, como a sua, cheia de desgostos e de resentimentos de ingratidão, que aliás, sem o pensar, os bemfeitores cimentam: a historia que vai seguir-se depois dos vinte annos talvez lembre alguma infelizmente mais ou menos semelhante, e cujo horror é sómente um dos fructos e dos horrores da escravidão.

Sementeira de venenosos espinhos, a escravidão não póde produzir flores innocentes.

A historia de Simeão ainda não criminoso é simples: muitos dos leitores deste romance a encontrarão realizada, viva, eloquentemente exposta no seio de seu lar domestico.

Domingos Caetano teve de sua mulher muito e bem merecidamente amada uma filha que satisfizera os doces votos de ambos: Angelica, a nobre esposa e virtuosa mulher, não poude ter a dita de amamentar o seu anjo, e confiou-o aos peitos de uma escrava que acabava de ser mãi como ella: a escrava que ama-

mentara dous filhos, o proprio e o da senhora, morreu dous annos depois, e Angelica pagou-lhe a amamentação da sua querida Florinda, criando com amor maternal o crioulinho Simeão, colasso de sua filha.

A compaixão e o reconhecimento em breve se transformaram em verdadeira affeição: o crioulo era esperto e engraçado, começou fazendo rir, acabou fazendo-se amar. Simeão divertia, dava encanto ás travessuras de Florinda: Domingos Caetano e Angelica o amaram em dobro por isso.

Até os oito annos de idade Simeão teve prato á mesa e leito no quarto de seus senhores, e não teve cons iencia de sua condição de escravo. Depois dos oito annos apenas foi privado da mesa e do quarto em commum; continuou, porém, a receber tratamento de filho adoptivo mas criado com amor desmazelado e imprudente, e cresceu emfim sem habito de trabalho, abusando muitas vezes da fraqueza dos senhores. sem attingir á dignidade de homem livre, e sem reconhe er nem sentir a absoluta submissão do es ravo.

Era o typo mais perfeito do crioulo, cria estimada da familia.

IV

Mais de uma vez parentes e amigos de Domingos Caetano e Angelica disseram á um ou outro, mostrando Simeão:

— Estão creando um inimigo: a regra não falha.

E Domingos respondia:

— Coitado! elle é tão bom!

E Angelica dizia sorrindo-se:

— E' impossivel que nos seja ingrato.

— Ainda não houve um que o não fosse! tornavam-lhes debalde; porque os senhores de Simeão nem por essas já triviaes advertencias menos condescendentes e affectuosos se mostravam com o seu creoulo estimado.

Breve reflexão de passagem.

As apprehensões da ingratidão e da inimisade desses escravos, crias predilectas aquecidas no seio da familia tem por certo o fundamento da mais triste experiencia; mas a sancção da regra sem o estudo e reconhecimento da causa do mal tenderia á fazer apagar as santas inspirações da caridade, e á impedernir os corações de todos os senhores de escravos.

Fôra absurdo pretender que a ingratidão ás vezes até profundamente perversa dos creoulos amorosamente criados por seus senhores é nelles innata ou condição natural da sua raça: a fonte do mal que é mais negra do que a côr desses infelizes, é a escravidão, a consciencia desse estado violenta e barbaramente imposto, estado lugubre, revoltante, condição ignobil, mãe do odio, pustula encerradora de raiva, pantanal dos vicios mais torpes que degeneram, inficcionam, e tornam perverso o coração da victima, o coração do escravo.

No amor dos senhores o creoulo estimado viu, sentiu, gozou os reflexos das flammas vivificantes, generosas, sagradas da liberdade; mas vem um dia em que elle se reconhece escravo, cousa e não homem, á pezar da affeição, das condescendencias, dos caridosos beneficios do senhor—

amigo, da senhora—segunda mãe; vem a primeira hora sinistra em que elle, que até então vivera em sonhos e illusões, desperta com a certeza horrivel de que é um condemnado d'aquem berço; condemnado sem crime; tendo alma e considerado simples materia ambulante; cousa, animal, que se vende, como a casa, como o bòi e como a besta; finalmente miseravel e perpetuo desterrado em dezerto sem horisonte, tendo vida e não vivendo para si, desejando sem esperanças, não possuindo de seu nem o pleno direito dos tres amores mais santos o de filho, o de esposo, e o de pai; machina para cavar com a enchada, homem desnaturado, miseria respirante e movente que os proprios cães distinguem pela marca do desprezo social.

O creoulo escravo e estimado por isso mesmo que tem mais aguçada a intelligencia, e por isso mesmo que deram-lhe as mostras dos gosos e da superioridade, mas não lhe deram a condição e a educação proprias do homem livre, péza melhor que os escravos brutaes o preço e o encanto da verdadeira liberdade; no meio dos beneficios comprehende que lhe falta um que vale mais do que todos os outros sommados e multiplicados; feliz pelos favores que recebe, pelos dons da

affeição de que é objecto, esbarra sempre diante da realidade da escravidão, que o abate, avilta e moralmente o anniquila: deseja e não tem, quer e não póde, sonha e não realisa o bem supremo da terra, escravo se reconhece e bebe o odio, os máos costumes, o veneno, a perversidade da escravidão.

O creoulo escravo e estimado, em quem o amor e as condescendencias do senhor animam e atiçam expansões naturaes do amplo goso da liberdade, mistura nos dias da reflexão mais sombria e triste, a lembrança dos sabores do reflexo da liberdade com a ameaça e os negros horrores da escravidão; habituado á impunidade garantida pela affeição ousa muito e abusa ainda mais; como predilecto da familia, e escravo, por tanto infeccionado de todos os vicios, e ferozes impulsos da madre-fera escravidão, insolente e malcreado, nem perfeitamente livre, nem absolutamente escravo, bom juiz odiento, pois que conhece as duas condições, e da melhor é bastardo, e da peior legitimo filho, o creoulo escravo e estimado de seu senhor, torna-se em breve tempo ingrato e muitas vezes leva a ingratidão á perversidade, *porque é escravo.*

Mas a sua ingratidão e a sua perversidade não

se explicam pela natureza da raça, o que seria absurdo; explicam-se pela condição de escravo, que corrompe e perverte o homem.

O creoulo amorosamente creado pela familia dos senhores seria talvez o seu melhor amigo, se não fosse escravo.

V

Ninguem poderia ter marcado, nem o proprio Simeão seria capaz de determinar o dia em que lhe toldára as alegrias do coração innocente a primeira gota de fel destilado pela consciencia da sua escravidão. Havia para elle na casa de seus amorosos senhores um céo e um inferno: na sala o nectar da predilecção e da amisade, na cosinha o veneno da inveja e o golphão dos vicios: na cosinha a negra má e impiedosa castigou-lhe as travessuras e exigencias incommodas e apadrinhadas pelos senhores, repetindo-lhe mil vezes:

— Tu és escravo como eu.

E o negro enfesado e ruim perseguia o creou-

linho estimado com a ameaça lugubre de um futuro tormentoso:

— Brinca para ahi, pobre coitado! has de vêr como é bom o chicote, quando creceres...

E pouco a pouco Simeão abalado, incessantemente influenciado pela inveja e pelas maldades da cosinha deixou-se tomar de um constrangimento leve, mas invencivel que foi o primeiro signal da triste suspeita do abysmo que o separava dos senhores.

A cosinha foi sempre adiantando a sua obra: quando conseguiram convencer. compenetrar o creoulinho da baixeza, da miseria da sua condição, as escravas passaram á preparar nelle o inimigo dos seus amantes protectores: ensinaram-o á espiar a senhora, a mentir-lhe, a atraiçoa-la, ouvindo-lhe as conversas com o senhor para conta-las na cosinha; desmoralisaram-o com as torpezas da linguagem mais indecente, com os quadros vivos de gosos esqualidos, com o exemplo frequente do furto e da embriaguez, e com a lição insistente do odio concentrado aos senhores.

E a sala ajudou sem o pensar, sem o querer, a obra da cosinha.

Domingos Caetano e Angelica não destinavam

Simeão para trabalhador de enchada, e não o fizeram aprender officio algum, nem lhe deram tarefa, e occupação na fazenda: abandonando-o á quasi completa ociosidade, tolerando seus abusos com fraqueza e cega condescendencia, e, o que é peior, simulando ás vezes exagerada severidade esquecida logo depois, ameaçando sem realisar jamais a ameaça do castigo, dando emfim ao creoulo facilidades para o passeio, não raramente dinheiro para suas despezas futeis, amando-o como filho adoptivo, e conservando-o escravo, sem o querer, sem o pensar, auxiliaram as depravações da cosinha que perverteram o vadio da fazenda.

E, maior imprudencia ainda, ora Domingos, ora Angelica, cada qual por sua vez sorrindo ao pequeno Simeão, e fallando aos amigos que, por favor e agrado a elles, o tratavam com prazenteiros modos, dizia sem cautella:

— Este não será de outro senhor.

E a promessa contida nas palavras referentes ao escravo inda pequeno foi por muitas bocas traduzida com acerto ao escravo mais tarde joven, por turvo juizo que encerrava esperança dependente de morte.

Diziam a Simeão:

— Feliz rapaz! em seu testamento teu senhor te deixa forro.

E, por aborrecimento da escravidão, pelo anhelo da liberdade completa, pelo encanto de chegar a ser dono de si proprio, Simeão escravo era já ingrato: porque não pensava mais que a morte de seu bemfeitor fosse um successo lamentavel.

A *venda* rematou a obra começada pela cosinha e auxiliada pela sala.

Não podendo ter parte nos banquetes, nas reuniões festivas, nos divertimentos da sociedade livre, vendo-os de longe, invejando-os, querendo arremeda-los, Simeão que pairava em uma condição media, mas artificial, inconsequente e falsa entre as flores da liberdade que não podia colher de todo e os espinhos da escravidão que embora não dilacerassem, espicaçavam-lhe o coração, desceu da situação hybrida para o fundo do abysmo: do fado da senzala da fazenda, passou depressa aos ajuntamentos da *venda*. e convivendo ali com os escravos mais brutaes e corruptos, e com os vadios, turbulentos e viciosos das visinhanças entregou-se á todos os deboches, e se fez socio activo do jogo aladroado, da embriaguez ignobil e da luxuria mais torpe.

Simeão foi desde então perfeito escravo.

VI

A necessidade da alimentação dos vicios torna o vadio ladrão.

Domingos Caetano e Angelica fatigaram-se de duvidar, e cederam a evidencia, reconhecendo que Simeão lhes furtava dinheiro e objectos de valor; mas em vez de castiga-lo com severidade, fracos ainda, quizeram vêr no crime apenas uma estravagancia da mocidade, e limitaram-se á reprehender com aspereza, e á impedir durante algumas semanas as sahidas de Simeão.

A insufficiencia do castigo serviu somente para irritar o creoulo que, resentido da privação de seus prazeres, maldice dos senhores na cosinha, recrudescendo-lhe a raiva com as zombarias e as provocações dos parceiros.

A escravidão já tinha com o seu cortejo logico e quasi sempre infallivel de todos os sentimentos ruins, de todas as paixões ignobeis, estragado o creoulo que talvez houvesse nascido com felizes disposições naturaes: o odio aos senhores já estava incubado na alma do escravo; só faltava para desenvolve-lo o calor mais forte da acção do dominio absoluto que deshumanisa o homem á elle sujeito.

Simeão acabava de contar desenove annos e nunca houvera soffrido castigo algum corporal. Vira por vezes o quadro repulsivo dessas punições que são indeclinaveis nas fazendas, mas nem por isso menos contristadoras, e de cada vez que os vira, experimentára abalo profundo e seguido de melancolia que durava horas: não fallava, não manifestava por palavras ou queixas o que sentia; mas dentro de si estava dizendo: «e tambem eu posso ser castigado assim!»

Entretanto Domingos e Angelica eram senhores bons e humanos.

Um dia quasi ao pôr do sol Florinda que aliás protegia muito Simeão, sorprehendeu-o, sahindo do quarto de seus paes, e no acto de esconder um objecto no bolso.

O creoulo aproveitára a occasião, em que

Angelica e Florinda tinham ido passear á horta, para invadir o quarto do senhor, donde furtára uma corrente de ouro que dous dias antes Domingos comprára á um vendedor de joias.

— Ainda um furto, Simeão!... exclamou Florinda que de subito acabava de chegar.

— E quem lhe disse que eu furtei?... perguntou audaciosamente o creoulo.

A moça avançou um passo para o escravo e disse-lhe:

— Entrega-me o que furtaste: eu não direi nada e te perdoarei... tu és doudo e queres ser desgraçado...

Em vez de obedecer sem insolencia e de curvar-se agradecido diante do anjo do perdão, o creoulo recuou, dizendo em alta voz:

— E' mentira! eu não furtei.

A' palavra mentira Florinda estremeceu ferida pelo insulto.

— Atrevido! bradou.

Uma escrava correu ao grito da senhora-moça.

— Tira do bolso desse miseravel o que elle acaba de furtar!

A escrava ia cumprir a ordem; mas Simeão repelliu-a, e tirando a corrente do bolso, lançou-a de longe á parceira com movimento tão desas-

trado ou com tal proposito de offensa, que a corrente foi cahir aos pés de Florinda.

Nesse momento entravam Angelica e Domingos que chegára da roça, e tinha ainda na mão o açoite do cavallo.

— Que foi isto? perguntou elle.

Florinda era uma santa: compadeceu-se do creoulo e calou-se; a escrava porém obedeceu e fallou.

Ouvindo a relação do caso e do insulto feito á filha, Domingos Caetano tomado de justa colera, levantou o açoite e descarregou-o com vivacidade sobre as costas de Simeão.

Seis vezes e repetidamente os golpes se tinham repetido, quando Florinda em pranto arrancou o açoite da mão de seu pai.

Simeão recebera as chicotadas immovel, sem soltar um gemido, sem derramar uma lagrima, e sem pronunciar uma só palavra de arrependimento ou desculpa, e quando privado do açoite Domingos Caetano o ameaçava ainda, elle com os olhos turvos e como em olhar febril medio de alto á baixo o senhor que tão justamente o castigára, e a senhora-moça que tão piedosa correra á poupa-lo a maior e bem merecida punição.

Foi nesse dia que se desenvolveu o odio do escravo.

O ingrato se tornou odiento e inimigo figadal de seus bemfeitores.

Até os desenove annos corpo virgem de castigos, Simeão vira emfim realisada a sua terrivel e sombria apprehensão: tambem elle tinha provado o açoite da escravidão.

O pervertido creoulo não pezou nem por instantes as proporções do desrespeito audacioso, da injuria com que offendêra a senhora moça, não se lembrou da reincidencia do seu crime de furto, esqueceu, desprezou o generoso movimento, com que Florinda o acudira, nem mesmo pareceu ter idéa da dôr das chicotadas; mas á seus olhos só e incessante se mostrava a imagem do açoite, quando atirado no ar, á cahir-lhe sobre as espaduas, e a imprimir-lhe nas espaduas a marca da ultima abjecção.

Em falta de pundonor e de vergonha, que a escravidão não comporta, o escravo tem o rancor e o desejo da vingança.

Nas pontas do açoite está o emblema do rancor do escravo: ás vezes ha nas pontas do açoite marcas de sangue.

Tudo isto é repugnante, é repulsivo, é horri-

vel; mas tudo isto se acha intimamente ligado com a escravidão, e absolutamente inseparavel della.

Onde ha escravos é força que haja açoite.

Onde ha açoite é força que haja odio.

Onde ha odio é facil haver vingança e crimes.

Simeão odiava pois seus senhores, á quem devia os cuidados zelosos de sua infancia, amizade e protecção, e cegas condescendencias que tanto lhe haviam suavisado a vida de escravo sem soffrimentos de escravo.

Simeão odiava o senhor, que o castigára com o açoite, odiava a senhora que nem se quer o castigára, e, inexplicavel nuança ou perversão insensata do odio, odiava mais que a todos Florinda, a senhora moça, a santa menina que offendida, insultada por elle, tão prompta lhe perdoara a offensa, tão prestes se precipitára á livra-lo do açoite.

O negro escravo é assim.

Se o não quereis assim, acabai com a escravidão.

VII

Eis-ahi quem era, e o que era o creoulo que, trazendo o cavallo em que montava á correr á desfilada, acabava de chegar á *venda.*

Tinha elle virado o seu copo de aguardente, cujas gotas restantes atirára ao rosto do menino caixeiro.

Sem fazer caso da palavrosa represalia do menino que se pagava da dôr dos olhos tocados pela aguardente, dizendo-lhe injurias, dirigio-se ao grupo de jogadores do pacáo e disse-lhes:

— Se vocês tem dinheiro, entro no jogo; mas ha de ser jogo de arrebentar logo; porque estou apressado...

— Quanto trazes?

— Cinco mil réis... são cinco paradas: quem topa?

Os jogadores hesitaram; dous delles porém fizeram sociedade contra Simeão, e travaram a batalha dos cinco mil réis.

Os outros dous já depennados de seus magros vintens ficaram á olhar.

O vendelhão e o homem barbudo que dormia, e então despertou, vieram apreciar o jogo de grossas paradas.

As cartas contrariaram a pressa de Simeão, equilibrando durante uma hora bem longa a fortuna dos contendores: por fim o creoulo que não se deixava enganar pelos jogadores mais fraudulentos e melhores empalmadores, ganhou os cinco mil réis aos dous associados, e não vendo mais dinheiro no balcão, voltou-lhes as costas.

— Que diabo de creoulo! disse um dos jogadores infelizes; ou elle conhece as cartas, ou fez-se parceiro de S. Benedicto nas horas do jogo! é o santo negro que ajuda os diabos negros!

Simeão poz-se á rir e respondeu:

— Vocês não podem comigo hoje; estou em boa lua de felicidade: o velho lá ficou estirando as pernas...

— Como? perguntou o vendelhão.

— Deu-lhe um ataque não sei de que, dizem que é de cabeça, e deixei-o sem sentidos: é verdade! eu não lhes disse que estava apressado? mandaram-me chamar o Dr. Pereira.

A gente que ouvia Simeão, desatou a rir, ouvindo-o fallar da pressa com que estava.

O velho da viola continuava á tocar imperturbavelmente.

— Então vai-se o Sr. Domingos Caetano? disse o vendelhão: coitado! não fazia mal a ninguem: e tu ficas forro, Simeão; era o que mais desejavas... olha, não te arrependas.

— Arrepender-me? porque? tenho eu culpa do ataque de cabeça do velho? se elle se vae, é que chegou a sua hora: boa viagem!

— Onde irás tu, forro, que aches a vida que tens tido escravo?

— Mas porque me conservou elle escravo?... o demonio que o leve com tanto que me deixe a liberdade... bem pudera tambem deixar-me algum dinheiro... tem tanto e de sobra...

— Mesmo em casa?

— Oh lá! e eu o posso dizer que perfeitamente conheço os segredos...

O vendelhão interrompeu o creoulo.

— Vocês querem ver que o Simeão fica rico?

— E como?

— O diabo do creoulo é capaz de atacar a burra do velho apenas este passar á vida eterna...

Rompêram algumas gargalhadas.

Simeão não rio; mas brilharam-lhe de subito os olhos com flamma sinistra.

Luzira-lhe na alma uma idéa satanica.

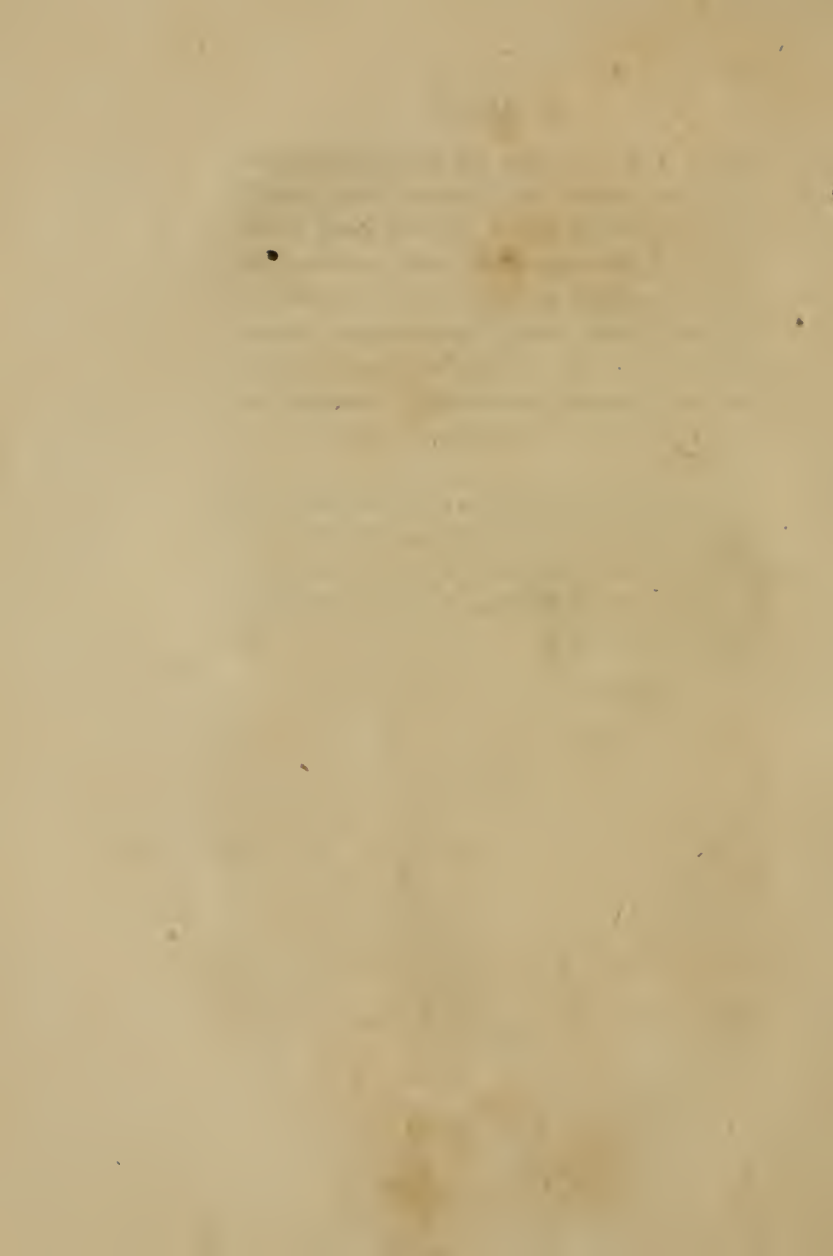
— Tenho pressa! exclamou elle; vou chamar o doutor: mais uma pinga, e corro...

E Simeão, o creoulo estimado, que em hora de desespero da familia a quem tudo devia, fôra mandado á chamar o medico para acudir á Domingos Caetano moribundo, Simeão insensivel-ingrato, e cruel parára a *venda*, bebera aguardente, jogára o pacáo uma larga hora, conversara ainda depois, ostentando a sua indifferença pelo estado critico do senhor, pedira mais aguardente, e já meio embriagado, e ridicularisando a pressa, com que devia levar soccorros ao doente em perigo de morte, montou emfim á cavallo, e á correr seguio o seu caminho, sem duvida porque não tinha mais parceiros endinheirados, com quem jogar, ou porque alguma nova idéa, e inspiração o impellião.

Gelo de indifferença pela vida ou morte do se-

nhor em hora suprema em que a generosidade acorda no coração mais turvado pelo resentimento, ingratidão franca e desalinhada aos favores do bemfeitor no dia luctuoso da agonia, em que o proprio inimigo nobre se sensibilisa, e esquece diante da sepultura aberta as offensas que recebeu do que está morrendo, gelo de indifferença selvagem, ingratidão perversa que não se encontrão, senão na alma do escravo!...

Porque?...

Perguntai-o ás objecções, a aniquilação de todos os sentimentos instinctivamente piedosos e fraternaes, que a escravidão deshumanisadora do homem esquece, afoga, mata em suas ignobilissimas miserias.

VIII.

Apezar da demora cruel de Simeão, o medico ainda chegou á tempo.

Domingos Caetano estava privado da voz e dos sentidos e em comatoso somno precursor da morte proxima alvoraçava a esposa e a filha com a idéa tremenda do seu ultimo trance. Quatro dias permaneceu elle nesse estado desesperador até que emfim seus labios se moveram, sua boca obedeceu ao coração que despertava para a vida, e dous nomes se lhe ouviram a custo pronunciados: « Angelica......, Florinda.,..... »

Esses nomes mal ouvidos foram os primeiros raios duvidosos da aurora da esperança mais suave, ainda porém tremula.

E' inutil descrever as angustias, e a conster-

nação de Angelica e Florinda e a dôr de seus parentes e amigos nesses quatro dias, e principalmente nessas quatro noites, em que a cada momento se afigurava o começar da agonia do velho moribundo : foram dias e noites de torturas de todos os instantes, de lagrimas, e de orações que na esposa e na filha se misturavam com aquelles accessos de afflictivo desespero que Deus perdoa aos amores santos da terra.

Mas, embalde a violencia da dôr, o esquecimento de tudo que não era o ameaçado da morte, o pranto que enchia os olhos, o desatino da consternação, Angelica e Florinda viram e não poderão esquecer mais, e todos admiraram a constante dedicação com que Simeão estivera sempre ao lado de seu senhor moribundo.

No meio da afflicção geral o creoulo parecia dominar-se com energica vontade para melhor servir, e serio, silencioso e grave em pé á alguns passos do leito de Domingos Caetano, atravessou as noites sem dormir, tendo apenas por duas vezes cedido a fadiga, reconquistando as forças em breve somno de dia.

Simeão teria sido o enfermeiro de seu senhor, se Angelica e Florinda cedessem á alguem o cumprimento desse dever.

Mais de uma voz tinha dito e repetido:

—Excellente creoulo! como ama á seu senhor! ha poucos assim.

As apparencias dissimulavam os sentimentos do escravo.

Simeão contava com a morte de Domingos Caetano, e tão intelligente como desmoralisado e corrompido, fizera suas reflexões e procedia em consequencia.

Desde muito tempo desejava que chegasse o dia do fallecimento do senhor, calculando com a verba testamentaria que o deixaria liberto: esse dia chegava emfim, elle dentro de si o festejava; mas, tendo acabado de conceber criminoso projecto, convinha-lhe fingir-se compungido e triste, e não affastar-se um só momento da casa.

O sarcasmo grosseiro do vendelhão que provocára as gargalhadas dos vadios reunidos na *venda*, lembrára ao creoulo um attentado que se lhe afigurava de facil execução.

O escravo já não se contentava com a liberdade, queria tambem dinheiro.

A morte que se demorava, impunha-lhe privação de passeios, de deboches, e da pratica dos seus vicios; não lhe seria difficil escapar-se da fazenda com pretextos futeis, ou sem elles; Si-

meão porém não queria que o senhor morresse em sua ausencia; conhecendo perfeitamente os escaninhos da casa, sabia onde Domingos Caetano tinha encerradas grandes sommas de dinheiro, e planejára aproveitar a desordem, e as convulsões da familia na hora terrivel do passamento para roubar quanto podesse.

Eis o segredo da apparente dedicação do escravo.

Simeão velava, é certo, diante do leito de seu senhor moribundo: affectava tristeza, e gravidade de dôr concentrada; mas seus olhos fitos no corpo de Domingos Caetano sómente procuravam os signaes do progresso do mal e da approximação da morte, que lhe promettia liberdade, e riqueza roubada.

Nesse longo velar, olhando o senhor, Simeão as vezes lembrava os beneficios, as provas de amizade que recebêra do velho que ia morrer; logo porém suffocava o natural assomo de generoso sentimento, recordando o açoite que cahira sobre suas espadoas, e prelibando a liberdade que em breve devia gozar. Sem poder vencer-se, por momentos sensibilisava-se ao aspecto do corpo quasi cadaver, e ao ruido abafado do soluçar da familia; mas, só por momentos homem,

era horas, dias e noites simples escravo, e ainda ao aspecto do corpo quasi cadaver do senhor, e e ao ruido abafado do soluçar da familia occultava sob a exterioridade mentirosa de compuncção e tristeza, o gelo, a indifferença ingrata e os instinctos perversos da escravidão.

O aborrecimento que elle já votava ao senhor dormia resfriado pela morte, que presumia proxima; a morte porém era condição do somno do oborrecimento, e o senhor moribundo sómente podia merecer do escravo o olhar fixo de vigia, insensivel ao doloroso trance, esperando com aborrecido cansaço a ultima scena de um caso fastidioso.

Simeão foi actor nesse theatro de reaes e despedaçadoras afflicções, em que só elle tinha papel estudado. Os transportes de dôr, em que se estorciam Angelica e Florinda não o commoveram. Vio sem se enternecer as lagrimas que Angelica chorara de joelhos, abraçando os pés de seo marido quasi agonisante, e em um momento supremo, em que á todos se afigurou derradeiro trance de Domingos Caetano, e quando Florinda nesse desespero que olvida tudo, tudo e até o pudor de donzella, quando Florinda

descabellada, delirante se lançava no leito de seu pai, e era d'ali arrancada por parentes, contra quem se debatia em desatino, elle, o escravo, o animal composto de gello e odio, elle teve olhos malvados, sacrilegos, infames que pastassem lubricamente nos seios nús, nos seios virginaes da donzella que se deixava em desconcerto de vestidos pelo mais sagrado desconcerto da razão.

Simeão, escravo, contando com a liberdade, e calculando com o roubo de saccos de prata e ouro, velava sinistro ao lado de seu senhor agonisante, estudando-lhe na desfiguração, na decomposição do rosto, e no arfar do peito os avanços da morte, que era o seu desejo.

E a esposa e a filha do velho que parecia agonisante, e os parentes e os amigos que tinham acudido ao annuncio do grande infortunio, diziam, vendo Simeão vigilante e dedicado junto de seu senhor !

— Que agradecido creoulo ! ha poucos assim.

Mas no entanto Simeão era mais do que nunca ingrato e perverso.

Não condemneis o creoulo ; condemnai a escravidão.

O creoulo póde ser bom, ha de ser bom amamentado, educado, regenerado pela liberdade.

O escravo é necessariamente máo e inimigo de seu senhor.

A madre-féra escravidão faz perversos, e vos cerca de inimigos.

IX

Domingos Caetano escapára áquelle assalto da morte; mas á semelhança do soldado invalido que traz na mutilação o signal do golpe inimigo que estivera á ponto de cortar-lhe a vida, ficou marcado com a tortura da boca e com a hemiplegia quasi completa.

Se não fôra catholico e pae de familia bem pudera preferir ter morrido.

Não houve para o pobre paralytico nem a duvidosa esperança de convalescença promissora da regeneração da saude: nos primeiros dias houve o soffrimento incessante do homem que se reconhece metade morto para o movimento e a acção, para a actividade e o trabalho,

e que não tem no futuro perspectiva menos desconsoladora, do homem que sendo esposo e pae, sabe que deixou de ser apoio e que precisa apoiar-se, que não carrega mais com a familia; e que é a familia que passa á carrega-lo.

E passados os primeiros dias, Domingos Caetano que notava o cuidado com que o medico ascultáva-lhe por vezes o coração e ao mesmo tempo examinava-lhe o pulso, e recolhia minuciosas informações de passageiros incommodos que elle soffrêra antes do terrivel ataque, parecendo dar muita importancia á momentos de rapida mudança da côr do rosto, acompanhada de suores e resfriamento nas mãos e nos pés, aproveitou desconfiado alguns instantes em que se achou só com o medico e disse-lhe:

— Doutor, devo contas ao céo e á terra e já não posso amar a vida: falle-me franco... comprehende que preciso saber tudo...

O medico hesitou.

— A verdade... e depressa, em quanto ellas não voltam... é pela minha alma e por ellas que eu preciso saber...

Ellas eram a mulher e a filha.

O doutor murmurou voltando os olhos:

— Um pae de familia prudente... deve sem-

pre estar preparado para... mas eu ainda não desespéro...

— Entendo: obrigado... vê que não tremo: o que me diz é quasi uma consolação: dóe-me o *deixa-las*; mas de que lhes sirvo eu assim?...

O medico abaixou a cabeça.

— E' penar e *penalisa-las*; antes morrer.

E depois de breve pausa o velho continuou:

— E nestes casos e na peior das hypotheses... porque emfim o doutor ainda não desespera... na peior das hypotheses a morte aproxima-se de vagar ou chega de subito?...

— De um e outro modo; respondeu o medico animado pela frieza com que lhe fallava o misero doente; o seu mal é incuravel, meo pobre amigo; não me comprehenderia bem, se eu quizesse explica-lo; mas ha em uma de suas arterias obstaculo já muito grande e que se tornará absoluto, impedindo a circulação do sangue que é impellido do coração... nestes casos a morte que ás vezes fulmina como o raio, tambem ás vezes se preannuncia áquelles mesmos que não são medicos.

Com a mão não paralytica o velho apertou a do doutor.

— E se a morte não me fulminar hoje ou

amanhã, como o raio fulmina; diga-me, meo amigo, quaes são os signaes da aproximação do termo de tanto padecimento sem remedio?

O medico tomou o pulso ao doente, e achou-o batendo com perfeita regularidade.

Não havia impostura, nem estulta vaidade na resignação de Domingos Caetano.

Era este um moribundo com quem se podia tranquilla e placidamente conversar sobre a morte.

O medico olhou admirado para o velho e não respondeo.

— Mas.... conversemos, doutor; conversemos, em quanto *ellas* não chegam.

— Já não lhe disse bastante... talvez de mais?..

— Eu queria saber tudo... ia dizendo Domingos Caetano.

Mas ouvio-se o leve ruido de mimosos passos.

Eram *ellas*, a esposa e a filha que chegavam.

— Silencio, doutor... murmurou o velho.

E sorrio-se, como podia, e ainda mais com os olhos do que com os labios á Angelica e á Florinda, que entraram no quarto.

— Como está?... perguntaram as duas á um tempo, dirigindo a palavra ao esposo e ao pae, e os olhos para o medico.

— Muito melhor; disse o esposo e pae.

O medico não pôde fallar, e fez potente esforço para conter as lagrimas.

X

Tres dias depois, Domingos Caetano recebeo todos os soccorros da igreja, todos e até a Extrema-Uncção com a alegria de verdadeiro catholico que festeja agradecido a sagrada visita do Senhor.

A mulher e a filha do paralytico não ousaram oppôr-se ao santo empenho do doente amado.

E o *Nosso Pai* foi recebido na casa sem côro de lagrimas, e com religiosos cantos de adoração catholica.

Contricto e feliz na alma, Domingos Caetano voltou depois e ainda santamente o coração para a terra.

Paralytico e embora certo de morte proxima, um esposo e pae, o chefe da familia é ainda e sempre emquanto vivo a providencia vidente

que véla pelos seus: ha nelle o amor que só a morte apaga, e que durante os restos da mesquinha vida, todo se entrega aos cuidados que ainda são de si, sendo da familia, e sendo d'alem tumulo.

Porque os paes não morrem de todo emquanto vivem os filhos, nos quaes se revivem pelo amor.

Domingos Caetano occupava-se incessante do futuro de Angelica e Florinda: hia deixa-las ricas, mas só na terra, ricas e por isso mesmo mais expostas aos perigos, aos enganos e ás perfidias do mundo: sentio que fecharia os olhos com a consolação do viajante que dorme doscansado no termo da viagem, se podesse deixar Angelica e Florinda á sombra de um protector natural e seguro: arrependeo-se de não ter mais cedo facilitado o casamento de sua filha, cujo esposo seria o mais interessado director da casa e da familia.

Adevinhando o que não lhe quizera dizer o medico, vio o annuncio da aproximação do passamento na aggravação de seo mal: os restos de dubio movimento, e de fraco sentimento do braço e perna condemnados desde o ataque cediam á completa paralysia, morrendo antes da morte de seu dono: os outros symptomas, á que d'antes

pouca importancia ligava, amiudavão-se: no rosto a subita pallidez, nas mãos e nos pés o suor e o frio do gelo lembravam-lhe á miudo a sentença do medico: sua observação placida, serena e dissimulada parava ahi; mas em um certo mal estar, e na respiração e em todas as forças da vida, que repetidamente por instantes pareciam suspender-se, elle presentia á descarregar-se sobre sua cabeça o ultimo golpe.

O bom velho conversou longamente com a esposa: provavelmente nenhum dos dous era estranho á suspeita de alguma suave affeição da filha: ambos se acharam de accordo sobre o merecimento daquelle que conseguira a gloria de fallar, embora muito de longe, com a eloquencia dos olhos, e sem a ousadia da palavra, ao coração angelico da sua Florinda.

O tempo urgia: o pae não podia esperar a expontanea confissão da filha.

A apprehensão da morte que avançava, impunha o dever de chamar o modesto e timido ambicioso de amor á posse do thesouro ambicionado.

Havia pressa justissima; pressa de esposo amante para a filha que ia ser orphã, de zeloso protector para a esposa que ia ser viuva.

Na tarde do segundo dia depois daquelle que fôra sagrado pela visita do Senhor, Domingos Caetano, forjando amorosa e perdoavel mentira, pretendeo experimentar sensiveis melhoras, e ostentando-as com fingido contentamento, encerrou-se no seo quarto com Angelica e Florinda.

Era a hora do crepusculo, e o quarto cuja porta se fechára, e onde não se acendêra luz, estava escuro, como se já fosse noite.

A instrucção não dá, a educação apenas arremeda as delicadezas do sentimento: a educação é mãe da cortezia, e adopta como póde a delicadeza que é filha só do sentimento: ha homens rudes que mal conhecem os lavores da sociedade, e que admirão pelo melindre e pelos delicados apuros do seo amor.

Domingos Caetano escolhera aquella hora do crepusculo, que era noite no quarto fechado, para fallar a Florinda sobre o seo casamento, ouvir-lhe talvez uma terna confissão, poupando-a á claridade da luz que multiplica os vexames e as confusões do pudor.

As confidencias não forão longas.

O pae fallou como amigo, a mãe animou a filha e esta com voz tremula e sumida e com virginal acanhamento dice o mimoso segredo

do seo coração: Hermano de Salles amava-a, e ella era sensivel ao seo amor.

Hermano era filho de um lavrador visinho, que dispunha de poucos meios mas de subida reputação de honestidade: trabalhador activo como seo pae, agradavel de figura e de trato, estimado geralmente no lugar pela nobreza de seo caracter, o mancebo era digno de Florinda.

Domingos Cactano abençoou o amor de sua filha, e annunciou-lhe que o seo casamento com Hermano se realisaria dentro de duas semanas.

O pobre pae paralytico tinha pressa.

XI.

Simeão andava triste e contrariado.

A liberdade com que contava, demorava-se; e o dinheiro para o jogo, para os fados devassos, e para a vida desenfreiada hia escasseando.

Além disso o estado lamentavel de Domingos Caetano, exigia cuidados assiduos, companhia constante que o obrigavão a não se ausentar da fazenda.

Era raro que o deixassem sahir de dia, e as noutes já não bastavão ao creoulo vadio e altanado.

A molestia de Domingos Caetano déra á Simeão pela primeira vez trabalho atarefado e longo.

O interesse que elle simulára por seo senhor, o concurso vigilante e dedicado que prestara ao tratamento do velho supposto moribundo nos dias e noutes de mais imminente perigo, tinhão recommendado o seo prestimo á familia, que cheia de céga confiança o queria sempre junto do paralytico.

Simeão não ouzava desmascarar-se, e submettia-se, embora ás vezes murmurando ao cumprimento do dever que lhe impunhão.

O dever era santo, era todo de caridade, virtude que resume todos os mandamentos dados por Deos aos homens, como baze de sua fraternidade na terra.

Mas esse exercicio da caridade que em um homem livre fôra virtude catholica, no escravo era obrigação material, e por tanto não fallava nem ao coração, nem á consciencia.

Simeão carregava seo senhor do leito para uma cadeira, da cadeira para o leito, como o burro carrega um fardo, e o boi pucha o carro.

O trabalho forçado fazia augmentar a aversão que elle votava aos senhores.

Quando o velho paralytico se arrastava agarrado ao seo braço, vinha-lhe ás vezes o pensamento de fingir escorregar, e de cahir para mo-

lestar o infeliz doente. Era só o cuidado da liberdade, da alforria que, conforme o pensar de todos, o esperava contida no testam ento de Domingos, que o impedia de fazer aquelle mal.

No entanto Simeão era sempre *perverso* e até por diversão ou por infame e audacioso e revoltante entretenimento ainda era *perverso*

Desde o turvo dia do açoute seis vezes descarregado sobre suas costas detestava Florinda; mas por satisfação do desrespeito, por luxo de ouzadia e de descomedimento, por instincto brutal e gostosamente abusivo e insolente, tambem desde o accesso de dôr enlouquecedôra, em que vira no sublime desalinho filial os seios nús e formosos da senhora moça, Simeão, prezo, á força contido ao lado do velho paralytico, tomava por distracção que aliás disfarçava, o estudar os encantos physicos, a graça do andar, e a gentileza de Florinda, fazendo dessas observações objecto de conversação, e de atrevidas e obscenas illações no inferno da cosinha.

O creoulo mal creado e infrene pelos habitos da impunidade não se atrevia, é certo, á sonhar desejo criminoso e horrivel contra a pureza angelica da senhora moça : mas no desprendimento

licencioso da lingoa envenenada, e nas obscenas imaginações de escravo desmoralisado e só ideiador de gosos materiaes, apreciava á seo modo, e suppunha exaltar, quando aviltava, as graças, e os modos, o olhar, e o riso, as fórmas, e os movimentos do corpo da senhora moça, e no meio das risadas dos parceiros, fazia o elogio dos dotes physicos de Florinda, como se tratasse da escrava libidinosa e corrupta, com quem na noute antecedente dançara o fado que apenas precedêra á lubricidade brutal.

A palavra sacrilega da escravidão que se aperta e não póde sahir dos horisontes baixos e sordidos da immoralidade offendia, ultrajava pois sem medir as proporcões do ultrage a branca pureza da filha do senhor.

Simeão distinguia em Florinda a *senhora moça* da *mulher* materialmente considerada, e aborrecendo a *senhora moça*, divertia-se em offender por palavras de inducções profanadoras a *mulher* que era ainda um anjo de innocencia.

O escravo nunca ou raramente ouza levantar os olhos, sobre sua senhora e attentar contra sua honra; mas sua imaginação depravada muitas vezes se atreve a romper véos sagrados e á expôr em nudez grosseira e escandalosamente

ideiado o corpo da esposa ou da filha de seo senhor.

A escravidão é serpente: sua lingoa derrama sempre veneno.

XII

A' noite, mas um pouco tarde Simeão corria á *venda* para compensar-se da tarefa diaria junto do velho paralytico.

Depois das dez horas da noute a *venda* achava-se sempre fechada ; a porta porem abria-se prompta á voz de freguez conhecido. Dentro era certa a reunião de escravos e da peior gente livre da terra.

Simeão preludiava com a conversação e com o jogo devassidões subsequentes. A conversação era animada: na *venda* sabia-se de tudo, e a vida intima das familias se despedaçava ali aos dentes ferozes dos escravos, os atraiçoadores e calumniadores das cazas.

A molestia de Domingos Caetano e suas ines-

peradas melhoras tinhão sido por muitas vezes discutidas.

Muitos lamentarão Simeão pelo adiamento da sua alforria : os escravos zombavão d'elle.

Um só homem soube consola-lo com um raio de esperança : foi o homem de immensa barba que vimos dormindo no banco da *venda* no dia em que Simeão fora mandado á chamar o medico.

José Borges que alias era mais conhecido por *José Bardubo*, ou simplesmente por—Barbudo—tinha dito á Simeão.

—Ataque de cabeça, quando deixa signal, não tarda a voltar.

O aphorismo popular que José Borges repitira, ficou na memoria do creoulo que depois por mais de uma vez cónsultou o seu aphorista.

E o Barbudo começava a interessar-se muito por Simeão, com quem estreitára amizade, acompanhando-o em suas excursões nocturnas, e partilhando seos deboches.

O companheiro não podia ser peior : José Barbudo era uma celebridade turbulenta e suspeitosa ; mais de uma accusação de crime pezava sobre sua cabeça, e pretendião que havia em sua vida nodoas de sangue.

Nenhum freguez da *venda* se atrevia á negar um copo de aguardente ao *Barbudo* e menos ainda exagerar com elle a disputa no jogo. O *Barbudo* tinha sua fama.

Até então quasi indifferente á Simeão, tornara-se em poucos dias seu intimo camarada, e sempre que estavão juntos embebia nelle seus olhos de tigre como serpente a magnetisar a preza.

Era facil de explicar aquella subita amizade do Barbudo.

O escravo é a materia prima com que se preparão crimes horriveis que espantão a nossa sociedade. No empenho de seduzir um escravo para torna-lo complice no mais atroz attentado, metade do trabalho do seductor está previamente feito pelo facto da escravidão.

Não ha, não pode haver escravidão sem a idéa da vingança, sem o sentimento do odio a envenar as almas dos escravos, e a vingança e o odio tem sempre chegado de antemão á metade da viagem, quando soa a hora infernal da marcha pelo caminho do crime.

Mas o Barbudo não deixava entrever projecto algum criminoso: bom amigo de Simeão, apenas manifestava por elle affeição e interesse.

Uma noute, por exemplo, levou o creoulo á conversar no terreiro da *venda.*

Depois de facil ajuste para um de seus frequentes deboches em senzalas de escravas e sitios occupados por gente depravada, o Barbudo perguntou :

— Simeão, donde diabo veio o favor que conseguiste de teus senhores ? olha que devéras elles te estimão !

— Minha mãi foi ama de leite da menina; respondeo o creoulo.

Fora de casa Simião mudava o tratamento que por costume e lição recebida prestava a seos senhores: á Domingos Caetano em vez de *meu senhor* chamava —*o velho*— a Angelica em vez de *minha senhora* chamava a—*velha*,—á Florinda em vez de *sinhá-moça* chamava—*a menina.*

O Barbudo tornou dizendo :

— Ah ! era de razão; mas com os diabos! se morrer o velho, a liberdade que elle te vae deixar tem ares de benção seguida de ponta-pé!

— Como assim ?. . .

— Não te mandarão ensinar officio, fizerão de ti um famozo vadio, como eu, e agora se vieres a ficar forro, escorregarás da alforria para a miseria. . . . . em ?. . .

— Penso ás vezes nisso, Barbudo; mas...

— Mas o que ?...

— E' que a liberdade sempre é a liberdade ! no dia em que me achar forro, cresço um palmo.

— Boa consolação! não serás capaz de viver liberto, como vives escravo: tu passas um vidão.

— Talvez; mas sou escravo; este nome quando soa, fura-me os ouvidos, como se fosse um estoque envenenado......

— Não me venhas com essa: eu sei o que esperas: o velho é rico á abarrotar e sabes e contas que te deixará com a liberdade dinheiro bastante para o principio de algum negociosinho.

Simeão sacudio a cabeça tristemente e dice :

— Liberdade sim.... dinheiro não : é certo que o dinheiro anda lá em sacos; mas o velho é unhas de fome, e nunca fallou senão em ajuntar fortuna para a menina....

— Com os diabos ! olha, Simeão; acabas em cachorro leprozo se ficares forro sem dinheiro... coitado do Simeão ! que injustiça ! quando pouco te bastava, e ha tantos.... tantos sacos....

— Muitos.... murmurou o creoulo com voz surda.

— Que lorpa de velho ! com os diabos! e o sovina não tem medo dos ladrões?

— Ladrões ? que irião lá fazer?... a casa da fazenda é uma fortaleza.

— Só assim ; mas não ha fortaleza que não se renda.

— Aquella sómente por traição,

O Barbudo sorrio-se sinistramente; mas o creoulo não lhe vio o rir medonho; porque a noute era escura.

— Que nos importa a fortaleza?... que o diabo a leve e tambem ao velho comtanto que elle te contemple com algum dinheiro no seu testamento; do contrario manda-o pinotear no inferno pela liberdade miseravel em que te abandonará.

— Com effeito eu tenho necessidade de dinheiro: já fiz meos planos: negociarei em bestas e cavallos... ganha-se muito nisso...

— Mas para principiar o negocio?

— E' isso : precizo ter algum dinheiro.

— Olha, Simeão, creado como filho adoptivo, tens direito á herdar um pedacinho da fortuna do velho, e eu no teo cazo... queres um conselho de amigo?

— Quero, sim.

— Eu, no teo cazo, herdava por minhas mãos: morrendo o velho, tirava o meu quinhão: não sejas tolo; se puderes, e ha muitos meios, faze-te herdeiro sem te importar o testamento: ninguem sabe quanto o sovina aferrolha, e os mortos não fallão. Não sejas tolo.

Simeão não respondeo; mas o Barbudo tinha adevinhado a sua intima e decidida resolução.

Os dous passearão ainda ao longo do terreiro; mas não conversavão mais. Meditavão ambos, e as almas de ambos banhavão-se em inundação de idéas criminosas.

— Vou-me embora; disse de repente o creoulo.

O Barbudo apertou-lhe a mão, e murmurou-lhe ao ouvido:

— Se em qualquer difficuldade precizares de um companheiro seguro, que valha como dez, lembra-te de mim, e conta com o Barbudo, Simeão.

O creoulo afastou-se sem dizer palavra.

A *venda* já estáva dezerta.

Simeão esperou na estrada o Barbudo, e vendo-o sahir logo atraz, deixou-o aproximar-se e perguntou-lhe á meia voz:

— Então é certo que o ataque de cabeça, quando deixa signal, volta sempre?...

— E' de regra.

— E demora-se muito á voltar?...

— Quaze nunca.

— Leve o diabo o teu quaze, Barbudo!

O Barbudo soltou uma gargalhada cynica.

XIII

O escravo tinha encontrado um amigo.

A escravidão já perfeitamente apurada com a pratica dos vicios abjectos que lhe fazem legitimo cortejo, abraçava-se com o crime que por fim não lhe póde inspirar horror.

Simeão preferia o Barbudo a todos os seos consocios freguezes da *venda*: o Barbudo era o seo homem, o seo conselheiro, o intimo das suas confidencias.

O Barbudo tinha-o adivinhado.

As conversações no terreiro repetirão-se, e Simeão e o Barbudo ligarão-se cada vez mais estreitamente.

Entretanto os dias ião passando, e o ataque

de cabeça que deixára signal em Domingos Caetano, não voltava.

Simeão começava a impacientar-se muito.

Tudo concorria para contrariar seos habitos e suas esperanças : o velho paralytico assegurava sempre á familia que se sentia melhor ; Angelica e Florinda o atarefavão, contendo-o ao pé do misero doente, e elle proprio tinha medo de que seo senhor morresse em horas de sua ausencia da fazenda, pois que sempre calculava com a desordem geral da casa, e com a consternação céga e surda da familia, para fazer-se herdeiro sem precisão de verba testamentaria.

Alem disso o cuidado exclusivo da esposa e do pai fazia que Angelica e Florinda outr'ora sempre faceis em dar algum dinheiro a Simeão, se esquecessem delle, que por isso menos expansivo e regalador se mostrava na *venda*, e mais embaraços encontrava nas devassidões da sua vida nocturna.

Estas contrariedades obumbravão ainda mais o animo do creoulo.

Nas conversações protervas com o Barbudo e em dez historias de crimes bem succedidos e impunes que este lhe contára, Simeão se habituára á pensar que em caso de insufficiencia ou

de impossibilidade do emprego da astucia, a força e a violencia erão ainda recursos para se effectuar o roubo.

Semelhante pensamento ia entrando e envenenando pouco a pouco a sua alma, como o virus entra e vai corrompendo o corpo do homem.

Simeão esperava sempre a morte de Domingos Caetano; mas não era como dantes o creoulo fanfarrão, e alegre que animava as reuniões da venda.

A alegria do escravo estava dependente da morte do senhor. O dia da maior dôr para a familia de Domingos Caetano devia ser de festa para o coração do creoulo ingrato.

Rude crente dos prejuizos e dos presagios que ainda hoje fazem estremecer á alguns que em sua ignorancia e simplicidade os reputão sobrenaturaes annuncios de morte na familia, Simeão avido observava se algum cão cavava no terreiro da fazenda,se de noite vinhão corujas piar sobre o telhado da casa.

O velho porém teimava em viver, e, o que é mais, principiára na casa certa animação de trabalho que impressionou a Simeão.

Angelica mandára comprar muitas peças de

pannos diversos e finos e poucas erão as costureiras para o rico enxoval que se preparava.

O escravo preferia vêr talhar-se uma mortalha.

Tomavão-se disposições, das quaes transpirava a proximidade de uma festa na fazenda.

Tudo isto excitava a curiosidade de Simeão que em breve foi satisfeita.

A cozinha adivinhou e fallou.

— Não sabes? disse a mucama de Florinda; sinhá-moça vai casar-se.

— Com quem? perguntou o creoulo.

— Viste aquelle moço que ha tres dias veio visitar meo senhor e que voltou hontem á tarde?...

— Chama-se Hermano de Salles: é um...

— Cala a boca: é o noivo.

Simeão recuou dous passos: seos olhos lampejarão com o furor da raiva.

— Demonio!... dice elle com os dentes cerrados.

XIV

Simeão detestava Hermano.

O fundamento dessa detestação era a justa e aliás moderada repressão de um attentado do escravo.

E' um episodio trivialissimo na historia da escravidão.

O sitio do pae de Hermano demorava perto da fazenda de Domingos Caetano e Simeão tomou-se de amores por uma escrava daquelle sitio: infelizmente a escrava era mucama de uma das filhas do velho João de Salles, e dormia recolhida.

Sabem todos o que é o amor entre os escravos: a condição desnaturada desses exilados da sociedade, desses homens reduzidos á cousas,

desses corpos animados á quem se negão direitos de sensibilidade, materialisados á força, materialisa nelles sempre o amor: sem o soccorro da poesia dos sentimentos que alimenta o coração e o transporta ás regiões dos sonhos que se banhão nas esperanças de santos e suaves laços, os escravos só se deixão arrebatar pelo instincto animal, que por isso mesmo os impelle mais violento.

A mucama muito atarefada de dia, raro da casa se escapava para encontrar-se com Simeão em rapida entrevista, e trancada á noite sob o tecto da familia não tinha o recurso da senzala ou do passeio nocturno para receber o amante.

A mucama não tem a educação da senhora moça: a natureza animal é tudo nella. O escravo não crê na pureza da donzella, nem na fidelidade da esposa mais nobre; admitte sómente que a falta de opportunidade ou de occasião, para ser má, seja o que mantem a honra das familias; a observação é cruel e injustissima: o juizo do escravo é infamemente torpe; mas elle julga conforme as idéas e a vida da escravidão.

O instincto impellio e a razão abandonou o creoulo e a mucama.

Aconteceo o que acontece mais vezes e em mais casas do que se presume.

Simeão e a escrava mucama ajustarão-se: á meia noite ella abria uma janella, e Simeão saltava para dentro da casa: depois quando a desconfiança de João de Salles e de seo filho tornou perigosa a entrada pela janella, o dinheiro, que não faltava a Simeão, abrio-lhe a porta da cozinha.

Havia no terreiro cães a velar; mas o homem compra os cães como compra homens; á uns pedaços de carne, aos outros mais ou menos moedas de ouro.

Simeão comprára os cães e um negro escravo da cozinha, e entrava todas as noites na casa de João de Salles.

A casa de João de Salles estava pois de noite á mercê das intenções, e de quaesquer projectos de Simeão; mas que casa ha ahi, onde haja escravos e sobretudo escravas, cuja segurança não esteja exposta ás consequencias do instincto animal e da boa ou má vontade do elemento escravo?...

Simeão era pois durante duas horas em cada noite mais do que o amante da mucama, o arbitro das vidas e da fortuna de João de Salles e de sua familia.

Ainda bem que Simeão, o escravo, ali ia sómente como animal que o instincto arrasta em procura da sua igual; se fôra ladrão ou assassino tinha tido abertas a janella da sala e a porta da cozinha.

A vida, a fortuna e a reputação dos senhores estão de dia e principalmente de noite á mercê dos escravos.

Mas uma noite houve ruido, e Hermano de Salles que vellava, acudio com uma luz, e chegado á sala de jantar, estacou diante de Simeão.

O creoulo atrevido e ainda mais urgido pelo risco da situação quiz fugir, e vendo a sahida disputada, avançou ousado para o mancebo que apertando-o em seos braços de ferro, o lançou por terra.

João de Salles acudio, como toda a familia que despertára assustada.

O caso explicou-se em breve.

Hermano resentido do ataque de Simeão, tinha-o esbofeteado com força, recebendo na manga da camisa gotas de sangue que saltarão do rosto do escravo offensor.

Simeão foi conhecido e a escrava sua amasia e complice castigada immediatamecte á seos olhos.

O creoulo egoista e altanado sentio menos o castigo que a mucama recebera, do que as bofetadas que ella vira-o receber.

Entretanto a sua luta com Hermano tinha passado toda entre os dous e Hermano o havia facilmente subjugado. Homem contra homem elle tinha sido em breves momentos submettido pelo mancebo.

Era pouco mais de meia de noite, e muito tarde para Simeão ser enviado á seo senhor: Hermano o fez trancar no quarto em que se prendião os escravos delinquentes, e na manhã seguinte o mandou levar a Domingos Caetano com carta de seo pai, narrando quanto se passára.

Simeão protegido por Florinda escapou á justo castigo, que Domingos Caetano devia infligir-lhe.

Para o escravo a reprehensão não é pena, porque a reprehensão falla ao brio, ao sentimento do pondunor, que a escravidão não póde comportar.

E Simeão foi apenas asperamente reprehendido.

Desde aquella noite o creoulo detestou Hermano.

Simeão vio desde então em Hermano um homem que era melhor, mais forte, e muito superior á elle: melhor, porque era livre, mais forte, porque podera e podia subjuga-lo, muito superior porque o tinha esbofeteado, prendido e mandado conduzir preso á casa de seo senhor, e á elle nem era dado pensar em vingar-se.

Não era a vergonha de suas faces esbofeteadas que o irritava, queimando-as, era a idéa de nunca ter sido até então castigado materialmente por seo senhor, e te-lo sido sem resentimento dos senhores, e sem o seo apoio ou protecção para tirar vingança de quem assim o maltratára.

Esse aborrecimento crescera; porque Hermano, homem bom e homem livre nem se quer indiciava conservar lembrança do que acontecera e indifferente passava por diante de Simeão no campo da fazenda ou na estrada, como por desconhecido que não merecesse olhar de attenção.

O creoulo vaidoso via na indifferença de Hermano o desprezo que o humilhava e aviltava.

— Esbofeteou-me, e não me conhece, e não me vê e não me teme!... dizia elle comsigo, e lhe fervia a raiva no coração.

E Hermano tinha-se esquecido completamente de Simeão.

Mas a serpente lembrava o pé que lhe machucára a cabeça.

Era serpente que tem memoria, a serpente escravo.

XV.

O amor de Hermano e Florinda era a harmonia suave de dous corações que se entenderão antes de pensar que se entendião: aromas exhalados por duas flores encontrarão-se no espaço e misturarão-se na aura encantada a que dão o nome de amor.

Na vida e nas relações do campo que entre nós geralmente se chama a *raça*, o amor de dous jovens é simples, temeroso e poetico; simples como os costumes da boa gente agricultora, temeroso como o pudor da donzella que é purissima flor da solidão, poetico porque suspira á sombra da arvore visinha da entrada por onde espera ver passar o cavalheiro desejado; porque medita e sonha junto á fonte solitaria; porque a distancia

que sempre separa os amantes é mãe da saudade que chora lagrimas doces; poetico porque a lembrança, a saudade: o desejo, o ciume, os soffrimentos, o encontro, a confissão, e a esperança não tem artificio que o disnature, e todo natureza santa apura o seu encanto ao trinar dos passarinhos, ao murmurar do arroio, e ao ruido mysterioso e romanesco do bosque.

Hermano e Florinda amarão-se com esse amor da *roça.*

Na capella da fazenda de Domingos Caetano fizerão-se, havia dous annos, preces á Deus por chuva que a lavoura, victima de prolongada sêca, pedia sequiosa: acudio ao religioso acto concurso numeroso, como sempre em taes cazos se observa, uma noute no meio da ladainha um mancebo, e uma donzella que á distancia resavão ajoelhados se surprehenderão á olhar-se: ambos corarão, como criminosos apanhados em delicto fragrante: esse rubor de sublime pejo foi a aurora do seu amor.

Hermano e Florinda quase que se arrependerão de se haver olhado assim, quando os seus corações devião estar exclusivamente voltados para Deus á pedir chuva: mas nessa mesma noute choveu, e ambos pensarão que a troca de seu olhar era abençoada por Deus.

Segundo e innocente pecado: Hermano e Florinda se desgostarão da chuva que havia posto fim ás preces.

Cada qual suspirou, sonhou, desejou de seu lado; mas tam longe!

Vinte vezes em um mez Hermano passou á cavallo pelo campo da fazenda de Domingos Caetano: elle tinha sabido a hora do passeio costumado á hórta e vio vinte vezes Florinda ao lado de sua mãe.

Nas festas da freguezia ambos se encontrarão na igreja, e á noute nas danças de mascarados, e no *Largo* (na praça) a verem o fogo de artificio: o fogo de artificio quasi que não virão; mas sentirão outro fogo mais ardente á radiar-lhes nos olhos, que fazião abaixar os olhos.

Nunca trocarão palavras; mas fallavão tanto um ao outro!

Perto de uma das cancellas do campo da fazenda de Domingos Caetano morava em pobre casa Jacyntha, boa mulher protegida por Angelica e Florinda que a chamavão a comadre *Jacyntha*, e á quem ás vezes ião a tarde visitar.

Um dia a commadre Jacyntha disse em segredo a Florinda o que esta já sabia, Provavelmente Angelica tinha permittido a confidencia.

Florinda correu e fugio sem responder.

Em outra tarde Angelica deixou a filha em companhia da comadre Jacyntha, e foi ver o pomar da pobre e boa mulher.

A comadre Jacyntha, aproveitando o ensejo, exaltou o amor, e o merecimento de Hermano á comadrinha que sorria e corava; mas de subito exclamou:

—Ahi vem o senhor Hermano !

Florinda assombrada e attonita correu á esconder-se no quarto de dormir de Jacintha, pobre quarto de paredes esburacadas, donde se podia ver e ouvir, quanto se passava e se dizia na sala.

Hermano chegou com effeito: sem constrangimento, pois que se suppunha á sós com a comadre Jacintha, fez com ardor o elogio da belleza de Florinda, a confissão vehemente do seu amor, pedindo a boa mulher a sua intervenção, e o seu concurso para merecer a gratidão da donzella amada.

A comadre Jacyntha ria-se, e provocava as fallas ternas e apaixonadas do mancebo; quando Angelica chegou, e comprimentando com agrado á Hermano, perguntou por sua filha.

Florinda teve de sahir do quarto contiguo toda

tremula e vermelha de pejo e confusão pelo que ouvira.

Hermano estremeceu e corou, vendo apparecer Florinda; mas no intimo d'alma agradeceu a traição da amizade.

D'ahi em diante o amor dos dous jovens fallou docemente sem que os dous jovens amentes se fallassem uma unica vez.

Havia abaixo do rio da fazenda uma figueira silvestre e magestosa á cuja sombra Florinda se aprazia de ir sentar-se nas tardes dos dias calmosos: na casca dessa arvore enlaçarão-se as niciaes dos nomes de Florinda e Hermano, e a cifra tinha sido obra de duas mãos differentes, cada uma das quaes talhara a inicial de seu nome.

Junto á portinha da horta havia um banco, onde Florinda costumava sentar-se quando de manhã e á tarde lá hia passear: Florinda quasi sempre achava de manhã uma flor sobre o banco e deixava no mesmo lugar outra flor á tarde.

Uma vez sobresaltara-se a fazenda com a noticia de que uma onça desgarrada andava pelos bosques visinhos e em breve Florida teve de lamentar que fosse ali a primeira victima da féra uma cabra que ella creara e que amorosa corria para seu lado mal a avistava de longe:

dous dias depois soube-se que Hermano perseguira e matára a onça.

Outra vez Florinda chorava a fugida de um saibá que a enlevava com o seu canto saudoso, e no dia seguinte Jacyntha trasia-lhe outro sabiá mais cantador ainda, e l'ho entregava, sorrindo, e sem precisar dizer, d'onde elle vinha.

O amor de Hermano e Florinda alimentava-se pois com aromas das flores, e com o canto das aves; sem se encontrarem nunca, tinhão os dous amantes o seu terno laço no tronco da figueira, e a imagem querida um do outro nos proprios corações, e mil objectos fóra delles, nas flores que se guardavão ja murchas, no lencinho branco esquecido no banco da horta e amorosamente furtado á noute, em um pé de *sempre-vivas*, que surgira de manhã á beira do caminho para o rio, e em todos esses mudos testemunhos de ternura que nada valem e valem tanto, e que na vida campestre são cheios da poesia simples da natureza.

Hermano e Florinda amavão-se pois, havia dous annos, sabião ser amados, correspondião-se e em dous annos não se tinhão fallado uma só vez.

Era um amor purissimo.

Domingos Caetano e Angelica provavelmente suspeitavão do mimoso segredo de sua filha e não procuravão combater o seu terno sentimento ; mas Hermano, não entretendo relações com elles, acanhava-se pela sua pobreza, e não ouzava pedir a mão da menina rica.

Todavia esse amor era tam santo que abençoa-lo antes de descer á sepultura foi para o estremoso pae de Florinda a ultima consolação da vida,—o derradeiro rizo aberto ao mundo.

XV

O verdadeiro merecimento tem seus privilegios.

Erão muitos os mancebos que ardião por valer um olhar e um sorriso de Florinda: talvez alguns se achavão realmente captivos de sua belleza, outros menos apaixonados pela mulher, ambicionavão-lhe a riqueza; mas não houve um só que desconhecesse o acerto da escolha feita pelo coração da menina.

Hermano era brilhante sem jaça: gentil, delicado em seu trato, honesto e laborioso, de genio suave e de força e coragem provadas, estava talhado para a vida rude do fazendeiro activo, e para chefe de uma familia honrada.

O dia do cazamento de Hermano e Florinda

foi de esplendida festa na fazenda: embalde a opposição da esposa e da filha, embalde os rogos do noivo, Domingos Caetano o quiz assim.

— Quero festa e alegria porque é immenso o favor que mereci de Deus; dicera elle: morrer com a certeza de deixar com protector zeloso e seguro minha mulher e minha filha não é morrer de todo, é viver no futuro, é viver além do tumulo: o mais feliz sou eu! festejem-me! alegrem-se: porque é a minha ultima festa.

E como Florinda se alvoraçara dolorosamente com a idéa da *ultima festa*, o pobre pae arrependido da verdade, apadrinhara-se com a mentira não-peccado, santa mentira do amor paterno, e rindo mal, e á fingir esperanças, e á zombar de si mesmo, chamara a filha e lhe dicera, embusteiro sublime, com jubilosa voz:

— Enganei-me: não será a ultima... heide ter outra, quando for o padrinho do teu primeiro filho... depois sim... mas depois de abençoa-ló muitas vezes... morrerei então.

E Florinda sahira para chorar ás escondidas a enganosa esperança de seo pae, e o pobre velho, ficando á sós, tambem chorara o triste engano, com que consolara a filha.

Emfim o dia das nupcias chegou: o cazamento

de Hermano e Florinda foi celebrado na capella da fazenda, Domingos Caetano conduzido em uma cadeira assistio á elle abençoou e abraçou os noivos, e disse gravemente a Hermano :

— Meo filho, és mais que marido, és pae desta familia,

O concurso dos parentes e amigos foi numeroso.

Houve festa para todos na fazenda. Os noivos e convidados tiverão banquete sumptuoso e animado bayle á noute.

O velho paralytico appareceo um instante á meza para saudar seos filhos, e uma hora ao baile para excitar a dança e a alegria. Todo o mais tempo ficou no seo quarto, e á esposa, á filha, ao genro, á quantos o ião ver, dizia contente :

— Estou melhor... muito melhor... este cazamento me faz bem...

Elle porém soffria sempre e muito : só na alma se sentia melhor.

Mas a familia, os parentes e os amigos não esquecerão o estado do velho paralytico e penante : ás onze horas da noute puzerão termo ao baile e dissolverão a reunião.

Entretanto a festa era geral na fazenda.

Para os escravos dispensados de todo o serviço nesse dia tinhão sido mortos quatro bois, e se havião distribuido em abundancia garrafas de vinho e de agoardente.

A' noute em tres senzalas diversas fervião tres fados, e o canto rasgado e alto dos tocadores de viola *em desafio* echoava ruidoso.

Os sentimentos generosos, o cuidado estremecido da familia, dos parentes e dos amigos tinhão marcado cedo a terminação do baile.

A indifferença brutal dos escravos prolongava os fados, aturdindo a fazenda com a tempestade de suas musicas e de seus cantos selvagens.

E de espaço em espaço os escravos gritavão em côro :

— Viva sinhá moça !

Esses gritos erão como hymnos brilhantes aos ouvidos de Domingos Caetano o qual absolutamente prohibira que se pertubassem os folguedos dos escravos que festejavão o cazamento da sua Florinda.

Bom, mas inexperiente velho !

Os escravos applaudião sinceramente apenas á carne fresca assada, ás sobras do banquete, o vinho e a agoardente em abundancia, em que se fartavão. Todos elles gritavão — *viva sinhá*

moça — como indifferentemente soltarião qualquer outro grito, que os animasse á beber, e nenhum delles por um só e breve momento pensára no incommodo que a sua gritaria podia causar ao senhor doente.

Pouco, menos que pouco, nada lhes importavão a sorte e a vida de Domingos Caetano, a boa ou má fortuna de Florinda, e a felicidade de Hermano.

No marido da senhora moça vião um novo senhor, e antes da festa que os fazia olvidar tudo, alguns delles tinhão perguntado a outros:

— Será melhor ou peior senhor ?

E não poucos havião respondido :

— Mais ou menos chicote, será sempre captiveiro.

O que se podia traduzir assim :

— Sempre escravidão, sempre odio.

E os fados estrepitosos avançavão pela noite, impedindo o somno do velho doente.

Soavão de continuo os gritos : — *viva sinhá moça* !

Mas se chegasse ás senzalas dos fados a noticia da morte do senhor, da senhora, ou da *sinhá moça* festejada, e com a noticia não viesse a ordem da cessação da gritaria e das danças bac-

chanaes, os fados continuarião sem attenção ás lagrimas e ao luto dos senhores, e talvez fosse tal infortunio novo incentivo para maior alegria.

A's duas horas da madrugada terminarão os fados dos escravos por ordem que Angelica mandára, escondendo-a á condescendencia e a tolerancia festivaes do pae que abençoava por todos os modos o feliz casamento da filha.

Mas além das duas horas da madrugada velavão ainda nesta noite um grande padecimento e dous grandes amores.

O grande padecimento de Domingos Caetano que gostava na insomnia os restos da vida em ruinas.

O grande amor da esposa, da companheira de longos annos, que se prendia áquella vida tão cara e tão prestes a desprender-se do corpo.

E grande amor dos noivos que no egoismo da gloria desse amor, velava, esquecendo o mundo, o futuro, tudo.......... até o pae que se adiantava para a morte.

Perdão para esse egoismo ! é a embriaguez dos noivos.

XVI.

E ainda alguem mais velava : era o rancor do escravo.

Simeão agitava-se nas torturas de duas idéas para elle crueis.

Desde o dia em que sonhara que Hermano hia casar com Florinda, confrangia-se pensando, reconhecendo que teria por senhor-moço o homem que o esbofeteára, subjugara, e mandara preso á fazenda, e que esse mancebo que elle detestava, e á quem desejava o maior mal, havia de ter a dita de possuir a bella mulher, sua senhora-moça, cujos dotes physicos elle se atrevera á contemplar dissimulado com olhos perversamente libidinosos, encarecendo com imaginação desenfreada e aos applausos da cozinha

e da sensala infames o que seus olhos não podião vêr, injuriando na torpeza do elogio a virginal pureza da donzella.

Simeão passou dias horriveis; retemperando sua alma no rancor mais violento: carcomido por incrivel inveja e em delirio insolente notou uma a uma, estudou com raiva a belleza do rosto, a gentileza da figura, a graça do andar, as proporções dos pés e das mãos, todos os encantos visiveis de sua senhora-moça, e aborreceu ainda mil vezes mais Hermano, para quem era possivel, provavel,certa a posse de tantos thesouros impossivel para elle.
O escravo não amava, não amou Florinda; mas em sua mente audaz, em seus instinctos escandalosos, revoltantemente ultrajadores, e licencioss lembrou, contemplando a senhora-moça, o que lembrava aproximando-se da negra facil, da escrava desmoralisada que lhe agradava e não fugia á seus ignobeis affagos.

E Simeão teve dobrada raiva de Florinda que não podia ser sua, como a negra escrava, e que bella, encantadora, innocentemente voluptuosa hia ser do homem que elle mais aborrecia.

E, sem o pensar, Florinda excitou-lhe a furia inimiga, dando-lhe novo e bonito fardamento

de pagem no dia do seu casamento, e chamando-o de preferencia para servir á seu noivo e á ella durante o banquete nupcial,

Simeão abafou no seio rugidos de féra, e apenas terminou o banquete, fugio com desespero, vagou pelo campo, e investindo emfim para uma das senzalas em que se batia o fado, bebeu desordenado, bebeu até cahir em completa embriaguez.

No outro dia, ao sol fóra, despertou cahido á porta da senzala e ainda meio embrutecido recolheu-se á casa, onde Hermano risonho e feliz o mostrou á docemente confundida noiva, gracejando sobre a intemperança do creoulo.

Florinda que corava á todos os olhos, mal ousou dizer :

— Vae dormir, pobre Simeão.

Passarão quatro dias: o creoulo abatido apparentemente ; mas com o coração abrazado em rancoroso furor meditava silencioso nos cantos da casa, estremecendo á voz de Hermano, que já o governava como principal senhor.

— Agora, dizia comsigo Simeão ; a liberdade ou a morte....... servir á este novo senhor é impossivel........ prefiro mata-lo e matar-me........

E mais que nunca desejava a morte de Domingos Caetano, que havia de deixa-lo forro, conforme o pensar de todos.

No quinto dia não pôde resistir ás saudades da venda, e abusando da bondade com que em attenção á sua noiva Hermano o tratava, sahio sem licença, e muito antes da noute, que sempre tinha por sua.

Na venda encontrou o infallivel Barbudo que dormia ou fingia dormir estirado no banco fronteiro ao balcão.

O Barbudo levantou-se á chegada de Simeão.

— Como vás? perguntou elle ao creoulo.

— De mal á peior.

— Não appareces de dia como dantes, Simeão: agora é só á noute que passeas!

— Tenho senhor novo: é necessario estuda-lo.

— Vamos conversar.

O Barbudo e Simeão sahirão, dirigindo-se para o terreiro da venda.

— O ataque não volta, murmurou Simeão surdamente; deixou signal e não se repete! é para desesperar.

— Tambem que pressa! disse o Barbudo a rir para excitar o creoulo.

— E' que agora não posso supportar o captiveiro naquella casa: prefiro ser vendido a outro senhor.

— Que ha pois de novo ?

O creoulo travou do braço do Barbudo,levou-o para longe da venda e fez ampla confidencia dos seus turvos e sinistros segredos, em que o rancor, a ingratidão, o abatimento, a baixeza aviltante de sua condição, e o arrojo indigno de insensatas imaginações se misturavam confusa, mas tempestuosamente.

Prolongou-se depois a conferencia até a noute e emfim tornados á venda que começava a encher-se dos costumados freguezes. Simeão e o Barbudo pedirão vinho e cartas.

O creoulo tinha credito na venda onde já era devedor, e como andava pouco endinheirado, obteve sem difficuldade novo emprestimo do vendelhão.

O jogo dá azas ao tempo : as horas fugirão velozes e mal sentidas pelos jogadores que experimentavão as emoções selvagens das sortes muitas vezes obrigadas pela empalmação rude ou pelo furto de cartas.

Era meia noute e Simeão irritado pela má fortuna, teimava em jogar, e pedio mais dinheiro

ao vendelhão que contra o costume lh'o negou:

O creoulo altanado proferio uma injuria obscena.

O vendelhão paciente por systema respondeu simplesmente :

— Já me deves trinta mil réis : é muito.

Simeão furioso machucou entre as duas mãos as cartas e atirou-as ao credor, que lhe fechava a bolça.

O vendelhão offendido agarrou-se com o aggressor, os escravos e mais freguezes presentes tomarão partido por um e por outro dos brutaes athletas, o Barbudo entrou na contenda em prol do camarada, e travou-se desenfreada desordem com escandaloso acompanhamento de blasphemias e torpezas em grita.

Mas de subito baterão á porta da venda, e uma voz afadigada e anciosa gritou de fóra :

— Simeão ! Simeão !

Os golpes se repetião á porta que ameaçava ceder arrombada.

O medo da intervenção da policia local que as vezes por excepção accordava, separou os desordeiros.

A porta abrio-se, e um negro escravo da fa-

zenda de Domingos Caetano, entrou precepitado, bradando :

— Simeão ! Simeão !

— Que é lá ? perguntou este, arranjando as vestes despedaçadas.

— O senhor morreu.

Simeão sem mais ouvir nem perguntar lançou-se de um salto fóra da venda e deitou a correr para a fazenda.

Nem um movimento de piedade, nem uma lagrima pelo bom senhor, pelo pae que perdèra !

A escravidão gasta, calleja, petrifica, mata o coração do homem escravo.

———

XVII.

Domingos Caetano tinha morrido ao anoitecer: ao pronunciamento do novo ataque seguio-se logo a morte, quasi sem agonia.

Quando Simeão chegou á casa, já havia cessado aquella desordenada e completa abstracção do mundo, com que a dor suprema dos que ficão attesta o corte violento e profundo dos laços que os ligavam áquelle que se fôra.

Na casa havia pranto, consternação, luto; mas o phrenetico desespero da primeira hora do triumpho da morte já tinha passado; a dor desafogava-se em lagrimas, rompia pelas valvulas dos gemidos e dos lamentos; mas já havia consciencia da dor.

E no seio da familia consternada um nobre

mancebo cumpria o dever de velar por todos e de pensar na vida, contemplando a morte.

Hermano vio abraçados com o cadaver de Domingos Caetano a sogra e a esposa que lhe ficavão confiadas : em poucos dias tinha sabido amar o pae de Florinda, como se lhe conhecesse as virtudes durante um seculo : chorou-o por amor, vendo-o morrer ; mas combateu e domou os excessos da dor pela religião do dever : foi homem.

Simeão, chegando á fazenda, preparou como poude a mascara do sentimento para disfarçar a indifferença malvada da sua ingratidão.

O aspecto do cadaver do homem que se conheceu, compunge aos proprios que o não amarão vivo : Simeão teve lagrimas, vendo o corpo inanimado de Domingos Caetano, aproveitando as lagrimas, ullulou, fez-se arrancar á força do quarto mortuario, e representou emfim a comedia da dor.

Depois observou, vio e reflectio.

O roubo por astucia era impossivel : a familia do morto não ficara sem pae : havia um cão fiel e insomne, velando á porta do lar : era a fidelidade do genro de Angelica, e do marido de Florinda.

Simeão banio de seu animo a falsa esperança do roubo, maldizendo do seu passeio, que o não deixara explorar a hora douda, e desesperadora que preside ás agonias do moribundo, e ao despedaçamento dos corações da familia.

A idéa da alforria absorveu a alma do escravo.

Não ousou perguntar, se o *velho* deixára testamento : contava com este, sabia da sua existencia ; ardia porém por conhecer-lhe as disposições : entretanto considerava-se emancipado.

Apurou o ouvido, e teve a certesa de que se encontrára o testamento de Domingos Caetano.

Melhor e ainda mais animador annuncio do que isso, um parente da casa, ao ve-lo em hypocrita afflicção, lhe dissera, batendo-lhe no hombro:

— Tens razão de chorar, creoulo ! teu senhor te amava muito, e não se esqueceu de ti.

Simeão expandio-se internamente : ao menos era certa a liberdade.

Animado com a segurança da emancipação dobrou as apparencias do sentimento.

Sacrilego e perverso confundio fementidos gemidos com a desolação de suas senhoras na-

quella cruelissima hora de segunda, derradeira, inexpremivel morte, nessa hora do sello, do re conhecimento forçado da morte, quando o cadaver sae de casa, quando o prestito do enterro piedoso rouba a familia o nada, que inda é muito á seus olhos, quando a reza funebre do sacerdote parece um adeus, o ultimo, que em nome do finado recebem os que o chorão.

O sacrilego vio sahir emfim o caixão que levava Domingos Caetano ao cemiterio, e respirou livre do labor da comedia que representava.

Ancioso esperou a solemne declaração da sua alforria ; a noute veio, e elle não dormio.

Não despertou, levantou-se aos primeiros annuncios do dia : saudou sorrindo a aurora da sua emancipação.

Mas o sol brilhava, e ninguem lhe dizia : — és livre.

Simeão começava á respirar affrontado.

Ao meio-dia Hermano chamou-o, e elle acudio pressuroso.

— Simeão, disse Hermano, mostrando-lhe o testamento de Domingos Caetano ; meu sogro lembrou-se de ti.

E leu-lhe a respectiva verba testamentaria.

Simeão ficava escravo de Angelica e a ella recommendado com affectuoso interesse, devendo entrar no goso de plena liberdade por morte de sua senhora.

O creoulo cahio das nuvens. Era ainda escravo, embora condicionalmente.

XVIII

Foi medonho o desencanto de Simeão, que sahio da sala quasi cambaleando, aturdido pelo golpe que recebêra.

A sua esperança de liberdade despedaçára-se contra os ferros da escravidão.

O creoulo despertou, sahindo de um sonho celeste, e entrou na vigilia do inferno.

Turvo e como atoleimado atravessou a cozinha, murmurando authomaticamente «escravo... escravo...»

Sahio para o campo, e como se fallasse ás arvores, aos animaes, ao espaço, repetia sempre: «escravo... escravo...»

Não reflectia, não podia reflectir, tinha a alma cheia de uma só idéa, que o affrontava, seme-

lhante ao pesadelo do somno do criminoso, respirava, sentia, ouvia, dizia só essa diéa : «escravo... escravo...»

Instinctivamente e sem consciencia tomou a estrada que o levava de costume á venda : ia sem ver por onde ia, tropeçou em uma pedra, cahio e ferio-se na cabeça: a dôr chamou-o não á razão, mas ao reflectido resentimento do seu desencanto; sentou-se e apoiou a fronte sobre os joelhos, e nem percebeu o sangue que lhe corria da cabeça ferida.

De repente deu um salto, e caminhou accelerado para a venda : seus olhos lampejavão : o crime tinha acordado e fervia-lhe no coração odiento, como lava terrivel no seio da cratera.

Saltando elle exclamara :

— Demonio que estás no inferno, espera-me !

Era uma imprecação damnada contra o senhor finado.

Andando apressadamente Simeão ria-se com um rir atroz : esse rir convulsava-lhe os labios, misturando-se com a alvura dos dentes cerrados : era um rir que fazia lembrar o zigue-zague rapido do raio que vai cahir e fazer destroços.

Era o rir do scelerato que acha gozo nos sonhos de atrocidades.

Chegou á venda e não encontrou o Barbudo; irritado bateu com o pé, disse uma phrase obscena, bebeu um grande copo de aguardente, e com aguardente lavou o sangue que lhe banhava o rosto, pensou a ferida, atou o lenço á cabeça, e, proferindo horriveis blasfemias, foi deitar-se á beira da estrada.

Pouco depois levanton-se: era-lhe impossivel o socego: passeava agitado, sentava-se, deitava-se, entrava no bosque, e do bosque voltava para a estrada com inquietação e impaciencia febril.

A's vezes balbuciava, gesticulando doudamente:

— Liberdade... e dinheiro...

Era de horrivel aspecto, quando lhe rompião dos labios tremulos e por entre os dentes brancos e como á morderem-se, essas palavras que resumião duas fomes desesperadas.

Era um tigre á rugir de fome.

Aos seos rugidos acudio outro tigre; o Barbudo appareceu.

Simeão correo para o Barbudo, disse-lhe ao ouvido breves palavras e ambos mettêrão-se pela floresta.

Ião procurar a solidão e a sombra.

Domingos Caetano tinha errado : a liberdade não se promette, dá-se ao escravo.

Prometter e aprazar a liberdade, e, peior do que isso, deixar esperar e não dar ou adiar a liberdade, é pôr em desatino de desejos a alma do escravo.

Dar por prazo da liberdade a morte de alguem é excitar um appetite de hyena no coração do escravo, é fazê-lo aspirar á morte de quem em quanto vivo lhe demora a alforria.

Simeão, o creoulo mimoso, perdido, malcriado pelas affectuosas condescendencias e fraquezas dos senhores em casa, pervertido pelos deboches da venda e pelo veneno da crapula, ingrato pela condição de escravo, sem educação e sem habito de trabalho, contando com a liberdade, e não a conseguindo era um perverso armado loucamente contra seus senhores pelas mãos de seus senhores.

Esta lição não deve desanimar, deve illustrar a caridade : amar, beneficiar, criar com affeição paternal o creoulo filho da escrava é uma esmola que se dá a Deos, é a mais santa e pura das orações que se elevão ao céo.

Mas deve-se saber fazer o bem, e nunca fazê-lo por metade.

Ao senhor que se affeiçôa do creoulo que vê nascer e cria com amor, cumpre completar o favor dos sentimentos com o favor da educação, inoculando no coração do pequeno escravo predilecto as noções do dever, o ensino da religião, a virtude da paciencia, a obrigação do trabalho que moralisa e nobilita o homem, do trabalho não do homem machina, mas do homem intelligencia e coração.

O escravo assim criado póde não ser um amigo, porque emfim é escravo, e portanto um opprimido pela prepotencia do senhor ainda mesmo bom; é porém em regra um homem agradecido, que esquece o forçado aviltamento da sua condição pela lembrança intelligente dos beneficios recebidos.

Mas o amor cego que não educa o escravo sympathico ou preferido, que o abandona aos instinctos, aos sentimentos baixos, ás inspirações malevolas da escravidão, que é agua encharcada e fóco de miasmas, que o aquece ou o cria por traiçoeira, mal pensada compaixão na ociosidade, que é a placenta de todos os vicios, alimenta, aquece, fortifica um desgraçado que é sempre ingrato por ser escravo, e ás vezes inimigo pela reacção do opprimido.

Se estas observações desanimassem a caridade dos senhores para com os creoulos que em casa lhes nascem e se criam, fariam morrer uma virtude, aggravando ainda mais o perigo que correm os senhores, e os soffrimentos que experimentam os escravos.

Os creoulos são muito mais intelligentes e maliciosos que os negros da Africa, e desprezados, e flagellados pelo trato aspero da escravidão, que faz do homem instrumento material do trabalho, e irmão da besta de carga, tornamse inimigos ferozes, e se chega a opportunidade da vingança, estentam na ferocidade verdadeiro e delirante luxo de malvadeza.

O escravo africano mata o senhor, e se afasta do cadaver: o escravo creoulo antes de matar atormenta e ri das agonias do senhor, e depois de matar insulta e esquarteja o cadaver.

Toda escravidão é perversa; mas a escravidão intelligente é dez vezes mais perversa do que a escravidão brutal. Uma odia por instincto; a outra por instincto e com reflexão.

XIX

A conferencia na floresta pareceu ter applacado o furor e sem duvida serenou o aspecto de Simeão.

Quando elle voltou á *venda* era inteiramente outro: queixou-se da quéda que dera desastrado e que o desatinára: já de pazes facilmente feitas com o vendelhão, conversou tranquillamente com este sobre a sua situação e mostrou-se consolado do captiveiro em que ficára pela bondade extrema de sua senhora.

Ninguem dissimula melhor do que o escravo: sua condição sempre passiva, a obrigação da obediencia sem limite e sem reflexão, o temor do castigo, a necessidade de esconder o resenti-

mento para não excitar a colera ameaçadora do senhor, o habito da mentira, emfim, fazem do escravo o typo da dissimulação.

O coração do escravo é escuro, tenebroso como noute de tempestade: é abysmo profundo e sem luz coberto pela crosta da tristeza intima e da desconfiança perpetua.

Muitas vezes o escravo ri, tendo o seio ulcerado e a alma em pranto.

O Barbudo chegou á venda uma hora depois de Simeão.

— Tardaste muito hoje, meu Barbudo; disse-lhe este.

— Tive que fazer em casa; respondeu-lhe o amigo.

E nesse dia não conversaram no terreiro.

No primeiro domingo que se seguio, houve grande reunião na venda, e nas vehemencias do jogo toldou-se a amizade de Simeão e do Barbudo, que jogando de sociedade tiveram de disputar sobre a divisão dos lucros.

Ambos se qualificaram affrontosamente, e separaram-se inimisados, fugindo Simeão ás ameaças de bofetadas, com que o Barbudo por ultimo respondeu á incontinencia de sua lingua depravada.

— Ora ahi está como se acaba uma boa amizade! disse o vendelhão á rir.

— Não faço conta de amizade de negro; observou o Barbudo.

XX

Passaram duas semanas.

Simeão, á quem Hermano fizera algumas admoestações, deixou de sahir da fazenda durante o dia; eram porém ainda frequentes os seus passeios á noute.

Hermano soube da continuação desse abuso; mas fingio ignora-lo em attenção á amizade que sua sogra e sua mulher tinhão ao creoulo.

No fim das duas semanas que dissemos passadas, á tarde de um domingo, conversavam, passeando pelo campo, as duas senhoras e Hermano.

Depois de alguma hesitação, Angelica disse:

— Sabem quem faz vinte e um annos amanhã?

Simeão; respondeu logo Florinda.

Hermano sorrio-se.

— Creio que elle se mostra agora mais ajui zado; tornou a senhora.

— Sahe á passeio todas as noutes.

— Coitado! servio muito ao senhor na molestia fatal.......

E a viuva ainda teve lagrimas para dar á lembrança do marido: quando as enxugou, disse á Hermano:

—Eu tinha um desejo, meu filho; mas não o realisarei sem a sua approvação.

— Approvo-o desde já: qual é elle?

— Dar amanhã a liberdade á Simeão.

Florinda apertou a mão do marido.

— Excellente idea! respondeu Hermano; elle é, com perdão das senhoras,um escravo desmoralisado, e talvez seja por excepção ou milagre um liberto de bons costumes.

— Approva então?

— Sem duvida; mas devo dizer que só elle perderá com o beneficio que lhe quer fazer: perdão outra vez; Simeão está mal preparado para ser feliz com a liberdade: entretanto a liberdade é santa e regeneradora.

— E nós não lhe fecharemos a nossa porta:

se elle quizer, e ha de querer, ficará commosco.

— Está entendido.

— Oh! amanhã Simeão será liberto!... exclamou Florinda, rindo de contentamento.

Era a primeira vez que Florinda ria depois da morte de seu pai: Hermano beijou-lhe a mão, agradecendo-lhe o riso.

— Mas até amanhã segredo! disse Florinda; eu quero apreciar a surpreza de Simeão.

E as duas senhoras, a mãi e a filha, se olharam satisfeitas, prelibando a alegria e a festa do seu crioulo estimado.

Emquanto ellas estavam assim occupando-se tão generosamente de Simeão, em que estaria pensando esse escravo que ia ser emancipado?...

Estava ainda pensando com alma de escravo que não sonhava com a liberdade no dia seguinte.

Se lhe tivessem dito:—Amanhã serás liberto, — a idéa da liberdade revolucionaria seu animo, no qual as trevas do captiveiro seriam dissipadas pela aurora da emancipação.

Não ha escravo a quem a certeza da alforria proxima não inspire sentimentos generosos, não desarme os instinctos ferozes da escravidão.

Mas Simeão, o escravo, nem se lembrava do anniversario natalicio, que só é de festa para o homem livre, que sorri á vida, porque é livre ; não podia esperar e menos contar com a liberdade esclarecida pelo sol que ia surgir do oriente.

E, escravo ingrato e perverso, machinava um crime horrivel, inspirado pelo demonio da fatal condição depravadora.

Oh ! não ha quem tenha um escravo ao pé de si, que não tenha ao pé de si um natural inimigo.

XXI

A noute dos domingos é um pouco solitaria nas fazendas.

Os escravos têm no domingo o seu dia de arremedo da liberdade ; de manhã sahem a vender o que têm colhido de suas pobres roças e o que têm furtado das roças do senhor ; á noute vão aos fados e aos deboches da *venda.*

Nunca em parte alguma do mundo houve senhores mais humanos e complacentes do que no Brasil, onde são raros aquelles que nos domingos contem presos no horizonte da fazenda os seus escravos; em regra todos fecham os olhos ao gozo amplo do dia santificado.

Por isso as fazendas são muito mais solitarias aos domingos.

Uma quadrilha de salteadores escolheria de preferencia a noute de um domingo para atacar a casa de uma fazenda.

Mas em muitas fazendas a casa da familia do fazendeiro tem condições e seguranças de fortaleza.

Era assim a casa que Domingos Caetano cuidadosamente fizera construir.

Levantava-se ella no cabeço de um outeiro suave; era assobradada e toda de grossas paredes de pedra; as portas e janellas de rija madeira de lei chapeadas de ferro tinham, além de grandes e fortes fechaduras, cada uma duas traves de ferro, que tornavam quasi impossivel o arrombamento, e pequenas frestas systematicamente dispostas, por onde era ou seria possivel observar sem perigo o aggressor externo e atirar sobre elle; entre o assoalho da casa e o chão, havia immenso e escuro espaçoso vão sem porta para o exterior, mas com entrada no interior da morada, e com respiradouros circulares apertados e defendidos por inabalaveis grades de de ferro, de modo que, invisivel ao inimigo, o fazendeiro d'ali tambem poderia matal-o.

A disposição das senzalas dos escravos assegurava prompto mas nem sempre seguro soccorro;

porque só a imprudencia póde confiar no auxilio leal e dedicado da escravatura que vive oppressa, e a quem naturalmente pouco importa a sorte do senhor.

No terreiro, finalmente, vião-se cães vigilantes, guardas avançadas e fieis, que ao mesmo tempo arremettem contra o inimigo, e despertam a familia que dorme.

De dentro daquella casa um só homem resistiria a vinte salteadores, e sómente poderia ser vencido pela traição abrigada sob o mesmo tecto.

Sem duvida, por esta consideração Domingos Caetano tinha adoptado o costume de fazer dormir fóra da casa da familia ainda mesmo os escravos e escravas do serviço domestico. O proprio Simeão, desde que sahira da segunda infancia, tivera o seu quarto, aliás muito commodo, junto da fabrica, ou do *engenho*, como ainda se diz.

No interior da casa, e só por excepção, dormiam duas escravas, uma já idosa e que acompanhára Angelica desde menina, tornando-se por isso objecto de sua estima, e Eufemia, filha dessa mesma escrava e mucama de Florinda.

Eufemia era na fazenda a amante predilecta de Simeão.

A' morte de Domingos Caetano não seguira modificação alguma nos costumes da fazenda e da familia; o sogro revivia no genro.

Hermano muito acertadamente louvou a pratica de fazer dormir fóra da casa senhorial todos os escravos; mas tambem respeitou a excepção que achára estabelecida.

As nove horas da noute do domingo os escravos do serviço domestico retiraram-se; Hermano fechou e trancou todas as portas e janellas, foi dormir tranquillo e sem cuidados.

A inexpugnavel fortaleza estava fechada.

Mas.... dentro della havia ainda escravos.

XXII

Era meia noite, quando os cães latiram com furor.

Hermano acordou ao grito de alerta das suas sentinellas, e quiz levantar-se do leito; mas o latir dos cães serenou tão depressa e o braço de Florinda pousava tão suave e meigo sobre o seu hombro, que elle não se animou a perturbar o somno da esposa, e em breve adormeceu.

A' uma hora da noute soou tres vezes seguidas perto da casa o piar sinistro de uma coruja.

Eufemia, que velava, ergueu-se da esteira e foi, pé por pé, mas tremula, até a cozinha, que era vasta e que, além da porta fortissima, tinha ainda uma janella pesada, larga, e inabalavel; assegurando-se pelo ouvido attento de não ter

sido seguida, estendeu o braço e arranhou a a porta.

De fóra arranharam tambem a porta.

Eufemia dirigio-se então á janella, desprendeu sem ruido as duas traves de ferro, com o vestido envolveu a enorme tranca igualmente de ferro para ver se abafava o ranger daquelle grilhão da fortaleza, hesitou.... tremeu.... reanimou-se, e suspendendo a respiração e com impeto nervoso, deu a volta e destrancou a janella que se abrio em par.

Saltaram logo para dentro quatro homens; o Barbudo, que trazia espingarda e uma grande faca, dous escravos da fazenda seduzidos por Simeão, e este desprendendo ameaçadores machados.

Fóra murmuravam surdamente vozes sinistras. Os quatro assaltantes deixavam socios a cobrir-lhes a retirada.

Os cães não latiam mais; Simeão os tinha trancado facilmente em seu quarto.

O Barbudo passou uma lanterna furta-fogo á Simeão que marchou adiante, ensinando o caminho.

O que em seguida se passou foi horrivel.

Chegados á sala de jantar o creoulo mos-

trou ao lado direito a porta do aposento de Hermano e de Florinda; dous dos perversos, o Barbudo e um dos negros collocarão-se aos lados dessa porta: o outro negro recebeu a lanterna e seguio a Simeão que avançou para a frente e entrou no quarto de dormir de sua senhora.

Angelica dormia profundamente. e diante della em uma esteira ressonava a sua escrava estimada, a mãe de Eufemia.

Simeão aproximou-se do leito, e sem compaixão da fraqueza, sem lembrança dos beneficios, filho scelerato da escravidão que é horror, demonio da ingratidão e da perversidade, levantou o machado, e descarregou-o sobre a cabeça de Angelica, que morreu sem expirar.

O machado partira pelo meio a cabeça da protectora e segunda mãe do assassino; mas ao ruido do golpe a velha escrava despertando assombrada, e vendo a scena atroz. soltou um grito pavoroso:

— Simeão!

O negro da lanterna deu tão forte pontapé no estomago da velha escrava que a estirou no chão sem sentidos:

Hermano despertara ao estrepito, percebera

luz, adivinhara perigo, e saltando da cama tomára um rewolver, e com tanta rapidez se lançou fóra do quarto, que escapou aos golpes desfechados pelos dous ladrões que o esperavam á porta.

Mas o Barbudo se atirou sobre o mancebo, e a luta começou; luta desigual de um contra quatro, de um, á quem o rewolver falhara, pois que o tinham nesse dia descarregado traiçoeiramente, contra quatro armados e ferozes.

Florinda appareceu em desalinho e ululante, e cahio de joelhos á pedir a vida do marido...

Simeão a vio nesse desalinho, e correu para ella, agarrou-a, e ultrapassando todos os furores do crime, injuriou-a com o contacto de suas mãos devassas e de seus labios torpes.

Aos gritos de Florinda e á enormidade do insulto Hermano já esfaqueado e banhado em sangue, em um arrojo de desesperação, sublime, incrivel, com a raiva a lampejar-lhe nos olhos, Hercules de um momento, escapou-se aos braços dos tres malvados, á um atirou por terra, á outro arrancou a faca, e de um salto foi crava-la em Simeão que lhe ultrajava a esposa.

Logo porém o Barbudo desfechou um tiro, tiro providencialmente piedoso; porque a

bala atravessou dous corações, e Hermano e Florinda cahiram mortos ao lado um do outro.

Simeão ficara ferido no hombro.

Tudo isto se passou em dez minutos ao menos.

Mas aos gritos de Florinda, e ao tiro que a matára e ao marido acordou o feitor da fazenda que tocou a rebate, chamando os escravos, que nem todos ausentes, e muitos dos presentes alheios ao attentado, acudiram trazendo por armas foices e machados.

Simeão, esquecendo o golpe que recebera, e o sangue que do hombro lhe corria, deixou um dos negros na sala onde estavão os dous cadaveres e com o Barbudo e o outro negro que levava a lanterna, voltou ao quarto da senhora assassinada, arrombou facilmente a gaveta da velha mesa, e apoderando-se de uma grossa chave, foi ao fundo do quarto, arrancou precipitado uma cortina de chita que cobria pequena parte da parede e mostrando em grande vão que havia nesta uma caixa de jacarandá chapeada de ferro, abrio rapido duas fechaduras, e escancarou a caixa que estava cheia de pequenos sacos contendo moedas de ouro e prata.

Os tres ladrões lançarão-se ao thesouro: ao ruido da colheita dos despojos correo o outro escravo que ficára na sala; immediatamente porém rompeu a vozeria e o estrepito do combate ao pé da casa.

Os quatro miseraveis seguidos de Eufemia, todos carregados de ouro e prata, fugirão precipitados pela porta da cozinha, e ganharão o campo, abandonando os complices, que se batião.

Só de muito longe assobiarão repetidas vezes annunciando a retirada, e mettendo-se logo pelo mato, cada qual cuidando exclusivamente de si.

Simeão contara de mais com as suas forças: ferido, e tendo perdido muito sangue, cahio desanimado, quando procurava saltar a cerca da fazenda.

CONCLUSÃO

O crime espantosamente horrivel não ficou impune. A lei vingou as victimas.

O Barbudo, Eufemia e outros complices achão-se na casa da correcção pagando sua malvadeza.

Simeão subio á forca; estrebuxou e morreu debaixo dos pés do carrasco.

A lei de excepção matou o *escravo* e deixou com vida o Barbudo tão scelerato como elle, ou, se é possivel, mais scelerato que elle.

Tudo isto é profundamente immoral e perverte a sociedade.

E' immoral a sociedade que mata; porque ensina á matar.

E' immoral a excepção da lei na regra mor-

tifera contra o escravo; porque é uma iniquidade de mais imposta embora pela necessidade de aterrar os escravos, necessidade que manifesta as aberrações de todas as noções do direito e da justiça, á que a existencia da escravidão obriga a sociedade, á quem castiga, e de quem se vinga, corrompendo-a.

E' immoral, e deforme; porque é immoral e deforme toda a sociedade, toda a nação, todo o imperio que conserva e mantem em seu seio a escravidão.

Concluamos.

Simeão foi o mais ingrato e perverso dos homens.

Pois eu vos digo que Simão, se não fosse escravo, poderia não ter sido nem ingrato, nem perverso.

Ha por certo alguns homens livres que são perversos: exemplo: o Barbudo.

Essa perversidade é porém uma excepção no homem livre.

Entre os escravos a ingratidão e a perversidade fazem a regra; e o que não é ingrato nem perverso entra apenas na excepção.

Porquanto, e todos o sabem, a liberdade moralisa, nobilita, e é capaz de fazer virtuoso o homem.

E a escravidão degrada, deprava, e torna o homem capaz dos mais medonhos crimes.

A lei matou Simeão na forca.

A escravidão multiplica os Simeão nas casas e fazendas onde ha escravos.

Este Simeão vos horrorrisa?...

Pois eu vos juro que a forca não o matou de uma vez; elle existe e existirá em quanto existir a escravidão no Brazil.

Se quereis matar Simeão, acabar com Simeão, matai a mãe do crime, acabai com a escravidão.

A forca que matou Simeão é impotente, e inutilmente immoral.

Ha só uma forca que vos pode livrar dos escravos ingratos e perversos, dos inimigos que vos cercão em vossas casas.

E' a forca santa do carrasco anjo: é a civilisação armando a lei que enforque para sempre a escravidão.

FIM DE SIMEÃO—O CREOULO.

II

PAE RAYOL—O FEITICEIRO

I

O homem deixa-se facilmente enlevar pelo encanto do maravilhoso e é, explorando este segredo da fraqueza humana que o charlatanismo abusa da simplicidade dos credulos e á custa delles bate moeda na forja da impostura, ou sacrifica á sua corrupção as innocentes victimas que loucamente expontaneas se precipitão nesse perigoso desvio da razão.

Esta observação incontestavel pode-se applicar com inteiro cabimento á todos os tempos e á todas as nações qualquer que fosse ou seja o gráo de sua civilisação.

E' inutil fazer fallar a historia, quando á ninguem lembraria pôr em duvida factos que ainda hoje em todo mundo attestão o poder do

charlatanismo sobre a imaginação dos homens.

Os adevinhos, os cartomantes, os ledores do futuro, os curandeiros mysteriosos multiplicão-se em Paris e em todas as cidades da Europa, onde a impostura desses exploradores da credulidade de muitos e da curiosidade de quasi todos, vai descendo na escala da rudeza, do ridiculo e do grotesco á medida que toma freguezia no seio da população menos civilisada, e que se afasta da cidade para internar-se no campo.

Neste ponto a Europa não póde rir do Brazil; porque o excede muito nas variedades brilhantes e sombrias dessa especie de charlatanismo; mas tambem a capital do imperio do Brazil e nossas mais consideraveis cidades não podem rir do campo ou da *roça;* porque tem dentro de seos muros esse charlatanismo apurado e curioso que ainda não chegou á *roça* e o grotesco, e tambem maligno, que na *roça* é infelismente muito commum.

Na cidade do Rio de Janeiro (e quanto mais nas outras do imperio!) ainda ha *casas de tomar fortuna*, e com certeza pretendidos feiticeiros e curadores de feitiço que espantão pela extravagancia, e grosseria de seos embustes.

A autoridade publica suppõe perseguir; mas não persegue seria e activamente esses embusteiros selvagens em cujas mãos de falsos curandeiros tem morrido não poucos infelizes.

E que os perseguisse zelosa, e vehemente a autoridade publica não poderá acabar com os feiticeiros, nem porá termo ao feitiço, emquanto houverem no Brazil escravos, e ainda além da emancipação destes, os restos e os vestigios dos ultimos africanos, á quem roubamos a liberdade, os restos e os vestigios da ultima geração escrava de quem hão de conservar muitos dos vicios aquelles que conviverão com ella em intimidade depravadora.

O feitiço como a syphilis veio d'Africa.

Ainda nisto o escravo africano sem o pensar vinga-se da violencia tremenda da escravidão.

II

O escravo africano é o rei do *feitiço*.

Elle o trouxe para o Brasil como o levou para quantas colonias o mandarão comprar, apanhar, surprehender, caçar em seos bosques e em suas aldèas selvagens da patria.

Nessa *importação* inqualificavel e forçada do homem, a prepotencia do importador que vendeo e do comprador que tomou e pagou o escravo, poude pela força que não é direito, reduzir o homem á cousa, á objecto material de propriedade, á instrumento de trabalho; mas não poude separar do *homem importado* os costumes, as crenças absurdas, as idéas falsas de uma religião estravagante, rudemente supersticiosa, e eivada de ridiculos e estupidos prejuisos.

Nunca houve comprador de africano importado, que pensasse um momento sobre a alma do escravo: comprara-lhe os braços, o corpo para o trabalho: esquecera-lhe a alma: tambem se a tivesse conscienciosamente lembrado, não compraria o homem, seo irmão diante de Deos.

Mas o africano vendido, escravo pelo corpo, livre sempre pela alma, de que não se cuidou, que não se esclareceo, em que não se fez acender a luz da religião unica verdadeira, conservou puros e illesos os costumes, seos erros, seos prejuizos selvagens, e inoculou-os todos na terra da proscripção e do captiveiro.

O germen lançado superabundante no solo desenvolveo-se, a planta cresceo, floresceo, e fructificou: os fructos forão quasi todos venenosos.

Um corrompeo a lingua fallada pelos senhores.

Outro corrompeo os costumes e abrio fontes de desmoralisação.

Ainda outro corrompeo as santas crenças religiosas do povo, introduzindo nellas illusões infantis, idéas absurdas e terrores quimericos.

E entre estes (para não fallar de muitos mais) fundou e propagou a allucinação do *feitiço* com

todas as suas consequencias muitas vezes desastrosas.

E assim o negro d'Africa reduzido á ignominia da escravidão malfez logo e naturalmente á sociedade oppressora, viciando-a, aviltando-a e pondo-a tambem um pouco assalvajada, como elle.

O negro d' Africa africanisou quanto poude e quanto era possivel todas as colonias e todos os paizes, onde á força o arrastou condemnado aos horrores da escravidão.

No Brazil a gente livre mais rude, néga como o faz a civilisada, a mão e o tratamento fraternal ao escravo; mas adoptou e conserva as phantasias pavorosas, as superstições dos mizeros africanos, entre os quaes avulta por mais perigosa e nociva a crença do *feitiço*.

No interior do paiz, onde mais abunda a escravatura, mais espalhada se encontra a pratica torpe do *feitiço*.

O *feitiço* tem o seo pagode, seos sacerdotes, seo culto, suas ceremonias, seos mysterios, tudo porém grotesco, repugnante, e escandaloso.

O pagode é de ordinario uma casa solitaria, o sacerdote é um africano escravo, ou algum digno descendente e discipulo seo, embora livre

ou já liberto, e nunca falta a sacerdotisa da sua igualha ; o culto é de noute á luz das candêas ou do brazeiro ; as ceremonias e os mysterios de incalculavel variedade conforme a imaginação mais ou menos assanhada dos embusteiros.

Pessoas livres e escravas acodem á noute e á hora aprazada ao casebre sinistro ; uns vão curar-se do feitiço, de que se suppõe affectados, outros vão iniciar-se ou procurar encantados meios para fazer o mal que desejão ou conseguir o favor que aspirão.

Soão os grosseiros instrumentos que lembrão as festas selvagens do indio do Brazil e do negro d'Africa, veem-se talismans rusticos, symbolos ridiculos, ornamentão-se o sacerdote e a sacerdotisa com penachos e adornos emblematicos e de vivas côres, prepara-se ao fogo, ou na velha e immunda meza beberagem desconhecida, infusão de raizes enjoativas e quasi sempre ou algumas vezes esqualida ; o sacerdote rompe em dança phrenetica, terrivel, convulsiva, e muitas vezes como a sibila se estorce no chão : a sacerdotisa anda como douda, entra e sahe, e volta para tornar a sahir, lança ao fogo folhas e raizes que enchem de fummo suffo-

cante e de cheiro activo e desagradavel a infecta sala, e no fim de uma hora de contorsões e de dança de demonio, de anciedade e de corrida louca da socia do embusteiro, ella volta emfim do quintal, onde nada vio, e annuncia a chegada do genio, do espirito, do deos do feitiço, para o qual ha vinte nomes cada qual mais burlesco e mais brutal.

Referve a dança que se propaga: saracotea a obscena negra e o socio, interrompendo o seo bailar violento, leva a cuia ou o vaso que contém a beberagem á todos os circumstantes, dizendo-lhes : « toma *pemba!* » e cada um bebe um trago da *pemba* immunda e perigosa.

Os doentes de feitiço, os candidatos á feitiçaria, os postulantes de feitiço para bons ou máos fins sujeitão-se ás provas mais absurdas e repulsivas, ás danças mais indecentes, ás praticas mais estolidas.

A bacchanal se completa : com a cura dos enfeitiçados, com os tormentos das iniciações, com a concèssão de remedios e segredos de feitiçaria mistura-se a aguardente, e no delirio de todos, nas flammas infernaes das imaginações depravadas, a luxuria infrene, feroz, torpissima quasi sempre desavergonhada se ostenta.

Tudo isto é hediondo e horrivel ; mas é assim.

Não são sómente escravos que concorrem á essas turvas, insensatas e peçonhentas solemnidades da feitiçaria : ha gente livre, simples, credula, supersticiosa que se escravisa ás praticas do feitiço, e vae aos fataes *candombes* sacrificar seo brio, sua moralidade, e sua saude, além do dinheiro que ás mãos cheias entrega ao feiticeiro—mestre.

D'ahi o que resulta mal se tem comprehendido !

Desse culto grotesco, esqualido da feitiçaria sahe o germen da desmoralisação de muitas familias, cujos chefes por superstição e fraqueza são captivos de um escravo, deixando-se dominar pelo grande—feiticeiro.

Sahem delle envenenamentos que matão de subito, ou que aos poucos dilacerão afflictivamente as vidas das victimas.

Sahe delle a conspiração assassina de escravos que levão a desolação á sensalas de parceiros e ás casas dos senhores.

Sahem delle o contagio da superstição, que é um flagello, a aniquilação do brio que é a ruina dos costumes e das noções do dever, a religião do mal, e o recurso ao poder de uma entidade falsa,

mas perversa, que é a fonte aberta de confianças loucas, e de crimes encorajados por uma especie de fanatismo selvagem, que por isso mesmo se torna mais tremendo e fatal.

Essa pratica da feitiçaria organisada, instituida com ceremonias e mysterios, embora repugnantes e ignobeis, é uma peste que nos veio com os escravos d'Africa, que desmoralisa, e mata muito mais do que se pensa, e que hade resistir invensivel á todos as repressões, em quanto houver escravos no Brazil, e ainda depois da emancipação dos escravos, em quanto a luz sagrada da liberdade não destruir todas as sombras, todos os vestigios negros da escravidão que nos trouxe da Africa as superstições, os erros, as miserias, e as torpidades da selvatiqueza.

III

Não ha fazendeiro prudente ou ajuizado que tolere dentro de sua fazenda a pratica da feitiçaria: algum, e tem havido exemplos, que apadrinhou essa brutal impostura, foi desgraçado infecto dessa louca superstição e acabou della victima.

As casas do escandaloso culto do feitiço, ou dos *candombes* isolão-se instinctivamente, escapão ás mais das vezes a acção dos proprietarios de terras, encantonando-se em lugar ou refugio independente, que só receia a perseguição da policia a qual sómente se lembra da sua existencia, se o candombeiro é emancipado, ou livre, e como tal póde votar em eleições: fóra desta hypothese o candombeiro faz pratica de feitio

çaria e a policia dorme sem jámais sonhar com essa entidade malvada.

Mas em muitas fazendas ha dissimulado, sinistro, fatal o negro feiticeiro.

E o negro feiticeiro é um perigo real de todos os dias.

Os outros escravos, se o conhecem, o temem, procurão torna-lo amigo com bajulações, prezentes, serviços e obrigada submissão: se o não conhecem, sentem-no em males que experimentão.

Em regra que poucas excepções concede, o negro escravo acredita no poder do feiticeiro, como o velho mulsumano no alcorão de Mahomet.

E o senhor não está á coberto da acção perversa desse tremendo ou insensato charlatão que se chama feiticeiro.

Insensato charlatão, dizemos; porque não é raro que o miseravel fatuo em sua profunda e vaidosa ignorancia se presuma dotado de malefico e sobrenatural poder.

Mas que é na realidade o negro escravo feiticeiro? em que consiste a sua faculdade de fazer mal impunemente? qual é a fonte de sua força, da sua influencia activa e funesta?

O feiticeiro das fazendas e dos estabelecimentos ruraes ainda mesmo dos mais modestos é, se infelizmente entre os escravos existe, o negro herbolario, o botanico pratico que conhece as propriedades e a acção terrivel de raizes, folhas e fructas que debilitão, enlouquecem, e fazem morrer o homem; que abatem com as forças physicas a força moral do homem, e ao que elles chamão—*amansar* o senhor; que excitão a luxuria, e os instinctos animaes, que atacão o cerebro e corrompem a razão, que envenenão pouco a pouco dilacerando o estomago e os intestinos até matar no fim de horriveis tormentos, ou que de repente, em poucas horas, em breves minutos assassinão, como o tiro do bacamarte; mas sem o ruido do tiro do bacamarte.

Quem deu essa sciencia ao negro analphabeto e ignorante ?... a rude experiencia propria ou a revelação fraternal que o prepararão na Africa e que mais o armão, escravo na colonia escravagista: iniciado nos venenos vegetaes d'Africa, o negro atiçou a intelligencia para fazer o mal, vendo-se escravo; recolheu e guardou a rude sciencia dos olhos que distinguem as plantas; onde foi, procurou, experimentou, achou ve-

getaes veneficos ; conheceu uns pela experiencia de outros escravos, foi insaiando muitos nos animaes domesticos, no gado da fazenda ; no aspecto, no sabor, no cheiro advinhou ás vezes o veneno nas flores, nos fructos, nas raizes do *sipó*, do arbusto, da arvore, preparou assim sua sciencia pratica, misturou-a com sacrilegas rezas com imprecações e votos despreziveis e com uma chymica extravagante, immunda, nojenta que compõe cosimentos, e infusões em que dez ou mais substancias inertes ou apenas asquerosas se ajuntão com uma que é o veneno que opera.

O feiticeiro não é mais nem menos do que um propinador de venenos vegetaes.

Mas basta isso para torna-lo formidavel.

Poucos restão dos negros africanos feiticeiros; dos que porem já morrerão muitos passarão aos parceiros predilectos, aos filhos despresados com elles nas senzalas, aos curiosos que souberão pagar bem a sciencia que invejavão, os segredos fataes do envenenamento com as suas variedades multiplas.

Herbolarios tremendos os escravos feiticeiros tem escondidos no bosque, e sempre á mão, e sempre certos de serem achados os

punhaes invisiveis, os tiros sem estrepito, os venenos ignorados, com que estragão a saude, ou apagão a vida daquelles de quem se querem vingar, ou á quem se resolvem á matar.

E muitas vezes vão cadaveres ao cemiterio da freguezia, e ao ve-los passar o feiticeiro ri..... ri, porque é sua colheita de morte, e elle é algoz disfarçado, insuspeito e scelerato.......

Ha por esse interior nas fazendas e nos sitios molestias que não se explicão, mortes de senhores e de escravos que se affigurão misteryosas, ataques repentinos de loucura, abatimentos da vontade e da energia do senhor que se reduz á inerte machina sem força physica, e a objecto da zombaria dos seus escravos: uns lamentão, outros chorão: é raro que haja quem se empenhe em aprofundar a origem e as cauzas de semelhantes successos sinistros, e só o feiticeiro ás escondidas ri........

Em uma fazenda, em um sitio, em qualquer parte, onde exista e se dissimulle, o feiticeiro é peste, e flagello terrivel.

E sempre que pozerdes a mão em um desses feiticeiros, encontrareis nelle um negro escravo........ ou algum seu iniciado.

E tomai sentido e precauções, o escravo,

não nos cansaremos de o repetir, é antes de tudo natural inimigo de seu senhor; e o escravo que é feiticeiro, sabe matar.

IV.

Paulo Borges era um rico fazendeiro do municipio de..... na provincia do Rio de Janeiro; no tempo do começo deste romance que é a historia resumida do mais triste periodo de sua vida, contava elle quarenta e seis annos de idade. Imaginai um homem alto com os cabellos castanhos e crespos mas nem sempre penteados, fronte um pouco baixa sob sobrancelhas bastas, olhos pretos e bellos, nariz aquilino, boca rasgada, e labios grossos e eroticos, rosto oval e de còr que devera ser branco-rosado, se o rigor do sol não o tivese bronzeado: magro sem exageração ou antes seco de musculos, peitos largos e mãos engrandecidas e callejadas pelo trabalho,

e tereis diante de vós Paulo Borges physicamente considerado.

A simplicidade e quasi pobreza do seu trajar que desconhecia o imperio das modas e a escolha de finos tecidos, seus modos rudes, sua actividade constante, uma certa aspereza artificial de genio, presidindo ao governo e disciplina da fazenda; a frugalidade e a economia do seu viver, o escrupulo religioso no cumprimento da palavra dada e a diligencia excessiva no trabalho, mostravão nesse homem o typo do lavrador honrado, mas sempre ambicioso de duplicar, de centuplicar seos capitaes, o typo do lavrador que hoje raramente se encontra, do pobre rico que se subtrahia ao mundo, e só queria conhecer a roça e a casa, os escravos e a familia, trabalhando sempre, gastando pouco, ajuntando muito, e não pezando a nenhum outro homem como elle.

Paulo Borges cazara-se aos quarenta annos de idade com uma senhora ainda joven, simples de costumes, honesta, laboriosa, áffeita á vida rural dos fazendeiros, e que trouxera ainda ao marido alguns contos de réis de dote: em seis annos Thereza já tinha dado á seu esposo dous filhos, cuja creação não a poupava aos cuidados domesticos e aos que particularmente corrião

por sua conta na fazenda, isto é a direcção da dispensa, da enfermaria, e da grosseira rouparia dos escravos.

O cazamento não modificára os costumes do fazendeiro : a sua voz retumbante annunciava ainda mais do que o sino da fazenda a alvorada e a hora do começo do trabalho: Paulo Borges tomava uma chicara de café que Thereza lhe trazia, e logo seguia para a roça, onde almoçava e jantava á sombra das arvores: muitas vezes armava-se da enchada ou da fouce e excitava os escravos com o seo exemplo, e quando isso não fazia, dispunha no meio delles e em alta voz o serviço: o sol entrado, voltava para casa coberto de suor e pó ; mas infatigavel e feliz : era assim que passava annos inteiros, á excepção dos domingos e dias de guarda, nos quaes ficava em casa; donde nunca ou só por extraordinaria excepção sahia sómente para casos de negocio importante.

Paulo Borges tinha essa especie de preoccupação que é um máo calculo infelizmente muito commum entre os nossos fazendeiros e lavradores, o empenho sempre activo de comprar terras para estender ás que já possue ás vezes de mais, e de multiplicar tambem a escravatura, esque-

cendo os meios de supprir muitos braços, poupando o capital: ainda bem que a força da necessidade e a lição da experiencia tem já introduzido em muitas fabricas as machinas e os processos que economizão tempo, gente e dinheiro, e na preparação e limpa das plantações e sementeiras os instrumentos que produzem igual resultado. Quanto ao gosto decidido de *arredondar* as terras possuidas, comprando novas e contiguas, o costume continúa a ser lei.

Paulo Borges pois era dominado por esse *fraco* da sua natureza de lavrador mais que abastado: onde havia terras á vender junto ou perto das suas, elle as tomava ainda por elevado preço, immobilisando assim avultadas sommas; se noticias lhe chegavão de arrematação de escravos na villa, ou de venda de alguns nas proximidades da sua fazenda, arrancava-se aos encantos da roça, e lá hia realisar a compra: jamais se occupara de tomar informações sobre a moralidade, ou antes sobre os gráos de desmoralisação da gente que introduzia na sua fazenda, nem lhe importava a celebridade ruim de um ou outro escravo: não comprava homens, comprava machinas: queria braços e não corações: alem disso tendo fama, e gabando-se de senhor severo e forte, entrava nos

seus timbres *amansar* os negros altanados e incorrigiveis.

Tambem na fazenda os castigos crueis poucas vezes se observavão; porque a certeza delles nos casos graves desanimava os escravos mais audaciosos que sabião como o senhor nunca punia sem razão, e nunca perdoava, quando a tinha para castigar.

Cinco annos depois do seo casamento Paulo Borges deixou de ir á roça uma manhã; deo suas ordens á um escravo que na sua falta servia de feitor, vestio-se com algum esmero, e almoço acabado, tomou o chapéo para sahir.

— Isto é novidade grande, senhor Paulo; disse-lhe a mulher que era sempre alheia aos negocios externos de caza.

— Ha hoje arrematação de escravos na villa; são vinte e acostumados já a lavoura da canna e ao serviço do engenho....

— Já temos tantos... mais de cem...

— Tomára eu mil... tu me das um filho de dous em dous annos, e ahi estás á empurrar-me com o volume do terceiro que não tarda á saltar no mundo, e não queres que eu prepare futuro para a nossa ninhada?

Thereza sorrio-se convencida.

Paulo Borges montou á cavallo, partio á galope, e á tarde voltou, trazendo diante de si vinte escravos, vinte homens, uns miseras machinas vivas trasendo no rosto a expressão da indifferença estupida e da imbecilidade ; outros cabisbaixos, apprehensivos e profundamente melancolicos.

Entre elles vinha pae-Rayol, um negro feio e já desfigurado por molestia ou por castigos.

Thereza, que acudira á receber seu marido, ao correr com os olhos os seos novos escravos, sentio um movimento de repulsão, vendo o pae-Rayol, e voltando o rosto, disse baixo á Paulo Borges.

— Que má cara tem este negro!

Pae-Rayol ouvio a observação da senhora, que o apontara com o dedo ; mas ficou imperturbavel, frio, indifferente, como se nada tivesse ouvido.

V

Pae-Rayol passára nesse dia ao seo quinto senhor.

Era um negro africano de trinta á trinta e seis annos de edade, um dos ultimos importados da Africa pelo trafico nefando: homem de baixa estatura tinha o corpo exageradamente maior que as pernas; a cabeça grande, os olhos vesgos, mas brilhantes e impossiveis de se resistir a fixidade do seu olhar pela impressão incommoda do strabismo duplo, e por não sabermos que fluição de magnetismo infernal: quanto ao mais mostrava os caracteres physicos da sua raça; trazia porém nas faces cicatrises vultuosas de sarjaduras recebidas na infancia: um golpe de azorrague lhe partira pelo meio o labio su-

perior, e a fenda resultante deixara a descoberto dous dentes brancos, alvejantes, pontudos, dentes caninos que parecião ostentar-se ameaçadores ; sua boca era pois como mal fechada por tres labios, dous superiores e completamente separados, e um inferior perfeito : o rir alias muito raro desse negro era hediondo por semelhante deformidade : a barba retorcida e pobre que elle tinha mal crescida no queixo, como herva mesquinha em solo arido, em vez de ornar afeiava-lhe o semblante : uma de suas orelhas perdera o terço da concha na parte superior cortada irregularmente em violencia de castigo ou em furor de desordem e finalmente braços longos prendendo-se á mãos descommunaes que descião a altura dos joelhos completavão-lhe o aspecto repugnante da figura mais antipathica.

Pae-Rayol tinha má reputação : fôra vendido uma vez, e tres vezes revendido pela desordem em que punha os parceiros, pelos furtos que incorrigivelmente praticava, e por suspeita de propinação de veneno á uma escrava que resistira á seos desejos impetuosos, e em breve morrera subitamente logo depois de aceitar e beber um copo de aguardente que elle lhe offerecera á porta de sua senzala. Alem disso, o negro se fi-

zera temivel pela audacia de seo animo, e força physica ainda mais avultada pela agilidade e presteza de movimentos nas lutas. No poder de seos tres primeiros senhores provara os mais duros castigos: esperimentára por mais de uma vez as dolorosas solidões do tronco, e os tormentos do açoite no poste horrivel, onde se amarra o padecente, a victima, criminosa embora.

Em seu quarto captiveiro que breve terminou pela morte do senhor, parecera emfim menos intrigante e perturbador da harmonia dos miseros parceiros; mas soffrera ainda por vezes severos castigos pela descoberta de sua frequencia reincidente e teimosa nos *candombes* de uma negra liberta e famosa feiticeira. Pae-Rayol acabára por dobrar-se humilde ás condições da escravidão, e nos ultimos mezes de vida de seu quarto senhor que aliás morreu de ulcerações no estomago e intestinos, vegetou, existio silencioso e triste na fazenda, trabalhando de dia na roça, e passando as noutes recolhido na senzala.

Pretendião os outros escravos seos parceiros que essa inexperada e completa metamorphose de pae-Rayol, o incorregivel, era devida aos seos felizes amores com a creoula Esmeria, que com elle convivia e o dominava.

A morte do senhor, o subsequente inventario e as partilhas da casa por elle deixada, a necessidade do pagamento de dividas emfim determinarão essa arrematação de vinte escravos, de que se aproveitou Paulo Borges, á quem aliás não foi estranha a historia do pae-Rayol, e que se applaudio de contar entre os vinte arrematados a creoula Esmeria que tornára pacifico, tranquillo e sujeito o indisciplinado africano.

Paulo Borges não dava importancia á essas ligações de escravo e escrava; mas pois que a do pae-Rayol e de Esmeria lhe aproveitava, reputou afortunada a compra que mantinha a consoladora sociedade do negro e da negra que se dizião amar.

E recolhidos os vinte novos escravos á fazenda, Paulo Borges mandou-os procurar e escolher senzalas, abandonando á seos instinctos, e deixando em liberdade de convivencia o africano Rayol, e a creoula Esmeria.

VI

Naturalmente Paulo Borges e Theresa conversárão sobre os seus novos escravos, e a senhora ouvio do marido a historia dos máos precedentes do pae Rayol e da influencia benefica e feliz com que a creoula Esmeria corrigira ou fizera ao menos adormecer seu genio perverso.

Theresa lembrou-se da impressão repulsiva que experimentára vendo o negro; sentio que a sua antipathia achasse explicaveis fundamentos, e gostando que uma escrava tivesse podido domar o escravo enfezado e indisciplinavel, pois que por fim de contas era sempre a mulher dominando o homem da sua igualha ou condição, teve curiosidade de ver Esmeria, e no dia se-

guinte,quando ao anoitecer chegárão os escravos da roça, mandou-a chamar.

A negra obedeceu logo; mas chegou com evidentes signaes de acabrunhadora fadiga.

A senhora esteve algum tempo a olhar e a considerar a escrava.

Esmeria era uma crioula de vinte annos com as rudes feições da sua raça abrandadas pela influencia da nova geração em mais suave clima; em seus olhos, porém, e no conjuncto de seus traços phisionomicos, havia certa expressão de intelligencia e de humildade que agradou á senhora.

Theresa achou que Esmeria tinha *boa cara.*

Tendo acabado o seu silencioso exame, a senhora disse á escrava:

— Parece que te cansou muito o serviço de hoje... és então fraqueirona...

— Hei de me acostumar, minha senhora... sou forte para o trabalho.

— Como é isso? não estavas acostumada?

— A' enchada não, minha senhora; mas tudo é serviço... amanhã trabalharei melhor...

— Que fazias em casa de teus antigos senhores?

— Lavava, engommava; mas quasi sempre

estava na cozinha e ajudava minhas senhoras a fazer doces.

— Ah! eras escrava de dentro... és boa cozinheira? deixa ver os dentes.

Ismeria mostrou duas ordens de dentes brancos, iguaes e perfeitos.

— Sabes costurar?

— Sei, minha senhora.

— Vai descansar.

A crioula tomou a benção á senhora, e retirou-se com os olhos baixos e com alegre esperança no coração.

Theresa ficára reflectindo; a escrava lhe convinha para o serviço domestico; receiava, porém, perturbar as suas relações frequentes com o Pae-Rayol, de quem a suppunha util refreadora de malvados instinctos; assentou porém que tudo se resolveria convenientemente, retendo em casa a escrava de dia, e dando-lhe a liberdade da senzala durante a noite.

Restava disputar á Paulo Borges uma enxada da sua roça; mas Thereza conhecia bem o caracter de seu marido, e o amor um pouco aspero, porém real e profundo que lhe devia.

A primeira palavra que a mulher pronunciou, pedindo-lhe Esmeria, Paulo Borges fez-se car

rancudo, e bradou que tinha a casa já cheia de negras vadias.

— Está bem; disse Thereza; não fallemos mais nisso.

E ella não fallou; mas ficou levemente contrariada e triste.

Paulo Borges entrou, sahio, tornou a entrar dez vezes na sala de jantar, e a sahir d'ella outras tantas: por fim não sahio mais, acabando por ser elle quem pedio á Thereza para aceitar Esmeria.

Está entendido que a creoula não voltou mais a roça.

Era uma escrava esperta, habil e activa: creára com o fingimento mais friamente calculado uma segunda natureza para o seu viver na escravidão; sua humildade nunca se desmentia, sua disposição alegre no trabalho a tornára estimada da senhora, pela sua intelligencia, agilidade e zelo valia ella só duas ou tres escravas.

Esmeria lavava, engommava e costurava bem; mas sobre tudo na cosinha nenhuma das parceiras a igualava.

Não tinha vontade que não fosse a de sua senhora: aceitou a liberdade da senzala durante a noite, como se obedecesse á uma ordem.

Carinhosa e paciente com as crianças, tinha sempre uma cigarra, um ninho roubado aos pasarinhos, um objecto de distracção para os pequeninos senhores moços, um menino e uma menina que por isso a procuravam de continuo.

Thereza abria seu coração de mãe ao reconhecimento suavissimo daquelles carinhos da creoula.

A escrava pouco e pouco hia por sua vez captivando a senhora.

Paulo Borges admirava e louvava o acerto de sua esposa.

Thereza fallando de Esmeria em suas intimas conversações com o marido, repetia-lhe sempre:

— Esta escrava foi a minha *sorte grande*, senhor Paulo; não se encontram duas assim.

VII

Esmeria não era o que parecia: coagida pela força que não podia rebater, á supportar a escravidão que debalde detestava, preparára com atilado juizo a sua segunda natureza, o difficil mas seguro processo, a melhor combinação de proceder para tornar menos dolorosa e torturadora a sua vida de escrava.

Refinára o fingimento.

Via nos filhos de seus senhores futuros e aborrecidos oppressores, e beijava-lhes os pés que ás vezes desejava morder.

Tinha para os labios risos de falsa alegria nas horas de aborrecimento, de melancolia, e de aversão á ferver.

Luzia-lhe nos olhos o amor da senhora, que

a amava e distinguia, e lhe dispensava favores, e no fundo do coração maldiza della, só porque ella era sua senhora: espiava lhe a vida, almejando descobrir fraquezas, erros, e offensas ao dever; invejava-lhe os vestidos, os gozos, a condição; em muda ousadia comparava-se com Thereza, e em sua louca vaidade pretendia ser mais bonita, mais bemfeita, mais seductora que ella.

Desconfiada e egoista, não tinha nem franqueza nem lealdade com as parceiras: de todas simulava-se amiga, de nenhuma denunciava nem escondia as faltas; se podia compromettelas sem comprometter-se, fazia-o para mais recommendar-se ao animo e ao coração da senhora.

Testemunhava indifferente, com seriedade que podia indiciar sentimento, mas sem dôr e sem piedade os castigos que as outras escravas recebiam ás vezes.

Em resumo, Esmeria era um composto de dissimulação profunda, de egoismo enregelado, e de aversão abafada.

Não bebia, e detestava o fumo: escrava, desconhecia as duas repuguantes consolações da escravidão, a dupla embriaguez da aguardente e do cachimbo; mas em compensação era possessa do demonio da luxuria, que é o demonio

torpe que desenfreia os instinctos animaes do escravo, unicos qne o mantém animal á despeito da prepotencia que teima em reduzi-lo á simples *cousa* material.

Mas ainda nesse phrenesi dos sentidos Esmeria occultava na sombra o seo vicio dominante e furioso : amava os amantes de sua raça, preferia-os á todos os outros ; mas em sua vaidade descommunal e egoista envergonhava-se delles, desejaria sepulta-los ignotos no mysterio de suas noutes escandalosas ; tomava precauções, imaginava ridiculos e impossiveis segredos, e aspirava a fortuna do amor, da posse, da paixão delirante de um homem livre e rico.

Como outros Paulo Borges e Thereza se havião enganado, dando importancia as ligações da Esmeria com o Pae-Rayol, e acreditando na influencia da creoula sobre o escravo africano.

Esmeria fôra amante de pae-Rayol outr'ora, e só durante algumas semanas ou mezes.

Um e outro separarão-se em breve sem accordo resolvido, mas de accordo expontaneo, sem resentimento e com a ampla tolerancia e a illimitada indifferença da sociedade escrava.

O que resultou dessa ligação ephemera foi o contrario do que imaginára a credulidade.

Não era Esmeria que dominava o pae-Rayol pelo encanto do amor, á que o refalsado negro africano nunca seria susceptivel de dobrar-se ; era a possessão como magnetica da creoula pelo Pae-Rayol que sujeitava ella a elle.

O escravo incorregivel fatigara-se do tormento dos açoites, concentrara seus odios á todos os brancos, e á todos os senhores, e por adoptado plano se deixara acreditar sopeiado, arrependido e sujeito.

Esmeria não domára a seu amante de alguns dias, e fôra alheia á sua apparente resignação.

Do amor passageiro dos dous escravos, amor que por acaso renascia para tornar a morrer, como as inexpiradas e rapidas exhalações electricas que radião por momentos, rasgando o espaço, o que resultou não foi a influencia benefica de Esmeria sobre o Pae-Rayol foi a influencia satanica do Pae-Rayol sobre Esmeria.

A creoula não amava ; temia porém o africano : longe delle pronunciava o seu nome sempre em tom de voz respeitosa, e quando o via perto, acudia-lhe ao chamado, obdecia-lhe ao aceno, e executava prompta e como escrava á ordem que ella interpretava scintillando desconcertada nos olhos vesgos.

D'onde vinha esse imperio do pae-Rayol, a que tão submissa se curvava Esmeria? os escravos teimavão em dizer que os dous erão amantes, e que a creoula, embora muito infiel, se fingia docil e sujeita ao feio negro para melhor senhorea-lo.

O Pae-Rayol ouvia com indifferença esses juizos; mas a verdade era que Esmeria com toda sua viveza acreditava nos prodigios do feitiço, e considerava aquelle africano abalisado feiticeiro; durante sua mais frequente ligação com elle pudera ser testemunha de sinistros processos de feitiçaria pelos quaes o mal, o damno premeditado se realisava infallivel; vira em escondido deposito folhas sêcas, raizes, pós, pennas negras, garras de abutres, óssos humanos e cem outros objectos de mysteriosas e sempre maleficas propriedades, quando a sciencia do feitiço os combinava.

Uma vez Rayol conduzio Esmeria ao bosque, e parando em um lugar onde mais se cerrava o cipoal assobiou por vezes, imitando os silvos das serpentes; em breve acudirão uma depois de outra tres cobras ameaçadoras: o negro fixou os olhos sobre ellas, segurou junto da cabeça em uma que se enrolou em seu braço, depois

deixou-a livre e assim enrolada, ameigou-a, tirou-a do braço, guardou-a no seio, e por fim soltou-a no chão. e emquanto a creoula recuava tremendo de medo, repetio o mesmo brinco, ou a mesma operação com outra cobra.

Sahindo do bosque a creoula ainda assustada perguntou :

— Para que você faz isto, pae-Rayol ?...

—Pae-Rayol pede: disse o negro com ostentação

— Um dia alguma cobra hade morde-lô e matal-o.

Rayol rio-se friamente e respondeu no mesmo tom :

— Pae Rayol é rei das serpentes.

O escravo africano vizava um fim em todo esse seo proceder com a creoula: era ataranta-la, causar-lhe medo, captiva-la, prende-la com os prestigios do seo poder, e tornal-a cego instrumento de sua vontada em algum caso que premeditava.

A morte de seu senhor, e a sua subsequente mudança de captiveiro annullarão os projectos que elle concebera, e estava disposto á pôr em execução, e por isso embora arrematado com Esmeria, o Pae Rayol, della pouco se occupava.

Mas Esmeria rendia sempre ao Pae Rayol o culto do terror.

VIII.

Paulo Borges tambem suppoz, como Thereza, ter achado sua *sorte grande* entre os vinte escravos que arrematara.

O Pae-Rayol era a melhor enchada da sua roça: á frente do eito elle avançava, cavando a terra, como o soldado intrepido e rompente que marcha ávante, ganhando o campo ao inimigo; manejava a fouce, ou descarregava o machado com a impetuosidade do enthusiasmo pelo trabalho; não parava para enxugar o suor com que o esforço braçal, e o calor ardente do sol fazião inundar-lhe o rosto, e o corpo, e apenas alguma vez olhava para um e outro lado para ver, se algum dos parceiros tentava, ou estava prestes á emparelhar-se com elle.

Paulo Borges admirava-lhe em silencio o amor do trabalho; mas Rayol não trabalhava com amor, trabalhava com raiva: dir-se-hia que intimamente revoltado contra a violencia que o tornara escravo, provocava a fadiga, atormentava-se nos deveres obrigados da escravidão para mais atiçar as furias qüe esta acendera em seo seio.

O Pae-Rayol ao menos não simulava amar o senhor: se as vezes e bem raras o olhava, ninguem podia dizer o que exprimia o seu olhar de completo e duplice stravismo: era um olhar de odiento furor assassino que se entranhava nos angulos sombrios das palpebras negras.

Esse escravo africano era a concentração mysantropica na sepultura do silencio: nunca fallava aos parceiros na roça, e só com monosyllabos, ou com respostas de concisão desanimadora cortava as tentativas de amiga conversação: despresava, aborrecia os escravos porque a experiencia o convencera de que a ignominia da sua condição os fizera vis, cobardes, e incapazes de obdecerem á sua voz no empenho de horrivel conflagração, que muitas vezes imaginara, e calculara possivel.

O Pae-Rayol era pela escravidão victima, e

pela organisação ou por sua natureza máo : a reacção dos sentimentos da victima, e os instinctos, as inspirações da natureza má o tornavam fera ; mas em sua ferocidade estava longe de ser leão, era leopardo.

Desenganado dos irmãos escravos, detestando essa fraternidade que não lhe facilitava seguros instrumentos de immenso mal, de guerra assassina contra os senhores, elle contava só comsigo e em si proprio se embrenhava.

Fóra do serviço o Pae-Rayol abrigava-se em sua senzala que demorava isolada no cabeço de uma colina do campo, tendo em sua frente pedregoso precipicio: elle não tinha, não procurava, nem aceitava amigos : ninguem o via rir, nem lhe ouvia queixas : nas noutes dos dias de trabalho nunca sahia da fazenda : era certo na sua senzala.

Nos domingos e dias sanctificados fazia ligeira visita á venda para prover-se de agoardente e fumo : depois pedia em casa a sua ração e internava-se nas florestas, ou divagava pelos matos novos, e recolhia-se á noute.

Que hia o Pae-Rayol fazer ás florestas, e aos matos novos? alguns o reputavão caçador porque algumas vezes elle trazia de volta animaes

e aves que conseguia apanhar em laços e *mundéos.*

Só Esmeria acertava, dizendo entre si :

— O feiticeiro foi colher folhas, fructos e raizes que bem conhece, e brincar com as cobras venenosas, porque é dellas o rei.

Com effeito o Pae-Rayol estudava com a sua rudissima pratica a flora das matas vesinhas da fazenda : achava e colhia nellas plantas veneficas suas conhecidas, e descobria novas, cujas propriedades suspeitas experimentava.

Pae-Rayol se armava, preparava e enriquecia o seu arsenal : o feiticeiro não passa de envenedador: é o assassino charlatão.

Sobre o mysantropo negro pezava a fama antiga de feiticeiro; mas na vizinhanças da fazenda de Paulo Borges havia uma casa de candombes ou de cultos de feitiçaria e o Pae-Rayol nunca se lembrára de visita-la.

O toque nocturno da puita, do uricungo e do pandeiro selvagem alvoroçava ás vezes os escravos que em suas senzalas, lembrando as danças da Africa, choravão saudosos, ou alguns venciam o medo dos castigos, fugindo da fazenda para onde os chamavam as musicas grosseiras, mas recordadoras da patria. O Pae-Rayol

nem por esse encanto se deixára jamais vencer, ou seduzir: a voz do escravo feitor que procurava informar-se das ausencias severamente prohibidas, era sempre respondida pelo escravo da senzala isolada.

Paulo Borges que zombava da crença do feitiço e que não esquecia o vigor fervente da sua melhor enchada, desprezava as suspeitas de feitiçaria que desabonavão e comprommettiam o seu escravo mais diligente e mais socegado.

Pae-Rayol portanto se abysmava em si proprio, nas ruminações dos padecimentos da sua mizeravel condição, nas ebulições da sua maldade irritada, na furia comprimida de sua vingança de aspirações ferozes.

O seu silencio era como o gelo que cobre o Hecla. O silencio cerrava os labios, o volcão estava mal contido no peito, que anciava por abrir a cratera, e arrojar as lavas destruidoras.

O escravo vivia na senzala solitaria, rumirando, atiçando, incandescendo o odio ao senhor, e cogitando sobre os meios mais perfidos, mais terriveis e mais efficazes para satisfazer esse odio.

O natural inimigo do senhor velava....

A senzala do escravo ameaçava, como sempre, a casa do senhor.

IX

O Pae-Rayol era o demonio do mal e do rancor.

Para espalhar a desolação, derramar sangue, assentar-se no throno medonho das ruinas, alimentar-se com os gemidos e com os arrancos da agonia, e rir medonhamente sobre os horrores da morte, inventaria pretextos, e em falta de pretextos serviria sem remorsos ao impulso dos instinctos perversos, vangloriando-se da perversidade.

Na fazenda de Paulo Borges Pae-Rayol ainda não tinha soffrido castigo algum e seu senhor, embora não lh'o dissesse, estava tam satisfeito delle, que já por duas vezes o mandára feitorar os parceiros : no desempenho dessa tarefa re-

quintára de severidade, e os pobres escravos viram-se de continuo excitados ao trabalho á golpes de açoite manejado por mão tambem de escravo. Pae-Rayol os flagelára por systema; o açoute é que as mais das vezes provoca o desespero e a furia da escravidão.

Sem pretextos para aborrecer o senhor, aborrecia-o e desejava-lhe mal sómente porque era seu senhor; para detestar a senhora, seu coração ruim aproveitára um futil pretexto, guardando rancoroso a lembrança da impressão repulsiva que causára a Theraza e das palavras que a ouvira dizer em voz baixa ao marido:

— Que má cara tem este negro!

Tudo serve ao odio do escravo; o simples e incalculado movimento de antipathia de uma senhora susceptivel, e até innocente repugnancia, ou o medo infantil de uma criança.

Luiz, o filho mais velho de Paulo Borges e Thereza, menino de quatro annos, tinha um dia visto chegar da roça o Pae-Rayol e desatára a chorar assustado; sua mãi corrêra a tomal-o nos braços, e, perguntando-lhe porque chorava, o pobre anginho apontára para o feio escravo, e dissera a soluçar:

— E' o *zumbi*.... o *zumbi*....

O *zumbi* era um monstro negro e imaginario, heroe sinistro de estupidas e horriveis historias, com que as escravas, em vez de entreter, assombravam o nervoso menino com a mais lamentavel e perigosa inconveniencia. o que aliás é infelizmente muito commum em nossas familias.

O medo sentido por Luiz passou á Ignez, sua irmãsinha de dous annos, que tambem tremia e chorava, quando por acaso via Pae-Rayol.

O malvado escravo tomou em rancor as duas crianças, como tinha tomado em rancor Thereza, e como, sem pretexto algum, nutria igual sentimento pelo senhor.

Mas Pae-Rayol, já amestrado, contando só comsigo, temendo o açoute que por vezes lhe cortára as carnes, convencido de que em traiçoeiro segredo melhor e mais seguro podia ser damnoso aos senhores, refalsado ostentára submissão triste, obumbrada, mas completa e tranquilla, e na solidão de suas noutes e no silencio do seu viver, preparava a guerra.

Ha nas fazendas, em algumas ou em muitas ao menos, series, correntes de infortunios, periodos de adversidades, que os lavradores sómente explicam, accusando a sua *infelicidade*.

Em certos casos são coincidencias filhas de erros que não se querem reconhecer; em outros acontecimentos nocivos, cuja explicação escapa á intelligencia das victimas; em muitos a fonte da infelicidade teimosa está no odio natural e disfarçado dos escravos.

Os escravos prejudicam aos senhores cem vezes mais do que estes calculam pelos dados da observação dos factos patentes.

Elles prejudicam aos senhores:

Trabalhando machinalmente, sem idéa de melhoramentos, de progresso e de aperfeiçoamento do systema de trabalho, sem os incentivos de interesse proprio e com desgosto e má vontade;

Furtando nas roças, nas fabricas e nos armazens productos que vão vender para embebedar-se, o que ainda diminue as forças, quando não compromette a saude e rouba ao trabalho dias passados na enfermaria;

Suicidando-se subitamente, ou aos poucos, quando por nostalgia, enfesação ou desespero morno e profundo contrahem e alimentam enfermidades que acabam por matal-os;

Fugindo á escravidão por dias, semanas, mezes ou para sempre, e nos quilombos, sedu-

zindo outros escravos para fugir como elles;

Não poupando o gado e os animaes, não zelando os instrumentos ruraes, não comprehendendo a necessidade de cuidados, não tendo nem podendo ter amor á propriedade do senhor, não se occupando das perdas ou dos lucros do senhor;

Fazendo perdurar a rotina, e o trabalho materialisado, e por sua indifferença, estupidez e e desmazello, contrariando, annullando e desacreditando processos, invenções, machinas que economisam tempo e braços, e que explorados pela intelligente execução do homem livre e interessado, offerecem resultados que augmentam a riqueza;

E sem fallar na influencia immoral, corruptora da escravidão, os escravos muitas vezes prejudicão aos senhores cem vezes mais do que estes calculão, fazendo refalsada e mysteriosa mente o damno que podem.

O Pae-Rayol é um exemplo. Basta um escravo perverso para a sementeira de ruinas.

Seis mezes depois da arrematação dos vinte escravos, que forão seis mezes de paciencia e

calculo para o Pae-Rayol, a fortuna começou a desandar na fazenda de Paulo Borges.

Os bois e as bestas morrião, e não havia peste: tornarão-se evidentes os signaes de envenenamento, e o fazendeiro explorou o campo, e os pastos, ordenando limpa geral na suspeita de vegetação de hervas veneficas.

A limpa poz termo á destruição dos animaes: o prejuizo porém tinha sido relativamente enorme: Paulo Borges teve de remontar a fazenda.

Semanas depois em uma noute de violenta ventania o sino tocou desesperadamente á fogo, e Paulo Borges que saltara da cama, e os escravos que acudirão das senzalas, virão, correrão a atalhar o incendio que estalante devorava o immenso cannavial, animadora esperança de pingue producto do trabalho do ultimo anno: o vento ajudava as lingoas de flammas: dous terços do cannavial ficarão carbonisados.

Alguns mezes ainda: as hervas tinhão de novo sem duvida rebentado da terra, e outra vez as bestas, os bois, os carneiros morrerão ás dezenas.

O anno era fatal: Paulo Borges maldizia da sua *infelicidade*, e principiava á desconfiar de tam repetidos infortunios: ameaças terriveis

sahirão de sua boca, e o Pae-Rayol um dia apresentou ao senhor um punhado de hervas.

— Que é isso ? perguntou-lhe Paulo Borges.

— E' o que mata o boi e a besta, respondeu o escravo.

Segunda limpa geral do campo e dos pastos foi executada sob a direcção de Pae-Rayol e a mortandade cessou.

O fazendeiro tinha perdido em um anno o que não poderia ganhar com o trabalho de dous.

Mas que fazer ?... era a *infelicidade.*

E ainda bem que o Pae-Rayol tinha, embora um pouco tarde, descoberto a herva que matava os animaes : era uma vegetação maligna e fatal que nunca d'antes se encontrára nos pastos da fazenda, e que então rebentára *sem duvida* de sementes trazidas e espalhadas pelo vento...

Infelicidade...

E o incendio do cannavial ?... talvez o houvesse ateado a inveja de algum máo visinho; ou, quem sabe ? a ponta de cigarro ainda aceso atirada sem malicia por viajante ou tropeiro ; pois que o *partido* ladeava a estrada e o fogo começara por esse lado.

Infelicidade...

X

Havia na fazenda de Paulo Borges uma escrava que ao annuncio de cada uma daquellas calamidades se tornava apprehensiva ; não podendo acreditar que o acaso ou a absurda *infelicidade* fosse quem as produzisse.

Era Esmeria.

A creoula tinha visto a imagem do *rei das serpentes* nas flammas destruidoras do cannavial e na mortandade dos animaes ; ella porém não sentia os damnos soffridos pelos senhores, e que delles se doesse, nem por isso esternaria suas suspeitas, provocando a vingança de pae-Rayol que tanto podia sobre ella pelo medo que lhe inspirava.

Entretanto alguns mezes passarão sem outros

infortunios : Thereza dera felizmente á luz um terceiro filho, e a consolação e a esperança sorrirão tambem na abundancia e no viço das novas sementeiras : um berço de amor na familia e os berços da riqueza nos campos fizerão voltar a alegria ao coração do fazendeiro.

Restabelecera-se na fazenda a vida igual e serena.

Esmeria não pensava mais nas suspeitas que tivera da acção malefica do pae-Rayol ; este porém lembrou-se da creoula exactamente quando ella começava á esquece-lo mais.

Uma noute e já tarde o Pae-Rayol foi bater de manso á porta da senzala de Esmeria que ou ainda não dormia, ou acordando facil, estremeceu, reconhecendo a voz do negro terrivel : mas apressou-se á recebe-lo.

A lua plena estava clara e brilhante, e inundada por seus raios mostrou-se a figura séstra do africano aos olhos da creoula que aliás nunca o repugnara ; mas que principalmente o temia.

— Pae Rayol! disse Esmeria, como admirada.

O negro apertou-lhe a mão e sentou-se á porta da senzala: a creoula imitou-o sentando-se á seu lado.

Depois de breve silencio, o pae Rayol fallou. Por negação, incapacidade ou emfim por amor de sua lingua ou dialecto selvagem, mas patrio o rancoroso escravo apezar de trazido ao Brasil ácerca de vinte annos, exprimia-se mal e deformemente em portuguez, introduzindo muitas vezes na sua agreste conversação juras e phrases africanas. O leitor deve ser poupado á interpretação dessa algaravia barbara.

— Pae Rayol vive triste e só... disse o negro; de dia tem a roça que arranca os braços... de noute sósinho na sensala... não tem nada...

— E' porque foge dos parceiros... respondeu Esmeria.

— Os sapos?... tornou elle, batendo com o pé, como se quizesse esmagar os nojentos animaes, de que se lembrara; os sapos?... e pronunciou em seu dialecto uma jura que devia ser esqualida.

Esmeria rio-se e respondeu.

— Eu tambem sou sapo.

As caricias do escravo são ultrages escandalosos na vida civilisada. Pae Rayol acariciou desse modo a creoula que facil se abandonava.

— D'antes era melhor; disse o negro, socegando: d'antes Esmeria ia sempre a senzala do

Pae Rayol... depois deixou de ir lá, e vai ás de todos... Esmeria é má.

A creoula nem se defendeu da accusação.

— Pae Rayol, foi você que se aborreceu de mim... bem sabe...

O negro sacudio com a cabeça, e tornou com voz comprimida e alterada:

— Pae Rayol teve raiva de Esmeria que andava como garrafa de caxaça no fado... teve raiva, e quiz mata-la... para não mata-la... empurrou-a...

A creoula tremeu.

— Pae Rayol gosta de Esmeria...

A creoula passou-lhe o braço pelo pescoço; mas não poude fallar.

— Escuta; continuou o africano; Pae Rayol não quer bulha, nem inveja: os sapos fazem bulha e tem inveja; depois vem a surra.

E elle bateo com força nas nadegas que guardavam profundas cicatrizes de açoites repetidos, e rio-se hediondo e feroz á bater nas nadegas.

— Como então? como então?... perguntava a creoula.

O negro serenou e disse:

— De dia Pae-Rayol não vê Esmeria: de noite, e tarde, como agora, Esmeria vae vêr Pae Rayol.

— Para que isso?...

— Os sapos dormem bebados á essa hora...

E accrescentou fallando com os dentes cerrados :

— E na terra do captiveiro *os tigres* não atacam de noute.

Tudo isso foi dito com a palavra estropeada e barbara do escravo africano boçal e rancoroso.

Esmeria não respondeo: aterrada, mas por habito e por organisação libidinosa esperava o fim da brutal conferencia.

Pae-Rayol que se calára, levantou-se de repente, fitou por alguns momentos seus olhos vesgos no rosto de Esmeria, que ao clarão do luar vio-lhe alvejando as escleroticas, e as pupilas quasi sumidas nos angulos internos das palpebras, donde sentio que partiam e se entranhavam em seo rosto raios visuaes cheios de um calor, como de um bafo morno que perturbava seus sentidos e a hia subjugando com um influxo poderoso.

O negro, em seguida á esse breve olhar, disse:

— Vem.

E encaminhou-se para a sua senzala solitaria.

A creoula o seguio de perto.

XI.

O Pae Rayol não temia nem a bulha, nem a inveja dos escravos seos parceiros, á quem chamara sapos, e pouco se lhe dava de que soubessem de seos grosseiros amores aquelles a quem dera o nome de *tigres* que na terra do captiveiro não atacão de noute.

O que em seos calculos elle procurava, era esconder, quanto possivel fosse, as suas relações frequentes e intimas com Esmeria que aliás uma ou outra vez tinha sido vista em sua senzala, como na de muitos outros.

Era igualmente fingido o ciume que manifestára ameaçador : procurava de novo Esmeria menos como mulher, do que como instrumento

de plano scelerato ; mas para subjuga-la, infundia-lhe o terror.

A creoula viva e sagaz, que conhecia perfeitamente o antigo amante, descria a sua paixão ; por vicio porém e por medo sujeitava-se á elle, doudejando á imaginar as consequencias da renovação de seus laços intimos.

Como quer que fosse, o Pae-Rayol e Esmeria virão renascer a sua antiga união de breves semanas que então se tornou mais duradora e mais firme.

As precauções recommendadas pelo Pae-Rayol não lhe aproveitarão por muitos dias. Esmeria, temendo o amante, ou delle satisfeita, tornou-se mais esquiva aos outros escravos que a espiarão e descobrirão á sua convivencia nocturna com o silencioso, mysanthropo e feio negro da senzala d'antes solitaria.

O Pae-Rayol não gostou ; mas sujeitou-se á essa contrariedade, e a sua ligação com Esmeria não foi mais dissimulada : os senhores fingião ignora-la ; ou toleravão-a, não se occupando della : os escravos parceiros, tendo certo respeito ao amante, deixarão-o em tranquillo goso do seo amor.

Entretanto e por isso mesmo que o segredo

desapparecera, o negro tornou-se mais exigente e aos domingos e dias sanctificados reclamava com renitencia a companhia de Esmeria que raramente podia condescender nesse ponto, presa como se achava ao serviço interno da casa da familia.

— Esmeria trabalha sempre? em que? perguntou-lhe uma noute pae-Rayol.

— Cozinho; quando não cozinho, engomo; quando não cozinho, nem engomo, cuido das creanças, meos senhores moços.

— E não tem domingo?

— Nunca.

— O cachorro é melhor; passea, quando quer: o negro da roça é peior do que o cachorro; mas é melhor que Esmeria, porque tem domingo.

— E' assim mesmo; disse a creoula tristemente.

— Mas Esmeria vive contente...

— Seria peior andar triste: guardo a tristeza e a raiva aqui.

E a escrava apontou para o coração.

Pae-Rayol soltou horrivel risada, arreganhando a fenda, que lhe separava pelo meio o labio superior.

— De que ri você, pae-Rayol ?...

— Do coração de negra escrava.

Esmeria resentio-se e murmurou :

— Tambem é negra e vil a fornalha, porém as vezes della salta a braza, ou rompe a labareda que queima...

O pae-Rayol calou-se.

Dias depois na tarde de um domingo elle vio de longe Esmeria que carregava o menino Luiz, acompanhando os senhores em passeio pelo campo, e notou que Paulo Borges e Thereza por vezes se voltavão de preferencia para outra escrava, que levava nos braços o filhino nascido de poucos mezes.

Pae-Rayol ficou meditando profundamente, e á noute, quando Esmeria veio encontra-lo, disse a esta :

— Menino Luiz, pequeno tigre, pesa muito : porque Esmeria não carrega o outro que nasceu?

— Porque eu não escolho : carrego aquelle que me mandão carregar.

— Luiz é máo.

— E o outro ? quem assevera que ha de ser bom ?

— Pae-Rayol não diz ; mas o tigre velho gosta de brincar com elle.

— Que tenho eu com isso?

— Chega muito ao pé da negra que carrega...

— Deixa-lo chegar.

— Esmeria negra é mais bonita do que sua senhora branca.

A creoula comprehendeu em toda sua extensão a idéa perversa do pae-Rayol e á ella abrio o coração sensual, ambicioso, atrevidamente vaidoso e não menos vingativo.

Thereza não era uma senhora formosa; mas posta mesmo de lado a superioridade physica de raça, era bem feita, engraçada e mimosa de rosto e de figura á não admittir comparação com a creoula.

Todavia Esmeria estava convencida de que era, como acabava de dizer o negro, muito mais bonita e elegante do que sua senhora. Essa petulante convicção é especialmente nas escravas creoulas mais commum do que se cuida. Os senhores immoraes são muitas vezes os culpados de semelhante presumpção.

Mas Esmeria fingira não entender o conselho do pae-Rayol.

— E que vale ser eu mais bonita? perguntou.

— Precisa que o senhor veja, que velho tigre chegue perto.

— E para que?

— Esmeria sabe.

— Sou negra e escrava.

— Negra tambem é mulher, e escrava que amansa e abraça o senhor, corta as unhas do tigre.

— Mas, pae Rayol, você que me quer sua companheira é quem me lembra que eu seja de meo senhor?... para que?

— Pae-Rayol sabe que Esmeria engana, quando póde: pois engana com o senhor... é bom... é melhor...

— Porque?...

— Amansa velho tigre... faz chorar velha tigre... faz bulha em casa... vira a cabeça do senhor... é bom...

— Se porém elle me tomasse... havia de querer que eu fugisse de pae-Rayol.

— Esmeria fugia... mas pae-Rayol chama, quando quer... quando a porta da senzala de Esmeria tem risco de carvão, Esmeria vem: se não vem, pae-Rayol mata.

— Porque me ameaça?...antes quero viver, como vivo.

— Pae-Rayol não quer. Esmeria precisa amansar tigre velho: depois pae-Rayol ensina mais.

A creoula passou a noute sem poder dormir. O dia seguinte era sanctificado, e ao romper da aurora os dous escravos sahirão á passear juntos, em quanto Esmeria esperava a hora de começar o seu serviço na casa da familia.

O passeio tomou a direcção dos fundos da casa dos senhores. O negro insistia ainda no conselho ou ordem que dera a Esmeria a qual continuava á fingir-se hesitante.

Por acaso os dous virão diante de si uma linda ninhada de pintainhos que a gallinha mãe cacarejando conduzia pelo campo.

O terrivel negro que conhecia a influencia do terror, aproveitou o ensejo e disse a creoula:

— Pae Rayol pode muito, e sabe matar com os olhos: Esmeria quer ver?...

A creoula não respondeu; mas o negro fixou os olhos na ninhada de pintainhos, como se os quizesse absorver nas orbitas.

O pae Rayol não tinha idéa alguma do magnetismo; mas extraordinariamente dotado de força magnetica que só empregava para fazer mal, sabia que lhe era facil servir-se do *olhado*, adjectivo que exprime uma realidade que por inexplicavel á ignorancia põe em tributo de quimericos temores a imaginação dos supersticiosos.

Esmeria considerava, contemplava anciosa o negro que immovel e de olhos fitos mirava a ninhada infeliz.

De repente o primeiro pintainho cahio, depois successivamente todos os outros forão tambem cahindo.

—Pae Rayol, quando quer, mata com os olhos; disse o negro, voltando-se.

XII.

Esmeria não era uma simples e pobre victima do terror que a avassalava ao pae Rayol, nem só por obediencia hia pôr em acção incentivos libidinosos para excitar a attenção e os desejos criminosos de seu senhor.

Muito antes do conselho e da ordem refalsada do pae Rayol ella, como tantas escravas no mesmo cazo, sorrira á idéa de traição á confiança e á estima de sua senhora.

Paulo Borges não escapara ao que não escapão outros muitos senhores de escravas, todas estas calculão com a fraqueza imprudente, desmoralisadora da casa e da familia, que aquelles pode abaixar ignobilmente até faze-los ir procura-las: Paulo Borges não escapara ao que não escapão

os mais moralisados e ainda os mais severos senhores de escravas, dos meios absurdos mas sempre nojentos e asquerosos que ellas estupidamente empregão para *amansar* e *attrahir*: ora bebera o café feito com a agua do banho da escrava, ora de mistura com a sôpa e os pratos do jantar, sem o saber, sem o pensar, tomara substancias sempre mais ou menos immundas. Não erão venenos, erão porém torpes, e, se fossem sabidas, repugnantes, e nauseabundas as applicações para *amansar* e *attrahir*, em que todas as escravas tem fé, e que quasi todas as escravas fazem provar repetidamente aos senhores.

Não tendo conseguido nem uma só vez despertar a attenção de seu senhor, Esmeria perdera a esperança de *fazer sua fortuna*, enfeitiçando-o por aquelles recursos da mais esqualida e brutal magia, e desde muitos mezes que a elles o poupava pela inproficuidade das applicações.

Mas o pae Rayol acendera de novo no seio da creoula as flammas da luxuria excitada pela ambição e pelo prazer maligno de atormentar sua excellente senhora.

Esmeria seguio á risca as lições de pae Rayol: simulou-se tomada de affeição pelo menino recemnascido, que amamentado por Thereza, não

se prendera á escrava alguma pelo instinctivo interesse e reconhecimento do leite nuctritivo: menos agreste e mais paciente que as parceiras, parecendo amorosa, aproveitava as horas vagas do serviço para tomar nos braços a creancinha, e brincar com ella, que em breve começou a distingui-la e preferi-la ás outras escravas..

O amor dos paes tem sempre raios de gratidão que reflectem naquelles que lisonjeão, afagão, e cercão de cuidados seos filhos: Thereza foi a primeira á fazer notar o solicito interesse de Esmeria pelo seo filhinho, e á divirtir-se com os infantis ciumes de Luiz e de Ignez, e Paulo Borges de volta da roça pedia sempre o menino, que muitas vezes lhe era apresentado nos braços da creoula.

No tempo da moagem Esmeria, passeando á tarde com o recemnascido ao collo, hia ao engenho e lá, na ausencia da senhora, procurava aproximar-se do senhor, brincando risonha com o menino, e sob pretexto de faze-lo rir, e de alegra-lo, dava aos olhos fogo, aos geitos e aos meneios do corpo como que descuidada desenvoltura de movimentos.

Quasi sempre o senhor a chamava para tambem elle acariciar o filhinho, e então

menos acanhada, mas sem deixar entrever desrespeito, nem atraiçoar-se nos calculos, se mostrava expansiva, e agradavel ao pae pélos mimos com que divertia a criança.

Emfim tantas vezes em tantos dias, Esmeria se ensinuou ora com o pequenino nos braços, ora distraindo com jogos pueris os exigentes e ciumentos Luiz e Ignez, tomando sempre posições estudadas para ostentar suas proporções physicas, dando ao andar ensaiados requebros, olhando á furto o senhor, e abaixando logo os olhos com apparencias de respeito profundo; offerecendo-se petulante, mas dissimulando a intenção; desafiando instinctos animaes em attitudes que fingia distrahidamente tomadas, que acabou após insistente deligencia e paciente esforço por conseguir a primeira victoria, aquella que prepara e facilita as outras.

Paulo Borges olhou para Esmeria, e vio, que além de escrava ella era mulher.

O pae-Rayol forjava naquelle olhar do senhor lançado sobre a escrava a tremenda chave que devia abrir a porta da perdição da familia de Paulo Borges.

XIII

O Senhor que se degrada ao ponto de distinguir como mulher uma sua escrava é mais do que immoral, é um imprudente e desassisado que põe em desgoverno a propria caza, e levanta em throno de ignominia a escravidão corrupta elevàda á senhora.

Ha em semelhante erro lamentavel esquecimento do dever, e sacrificio de dignidade. A torpeza da escravidão é contagiosa e se inocula na vida domestica do senhor que ouza expor-se ao contacto vergonhoso com a escrava. Acaba a disciplina e a ordem na caza: as outras escravas murmurão invejosas; a que foi distinguida levanta os olhos altanada, o senhor abaixa os seus em comfusão e arrependimento.

Mas se o senhor é cazado, e pratica essa escandalosa infidelidade á espoza, o mal é mil vezes maior, e raro falta o castigo que confunde os innocentes com o culpado. Esse senhor e marido louco não o pensa, mas no delirio dos sentidos ergue a escrava até a atura de sua pobre mulher, á quem portanto avilta e á si se sebaixa até as mzerias daquellas á quem se igualou bebendo com ella no mesmo copo a embriaguez mais ignobil.

Isto é assim sob o ponto da vista moral e dos costumes: basta um só, erro ainda mesmo filho do delirio, da vertigem de um momento para, conhecido, plantar a desconfiança e o constrangimento no leito conjugal, ignorado, deixar o remorso no coração do infiel; se porém o erro se repete, se o vicio ou a corrupção, ou essa tantas vezes inexplicavel aberração dos sentidos, essa malicia moral prendem o senhor á escrava e della o tornão frequente possuidor, o erro é crime e não ha imaginação que possa medir as proporções de seos resultados desastrosos.

E o grande perigo não está no facto do adulterio que alias de parte á parte é sempre igualmente condemnavel, o grande perigo está na

condição da mulher, em quem se realisa o adulterio, está na condição da escrava que tendo feito dessa mulher inimiga natural, inimiga logica e indeclinavel de seos senhores e especialmente de sua senhora, aproveita para a vingança, para as maldades, cujo limite ninguem pode marcar, o crime do senhor que infamemente a erige em rival de sua senhora, pelo só escandalo do adulterio insistente com rival preferida,

Em circumstancias, tam inexprimiveis, pelo infinito horror da resultante afronta da familia e escandalo da caza, a madre-féra escravidão exulta, pondo em torturas, envenenando, deshonrando, desgraçando a vida dos senhores.

Dizei, se o ouzaes, que não é assim; negai que se tenhão dado, que se deem ainda hoje exemplos fataes de tam formidavel infortunio domestico: e se não ouzaes dize-lo, se não podeis nega-lo, reconhecei que nos temos desmoralisado, que nos desmoralisamos pela influencia da escravidão; que a escrava como o escravo são fontes de venenos abertas e conservadas em nossas cazas; reconhecei sobre tudo que no Brazil quem mais padece, quem mais se atormenta, quem mais se arrisca,

quem mais vezes soffre vilipendio pela existencia da escravidão é a mulher livre; é a mãe de familia, é a senhora, a pobre martyrisada de todas as horas, a pobre victima algumas vezes indignamente ultrajada na esteira da escrava.

Ainda um exemplo do adulterio hediondo, que faz da escrava rival da senhora, rival preferida que desordena a caza enlucta a familia, e é cratera aberta do vulcão que espalha a ruina.

Paulo Borges amava Thereza; mas grosseiro escravo da sensualidade, sophismava para desculpar-se do crime de leza-fidelidade á espoza, contando que o misterio e o segredo escondessem sua degradação, a offensa que irrogara a sua mulher e jurando á si proprio que não seria duas vezes adultero, procurando Esmeria.

O juramento se fundava em experiencia inconfessavel. Paulo Borges, como tantos outros, tinha, não raramente, se humilhado até a baixeza de escravas suas, que nem porisso se havião levantado depois á cima do desprezo da sua condição.

Honrado e escrupulozo em seus negocios, Paulo Borges dava pouca importancia á severidade dos costumes e reputando a castidade

virtude somente imperiosa para as senhoras, julgava-se irreprehensivel porque não se sujeitava á ligação alguma que não fosse passageira.

A sua moralidade era a de muitos: era um veu escondendo opprobrios, ou fraquezas indignas.

Paulo Borges procurou e possuio facilmente Esmeria.

O demonio da lascivia deo poder a creouola. Possesso da depravação, Paulo Borges, o senhor, amou physicamente Esmeria, a escrava.

A calculada extravagancia de um dia tornou-se o vicio, primeiro de muitos, depois de quasi todos os dias.

O senhor, o velho senhor ficou escravo da sua escrava.

XIV.

A realidade cruelisima não tardou á tocar os olhos e a penetrar como punhal envenenado o coração da victima.

Thereza, a incauta, estremeceu um dia ao luzir da primeira suspeita do adulterio e da traição; apiedada de si mesma abraçou-se com a duvida; mas dissimulando a revolta de seu orgulho e os sobresaltos do seu amôr, observou cuidadosa e incessante o marido, e infeliz passou das suspeitas aos indicios mais vehementes: não podendo mais duvidar, a pobre louca imaginou que se vingaria na confuzão dos culpados, cega e surda se fingio, acalmou os impetos de iradas accusações com que excitara prudentes cautélas do adultero, tornou-se apparentemente tran-

quilla, e cheia de serena confiança e por fim surprehendeu algum signal, ou adivinhou um ajuste escandaloso, e delirante de colera em convulssivo tremor.... foi.... chegou.... e viu o assassinato da sua felicidade e da paz da familia.

Esmeria contava desde muitos dias com o nefando cazo : não lhe tinhão escapado os assomos de colera e os signaes da desconfiança da senhora. mas logo que se suppoz vicio dominante de Paulo Borges, desde que conheceo que allucinára os sentidos do senhor com a embriaguez aviltante, animal da luxuria mais desenvolta, banio do seio o medo de escrava, mal se contrafez pelo simples habito de hypocrizia, e dezejou e quasi que provocou a prova evidente da sua traição á Theresa, e do adulterio de seo senhor.

A esposa ultrajada embora certa de receber o golpe que fora procurar, entrou em violenta crize nervosa em que a convulsão se misturava com as lagrimas de raiva que abrazão os olhos. e com as phrazes, as palavras roucas difficeis. tremulas e com o grito doudo, e com as contracções dos primeiros momentos do supremo ciume da mulher casada.

Esmeria em pé, com os olhos no chão, fria e

indifferente, sem duvida dentro de si satisfeita do vergonhozo e infame cazo, apenas as vezes recuava diante de Thereza que alias só parecia ver o adultero.

Paulo Borges, finalmente, perturbado, abatido, confundido á principio, surgiu revoltoso desse constrangimento e da vergonha do seu crime, e insolente e brutal, sem generosidade e sem brio, soltou um brado feroz, agarrou no braço da espoza, e,

— Vamos para caza ! disse.

O insolito proceder do marido que ainda pela segunda vez offendia a mulher, despertou nesta a dignidade, que o arrebatamento da colera fisera esquecer.

Thereza com rapido e forte movimento arrancou o braço que Paulo Borges agarrava, lançou-lhe um olhar de soberana altivez da virtude, e voltando-lhe logo as costas, retirou-se.

— Estou perdida !... murmurou, tremendo e chorando a perfida creoula que nem tremia nem chorava.

— Não ha de ser nada... disse Paulo Borges de máo modo ; fica na senzala hoje e amanhã : depois veremos...

E contrariado e affiicto deixou á sós Esmeria

que não se descuidou de ir passar a noute na senzala do Pae-Rayol, seu amante e conselheiro.

O verdadeiro amor é puro, honesto, susceptivel, e como a agua limpida de fonte solitaria que se tolda com a enxurrada que a invade, se resente da menor quebra e se embaça com a primeira infidelidade no proprio coração do infiel : a differença é que a fonte reconquista sua limpidez, e o amor não póde rehaver sua virginal pureza : quem atraiçoa á quem ama, deixa de amar.

Paulo Borges amara verdadeiramente sua esposa durante um anno : depois amou-a como tantos amão, mentindo á fidelidade conjugal, estimando-a pelo conhecimento de suas virtudes, preferindo-a pelo encanto de suas graças, respeitando a sua vontade por habito e por certeza do seo bom senso ; mas offendendo-a sem consciencia das offensas ; porque a pureza e o melindre do amor não existião mais.

Estulta e torpemente preso á devassa creoula o aviltado e infeliz fazendeiro passara á ver na mulher um embaraço ao desenfreamento de sua paixão ignobil, um objecto incommodo que lhe acordava os remorsos, um estorvo, uma punição, um peso : desde então o vendaval do vicio,

e da corrupção varrerão da alma de Paulo Borges os restos do antigo amor que tributára á digna e carinhosa esposa.

O adultero, deixando a creoula, vagou em torno da casa por muito tempo sem se atrever á entrar : emfim resoluto, havendo nas vertigens de seu espirito agitado, concebido um plano de vida domestica que se baseava no emprego da tyrania, e da imposição do seu capricho despotico, foi arrostar as iras da esposa.

Arrojo inutil ! Thereza fugira á camara nupcial e se trancára em um gabinete afastado daquella.

Paulo Borges applaudio-se desse recurso tomado pela esposa para se poupar á uma scena desagradavel e tormentosa : passou a tarde e a noute sem ver Thereza : na manhã seguinte foi para a roça sem tel-a visto ; de volta para casa ao anoitecer tambem não a vio.

Oito dias se passarão assim. Na ausencia do marido, Thereza sahia do gabinete, alimentava-se sufficientemente para não morrer de fome, cuidava dos filhos e governava a casa, olhando para as tres creanças.

Nesses oito dias temperou-se a alma da pobre victima para viver vida de martyrio, ensaiou

suas forças, fez estudos de paciencia e achou-se forte.

Thereza voltára para casa com uma idéa infernal, a de vingar-se, matando-se; mas logo ao entrar encontrou os seos tres anjos que a salvarão: submetteu-se á viver pelos fil'os. Reputou-se viuva: Paulo Borges era d'ahi em diante, como marido, morto; como homem vivente, absolutamente estranho para ella. Não pensou em separar-se legalmente do esposo, nm em retirar-se para algum dos sitios da fazenda menos pelo escandalo do que pelos tres meninos, por amor dos quaes, embora com repugnancia, conservou a direcção do serviço da casa. Não se humilhou ao ponto de indiciar ter ciumes de Esmenia; despresou a creatura vil que lhe pagara a confiança e a estima com traição malvada: limitou-se á ordenar que não lhe permittissem entrada na cosinha, e esqueceu-a, ou deixou-a atirada e livre no campo e na senzala.

Passados os oito dias Thereza na manhã de um domingo e ápezar de saber que seo marido estava em casa, sahio do gabinete, como praticava nos outros dias na ausencia delle.

Paulo Borges a vio então: ella estava pallida

e magra, mas serena: envelhecera vinte annos em oito dias: muitos dos seus longos e negros cabellos tinhão enbranquecido.

Encontrando-a de passagem na sala de jantar o marido saudou-a melancolico e respeitoso: ella correspondeu a saudação, como se se dirigisse á um desconhecido.

Paulo Borges sentio-se commovido; lembrou a vida passada, a felicidade que devera áquella senhora, lembrou a mãe de seos filhos, enterneceu-se, maldisse da sua loucura, e procurando, e tomando o passo á sua victima, estendeu para ella um braço, offereceu-lhe a mão e disse:

— Perdão, Thereza!

Mas a esposa ultrajada recuou e respondeu:

— Sou viuva.

XV

A sentença que Thereza acabava de proferir com tão desabrida concisão cahio como uma camada de gelo na alma de Paulo Borges que se afastou triste, mas resentido.

O marido offensor não quiz comprehender que oito dias erão prazo muito curto para o arrefecimento da lembrança da affronta recebida pela esposa e que lhe cumpria contemporisar com a dôr ainda vivissima do golpe recente e profundo.

Não era verosimil porque não era natural, que o tempo e o perdão restabelecessem em toda sua plenitude o amor e a confiança da esposa : as feridas moraes que o coração recebe em seos mais delicados sentimentos chegão á curar-se,

mas deixão cicatrizes que nunca se desfazem de todo e que são como escabrosidades do passado que magoão a memoria revividora dos bens e dos males ainda mesmo já de muito preteritos.

Mas Paulo Borges tinha na familia os elementos poderosos, irresistiveis da sua reconciliação com Thereza, tinha os filhos que os unia a ambos pelo sangue, pelo amor, e pelos cuidados do presente e do futuro, tinha esses laços obrigados e santos da natureza e que não ha resentimento, conflicto, desharmonia entre pae e mãe que elles não saibão annullar e destruir pelas proprias condições de sua dependencia de ambos e pela necessidade da protecção e da providencia do pae e da mãe que precisão velar e operar de accordo em beneficio dos filhos.

Sem duvida o amor maternal acabaria e não tarde por conceder o perdão do adultero que ultrajara a esposa e senhora em repugnante e sordido favor por amante escrava recebido; mas para isso era indispensavel que Paulo Borges provasse com honesto e solicito proceder o arrependimento de seo crime ou dos seos desvarios, que poupasse, que não despedaçasse as ultimas fibras sans ou apenas dolorosas que a

lembrança dos filhos tinha salvado no coração de Thereza.

Mas não aconteceu assim: Paulo Borges, possesso da negra astuciosa e phrenetica, ainda mais exposto á sua influencia satanica pela privação do leito da esposa; Paulo Borges, natureza fortemente animal e em dobro exigente pela vida rustica, vigoradora do corpo, exclusivamente material e sem o adoçamento da educação, e dos gosos do espirito, esqueceu o dever, o brio, a honra, a perspectiva do inferno da casa e do extremo desengano de Thereza, e entregou-se indomito á furia de suas relações opprobriosas com Esmeria.

Pouco e pouco os derradeiros e tenuissimos véos de mal fingida reserva se rasgarão; quanto havia ainda de estragados restos de brio desappareceu, e Paulo Borges, o fazendeiro casado, atropellando a decencia, insultando ampla e manifestamente a esposa, semeando a indisciplina e a mais perigosa desmoralisação na fazenda, frequentou de dia e aos olhos de todos a senzala de Esmeria.

A escravidão regozijava-se em seos ferros da desgraça que forjava, levando a vergonha, a

deshonra, a infamia e as torturas ao seio da familia dos senhores.

O sophisma acode, dizendo : para esse fazendeiro casado mas homem sensual, haveria sempre uma mulher facil, ambiciosa, ou pervertida que por não ser escrava, não faria menos a infelicidade da esposa atraiçoada.

Haveria sim, mas não seria escrava amante de seo senhor, não seria a inimiga natural dos senhoros elevada á rival da senhora, não seria esta á dilacerar-se em seo nobre orgulho esmagado ao ver a negra sua escrava usurpando-lhe amor, autoridade, direito, ao ver seos filhinhos expostos e sujeitos á influencia malefica, odienta, terrivel da propria escrava delles, mulher inimiga pelos resentimentos de sua condição, perversa e corrompida pelos costumes ; ao ver a fortuna da familia ameaçada pela escrava rainha, sacerdotisa dos vicios immundos, estragadora da fazenda pelos desatinos do fazendeiro, pela consequente arrogancia, e desnorteamento dos escravos que escarnecem e applaudem, aborrecem e explorão a elevação da parceira, e desrespeitão, apodão o senhor desmoralisado que desceu á baixesa delles, pelos ciumes emfim das outras escravas que disputão o sultão á fa-

vorita, travão brigas indecentes que maculão a casa, redicularisão e insultão a victima infeliz, a senhora obrigada pelo marido á soffrer supplicio que não merece.

E, não o esqueçaes, felizmente não muitos, alguns exemplos dessa abjecção do senhor que é casado, e mais numerosos entre os senhores que o não são, tem sido bastantes para que quasi todas as escravas acreditem na possibilidade de conseguir igual fortuna e visam em constante e latente conspiração contra a felicidade e a paz domestica das senhoras.

Vivendo só de amor e pelo amor, tendo o seo presente e o seo futuro, a chave dos seos thesouros, o condão da sua dita, toda a perspectiva do seo destino dependentes do amor, a mulher, o mytho do sentimento, é, nos paizes onde ainda se tolera a escravidão, condemnada a viver entre escravas, inimigas que por meio de embustez, intrigas, calumnias contra ella, por meio de invites. provocações dos senhores machinão dia e noute e incessantemente para envenenar-lhe o santo fogo da sua vida, o sentimento, para roubar-lhe sua unica e exclusiva riqueza,— o amor!

Contra esse immenso mal procurai um re-

curso e acreditareis ter achado dous em estremos oppostos.

Um : vencer a maldade dos escravos pelo mimo do trato e pela caridade e beneficencia perseverantes : engano : o resentimento logico e natural da escravidão faz cedo ou tarde da protegida ingrata, que nunca lembra os beneficios antes escusa o esquecimento delles, quando ao impulso do vicio, da ambição calculista, ou do desejo de abater a senhora, levanta os olhos para o senhor, e desafia a sua sensualidade.

Outro: a severidade compressora e até mesmo cruel para desanimar o atrevimento, e conter a audacia : novo engano, e peior que o outro : a compressão provoca a reacção, a crueldade a vingança feroz, e além da inconveniencia do meio haveria em tal caso para os senhores um peso da consciencia, a offensa da lei de Deos e da humanidade na atribulação dos escravos.

Fóra desses dous improficuos recursos nenhum mais : se fizesseis instruir vossos escravos na religião dos seos deveres, instruir-los-ieis tambem e necessariamente na religião de seos direitos de homens, e terieis educado e preparado a resistencia intelligente dos opprimidos.

Não ha recurso pois : aquelle immenso mal,

é, como outros muitos, consequencia irrecusavel da escravidão e só acabará com ella.

Paulo Borges portanto havia descido ao ultimo gráo da ignominia, e era já ostensivamente o amante de Esmeria, e trancava assim o caminho da prudencia, e do arrependimento por onde podia chegar á reconciliação com a mãe de seos filhos.

Thereza affectava indifferença ou desprezo : ninguem lhe ouvia jamais uma queixa, ou uma imprecação ; mas recolhida á solidão do seo gabinete, abraçava-se com os filhos e por elles chorava noutes inteiras.

XVI

O Pae-Rayol não estava ocioso ; mas á semelhança do fogo da cova de carvoeiro, destruia ou conspirava, para destruirem tenebroso mysterio.

As relações de seo senhor com Esmeria impunhão-lhe a necessidade de precauções para não se expôr á colera e aos provaveis ciumes grosseiros de Paulo Borges : com a creoula já se achava de intelligencia ; tratou pois de enganar áquelle e aos parceiros. Com esse proposito affectou ainda mais sombria tristeza e pareceu acabrunhado : dias depois como á procurar consolações, aproximou-se das outras escravas, pretendendo-as e perseguindo-as.

Lembrados do desprezo e do máo trato, com

que Pae-Rayol sempre os repellira e molestára, muitos dos parceiros por sua vez o desprezarão, galhofando indecentemente sobre o seo supposto infortunio ; não assim as parceiras que depravadas o aceitarão promptas pelo habito da licenciosidade, não interrompendo com a repulsa do pae-Rayol o quadro sordido da devassidão desenfreada que aos olhos das familias livres incessante, incorrigivel, sem vergonha nem consciencia ostenta a escravidão.

Entre tantas escravas porém houve uma e foi a primeira que resistio ao pae-Rayol e não quiz entrar na serie das faceis conquistas deste : a opposição excitou debalde os desejos brutaes do negro africano.

Era tambem creoula a negra que se isentava do pae-Rayol : cohabitava com um escravo da fazenda de quem tinha dous filhos : cansada das perseguições daquelle, lançou-lhe em rosto a sua hediondez, em quanto o companheiro ameaçou-o e provocou-o com injurias atiradas principalmente ás deformidades de seo rosto e aos seos senões physicos.

Pae-Rayol retrahio-se : sentio-se ferido em seo grotesco melindre : em geral o negro africano não perdoa á quem ridicularisa ou lhe lança

em rosto a sua fealdade: Pae-Rayol mais que nenhum outro se enfurecia com esse vilipendio por isso mesmo que era horrivel de aspecto; moderou-se porém, fez as pazes com os dous parceiros, frequentou-os, e uma noute levou-lhes á senzala um boião de café, e uma garrafa de agoardente: a noute estava escura e o regalo foi á porta da senzala: o feiticeiro que não passava de envenenador, em vez de beber, despejou surrateiramente no campo a tijella de café, que lhe tinha sido dada em partilha.

No dia seguinte havia quatro escravos doudos na fazenda de Paulo Borges, duas pobres creanças e o pae e a mãe dessas infelizes. Por scelleratez requintada o envenenador lhes dera a loucura que poucos mezes devia preceder a morte para arrancar á creoula douda o que ella lhe negara com juizo.

O crime ficou sepultado no mysterio, e o assassino impune e incapaz de remorsos, tigre solto no meio de homens, esqueceu depressa esse episodio de sua vida malvada, e concentrou-se no empenho do desenvolvimento de vasto e truculento plano.

As vesitas feitas em deshoras por Esmeria á senzala do Pae-Rayol tinhão por cautela exage-

rada diminuido ao ponto de se tornarem raras: quando o terrivel negro queria ou precisava fallar á creoula, fazia o signal convencionado e nunca em vão esperava.

Como outras vezes, Esmeria acudio á meia noute ao convite que achara em um risco de carvão traçado na porta de sua senzala.

O africano abraçou á creoula amante de seo senhor: depois disse-lhe:

— Pae-Rayol não está contente.

— Porque?

— Esmeria não entra mais na casa da familia, nem chega mais á porta da cosinha.

— A senhora assim o ordenou e ella *ainda* é dona da casa.

— Precisa não ser: Pae-Rayol quer que Esmeria vá para a cosinha.

— E como? é impossivel.

— Não: Esmeria conta á velho tigre, que escravos da fazenda vão de noute bater à porta da sua senzala.

— E para que?...

— Faz ciumes, e o velho tigre tem raiva.

— Elle quererá saber quem são esses escravos: que lhe direi?... o senhor não suspeitará de você, Pae-Rayol?... e depois?...

— Deixa : Esmeria diz que não é pae-Rayol porque elle anda enfezado, e que não sabe quem é que vai bater. Pede para dormir em casa.

— A senhora se oppõe.

— A senhora é Esmeria : a creoula cortou as unhas da mulher tigre ; mas precisa entrar na cosinha... precisa...

— Com que fim ? na senzala eu tenho liberdade...

— Pae-Rayol quer fazer Ismeria dona da casa... depois tem mais que fazer.

— Pois bem : eu direi ao senhor que sou perseguida...

O negro poz-se á rir com o seo medonho riso: elle sabia que a creoula não era menos devassa que d'antes.

Esmeria, embora desbriosa e petulante, se constrangia por medo diante do pae-Rayol e para escapar ao seo rir horrivel, disse-lhe :

— Mas, se eu for dormir na caza, e voltar ao antigo serviço, não terei mais occazião de vir fallar-lhe e ve-lo....

— Quando Pae-Rayol quizer fallar á Esmeria, irá de volta da roça e já noute para as larangeiras do quintal da caza, e hade assobiar como a cobra.

— E se eu não puder ir encontra-lo?

— Pae-Rayol volta na outra noute e a cobra assobia.

Esmeria como que reflectia sobre o que mais lhe convinha, se a liberdade da senzala para a sua vida dissoluta, se o audaciozo, lizongeiro, e perverso arcar com a senhora para uzurpar-lhe o governo da casa.

E, justa condemnação do senhor abjecto, nem o africano, nem a creoula se lembravão um só instante de calcular com a possibilidade da sua resistencia á vontade revoltante da escrava.

Mas o negro poz termo prompto ás reflexões de Esmeria.

— Pae-Rayol quer; dice-lhe em tom absoluto e difinitivo.

— Pois sim; respondeo submissa a creoula.

XVII.

Não era só Thereza que padecia pelo phrenezi da paixão criminosa e torpe que escravisava o senhor aos pés immundos da escrava.

O castigo do depravado começara cedo, começara logo após ao esqualido dominio do seo vicio miseravel.

Para não deixar em amplo gozo de liberdade a creoula banida do serviço domestico e entregue a ociosidade, Paulo Borges abandonava frequentemente a direcção do trabalho de suas roças que notavelmente se amesquinharão: debalde contractou elle um feitor, cujos olhos e interesse não erão os do fazendeiro. Em sua ambição de grandes lucros e de riqueza o depravado

soffria, impacientava-se; mas não podia vencer os assomos da paixão esqualida.

E isso era o menos: o adultero era pae, amava seos filhos, e via-se privado do antigo e suavissimo encanto que o transportava, quando de manhã antes de sahir para roça, quando ao anoitecer e de volta da roça a carinhosa espoza e mae lhe apresentava os tres anjinhos, fructo de seo amor honesto e puro.

Esses gozos Paulo Borges não desfrutava mais: se queria ver os filhos, percisava pedi-los, e então era uma escrava que os trazia confuzos, tristes pela auzencia da mae, e olhando espantados, desconfiados para o pae que os abraçava e beijava sem a santa expansão de outro tempo, e com o confrangimento do remorso de quem sabe que quem ultraja a mae ultraja os filhos.

Um dia Paulo Borges perguntou á Luiz:

— Que faz tua mae?...

— Chora muito; respondeo o menino.

O adultero empallidesceo: duas grossas lagrimas cahirão de seos olhos sobre a cabeça do filho.

— E porque chóra ella? tornou.

— Mamae não diz, chora sem fallar.

— Mas então...

— Papae não vè mamae.... papae é máo...

Paulo Borges entregou o menino a escrava, e fugiu á soluçar, á maldizer do seo destino e á praguejar contra a escrava demonio por quem se achava dominado; fugio, correo para o campo, e vio Esmeria á porta da senzala : ao aspecto da escrava que o hallucinára, avançou furiozo para ella, e chegando com andar accelerado, parou á dous passos, fitou na creoula enraivecido olhar e disse :

— Demonio!

Esmeria pareceu tomada de espanto ; depois serenou, respondeo :

— E' melhor assim.

Paulo Borges bateo com o pé e perguntou :

— Que dizes tú, demonio ?

— Que é melhor assim : é preciso que meo senhor acabe isto.

— E hade acabar.... sim....

— Não fui eu que tive a culpa..... disse Esmeria; eu sabia que era negra escrava... não é a escrava que chama o senhor.... bem sabe.... minha senhora me estimava, e agora....

— Ella tem razão.... não heide atormenta-la mais por tua cauza....

— Sei que ella tem razão.... fui falsa a minha

senhora ; porque não pude resistir ao mandado de meo senhor.... é preciso que isto acabe.... por isso eu queria pedir hoje á meo senhor que me vendesse....

Paulo Borges fez um leve movimento de sorpresa e desagrado : começava á esquecer os filhos e o dever.

— Pensas que não sou capaz de faze-lo? perguntou.

— Peço á meo senhor que me venda : um de meus antigos senhores moços me comprará, se eu fôr chorar á seos pés.... sei que o anno passado elle herdou fortuna....

— Vender-te-hei á outro ! bradou Paulo Borges.

— Ainda assim ; peço venda a meo senhor.

E isso dizendo, a creoula voltou-se e foi sentar-se tristemente á um canto da senzala.

Sem recentir-se do desrespeito com que a escrava o deixára e fora sentar-se, Paulo Borges d'ahi a pouco entrou na senzala, e perguntou em tom menos iracundo :

— Que acontecco de novo Esmeria?...

A creoula levantou-se, enlaçou as mãos na altura do baixo ventre, arqueando os braços de modo á tornar salientes os seios mal encubertos,

e ostensiva a parte anterior do tronco, e pondo os olhos no chão, disse :

— Não ha nada de novo : fui lançada fóra da casa, onde eu trabalhava de dia, e minha senhora tão boa tem razão de me aborrecer....

— Mas não te atormenta ao menos....

— Antes me atormentasse ! já não vejo mais, senão de longe os meos senhores moços, e atirada no campo....

— Não trabalhas, vives como forra.... e te queixas !

— No outro tempo eu era perfeita escrava, agora não sei que sou : meo senhor me tomou para si ; mas deixou-me de noite abandonada na senzala, negra escrava entre os seos parceiros que são atrevidos....

— Queres dizer.... desejas voltar a casa ?... mas d'antes dormias como agora na senzala e não tinhas medo....

— D'antes eu não era de meu senhor e negra escrava abria a porta de minha senzala ao parceiro que me agradava.

Paulo Borges não se vexou da petulancia com que a creoula dava testemunho franco da antiga desenvoltura que aliás não se desmentia ainda.

— Seja como fôr, disse elle ; não posso offender mais minha mulher, fazendo-te entrar na casa contra suas ordens, e muito mais recolher-te de noute sob o mesmo tecto em que ella dorme.

— E' por isso que eu peço venda á meo senhor: é verdade que me parece que já não ando bôa... mas meo senhor pode mandar forrar seo filho....

O adultero teve um sobresalto e turbou-se á esse annuncio que faz a gloria do amor honesto: disfarçando, como poude sua perturbação, disse:

— Não te venderei. Tu me dirás quaes são os escravos que te vão bater á porta de noute.

— Escravo como elles, e abandonada no meio delles, não heide denuncia-los para que sejão açoutados por minha causa, expondo-me ao seo odio e a sua vingança.

Paulo Borges irritou-se.

— Elles te perseguem e não os denuncias para serem castigados ? é porque gostas da perseguição e sem duvida recebes os teos parceiros !

— Sou negra escrava lançada no campo: animal solto e livre, se eu me desforrasse do desprezo em que meo senhor me abandona, abrindo a porta da minha senzala aos negros meos parceiros e do meo gosto, faria muito bem.

O miseravel senhor soltou dos labios uma injuria indecente, e uma ridicula ameaça.

A creoula encolheu os hombros como se dissesse *que me importa*, e sem mudar a posição dos braços e das mãos, descansou o corpo sobre uma das pernas, fazendo avultar saliente a anca opposta.

— Que posso eu? tornou ella; eu era de meos parceiros, meo senhor me tomou á elles; mas esquece-me, desampara-me, despreza-me de noute, e elles pensão que a noute lhes pertence: estou cansada de resistir: passo as vezes sem dormir até de manhã: pode isto continuar assim? se arrombarem a porta da senzala?...

—Gritarás; exclamou estupidamente o adultero.

— Melhor é ceder; disse com desavergonhamento a creoula.

— O Pae Rayol! mumurou por entre os dentes Paulo Borges.

— Talvez entre muitos outros, respondeo Esmeria; bem que o Pae Rayol mostra agora detestar-me e fuja de mim, como de inimigo de quem tem medo: o Pae Rayol é um máo negro que, se puder, se vingará de mim; mas alem delle ha tantos!.... a preferencia que meo senhor

me deo, me fez desejada; agora todas os escravos me achão bonita; em seos fados tenho cantigas de elogio, me chamão rainha das negras..... elles, os meos parceiros me festejão, se apaixonão por mim... vem bater e chorar á porta da minha senzala, lembrar-me o que fui para elles, e o que elles forão para mim...

E a creoula insidiosa, olhando então fixamente o senhor, e lendo em sua physionomia os effeitos do veneno que lhe lançava no coração, continuou com desfaçatez inaudita:

—Eu tambem sou negra e escrava, creada na vida solta, animal abandonado e livre no campo, e não quero enganar á meo senhor... assim como vivo, não me vencerei por muito tempo.... eu aviso, sou negra e escrava, tenho máos costumes antigos..... meo senhor não poderá depois queixar-se..... peço perdão, mas confesso: uma noute já cheguei a por a mão na chave da porta.... se isto continua assim, em alguma outra noute, Esmeria enganára seo senhor, e abrirá a porta.....

Nova praga obcena foi a resposta do esqualido senhor.

A creoula fingio-se alterada e sentida da injuria começou a passear ao longo da senzala com

arrebatamento e artificial commoção, dando ao corpo meneios indecentes, e pondo o vestido em desordem grosseiramente libidinosa.

A rusticidade sensual de Paulo Borges exaltava-se provocada, hallucinada pelos tregeitos obcenos da negra que já o conhecia bem.

— Eu peço para ser vendida! eu preciso sahir desta fazenda! exclamou ella, quase chorando.

Paulo Borges, o adultero, Paulo Borges o desvairado se curvou ante a negra sua escrava e escreveo nos seus pés a sentença da ultima degradação da esposa virtuosa e honestissima.

No dia seguinte e a despeito da vontade expressa de Thereza, Esmeria entrou pela porta da cosinha da casa da familia de Paulo Borges, e teve ali quarto separado e distincto do dormitorio das outras escravas internas.

XVIII.

Thereza supportou paciente e silenciosa a extrema affronta: quando de manhã sahio do seo gabinete e soube que por ordem de seo marido Esmeria fora introduzida na casa, e nella havia de dormir, depoz sobre a meza da sala de jantar as chaves da dispensa e dos armazens, e recolheu-se, abandonando o governo domestico.

Orphã, e tendo apenas parentes afastados e mais ou menos indifferentes, privada pois de protectores naturaes, sem esperanças nem recurso, esperou Paulo Borges, e á noute lhe foi fallar sem alteração de voz, sem azedume de queixas, sem pretenção de direitos.

— Senhor, disse ella; não sou mais a dona desta casa: peço-lhe o retiro de um sitio isolado

e a consolação da companhia de meos filhos: epço isto só: quando quizer verá as creanças; opportunamente as mandará educar, e nós não mais nos veremos: isto convem a ambos.

Paulo Borges esbraveou encolerisado: Thereza insistio com paciencia e gravidade; vendo porém que o fazia debalde, retirou-se e encerrando-se no seo gabinete, não tornou mais á apparecer.

A escrava hia marchando para o apogeo do seo poder sobre Paulo Borges cada dia mais desprezivel e abjecto.

Esmeria assumio effectivamente a direcção e o governo da casa que pouco e pouco se foi desordenando; e nem podia ser de outro modo, porque por um lado as escravas parceiras da amante do senhor não podião respeita-la bastante, e por outro a creoula que não conseguia, ou não procurava vencer seos habitos de devassidão, precizava frequentemente do segredo e da indulgencia das companheiras para escapar aos furores de Paulo Borges.

O tecto que abrigava a honestidade e onde a moralidade e a virtude exemplares de Thereza fazião do lar domestico um templo de amores santos e de lições de costumes puros

transformou-se em inferno de anarchia e de deboche, e em esgoto de desperdicios.

Para o vil adultero multiplicavão-se os castigos: já tinha perdido o enlevo dos perfeitos gozos da familia; já seo amor da riqueza se alvoraçava com os desbaratos da dispensa, com os furtos nos armazens, com a elevação das despezas: — como a embriaguez habitual, á que succede a prostração, o desgosto, a nauzea, o rebaixamento moral, e tambem a irretação-sequiosa e exigente do alchool envenenador,— a turva indecorosa e repugnante paixão que Paulo Borges tomara pela negra dava-lhe apoz o phrenezi o remorso, o aborecimento do seo viver, a consciencia e a vergonha da sua torpeza, embora o vicio informe de novo e sempre o impellisse ao seo abysmo de perversão.

Entre tanto esse soffrer do algoz não podia diminuir antes mais aggravava os padecimentos da martyr.

Thereza que não reunia á grande somma de suas virtudes o dote precioso da energia, apenas defesava a sua dignidade no absoluto encerro do seo gabinete, onde em vida se sepultara, vivendo só para seos filhos cuja compa-

nhia zelava, e onde unicamente admittia uma velha escrava á quem incumbira de levar-lhe as refeições diarias.

A pobre martyr só pensava nos filhos; era pelo pequenino que aleitava em seos seios, que ella comia sem fome, e pedia á Deos forças e coragem; era por Luiz e Ignez que não queria morrer e tinha medo da morte, ainda aborrecendo a vida.

E quando por ventura se lembrava do indigno marido, do monstro que tanto a flagellava, e tam horrorosamente a suppliciava, a pobre martyr, a santa mulher não maldizia delle, não tinha pragas, nem imprecações para o algoz, sentia-se pelo contrario como que apiedada do seo opprobrio e da sua mizeria; via no pae de seos filhos não um homem corrompido, escandaloso, immoral e tirano; mas um tresvariado e louco, ou um infeliz affectado de molestia-vergonhoza e fatal.

Thereza não imaginava a hypothese de voltar algum dia ainda á simples tolerancia da vida conjugal: com o coração e com a consciencia tinha dito á Paulo Borges: «*sou viuva*:» o milagre possivel que os filhos poderião vir á aspirar em favor do pae arrependido e re-

generado, se lhe passasse pela mente, lhe cauzaria então horror; ella porém de joelhos, prostrada ante o seo oratorio aberto rezava todas as noites longo tempo á rogar á Deos por seos tres anjinhos e pela volta de Paulo Borges ao caminho do brio, do dever e da honra.

A oração, o cuidado dos filhos, a costura das roupinhas delles erão a unica e nunca variada occupação de Thereza: o marido não a hia ver, apenas mandava informar-se da sua saude e do que ella precizava: a espoza condemnada á ser martyr não se informava jamais do estado da caza e parecia indifferente ao ruido, a gritaria, e aos signaes evidentes dos deboches e da anarchia da cozinha.

Era vida esse viver ?... só a heroicidade maternal que excede á todas as heroicidades podia explicar a paciencia, a constancia e a força angelica que animavão a victima. Thereza não vivia mais para si, nem para as illuzões do mundo: por assim dizer suicidara-se, cahindo na sepultura do gabinete escolhido : era somente o amor maternal, o seo amor d'alma tumulo que prendia sua sombra aquelle retiro para velar incessante pelos filhos, que alias nunca lhe forão disputados.

Mas, passadas algumas semanas desse viver de solitario martyrio, Thereza começou á sentir-se doente: dores fortes no estomogo e no ventre acompanhadas de sabor acre e ardente na boca e na garganta, de sede viva, de vomitos, e febre annuciavão-lhe perigosa enfermidade: a infeliz senhora resistio silenciosa por tres dias: depois não poude mais: a aggravação daquelles symptomas, os suores frios, o abatimento e concentração do pulso, o alteração profunda da physionomia, os movimentos convulsivos, a prostração, a anciedade extrema rapidamente se manifestavão aos olhos do marido adultero que fora chamado para acudir á sua victima.

Paulo Borges, nas horas supremas que precederão o ultimo trance da esposa ao menos não a desamparou; compadeceo-se sinceramente della, e ferido por verdadeira dor e remordido pelos remorsos experimentou os mais crueis tormentos na agonia daquella que o amara tanto.

Mas em vez de um medico habil, veio em soccorro da mizera senhora um famoso curandeiro, o Hypocrates da fazenda, o *doutor* Bonifacio, como o chamavão, antigo enfermeiro de não

sabemos que hospital da corte, e que retirado para o interior da provincia, dava-se impunemente no municipio de..... ao exercicio da medicina com a mais criminosa impudencia.

O curandeiro, tendo examinado a pobre martyr, declarou-a atacada de *febre perniciosa*, e receitou estupidamente applicações ainda mais atormentadoras á agonizante.

Que tivesse corrido á tratar da doente o mais consummado dos medicos, a sua sciencia só teria aproveitado pela alta conveniencia do testemunho autorisado e da declaração indispensavel de um caso de envenenamento; mas para Thereza o resultado seria o mesmo.

Aos olhos do verdadeiro medico os symptomas de envenenamento por substancia acre, irritante, e corrosiva serião evidentes: impedir porêm o seo effeito, a morte, era impossivel naquelle extremo.

Em seo padecer desesperado Thereza advinhou, vio em lucidez de moribunda a mão e o instrumento que a matavão, e, achando-se por momentos á sós com Paulo Borges, estendeo para elle os braços, com as mãos agarrou-o com ancias; e disse-lhe, retorcendo-se :

— Morro envenenada por Esmeria !... eu te perdoo, se velares por teos filhos que....

Não poude acabar.

O envenenamento seguio seo curso, sua obra de destruição torturadora, sinistra, execravel...

A pobre martyr subio ao ceo á luz da aurora.

Se ella sentio dor na morte, ninguem pode dize-lo ; mas na agonia cahirão-lhe successivamente dos olhos seis grossas lagrimas, tres de cada um.

Era uma extremosa e desgraçada mãe de tres filhos que morria.

Deixou, coitada ! duas lagrimas á cada filho.

XIX

Paulo Borges chorou compungido a morte de sua honestissima esposa, de quem fôra barbaro algoz. A suspeita de envenenamento revoltou-o, e embora visse Esmeria desfeita em lagrimas á lamentar o passamento da senhora, esperou obumbrado o seo sabio curandeiro, e apenas o vio chegar, correo a elle, levou-o a examinar o cadaver, e disse por fim :

— Minha mulher morreo envenenada, não é verdade ?.... o senhor tem obrigação de dize-lo : falle ! em nome de Deos, diga-me a verdade.

O curandeiro turbou-se : de novo e com absurdo processo fez o exame do triste e inregelado corpo da victima, e incapaz de comprehender os symptomas que havião escapado á sua ignoran-

cia, incapaz de apellar para os meios scientificos que vingão a sociedade, reconhecendo no cadaver as provas irrecusaveis do crime do envenenador, o curandeiro charlatão, vaidoso do seo diagnostico, acabou por dizer com desfaçada impostura:

— Envenenada!... quem o disse, mentio.

— Está absolutamente certo disso?

— Juro-o....

— Que Deos perdoe á quem tal suspeitou!

— Quem foi?

— A defunta.

— Delirio de moribunda: ella morreo da febre que eu disse.

— Antes assim.

Paulo Borges tranquilisou a revolta de seo animo, e concentrou-se na dor da viuvez recente:

Esmeria ficou innocente á seos olhos, e quasi que mais mereceo em compensação da suspeita que o curandeiro declarára infundada.

O marido adultero suppoz enganar á Deos e aos homens, e talvez mesmo a si, dando aos restos mortaes de sua santa mulher honras funebres sumptuosas, esmolas aos pobres, missas, e apparatoso officio do septimo dia.

Deos que recebeo a martyr, desprezou sem duvida as oblações sacrilegas do peccador incontricto e obstinado.

O romance tem contra o seo legitimo fim comprometter a lição da verdade pelas prevenções contra a imaginação que deve ser exclusivamente a fonte de ornamentos da forma e de circumstancias accessorias e incidentaes que sirvão para dar maior interesse ao assumpto; no seu fundo porem o romance precisa conter e mostrar a verdade para conter e mostrar a moral.

Alto o proclamamos: tambem neste nosso romance ha no fundo plena, absoluta verdade.

Ha envenenamentos propinados por escravos que desapercebidamente ou apenas de leve suspeitas, escapão impunes aos senhores e a autoridade publica.

Ha curandeiros ignorantes espalhados pelo interior dos municipios *mais civilisados* das *mais civilisadas* provincias do imperio que involuntariamente, sem malicia e só por incapacidade intellectual favorecem, apadrinhão a impunidade de semelhantes crimes, deixando-os esconderem-se nos segredos das sepulturas.

E ainda mais afirmamos com a segurança que resulta do estudo e da observação:

Em quanto no Brazil houverem escravos, estarão nossas familias facilmente expostas á envenenamentos e á tentativas de envenenamentos por elles propinados.

E, o que é mais, em dez cazos desses crimes ou de tentativas desses crimes dous serão contra o senhor, oito contra a senhora.

E quando dizemos tentativa de envenenamento, queremos refferir-nos principalmente ao emprego de certas substancias que, applicadas grosseiramente, offendem pelo contacto physico e dilacerante, sendo de prompto descobertas, e propinados em pó subtil são innocentes ou inertes.

Nem é precizo adiantar, esclarecer mais; pois que neste cazo o forte escudo dos senhores contra o odio dos escravos é principalmente a ignorancia e a bruteza destes.

XX.

Sahido no esquife a senhora, a escrava tomou-lhe o lugar na sala, e nada mais teve á desejar em relação ao dominio da fazenda do senhor.

A vaidade da alta posição immerecida inspirou dentro em pouco arrogancia e soberba á Esmeria que reputando já inabalavel o seo poder, maltratou e tiranisou as parceiras que tarde comprehenderão o que tinhão perdido em sua boa e ligitima senhora.

Todavia em seo presumpçozo e atrevido entono, Esmeria quando mais se exaltava omnipotente na sala, estremecia de subito escutando o sylvo da serpente no fundo de quintal.

A creoula após á morte de Thereza e a sua ab-

soluta dominação aborrecera profundamente a Pae-Rayol, e daria tudo pelo golpe que para sempre a livrasse delle.

A escrava tornada senhora do desprezivel senhor exasperava-se por continuar escrava do escravo mais hediondo; ella porem não ouzava arrostar Pae-Rayol o feiticeiro, o rei das serpentes, o demonio que matava de longe com os olhos: poderia facilmente conseguir que Paulo Borges mandasse vender em outro municipio ou em outra provincia o seo detestavel socio; ja tinha pensado nesse recurso; mas sua imaginação lhe representava sempre o Pae-Rayol vivo e voltando vingativo e terrivel para tomar-lhe contas e mata-la sem piedade, ou para denunciar o seo crime, como envenenadora de Thereza.

Assim pois abafando no coração a raiva e sempre sob a influencia do terror que lhe causava o negro africano, a creoula vaidosa e soberba continuava á obedecer ao Pae-Rayol, que era ainda o seo amante tornado então repugnante para ella que todavia apenas escutava o sylvo da serpente, corria tremulla, coagida, dentro de si revoltada; mas fingindo-se contente e affectuosa, quando se mostrava ao seo unico senhor.

E ainda uma vez a serpente assobiou: foi na tarde de um domingo e Paulo Borges dormia a sésta.

Esmeria encontrou Pae-Rayol, no fundo do quintal e onde velhas larangeiras desprezadas pela incuria seccavão no meio de moitas de arbustos é cobertas de hervas parasytas. Era o sitio escolhido para as entrevistas dos dous.

Com a gradual elevação da creoula dir-se-hia que fora tambem crescendo o amor selvagem que o Pae-Rayol tinha por ella, e a improvisada e arrogante senhora recebia risonha mas em furia, donoza mas em desespero os affagos do antigo amante que ella então estimaria poder matar.

— Esmeria está no meio do caminho; dice o Pae-Rayol.

— Como? de que caminho?

— Mas tem muito que andar ainda para chegar á cima do morro: é precizo andar: Pae-Rayol está sobindo da outra banda.

O negro ria-se de modo á cauzar pavor: Esmeria olhava para elle espantada e como se receiasse comprehende-lo.

— Amulher tigre morreo na lua nova, e a lua nova já voltou.

— E' verdade; está á fazer um mez.

— O velho-tigre já esqueceo: agora os tigres pequeninos... depois Pae-Rayol ensina mais.

— Pae-Rayol !.. exclamou Esmeria, estremecendo: os meninos?... isso não...

A creoula malvada era menos scelerata que o negro africano; este porem fitando nella seus olhos vesgos, dice:

— Pae-Rayol quer.

— O senhor teve suspeitas de que sua mulher tivesse morrido envenenada; eu o ouvi fazer perguntas sobre isso ao cirurgião...

O negro encolheo os hombros.

— E para que matar uns meninos que ainda não fazem mal á pessoa alguma?

— Pae-Rayol sabe e quer.

— Os meninos... eu não posso...

— Pae-Rayol pode matar Esmeria.

— Eu pensarei nisso; dice a creoula, convulsando; Pae-Rayol me dê alguns dias para me resolver e me preparar...

O monstro africano estava em dia de menos braveza, ou seguro do resultado do seo plano infernal, entrava tambem em seos calculos a contemporisação.

— Pae-Rayol espera até a outra lua nova.

Esmeria respirou desafrontada.

D'ahi a pouco o negro rio-se, olhando para o ventre da creoula.

— Esmeria não tarda á ter filho; dice elle.

A creoula cruzou instinctivamente as mãos sobre o ventre e voltou-se para um lado, como á defender o filho do olhar do feitiçeiro.

O Pae-Rayol ou não percebeo o motivo do movimento que fizera a escrava que hia ser mãe, ou não se agastou com isso, e continuando á rir, acrescentou :

— Se é filho do velho tigre, fica muito ricó no fim da outra lua nova.

E sem olhar para Esmeria, retirou-se vagarosa e tranquillamente por entre os arbustos cujos galhos affastava com as mãos para abrir caminho.

XXI

Pae-Rayol tinha deixado veneno no seio da creoula, que gravou na memoria as ultimas palavras que acabara de ouvir-lhe.

A fraca e explicavel compaixão, com que a escrava erigida em dona da casa defendera seos innocentes *senhores-meninos* estremeceu ao primeiro despertar da ambição da negra proxima a ser mãe.

Com effeito metade da fortuna de Paulo Borges pertencia já aos tres filhos e herdeiros de Thereza; e da outra metade que poderia caber ao filho de Esmeria ?...

A creoula reflectindo obumbrada e desgostoza sahio do laranjal, e encaminhou-se para a porta da cozinha, quando voltou os olhos, ouvindo a voz de alguem que lhe dice:

— Você anda enganando senhor.

Esmeria parou: pareceu esquecer as idéas que a preocupavão e menos altiva com o negro que lhe fallara debruçado sobre a cerca de páo que separava o quintal do campo, deo logo depois alguns passos para elle e respondeo, rindo-se:

— Fui passear, tio Alberto.

O tio Alberto representava o contraste mais completo do Pae-Rayol: era um escravo africano de trinta annos de idade, e de alta estatura; tinha a fronte elevada, os olhos grandes e brilhantes, a cor preta um pouco luzidia, os dentes brancos e perfeitos, largas espaduas, grossos e bem torneados braços possantes e formas justamente proporcionaes, era bonito para a sua raça, um Hercules negro em summa.

Ismeria tivera sempre na fazenda muita predileção pelo tio Alberto; este porem se mostrava erradio e esquivo desde que se havião tornado ostensivas as relações do senhor com a escrava.

Ouvindo a resposta da creoula, elle tornara:

— Você mente: eu vi Pae-Rayol saltar lá em baixo a cerca do quintal: desconfiei, e vim ver quem era que tinha ido fallar com elle: já sei.

— Mas então voce anda me espiando?

— Não: que me importa?... mas eu não quero que você falle com o Pae-Rayol: com os outros lá se avenhà...

— E porque com elle não?... perguntou Esmeria curiosa.

— Pae-Rayol matou hontem a pobre *Captiva*, a minha cachorrinha coelheira: *Captiva* não atacava ninguem, e elle matou-a por maldade...

Duas lagrimas rolarão pela face do negro que proseguio, dizendo:

— Eu podia ensinar á Pae-Rayol: mas nunca apanhei de meo senhor, e tenho medo do chicote e.... de mim....tomei o meu partido: heide perseguir Pae-Rayol até que elle venha tirar bulha comigo.

O raio de uma inspiração acendeo-se nos olhos da creoula.

— Escuta: continuou Alberto: eu me vingaria de Pae-Rayol, dando parte ao senhor do que vi hoje; mas faria mal a você, e não quero.

— Obrigada, tio Alberto; dice a creoula abstractamente.

— Demais.... a vingança com o açoute do senhor... não; hei de ser eu mesmo: o senhor.... longe sempre de mim.... não quero.

Você dirá a Pae-Rayol que eu lhe prohibi tornar á fallar-lhe.

— Bem : entendo, e ha de ver o que farei ; dice Esmeria.

E mudando logo de tom, perguntou :

— E você porque me foge a tanto tempo, tio Alberto ?. . .

O negro apontou para dentro da caza : depois respondeu em voz baixa :

— Não gosto do senhor ; mas não bulo com elle.

— Espere aqui : eu volto já ; dice a creoula.

Entrou apressada pela cozinha; mas passados breves minutos tornou a apparecer e aproximou-se da cerca, onde estava o negro.

— O senhor dorme ainda : conversemos...

— Não ; você é do branco, nada mais tem comigo ; respondeo Alberto.

— Eu precizo fallar-lhe. . . . é sobre Pae-Rayol. . .

— Que é ?...

— Tenho muito que dizer, e aqui á esta hora não posso ; mas eu detesto o Pae-Rayol mais do que você, tio Alberto.

Esmeria fallava á tremer e em tom de segredo ; o negro porem rio-se e perguntou :

— E hoje? e ind'agora?...

— Oh! é o demonio.... e eu precizo de você, tio Alberto; murmurou a creoula, olhando aterrada para todos os lados.

— Porque tem medo?

— Elle é feiticeiro....

O negro ficou impavido; mas franzio as sobrancelhas.

Esmeria continuou:

— E' necessario que eu converse com você, tio Alberto; não tenha medo do senhor.... sei governa-lo: espere alguns dias.... não provoque o Pae-Rayol antes de fallar comigo.... fuja delle, e prepare-se: porque a nossa vingança será segura.

— Você não mente? perguntou o negro.

Esmeria desfez-se em juramentos, e melhor que seos juramentos de mulher corrompida e escrava desmoralisada fallava em seu rosto a eloquencia do terror.

— Pois seja; dice Alberto; fugir de Pae-Rayol, não; deixar de persegui-lo com o meu odio, não; mas estou prompto á entender-me com você contra elle: quando?

— Eu marcarei o dia e o lugar.... hade ser muito breve.... conte comigo, tio Alberto.... eu

não me esqueço nunca de você. Agora retire-se; mas pelo amor de Deos guarde segredo.

— Descanse; disse Alberto, apertando a mão que a creoula lhe offerecera.

E seguio logo para sua sensala.

Esmeria ficou immovel, contemplando a figura do Hercules negro que se retirava.

XXII

Alberto era um homem negro de natureza nobre e altiva; mas já estragada pelos venenos da escravidão: como os outros escravos seos parceiros já tinha manchado as mãos com o furto, os labios com a mentira, o coração com o desenfreamento da luxuria torpe, o estomago e a cabeça com o abuzo da agoardente. De suas grandes qualidades por assim dizer innatas só restavão os vestigios nos defeitos oppostos: da altivez tirára e conservara o odio aos senhores que lhe impunhão o aviltamento do captiveiro forçado; da sua nobreza e dignidade pessoal apenas lhe ficára a flamma vingativa do insulto recebido, e a arrogancia da consciencia da propria força material.

Não querendo vingar-se do Pae-Rayol com o açoute do senhor, Alberto não o fazia por sentimento generoso e fraternal ; mas só porque tinha em principal aversão o dominio do senhor, e em unica estima pessoal o orgulho e a jactancia da sua força physica.

Trabalhando assiduo e deligente para escapar ao castigo que se ufanava de nunca ter provado, reffreando seos impetos de vingança contra o Pae-Rayol para não se expôr ao açoute, embora elle dicesse que tinha medo de si, o que podia ser e era a justa apreciação das furias possiveis de um orgulho que se firmava na convicção do poder de seos musculos herculeos, elle dava testemunho do calculo que o egoismo aliás justificavel estabelece sobre o receio das punições e das consequencias de um acto violento, e arrebatado.

Ao menos porem nessa destruição de grandiosos sentimentos, o escravo africano, Alberto, pudéra salvar e manter a fidelidade mais exemplar aos parceiros, e a repugnancia mais invencivel ás scilladas cobardes que a traição costuma armar ás escondidas.

Alberto, negro sem educação, escravo e portanto homem condemnado ás miserias e aos

vicios inherentes á baixa condição imposta. era pelo estrago e depravação de suas qualidades capaz de acções atrevidas e criminosas; levado pelo rancor e pela colera ouzaria matar o seo inimigo; mas sem duvida o atacaria de frente e mediria suas forças com elle.

Ainda ahi havia orgulho e ostentação de sua força physica e de sua coragem de Hercules; mas em todo caso não havia torpeza e infamia de assassino de emboscada.

Esmeria conhecia o caracter, a capacidade, e os defeitos do tio Alberto, e inspirada de subito pela declaração franca de sua inimisade hostil ao Pae-Rayol, vio nelle um recurso poderoso contra o feiticeiro, de cujo poder e influencia tiranica desejava subtrair-se; foi por isso que emprazou Alberto para uma entrevista mais cautelosa e opportuna.

Mas então já outra preoccupação se apoderara do animo da perversa creoula. O Pae-Rayol tinha-lhe lembrado o mal que a existencia dos filhos legitimos de seu senhor faria ao filho que em breve ella daria á luz. A medida que nisso meditava, esvaecia-se a compaixão que ella mostrára ter das tres pobres creanças já pois destinadas a seguir o caminho de sua infeliz mãe.

A cegueira de Paulo Borges chegára ao ponto de entregar aos cuidados da creoula os seus tres innocentes filhos que havião de ser martyres sendo ainda anjos.

Esmeria hesitava ainda, receiosa de uma grave contrariedade possivel: a miseravel affligia-se com a duvida sobre a côr da creança que do seo seio devia nascer, e com a apprehenção das consequencias do desengano patente que bem poderia ferir os olhos do senhor.

Emfim, e mais cedo do que calculava, a creoula teve o seo parto e enthusiasmou-se, conhecendo que o filho denunciava pela côr a paternidade de Paulo Borges.

Desde esse dia Esmeria-mãe adoptou a idéa horrorosa do Pae-Rayol: a sentença de morte dos filhos de Thereza foi lavrada pela escrava delles ciumenta, e refervente em duplicada ambição.

Paulo Borges, o principal causador de tantas desgraças, nem teve tempo de experimentar as desconsolações e a tristeza que sente por força o pae, recebendo ainda um castigo da sua escandalosa sensualidade, ao considerar a desigualdade das condições de seus filhos, e a irremediavel inferioridade social do fructo do ventre captivo em comparação dos outros.

Quando chegou a *outra lua nova*, Esmeria ainda se achava de cama ou resguardada; mas a infelicidade domestica resultante do adulterio e da corrupção de Paulo Borges poupou-a á um dos tres assassinatos premeditados: o mais novo dos miseros orphãos, tendo perdido sua mãe, passára a amamentar-se aos peitos de uma escrava designada sem estudo, e sem justificada preferencia para esse delicadissimo myster, e bebendo á sobras no leite impuro o veneno da syphilis, morrera exactamente naquella *outra lua nova* marcada para o seu martyrio.

Depois passou cerca de um mez, e a serpente sylvou.

Pae-Rayol dous dias antes da terceira *lua nova* se havia recolhido á enfermaria: o seu estado excluia toda suspeita de manha: tinha febre, e claros symptomas de irritação intestinal; mas o escravo enfermeiro não vio que elle deitava fóra os remedios que lhe mandavão dar e que ás occultas mastigava raizes que levára comsigo.

No segundo dia Pae-Rayol estava bom, e fugindo da enfermaria, entrou na sua sensala, e no fim de poucos minutos sahio, e foi sylvar como a serpente no fundo do quintal.

Pae-Rayol tinha desde algumas semanas um

inimigo que de longe o perseguia, espiando-o, contrariando-o, provocando-o sem fallar, mas seguindo-o sempre á distancia, como a sombra de seo corpo: era Alberto: não temendo, mas tambem não ouzando atacar de frente esse inimigo, esperando do tempo occasião opportuna para *propinar-lhe* algum dos seus feitiços, o negro africano refalsado e feroz para escapar na *lua nova* á perseguição de Alberto, fizera-se adoecer com a certeza de poder curar-se.

Alberto trabalhava na roça, quando a serpente sylvou no fundo do quintal.

A creoula deixou o filho que dormia, e correo deligente, acudindo ao chamado.

As duas hydras se encontrarão.

O negro afagou a creoula como costumava, insinuando-se possuido de paixão cada vez mais violenta. Depois começou a fallar.

— Esmeria, Pae-Rayol tem um inimigo e precisa cautela.

— Quem é? perguntou Esmeria com sobresalto simulado.

— Pae-Rayol sabe e ha de mata-lo: elle mata com os olhos; mas ainda não quer.

A creoula ia fallar; elle porém tomou-lhe a palavra.

— Escuta: Pae-Rayol e Esmeria não podem mais fallar aqui sem a espia no mato: é preciso andar de pressa...

— Andemos...

— Pae-Rayol queria andar de vagar; mas não póde... tem inimigo que espia... é preciso andar de pressa...

— Andemos; repetio a creoula.

— Escuta: esta raiz tem feitiço, mata criança em uma noite: Esmeria deixa os meninos comerem fructa que faz indigestão, e dá café com esta raiz, elles morrem de indigestão. O filho de Esmeria fica só e é rico.

A creoula não respondeo; porém não protestou, e recebeu com mão segura o pequeno embrulho que continha as raizes.

O negro scelerato proseguio.

— Quando Pae-Rayol quer fallar a Esmeria, assobia como serpente, e Esmeria, á meia noite, vai a senzala de Pae-Rayol.

— E se o senhor se acordar?

O negro rio-se; e mostrou á Esmeria outro, um segundo embrulho de papel que era maior e que sem duvida guardava outras raizes.

— Pae-Rayol precisa andar de pressa: cada raiz que elle dá aqui, faz o tigre velho dormir

toda a noite: Esmeria vem sem medo á senzala de Pae-Rayol; mas só á meia-noite por causa do inimigo.

— Faz dormir?... e como hei de da-la?

— Esmeria cozinha a raiz no café bem carregado.

A creoula tomou o embrulho com sofreguidão: a substancia que podia fazer dormir assim Paulo Borges era um thesouro para a escrava sua amasia.

O negro rio-se outra vez e disse:

— Uma raiz só faz dormir: duas soffrer muito: tres hão de matar.

Esmeria olhou para o Pae-Rayol, como se lhe perguntasse a explicação desse prudente aviso.

— Esmeria não póde matar logo, continuou o negro; faz dormir o tigre velho, faz forrar o filho, fica forra tambem, faz o senhor escrever no papel testamento, dá o testamento para o Pae-Rayol guardar: depois cozinha tres raizes no café do tigre velho.

Uma onda de suor frio banhou o corpo da creoula que instinctamente e sem reflectir, perguntou:

— E depois!...

O negro fitou em Esmeria os seos olhos ves-

gos, incisivos e penetrantes, e adoçando quanto pôde a voz, dice:

— Esmeria gosta do Pae-Rayol?

A creoula fez um esforço supremo de fingimento e com fogo e commoção respondeu, beijando a face do negro que ella aborrecia:

— Oh! muito! muito!

Elle beijou-a tambem com os seos tres labios repugnantes, e respondeo então á pergunta da creoula.

— Esmeria sobe o morro de uma banda, e Pae-Rayol sobe da outra: em cima do morro Emeria encontra Pae-Rayol ao pé della.

— Não entendo.

— Quando o tigre velho morrer, Esmeria fica senhora da fazenda com seo filho, e fórra Pae-Rayol, que tambem fica dono.

E o negro fixou ainda mais incisiva e profundamente seo olhar magnetico no rosto da creoula e no fim de alguns momentos, dice:

— Pae-Rayol quer.

— Pois sim! exclamou a creoula, abraçando-se douda, e petulantemente com elle.

O negro arrancou-se dos braços da creoula, e fitando-a de novo, com olhar imponente de sua

vontade, absoluto, imperioso dice ainda, dando á voz tom ameaçador:

— Pae-Rayol quer! e se Esmeria não faz, Pae-Rayol mata.

A creoula como transportada, fóra de si, possessa, lançou-se ao negro, abraçando-o, beijando-o e exclamando com ardor:

— Meo marido!... meo marido!....

XXIII

Esmeria voltou para casa com o coração palpitante de assombro e com o espirito, embora perturbado, aceso em sinistras idéas e barbaros projectos.

Só naquelle dia medira toda a extensão dos planos de Pae-Rayol que, rude e ignorante como era, queria fazer della o instrumento da sua fortuna e maior poder, erguendo uma e outro sobre os cadaveres da familia inteira de seo senhor, que devia ser a ultima pedra do horroroso edificio.

A ultima pedra?... Esmeria estremecia, lembrando-se de seo filho, em quem Pae-Royol talvez, ou certamente não perdoaria o sangue de Paulo Borges.

E se até então Pae-Rayol brutal e tyrannicamente a dominava e lhe impunha sua vontade absoluta, á que extremos não se arrojaria, quando, morto o senhor, entrasse na casa, em cujo dono contava já erigir-se?

A creoula jurava a si mesma não sujeitar-se á tamanha calamidade e mil vezes veio-lhe á memoria o nome e a imagem de Alberto: não lhe escapou que preparava neste um outro bem provavel dominador, confiando-lhe algum dos segredos das suas atrocidades, e encarregando-o de livra-la do Pae-Rayol, o inimigo commum, dando-lhe a morte; mas entre Pae-Rayol e o tio Alberto não podia haver hesitação na escolha, e o poderio deste sorria além disso á viciosa negra.

Esmeria tranquillava-se tanto quanto lhe era possivel, contando com o braço de ferro do Hercules africano; mas adiava ainda a sua entrevista com elle, receiosa de que por temor ou generosidade Alberto se opuzesse ao envenenamento dos dous meninos.

Este crime nefando estava decididamente resolvido pela malvada escrava, que ainda mais se assanhára com a perspectiva do futuro que o Pae-Rayol mostrára em grosseiro quadro á seos olhos.

Só lhe faltava a opportunidade para o medonho attentado, e foi ainda o desmoralisado e vil senhor quem lh'a proporcionou.

Corria o mez de Março que ardente abrilhantava os campos: abundavão as fructas proprias da estação e entre outras as *mangas* tão doces ao gosto, como suaves ao olfato: uma tarde, de volta da roça, Paulo Borges trouxe aos meninos um cestinho de mangas.

A traiçoeira creoula oppoz-se, simulou reprovação á esse regalo offerecido á Luiz e Ignez, observando que as mangas erão muito *quentes* e perigosas para as crianças; estas, porém, chóravão, o pae ralhou brandamente com a escrava-senhora, que não desejando outra cousa, deixou a sala de jantar, onde se passava a scena.

Os dous meninos acompanhados de alguns creoulinhos da sua idade comerão as mangas que aliás não erão muitas; mas saltarão de contento, encontrando no fundo da cestinha tres pequenos caixos de cocos de tucum.

Esmeria, acudindo á gritaría das creanças, poz as mãos na cabeça ao vê-las comendo cocos depois das mangas.

Paulo Borges não deu importancia aos avisos da creoula. Os meninos regalarão-se, brincarão

ainda, e ás oito horas da noute dormirão logo depois da sua costumada ceia de simples canja de arroz.

Mas dentro em pouco estava a casa em movimento, Paulo Borges em sustos, e a creoula *em desespero:* terrivel *indigestão* se declarara em todas as creanças, que em gritos, em vomitos, em convulsões e delirio, e com as mãosinhas nos ventres, que se abrasavão e se dilaceravão em fogo e em dôres horriveis, avançavão depressa para a morte que se manifestava já na decomposição dos traços phisionomicos.

O sabio curandeiro, chamado immediatamente por ordem da creoula, não tardou; ouvio a historia das mangas e dos cocos, notou a coincidencia e semelhança dos soffrimentos dos meninos e dos creoulos, applicou os seus meios mais energicos para vencer aquellas violentas *indigestões*; não foi porém feliz.

Ao amanhecer estavão mortos os dous filhos legitimos de Paulo Borges, e dos creoulinhos, tres provarão a mesma sorte, e apenas dous escaparão a esse horroroso morticinio.

Paulo Borges consternado, accusava-se em altos brados de assassino de seos filhos, as tres escravas mães dos creoulos victimas, o accusa-

vão tambem chorando na cosinha. Esmeria doudejando em pranto, corria mil vezes a abraçar e a beijar os pés dos dous meninos seos senhores já cadaveres, e arrancada de junto d'elles, hia ver as tres creancinhas mortas, e os dous que gemião ainda, mas que se consideravão salvos.

E apparentemente em afflicção desmesurada. e dentro de si turbada, medrosa, aturdida pelo proprio crime ; mas ainda assim cuidosa observadora d'aquella scena lugubre de assassinato de creanças, dizia entre si como admirada :

— Que demonio de Pae-Rayol ! que temivel veneno ! só escaparão os dous creoulos que apenas cearão o restinho da canja que sobejou dos outros !

A historia da indigestão de mangas e cocos correo pelas visinhanças, e o caso foi geralmente lamentado.

A morte dos tres creoulos conjunctamente com a dos dous filhos de Paulo Borges, e os soffrimentos semelhantes das duas *crias* que sobreviverão, excluirão toda suspeita de envenenamento.

Luiz e Iguez, forão como sua mãe sepultados na capella, e os tres creoulos no cemiterio da fazenda.

Esmeria e seu filho triumpharão sobre as sepulturas das victimas.

O tigre da escravidão já tinha despedaçado e devorado as carnes, e bebido o sangue da mulher e dos filhos do senhor.

A vez de Paulo Borges hia chegar.

XXIV

A creoula concedeu á dôr profunda do pae a expansão de quinze dias.

Durante esse breve periodo, accudindo e obedecendo ao sylvo da serpente, experimentou duas vezes a efficacia de uma só das raizes que lhe dera o Pae-Rayol, ajuntando-a á agua que fazia ferver para o café do senhor.

O effeito mostrou-se indisputavel e seguro. Paulo Borges dormio, como o embriagado que se submerge no somno.

A creoula abria uma janella, e saltava pára o campo á meia noute, demorava-se duas e tres horas na senzala do Pae-Rayol, recolhia-se depois, e Paulo Borges dormia sempre.

Era preciso desperta-lo ao romper do dia, e

ainda depois de desperto Paulo Borges, quando não se activava, tinha somno.

Esmeria estudava cautelosa na observação d'esses phenomenos as proporções das dozes que lhe conviria applicar ao senhor.

Em suas duas visitas á senzala do Pae-Rayol teve a certeza de que Alberto proseguia em seo systema de provocadora, mas distanciada perseguição ao seo inimigo, que começava a revoltar-se impaciente, e a idear vingança.

Alberto descobria as preferencias que a sensualidade do Pae-Rayol dava passageiramente a uma ou outra escrava, e tomava-lhe sem difficuldade e com ostentação as preferidas.

Alberto seguia sempre de longe o Pae-Rayol, e por vezes, aos domingos, se mostrava á distancia, mas parado e firme nos bosques e descampados onde o seo inimigo de costume divagava.

Alberto matára diante de alguns parceiros o gato preto, companheiro unico do Pae-Rayol, em sua senzala solitaria.

Pae-Rayol era forte, de sua força muscular tinha consciencia e certa ufania; não se arreceiava de Alberto; mas tambem não se achava seguro de sua superioridade physica sobre o

Hercules, e contemporisava, embora raivoso, calculando mata-lo sem perigo.

Uma escrava tinha já avisado Alberto de que o Pae-Rayol tentava pôr-lhe *feitiço*, havendo-a convidado com instancia para ajuda-lo n'esse empenho.

De tudo isto Esmeria soube metade na senzala do Pae-Rayol, a outra metade nas confidencias de outras escravas.

A creoula teve medo de perder o tio Alberto, e resolveu apressar a marcha dos acontecimentos que ella devia determinar.

Passadas as duas semanas dadas ao coração do pae, ella fallou ao senhor sobre a condição e o futuro de seo filho.

— Emquanto viverão meos senhores moços, eu nunca me animei a pedir a liberdade e algum favor para meo filho que tambem o é de meo senhor; mas agora...

E abaixou os olhos com refinamento de hypocrisia.

Paulo Borges triste e abatido não respondeo; ficou porém meditando o dia inteiro.

Esmeria mostrou-se a seos olhos, por vezes, com o filho nos braços, com o filho que já co-

nhecia, e ria, ao desgraçado que era seo pae, e seo senhor.

Alguns dias depois Paulo Borges, a quem a creoula incessantemente cercara de cuidados, e que habil e petulante embriagara em novos phrenesis, tomou suas vestes de sahida, e logo de manhã montou a cavallo e foi para a villa.

Demorando-se mais do que costumava, o misero só voltou á fazenda ao cahir da tarde, e chamando Esmeria á seo quarto, mostrou-lhe um papel dobrado e lacrado, que fechou depois em uma gaveta, da qual guardou a chave.

— E' o meo testamento, creoula; disse elle.

Creoula era o tratamento que Paulo Borges dava a Esmeria.

— Que me importa o seo testamento? exclamou a perfida negra; testamento é lembrança de morte e eu quero que meo senhor viva cem annos.

O louco rio-se com agrado, escutando a exclamação da creoula, e entregando-lhe duas folhas de papel dobradas separadamente, accrescentou:

— Ahi tens duas cartas de alforria, uma é tua; desde hoje deixaste de ser escrava: a outra é a do teo... do meo filho: não ficaráõ ahi os meos

favores... has de senti-lo á seo tempo: continúa á ser boa e fiel para que eu não me arrependa.

Esmeria cahio de joelhos aos pés de Paulo Borges.

A victima levantou em seos braços o algoz.

E logo nessa mesma noite Paulo Borges dormio somno comatoso.

XXV

No curto periodo de dez dias passados depois daquelle em que a escrava recebêra para si e para seo filho o beneficio immenso da emancipação, Paulo Borges o bemfeitor, mas insensato amante da creoula, decahira de modo á inspirar as mais tristes apprehensões.

O abatimento de suas forças physicas era evidente, e o do seo espirito acompanhava na mesma proporção o outro; seos olhos se encovavão, a sua magreza era progressiva, o seo andar tornava-se vagaroso e hesitante, e ainda mesmo de dia a frouxidão e o somno o perseguião.

Esmeria accusava o infeliz de preguiçoso, instava com elle para que não desamparasse a roça, e fosse activo como d'antes.

O sabio curandeiro, á quem a creoula não cessava de presentear, e á quem havia tomado por padrinho do filho, apoiava com vigor os conselhos da comadre, receitava o que melhor lhe parecia; mas em suas confidencias á Esmeria, e em conversação com os vizinhos, declarava que Paulo Borges, o seo velho amigo e estimado compadre, estava com principios de amollecimento cerebral.

A todos espantavão os successivos e rapidos golpes descarregados pela *infelicidade* sobre a casa de Paulo Borges, onde em poucos mezes a morte devorára a esposa, tres filhos, e prestes ia devorar o fazendeiro. Já havia desconfianças e murmurações nas vizinhanças.

- Um lavrador pobre, foreiro de Paulo Borges, encontrando á este no caminho da roça, não se poude conter ao vê-lo tão abatido e desfigurado, e, pedindo-lhe perdão da liberdade que tomava, aconselhou-o á mudar de cozinheiro.

O misero condemnado rio-se tristemente e agradeceo o interesse que por elle tomava o lavrador; assegurando, porém, que a pessoa que preparava as suas refeições era digna de toda a confiança.

Essa pessoa era Esmeria.

Entretanto a suspeita do lavrador ficára no espirito de Paulo Borges que debalde procurava esquecê-la e que á pezar seo observava com olhar dubio a physionomia da creoula, quando chamado por ella se sentava á mesa, e principiava á comer.

A impassibilidade, o aspecto perfeitamente tranquillo de Esmeria acabavão sempre por socegar a victima que se arrependia da sua desconfiança.

A creoula esperava paciente o progresso da *molestia* de seo antigo senhor; mas o Pae-Rayol começava á ter pressa, e á exigir obediencia.

Ella comprehendeo que era tempo de entender-se com Alberto, que talvez já se suppozesse esquecido.

Os escravos da fazenda tiverão de fazer serão á noite. O fazendeiro-escravo da mais absurda rotina ainda mandava descaroçar o milho pelas mãos dos escravos, julgando ganhar tempo, por que empregava nesse serviço duas horas em cada noite, duas horas que de outra sorte serião de descanso para a escravatura.

Esmeria desde que Paulo Borges *tomára o costume de adormecer facil e frequentemente*, acompanhava-o sempre para activar e fiscalisar o serão.

Nessa noite ella procurou chamar a attenção de Alberto que trabalhava defronte do Pae-Rayol: quando se achava pelas costas deste, ralhava injustamente e excitava á trabalhar aquelle, que aliás não levantava a cabeça; mas quando ao rodear o numeroso bando de escravos sentados em circulo, passava junto de Alberto sempre tocava-o com o pé.

O negro conservava-se immovel e como insensivel.

Paulo Borges sentára-se e adormecèra; a creoula deixou-o dormir.

Alberto levantou-se emfim: depois do Pae-Rayol e de alguns outros já despedidos, concluira elle tambem a sua tarefa e logo foi despejar no monte o milho que descaroçára.

Esmeria que o esperava, murmurou-lhe rapidamente:

— A' meia-noite na sua senzala.

Alberto respondeo com um movimento da cabeça, deixando-a cahir de modo á encostar o queixo no peito.

Paulo Borges não inspirava mais receio algum á creoula: dormia sempre até que ella o acordava á força de manhã.

A' meia-noite Esmeria entrou na senzala de Alberto.

— Pensei que a senhora não vinha mais; disse este.

— A senhora? que é isto?

— Já não somos iguaes: eu sou escravo e...

— Póde ser meo senhor, se quizer.

— Cancei de espera-la. Sei que Pae-Rayol ainda a chama.

— E eu confesso que ainda tenho ido fallar-lhe.

O negro pareceo indignado.

— Vim contar-lhe tudo; continuou a creoula; chegou o tempo, em que só você, tio Alberto, póde me livrar daquelle domonio.

— Livra-la como?...

— Matando-o: com elle é mata-lo, ou deixar-se matar.

— Porque então você vai encontrar e se entregar á Pae-Rayol?...

— Deixe-me contar-lhe tudo: você, tio Alberto, é incapaz de me fazer mal, e por isso eu lhe direi tudo.

— Falle; disse o negro soberbamente.

Esmeria confiou á Alberto os sinistros segredos de suas relações com o Pae-Rayol; o seo

imperio sobre as serpentes, o poder assassino do seo olhar, a sua sciencia de feiticeiro, os crimes de que o sabia ou o suspeitava perpetrador, o dominio absoluto que pelo terror elle exercia sobre ella, o seo plano para enthronizar-se como senhor na fazenda, e a sua consequente ordem para o envenenamento de Paulo Borges, á que por medo e céga e obrigada obediencia ella se estava prestando.

A creoula sómente esquecèra os envenenamentos de Thereza, dos dous filhos desta e das tres crianças escravas.

Alberto ouvira silencioso a historia que Esmeria lhe contára: depois reflectio por algum tempo, e levantando a cabeça, disse:

— Que me importa! o senhor vai morrer, como a mulher e os filhos morrerão: não fui eu que os matei; não sou eu que o mato: que me importa?... isso é lá com elle... nem o seguro, nem o empurro.

Triste, mas verdadeira observação! a natureza nobre e generosa de Alberto estava já tão estragada pelo virus moral da escravidão, tão envenenada pelo aborrecimento em que o escravo pelo facto de ser escravo tem ao senhor pelo facto de ser senhor, que o assassinato de

Thereza e de seos filhos e o novo envenenamento, o envenenamento de Paulo Borges, não inspirára horror ao altivo negro, que indifferente dissera apenas : « que me importa ! não fui eu que os matei ; não sou eu que o mato : que me importa ? ! ! ! »

Como a escravidão corrompe, faz apodrecer, e inocula ferocidade, e torna tigre ou hyena o homem escravo !

Esmeria estremecêra, ouvindo ao intelligente negro a explicação da morte das suas victimas.

— Tio Alberto, exclamou ella chorando ; juro que não fui eu quem matou minha senhora, e meos senhores moços ; se morrerão envenenados, não fui eu que os envenenei ; foi talvez alguma negra que o Pae-Rayol governa tambem.

— Que me importa !

— Se você quer, livre-me do Pae-Rayol, que eu estou prompta á poupar a vida do senhor... á salva-lo...

— Que mē importa que morra ou que se salve? depois delle virá outro, sempre senhor, sempre um branco á opprimir o negro...

— E se fôr um negro ?

— Eim ?...

— Se fôr o Pae-Rayol?

Alberto, que estava sentado, levantou-se de um salto.

— Pae-Rayol!...

— Eu lhe contei tudo: elle me domina pelo terror, não posso resistir ao seo poder... o senhor morrerá... meo filho e eu herdaremos a fazenda... Pae-Rayol impôr-se-ha, e eu me curvarei... Pae-Rayol será o senhor, envenenará meo filho... e o tio Alberto será escravo de Pae-Rayol...

— Não! exclamou o negro; o que você acaba de dizer é verdade; eu matarei Pae-Rayol.

Os olhos da creoula brilharão com fogo infernal.

— E o senhor? perguntou ella.

— Que me importa! repetio Alberto.

— E tavez já seja tarde para salva-lo! disse Esmeria; os venenos do Pae-Rayol são terriveis! oh, tio Alberto, livre-me d'esse demonio de feiticeiro, e em breve senhora aqui, você ha de ser meo unico senhor...

O negro olhou suspeitoso, mas soberbo para a creoula, e vio a lascivia abrazando-lhe o rosto.

Para o escravo a lascivia é que é amor.

Alberto contava trinta annos de idade e havia vinte que era escravo: Esmeria fôra a sua paixão mais pronunciada, e ainda então depois de amante do senhor, mas penetrando em sua sensala, despertava n'elle o antigo ardor do negro escravo apaixonado.

— Vá-se: o senhor a espera e desconfia; disse elle tremendo.

— Não; o senhor dormirá até a hora em que eu quizer acorda-lo; respondeu a creoula apertando com ancia ambas as mãos de Alberto.

O Hercules negro abraçou a Dejanira negra.

Esmeria e Alberto se separarão pouco antes de amanhecer o dia.

Tinhão ambos ficado de perfeita intelligencia: a creoula conseguira assenhorear-se da vontade de Alberto, e faze-lo adoptar todas as suas idéas.

O negro deixava indiferentemente á mercê de Esmeria a vida do senhor, á quem *não segurava, nem empurrava.*

Na seguinte noute a creoula tinha de ir á senzala do Pae-Rayol, e Alberto esperaria o momento da sua retirada para provocar frente a frente o seo inimigo, e mata-lo.

Depois... provavelmente Paulo Borges morreria...

Depois, Esmeria e Alberto não se separarião mais...

Por fim de contas, Alberto mostrava que era escravo, e estragado pela escravidão em que cahira havia vinte annos.

XXVI

E' de regra que a negra que foi escrava e se tornou senhora, seja a peior das senhoras : se ha ou tem havido excepção, Esmeria não o foi.

Arrogante, exigente e perseguidora das parceiras, desde a morte de Thereza, a creoula, vendo-se emancipada, e calculando com pujante futuro, exagerou as proporções de sua vaidade, e para impôr submissão respeitosa, e aniquilar as liberdades e confianças da antiga convivencia e igualdade, fez-se cruel, ordenou castigos justos e injustos, e com as proprias mãos descarregou por vezes o açoite sobre as costas de suas companheiras do tempo da escravidão e do menospreço.

Mas tambem é de regra que os escravos, e

principalmente as escravas, detestem ainda mais, e muito mais, a parceira que se tornou senhora.

A inveja se mistura com a desestima, e produz o rancor, rancor que tempestea furioso, se a antiga parceira presumpçosa e soberba, cruel e petulante, quer obrigar a esquecerem-lhe o passado, e exige prostrações, cultos servis e humildes de quem pouco antes a abraçara irmã pela condição, irmã pelos vicios, e socia nas desenvolturas em que a escravidão procura lenitivo.

Na fazenda de Paulo Borges a cosinha já conspirava contra Esmeria, que a cada instante a invadia, como féra embravecida.

Na manhã que seguio á noute de sua muito dilatada entrevista com Alberto, a creoula, ou por que houvesse mal dormido, ou por assanho de maldade, atormentou as antigas parceiras, e sob o pretexto de uma resposta menos respeitosa, ou mesmo atrevida, açoutou desapiadadamente uma velha escrava, á quem Thereza tinha, com a sua bondade, hadituado aos direitos de mais descanso, e de certa consideração e tolerancia devidas á velhice.

Lourença, escrava octogenaria, soffreo o castigo sem gemer e sem chorar; quando porém

Esmeria voltou as costas, ella escancarou a boca, onde não tinha um unico dente, e pareceo soltar uma gargalhada, ou um rouco e destemperado lamento.

As outras escravas pensarão que a velha tinha enlouquecido, e murmurando pragas e insultos. enxovalharão a creoula-senhora.

Lourença ficou indifferente, muda, e como inerte o dia todo; mas ao cahir da tarde tomou um páo, em que costumava arrimar-se e sahio.

A velha escrava era a incumbida dos cuidados do gallinheiro: as parceiras julgarão que ella fora assistir, como costumava, ao vespertino recolhimento das gallinhas: ainda era um pouco cedo, mas talvez o açoute de Esmeria tivesse activado a pobre negra.

Lourença sumio-se entre as larangeiras, foi até o fundo do quintal, poz-se de gatinhas e passou por baixo da cerca, e caminhou pelo campo até chegar á cancella, junto da qual sentou-se no chão.

Era a cancella da estrada, por onde se hía á roça d'esse anno.

Meia hora depois a velha negra levantou-se, ouvindo os passos vagarosos de um cavallo, e abrio a cancella.

Era Paulo Borges que hia passar de volta da roça. O fazendeiro appareceu abatido e desfigurado: a negra com uma mão segurava a cancella, com a outra segurou o estribo do senhor.

— Lourença tem que contar; disse ella.

— Que é?...

— Esmeria está matando senhor.

— Como? perguntou Paulo Borges estremecendo.

— Esmeria cosinha uma raiz no café que senhor bebe de noute; ella esconde muito; mas Lourença já vio...

— Já viste?

— Lourença já vio...

E a negra contou pelos dedos seis vezes.

— Tu mentes; disse Paulo Borges que aliás começava a acreditar no que ouvia; tu mentes, ou então me darás prova do que dizes.

— Lourença não mente; respondeo a negra: é velha, mas quando lhe entra idéa na cabeça, espia, faz que dorme, mas não dorme.

— E que tens visto?..

— As vezes a cobra assobia no quintal: é mentira, não é cobra: uma vez Lourença foi ver os pintos... a cobra era Pae-Rayol.

— Pae Rayol!... o chamado feiticeiro!...

— Esmeria vae fallar com a cobra...

— Meo Deos!

— Agora não vae mais ao quintal, quando a cobra assobia: Lourença reparou e não dormio... não podia dormir... a idéa estava na cabeça de Lourença...

— E então?

— Agora senhor dorme muito...

— Sim... durmo...; disse Paulo Borges aterrado.

— De noute senhor toma café, e vae dormir, e não acorda mais: Esmeria abre a janella, pula, e vae... Lourença já vio.

— E onde vae ella?

— Lourença não sabe; mas Pae-Rayol tem sensala.

—E' isso! balbuciou,suspirando,Paulo Borges.

— Lourença é velha; mas não precisa dormir: vae morrer porque não dorme mais de hoje em diante... Lourença quer mostrar á senhor o crime de Esmeria.

— E como?

— Senhor não toma café, deita-o fóra, e faz que dorme, e póde dormir; quando Esmeria salta a janella, Lourença vae acordar o senhor.

Paulo Borges aceitou promptamente a propo-

sição da velha escrava ; interrogou-a ainda por algum tempo, recolhendo cuidadoso suas informações, e seguio depois para casa, levando no seio a raiva, e no rosto a dissimulação.

Lourença, a velha escrava, a escrava profundamente desmoralisada por longa vida de captiveiro, ensinada pela experiencia traiçoeira de mais de meio de seculo de escravidão, tinha apanhado e guardado com indifferença malvada o segredo dos crimes de Esmeria, e só pelo rancoroso resentimento do açoute rompera o silencio imposto pelo odio natural de escrava ao senhor.

Era talvez muito tarde para salvar Paulo Borges ; mas ainda a tempo para sua vingança de velha escrava cruelmente açoitada.

XXVII

A's oito e meia horas da noute, Esmeria pôz á mesa a céa costumada de Paulo Borges que comeo com appetite.

Depois da céa a creoula trouxe e servio o café: Paulo Borges pedio a caixa de tabaco que deixára no quarto, e em quanto a creoula foi busca-la, elle levantou-se prompto, e atirou pela janella o café contido na chicara.

Esmeria ao chegar com a caixa de tabaco, vio a sua victima com a chicara voltada nos labios, como a derramar as ultimas gotas do liquido envenenado.

N'essa noute a creoula tinha fervido no café não uma, porém duas raizes. No estado de fraqueza em que se achava, Paulo Borges, se ti-

vesse bebido o café, dormiria para não tornar a acordar.

—Já bebeo o café?... perguntou Esmeria.

— Já ; estava excellente : agora o que tenho, é vontade de dormir.

— Que somno ! o senhor já não faz caso de mim...

— Que queres, creoula ?... não me posso vencer : é um somno de bebado, ou de envenenado...

Esmeria rio-se ; e disse como de máo modo :

— E' somno de velho.

Paulo Borges não respondeu e foi deitar-se resolvido á velar, e á fingir-se adormecido ; no fim porém de poucos minutos somno irresistivel pesou sobre suas palpebras, e elle dormio profundamente.

Esmeria que estava ao lado do misero fazendeiro, levantou-se á meia noute, e anciosa e tremula não por medo de Paulo Borges, á quem deixava suporificado e talvez proximo á morrer; mas pelas apprehenções e temores do combate e da morte, de que ella tinha de ser testemunha nessa noute, abrio cuidadosa uma janella da sala de jantar, para onde pé por pé se dirigira, e saltou para fóra, cerrando depois a janella.

Passados breves minutos Lourença entrou no quarto do senhor, tomou-lhe os braços e os sacudio com força até obriga-lo á despertar.

Paulo Borges acordou, e sentando-se na cama forçado pela insistencia dos esforços da velha escrava, perguntou:

— Quem é? Que é?...

— Esmeria já sahio, saltando pela janella; respondeu Lourença: se o senhor quer, Lourença o acompanha até a senzala do Pae-Rayol.

O fazendeiro cedendo ao excitante do ciume, da colera, e do instincto da propria conservação, poz-se em pé, vestio-se, tomou duas pistolas que sempre tinha carregadas, e em subito accesso da antiga energia, disse á velha negra:

— Vamos; acompanha-me.

E sahio com Lourença ao lado pela porta da frente da casa que abrio, e deixou cerrada.

Lourença era velha e Paulo Borges já privado de forças: caminhavão ambos á passos vagarosos e apoiando-se um no outro.

— Se houver perigo, disse Paulo Borges, tu chamarás o feitor.

— Não ha de haver perigo; respondeu Lourença: basta que senhor ouça o que elles disse-

rem... e amanhã senhor mandará segurar em Esmeria e Pae-Rayol.

— Dizes bem; tornou o fazendeiro convicto de sua fraqueza.

Paulo Borges deixou-se guiar pela velha, que, fazendo grande volta, conduzio o senhor, menos exposto á ser descoberto, pela encosta de elevado outeiro até chegar á parede do fundo da senzala do Pae-Rayol.

Sabe-se que as senzalas tem uma unica porta que abre para a frente.

Agora algumas breves palavras sobre o theatro da ultima e lugubre scena 'deste drama sinistro.

A senzala do Pae-Rayol era isolada e levantava-se no cabeço desse outeiro que por de traz docemente se hia debruçando até a planicie: pela frente tres braças de terreno separavão a palhoça do negro de um fundo precepicio: o pequeno monte acabava ali quasi em ponta mais que ingreme, escarpado: á alguns palmos abaixo do solo mostravão-se as espinhas agudas da rocha, saliencias desiguaes, triangulares, tortuosas, pontudas, e no fundo, aos pés do outeiro o rio a correr, gemendo, sobre pedras cortantes, e separadas em multidão de pedaços de granito.

A lua era plena e bella.

Paulo Borges e a negra tinhão os ouvidos pregados á parede de barro amassado do fundo da senzala, cuja portá se achava trancada.

Dentro da senzala havia a luz do fogo de um brazeiro.

Na frente e á medir o precipicio via-se immovel a figura de um negro agigantado.

Paulo Borges e Lourença no fundo e o negro immovel na frente da senzala não se tinhão descoberto, não se podião ver.

Por mais baixo que Pae-Rayol e a creoula se fallassem, o sussurro de suas vozes chegava fóra, e ao mais leve descuido as palavras erão entendidas, graças á grosseira construcção da senzala.

Pae-Rayol parecia ralhar com Esmeria, que se desculpava.

As palavras—raiz—tigre velho—morte— havião destacadamente chegado aos ouvidos de Paulo Borges que tremia convulso.

Por fim o negro malvado irritara-se e com voz menos contida, dissera em tom de senhor :

-- Pae-Rayol quer!

— Uma semana ainda! exclamou a creoula.

— Não : amanhã de noute tres raizes, e o tigre velho morre ..

— Tenha pena...

— Depois d'amanhã Esmeria é senhora de tudo...

— E Pae-Rayol? perguntou a creoula traiçoeira, elevando a voz.

— No outro dia Pae-Rayol fica tambem senhor; porque gosta de Esmeria.

— E eu tambem gosto do Pae-Rayol.

— Mas se Esmeria não faz, Pae-Rayol mata.

— Farei tudo! disse a creoula, abraçando e beijando o negro.

Mas Pae-Rayol em vez de pagar-lhe os afagos, desviou-se, soltou risada que não poude abafar, e logo cerrou os dentes com força e á ponto de faze-los ranger.

— De que ri assim? que é isso?

— *No outro dia...*

— Sim... no outro dia?...

— Pae-Rayol ha de surrar tio Alberto.

Um golpe violento dado por potente hombro fez em pedaços a porta da senzala, e Alberto que se mostrou ao clarão da lua, bradou com raiva:

— Cão damnado! a hora chegou: mas traze faca: porque eu trago faca.

Pae-Rayol deu um salto, armou-se de um ma-

chado, e por momentos medio com os olhos vesgos o inimigo.

Paulo Borges tinha cahido por terra.

Alberto afastou-se alguns passos e disse:

— Sahe para fóra; ou vou lá dentro agarrar-te.

O Paé-Rayol não reconheceu a soberba generosidade de Alberto que reputando-se superior em forças não queria abusar dos estreitos limítes da sensala, e dava á destreza as vantagens do espaço; mas aproveitou-se do que suppunha erro e imprudencia do inimigo, e rapido e com o machado erguido tomou em dous pulos campo no terreiro.

Immediatamente o combate se travou furioso.

Pae-Rayol tinha força e agilidade; conhecendo porém o Herculés, confiou ainda mais na agilidade do que na força, e empenhou-se em escapar e furtar-se em quanto pudesse á luta corpo á corpo.

Mas elle não contava com a ligeireza e velocidade de movimentos de Alberto.

Pae-Rayol saltando, illudindo com negaças o inimigo, manejava o machado, como espada em mão de habil esgrimidor; Alberto atacava, fugindo com o corpo aos golpes do machado, e

tentando sempre chegar com as mãos ao seu adversario.

O Hercules soberbo deixara a faca na cintura, e só o corte do machado do Pae-Rayol em continuo e variado movimento brilhava aos raios da lua.

Esmeria chorava á porta da sensala, observando o combate.

Paulo Borges e Lourença arrastando-se pelo chão e mettidos entre as hervas e a gramma tinhão chegado até o ponto, em que expondo apenas as frontes e os olhos podião testemunhar o duello grosseiro, mas terrivel.

Paulo Borges fazia votos pela victoria de Alberto.

Cinco minutos talvez durava já o esteril manejo de saltos e negaças, de ataques e de golpes perdidos no ar; mas o Hercules negro cansou de esperar, e afrontando o machado atirou-se frente a frente ao Pae-Rayol com impeto tão pouco esperado, que o instrumento de morte cahio sobre elle, quando seu corpo já estava pregado ao corpo de Pae-Rayol.

A decisão da luta pareceo então depender da posse do machado: os dous negros disputárão com desesperado esforço a arma formidavel;

mas em breve Alberto, dando forte joelhada no estomago do Pae-Rayol, e ao mesmo tempo, com igual força, puxando o machado, arrancou-o das mãos do inimigo, que recuára á cambalear.

Em vez de ferir logo de morte á Pae-Rayol, o soberbo Hercules atirou o machado no despenhadeiro, e perguntou:

— Cão damnado! trazes faca?

O Pae-Rayol que redobrara de furia, tendo já recobrado o folego, respondeo com voz de surdo trovejar:

— Não; mas Pae-Rayol mata sem faca.

Alberto puxou a faca da cinta e a fez voar pelos ares.

— Braço á braço agora! e no fim a morte de um de nós dous no fundo do precipicio!

Os dous negros se arrojárão um sobre o outro, e a luta se tornou medonha: agarrados ambos, ferindo-se com as unhas e com os dentes, e em violento combate, em que as mãos como os pés, as pernas como os braços de ambos se enlaçavão, se estiravão, se retorcião no empenho que cada qual tinha de submetter o outro, Alberto e Pae-Rayol erão como dous cães de fila, ou como duas pantheras que se tivessem aferrado.

Evidente se patenteava a resolução de cada

um dos lutadores; porque ambos medião ás vezes o espaço que os separava do abysmo: era horrivel o silencio dos negros assim agarrados: só se ouvião dous arquejos que se misturavão ferozes.

Esmeria teve medo e fugio á correr.

Paulo Borges horrorisou-se e incapaz de levantar-se e de andar, disse á Lourença que fosse chamar o feitor e gente para prender os dous escravos.

Mas Alberto vira Esmeria fugir medrosa e envergonhado da prolongação da luta, fez um esforço supremo, e cahio sobre o Pae-Rayol, á quem lançára por terra.

O Hercules dominou o negro malvado, que todavia resistio ainda, cravando as unhas no pescoço de Alberto; este, porém, não só empregou esse mesmo recurso; mas ainda com um dos joelhos sobre o estomago do inimigo já sua preza, de todo o submetteo.

Um ronco lugubre annunciador de agonia sahio do peito de Pae-Rayol, cujas mãos inertes cahirão, desgarrando as dez unhas do pescoço de Alberto.

O vencedor inundado pelo proprio sangue e pelo sangue do inimigo, retirou então do esto-

mago deste seo joelho rochedo, e ouvio por breve instante e com assanhada furia o estertor do moribundo que estava a seos pés, e arquejante de fadiga, mas raivoso ainda, curvou-se de novo, levantou em seos braços de Hercules o corpo do negro odiado, e avançando dous paspassos, atirou-o no fundo e pedregoso precipicio.

O echo do baque do corpo do Pae-Rayol, que tombando de ponta de rocha em ponta de rocha cahira sem duvida despedaçado no rio que corria embaixo, por entre pedras escalavradas, completou a vingança terrivel de Alberto, que enxugando com a manga da camisa o sangue que lhe sahia do pescoço ferido, retirava-se offegante para sua sensala, quando o feitor e alguns escravos que chegavão, o cercárão e prendèrão.

O Hercules negro não procurou resistir; estendeo os braços para receber as cordas, dizendo:

— Sim! eu matei Pae-Rayol.

Mas Paulo Borges surgio então do meio das hervas e da gramma, e ainda tremulo e sobresaltado, exclamou:

— Soltem esse negro, que salvou-me do meo

assassino: amanhã eu lhe darei carta de liberdade.

E accrescentou sem hesitar:

— Vão prender Esmeria, a cumplice de Pae-Rayol....

CONCLUSÃO

Que importa o horror da morte do Pae-Rayol?...

Que importa o castigo justissimo de Esmeria que perante a autoridade publica acabára por confessar todos os seos crimes?

Que importa que Paulo Borges rasgasse o testamento que fizera e que em assanhos de serodia vingança e em desvarios de remorsos, desprezasse, e arredasse de sua casa o filho que tivera da perversa creoula, punindo assim no innocente a sua propria depravação?...

Que importa tudo isso?...

Thereza tinha vivido vida de martyrio em seos ultimos mezes, e morrera envenenada.

Luiz e Ignez, filhos legitimos de Paulo Borges tinhão tambem morrido por atroz e dilacerante veneno.

O pobre anjinho do berço que fôra privado dos seios de sua honesta mãe, bebera a syphiles e a morte nos peitos immundos de negra corrupta.

Paulo Borges, emfim, sobrevivia a todas essas victimas da malvadeza dos dous escravos e da sua sensualidade abjecta para arrastar sombria velhice atormentada pelos estragos da organisação, pelo perdimento da saude, pelo desprezo publico que o perseguia, e por incessantes e desabridos remorsos, que reproduzião insistentes e implacaveis aos olhos de sua alma as agonias afflictivas, despedaçadoras de sua esposa e de seos dous filhos.

A aza negra da escravidão roçára por sobre a casa e a familia de Paulo Borges, e espalhára nellas a desgraça, as ruinas, e mortes violentas dos senhores.

Pae-Rayol e Esmeria, algozes pela escravidão, esses dous escravos assassinos não podem mais assassinar...

A escravidão, porém, continúa a existir no Brasil.

E a escravidão a mãe das victimas-algozes é prolifica.

FIM DO PRIMEIRO VOLUME.

Typ. Americana, rua dos Ourives n. 19.

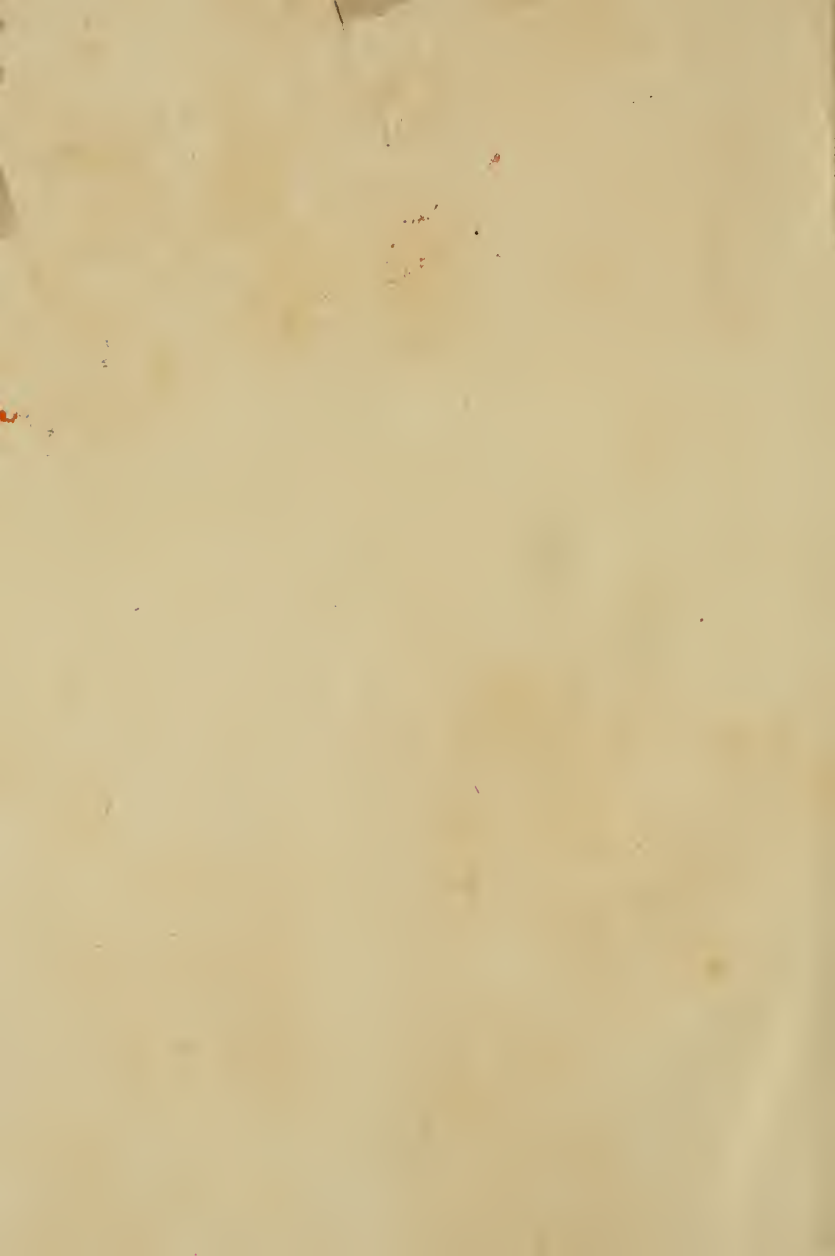
DR. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO

AS VICTIMAS-ALGOZES

QUADROS DA ESCRAVIDÃO

ROMANCES

TOMO II

RIO DE JANEIRO
Typ.—AMERICANA—Rua dos Ourives n. 19.

1869

AS VICTIMAS-ALGOZES

AS VICTIMAS-ALGOZES

QUADROS DA ESCRAVIDÃO

ROMANCES

POR

JOAQUIM MANOEL DE MACEDO

VOLUME II.

RIO DE JANEIRO.
Typographia—Perseverança—rua do Hospicio n. 91.

1869.

III

LUCINDA — A MUCAMA.

I.

Era o dia feliz que marcava o decimo primeiro anniversario natalicio de Candida. A espaçosa e bella caza de campo de Florencio da Silva estava vestida de galla, e resplendendo alegria. A cada momento chegavão carros, conduzindo familias, graciosas amazonas e elegantes cavalleiros, que vinhão applaudir a festa da ditoza menina.

Tanto ardor festival indicava claramente a importancia e o merecimento do pae de Candida.

Florencio da Silva era um honrado, intelligente e rico negociante da pequena cidade de.... da provincia do Rio de Janeiro, e tambem um pouco agricultor por distracção e gosto, possuindo á meia legua da

cidade, onde commerciava, uma chacara esmeradamente tratada, comprara nas visinhanças della extensa situação, e ahi, desde o principio da guerra civil dos Estados-Unidos da America do Norte, explorava com o maior proveito a cultura do algodão.

Bom, affavel e generoso, repartindo as sobras da riquéza que accumulava com os pobres que não erão vadios, e entretendo numerosas relações no seo e nos visinhos municipios, Florencio da Silva era ainda por isso mesmo poderosa e legitima influencia eleitoral e politica na sua comarca, e intimamente ligado como se achava por laços de estreita amizade e de partido com Placido Rodrigues o mais opulento fazendeiro e capitalista do lugar, não haveria triumpho possivel contra elles em lides eleitoraes, se no Brasil não houvesse o poder magico e despotico da policia que faz da voz do povo echo obrigado e misero da ordem dictada e pelo governo aos falsos, ou falsificados comicios da nação.

Florencio da Silva não sabia como agradecer á Deos a sua felicidade: estimado geralmente, gozando de consideração igual ao seo credito, justo tributo pago ás suas virtudes, tinha no lar domestico, em Leo-

nidia, o thezouro de uma esposa modelo; e dous filhos, á quem idolatrava, Liberato, o mais velho, que fazia na Côrte os seos estudos de preparatorios, e Candida, que completava então onze annos de edade, sem fallar em Frederico, filho de Placido Rodrigues, que fora creado aos peitos de Leonidia, e que tambem pertencia ao seo coração.

Elle tinha a familia habitando ordinariamente na chacara, o seo paraizo, enriquecida de jardins, de prodigiosa variedade de arvores fructiferas e de ornamento, de lagos e fontes, de arroio natural correndo sobre leito de pedras, de verdura e relva, e melhor que tudo isso, do amor abençoado e suavissimo da esposa e dos filhos.

Era nessa chacara que elle estava festejando os annos da sua querida Candida.

A menina, enlevo e estremecido cuidado de seos paes, mostrava-se naquella edade em que a infancia ainda ri, e a puberdade em longes promessas se annuncia aos olhos maternaes que observão, nesse estadio da vida, periodo de insensivel mas progressiva metamorphose, em que duas edades se mistarão e se combatem, uma para morrer entre flores, risos e sonhos de anjo, outra para

nascer entre um espanto, cem enleios, mil duvidas, e no labyrintho da innocencia que se confunde, e do coração que ancia uma e outro em santa perplexidade, a menina se mostrava, dizemos, mimosa e linda creatura, que se fazia amar com a pureza dos amores do céo.

Candida era loura: seos finos cabellos cahião em aneis; tinha os olhos azues e bellos e o olhar de suavidade captivadora; o rosto oval da cor da magnolia com duas rozas á ensinuarem-se nas faces,—um céo alvo com duas auroras á romper;—a boca, ninho de mil graças, era pequena, os labios quasi imperceptivelmente arqueados, lindissimos, os dentes iguaes, de justa proporção e de esmalte purissimo, o pescosso e o corpo com a gentileza propria da sua edade, as mãos e os pés de perfeição e delicadeza maravilhosas.

Fazia pena e medo pensar que a proxima metamorphose podia alterar, como acontece muitas vezes, aquella harmonia feliz de encantos e de belleza.

Florencio da Silva educava e instruia sua filha ao lado e sob a vigilancia de Leonidia, que velava por ella com olhos e coração de mãe extremosa: aos onze annos Can-

dida fallava o francez, conhecia o inglez, a geographia, a historia, tocava piano e cantava com sua voz que era já naturalmente canto mavioso, voz da infancia, muzica do lar; dezenhava, bordava de diversos modos e ainda mal sabida em tantos dotes, conservava todos os seos mestres, e com elles apurava o estudo do que apenas aprendera os rudimentos.

Porem o que mais enfeitiçadamente radiava em Candida era o brilho, a expansão, a segurança, o abandono, o celeste perfume da innocencia, dessa virginal, purissima, sublime insciencia do mal, insciencia que faz da menina um anjo da terra, que arremeda e quase iguala os anjos do céo.

A caza de campo de Florencio da Silva já estava cheia de senhoras e cavalleiros convidados para o banquete da festa de Candida, que se abysmava com ruidosa alegria infantil em um oceano de flores, de ramalhetes, de bonecas, de albuns, de livros ricamente illustrados.

E todavia ainda assim Candida não estava plenamente satisfeita; ao contrario almejante, avida, desasocegada de instante a instante corria á janella, e estendia os olhos pela rua principal da chacara.

Florencio e Leonidia rião-se, observando a impaciencia da menina.

Por fim ella vio o que esperava, e batendo palmas exclamou:

— Ahi vem meo padrinho! é meu padrinho!... é o seo carro!...

Era Placido Rodrigues que com effeito chegava.

D'ahi á breves momentos a afilhada correo á atirar-se aos braços do padrinho que muito amava.

Placido recebeo enternecido os abraços apertados da afilhada, beijou-a na fronte, deo-lhe a mão á beijar, e com solemnidade deitou-lhe a benção.

Candida tinha os olhos humidos de lagrimas de alegria.

— E o teo prezente de annos? perguntou-lhe Placido.

— Foi o abraço de meo padrinho; respondeo a menina.

— Esse foi eu que recebi, Candida; agora recebe tu, o que te trago.

— Que é, meo padrinho?

Placido Rodrigues dirigio-se emediatamente á porta, fez um signal com a mão, e logo depois apresentou á Candida uma creoula de edade de doze annos, vestida com apro-

priado esmero, e calçada de botinas pretas.

—Trago-te uma escrava quasi da tua edade, á quem mandei ensinar de proposito para ser tua mucama.

E voltando-se para a creoula, dice-lhe:

—Lucinda, eis-ahi tua senhora.

E logo, fallando á afilhada, acrescentou:

—Toma conta della, Candida, e se te desagradar a figura, e não gostares do serviço dessa creoula, hasde-m'o dizer, para que eu a troque por outra.

Placido deixou a afilhada que ficára em silencio olhando para a sua mucama.

Em breve Lucinda não poude resistir á infantil observação da menina, e abaixou os olhos, sorrindo-se com agrado.

Candida gostou do rir da creoula e perguntou-lhe com tom senhoril.

— Que sabes tu fazer, Lucinda?

— Engommo, cozo, penteio, e sei fazer bonecas.

O rosto da menina radiou de jubilo.

Ella tomou pelo braço a creoula, e levando-a até junto de sua mãe, dice:

— Meo padrinho me deo esta mucama que sabe pentear e tambem fazer bonecas!...

Leonidia sorrio-se, e olhou para o compadre, agradecendo-lhe com os olhos o prezente que tanto alegrára a filha.

Candida foi immediatamente mandar que accommodassem Lucinda, como se tratasse de recolher um thezouro.

Que thezouro! uma escrava mucama de menina que em breve hia ser moça!

II.

Entre os noivos é de regra quase sempre invariavel, que ambos almejem com ardor igual, que o primeiro fructo de sua união seja um menino. A razão é obvia: o homem vê no filho o herdeiro e continuador de seo nome que elle não perderá como a filha no acto do cazamento; a mulher prevê no filho o retrato de seo marido, e para si um protector no futuro, e ambos advinhão nelle zeloso escudo e garantia da familia, e ambos o sonhão feliz no mundo, glorificado pelos homens, e abençoado por Deos.

Estas considerações algumas das quaes, embora egoistas, são muito naturaes, justificão a preferencia manifestada nos dezejos do nascimento de filho varão, preferencia

alias inconveniente e prejudicial quando se faz sentir no amor, e em mais esmerada educação que geralmente nas familias os filhos gozão e recebem com desproporção notavel e não pouco amesquinhadora das filhas.

A observação não é falsa: algumas vezes as filhas como os filhos são igualmente amados pelos paes, e ainda mesmo sem dissimulação de preferencia; pelas mães quase nunca ou nunca: as mães amão sempre mais os filhos do que as filhas.

No que porém se refere á educação intellectual, e a verdadeira, necessaria e immensamente importante educação da mulher, á que se prende e de que depende em maxima parte o futuro moral, social, o que quer dizer, o futuro politico, todo o futuro da nação, os paes, as mães e com elles o Estado, dão por cego abandono e por direcção e praticas desacertadas e imprudentes vivo testemuuho da preferencia iniqua, absurda e fatalissima conferida aos filhos com desvantagem das filhas, ao homem menino e joven com desvantagem da mulher menina e joven; aos futuros cidadãos com o abatimento, menosprezo e incrivel olvido da transcendente e indeclinavel influencia das futuras mães dos cidadãos.

Todavia qualquer que seja o gráo de predilecção que no seio da familia tenhão de seos paes os filhos varões, ao menos ha para as filhas certa especialidade de cuidados que nas mães é religioso culto de amor que vela incessante, como o das sacerdotizas de Vesta que vigiavão o fogo da pureza, e nos paes uma fonte sublime de melindres e de escrupulos, uma santa exageração de estremecido zelo que enubla ou descora os proprios extremos do mais ardente e captivo namorado.

As mães tem o privilegio das flammas suaves de um sentimento beatificador, da sciencia natural do seo sexo, da experiencia de sua vida de moças solteiras, da confiança, da liberdade, da convivencia intima; e pelo ventre que concebeo e nutrio, pelos seios que derão o leite, pelo coração que dá o amor, pelo sexo que faz a mãe irmã da filha, pela intimidade que modera as reservas do respeito e do pejo, tornão as filhas transparentes á seos olhos.

Os paes não podem gozar essa expansão ampla e quasi illimitada do amor das filhas e apenas a invejão nas confidencias que das esposas recebem: elles porém se desforrão na exaltação do mimoso cultivo dos seos botões de flôres.

O pae adora em sua filha a candideza dos anjos: santo namorado embebe nella os olhos, como em divina imagem, tem preza nella o zelo mais susceptivel, e o amor que é todo mimos: no passeio dóe-lhe a pedrinha em que pizou por descuido o pé da sua princeza; teme por ella a briza que lhe desmancha o penteado, o raio do sol que póde offender as petalas de roza ou o branco matiz de suas faces; afflige-se, quando a suspeita pensativa ou triste, vae de noite escutar, se ella geme, dormindo; tem a sua gloria no seo recato; revolta-se, ouvindo pronunciar diante della a palavra arriscada que póde confundir sua innocencia; duvida que ella já saiba o que a natureza faz adivinhar ainda mesmo obscuramente; dá-lhe a educação da ignorancia da missão da mulher, illude-se com as confianças dessa educação; dezeja vel-a casada, mas receia de todo noivo; não dá, concede a filha em casamento e tem loucos instantes, em que olha para o melhor dos genros como para o ladrão do seo thezouro, e logo depois, se o genro felicita a filha, chora de alegria, e agradecido quizera beijar as mãos desse ladrão do seo thezouro.

Era assim que Florencio da Silva, amava Candida.

Não houvera carinho, extremo, escrupulo, inspiração de angelolatria que elle tivesse poupado com a queridissima filha: á par da satisfação de todos os caprichos da menina, desvellou-se na sua educação segundo a pratica admittida; nunca porém se sujeitou á mandal-a para o internato de algum collegio menos pela consideração dos perigos que nessas cazas correm as meninas, do que pela idéa afflictiva de separar-se della: os paes mais prudentes e cautelosos ainda não comprehendêrão sufficientemente as inconveniencias da educãção das filhas em internatos, como não poucos dos que temos.

Candida teve no lar paterno e sempre junto de sua mãe, quantos professores e professoras Florencio da Silva imaginou que lhe erão precisos e até pouco mezes alem dos dez annos de edade a companhia inapreciavel e o serviço dedicado de uma boa senhora, mulher pobre, mas livre e de sãos custumes, que fora sua ama de leite e a idolatrava como seos pais.

Mas Joanna, que aos dezoito annos inviuvara, era ainda moça e agradavel, sempre fora honesta, e achando segundo noivo em um laborioso e honrado lavrador, deixou por elle Candida com o maior pezar, mas com

a approvação de Florencio da Silva e de Leonidia que estimavão o lavrador e que derão a ama de sua filha dote relativamente consideravel.

A menina chorou com desabrimento proprio da sua edade, a separação determinada pelo casamento da ama, que não menos dolorosamente se despedio de sua filha de creação; mas para maior afflicção desta, quasi logo sobreveio a morte de um tio do marido de Joanna, obrigando a este a mudar-se com sua mulher para distante municipio, onde o chamou a herança de importante estabelecimento rural.

Candida triste, saudosa de sua segunda mãe, da creada amiga, da companheira do seo quarto de dormir, não tolerou a idéa de fazel-a substituir pela melhor, ou mais estimada das escravas de sua caza, e até o dia de seos annos em que a encontramos em festa, viveo ou dormio solitaria, onde não mais dormia perto do seo leito a honesta senhora, que desde a sua infancia fora a digna partilhadora de seo amor filial, e como dice ou escreveo um grande poeta portuguez na sua tragedia de Ignez de Castro!

Ama, na creação ama, no amor mãe.

Placido Rodrigues, o padrinho de Candida,

conseguira vencer a justissima repugnancia, talvez a instinctiva ou providencial obstinação da afilhada, trazendo-lhe de presente para sua mucama a creoula Lucinda que sabia pentear e fazer bonecas.

Depois da ama, mulher livre, a mucama, creoula escrava !...

Candida tinha perdido a companhia da mulher que era nobre, porque era livre, e o serviço de braços animados por coração cheio de amor generoso, que é sómente grande, quando a liberdade exclue toda imposição de deveres forçados por vontade absoluta de senhor.

E em substituição da companheira livre, amiga, e devotada, recebeo alegre a creoula quase de sua edade, a mulher escrava, uma filha da mãe fera, uma victima da oppressão social, uma onda envenenada desse oceano de vicios obrigados, de perversão logica, de immoralidade congenita, de influencia corruptora e fallaz, desse monstro deshumanisador de creaturas humanas, que se chamma escravidão.

III.

Candida chegara aos onze annos de edade com a perfeita innocencia de sua primeira infancia; seo espirito cultivado pelos mestres e na leitura de livros escolhidos cautelosamente, enchia-se de luz suave, de idéas serenas e preciosas, dentro porém do recatado horisonte da sciencia concedida pelo santo respeito que se deve a edade santa, principalmente em uma menina; seo coração era um altar adornado pelo amor de seos paes e pela feliz influencia da companhia de sua ama, simples, boa e religiosa mulher.

Esta excellente base de educação não fôra em seo elemento principal fructo de sabio plano de Florencio da Silva; mas resultado de uma afortunada circumstancia: sem du-

vida o ensino recebido por Candida, sob a vigilancia protectora de sua mãe, e a pratica prudente de não ter sido a menina levada até então aos bailes, e ás sociedades sem caracter de reunião limitada á familias de intima amizade e confiança, contribuírão não pouco pará aquelle bello effeito ; o essencial porém tinha sido a não pensada, não reflectida, mas ditosa exclusão de mucama escrava, graças ao amor, á terna dedicação maternal da ama, que extremoza quasi ciumenta, tomara para si o cuidado, e o serviço da menina que aleitara em seus peitos.

Candida cresceo sem ter escrava ao pé de si : a ama só a deixava á Leonidia, talvez por que não lh'a pudesse disputar.

Ditosa, alegre, meiga, expansiva, Candida nem uma só vez mesmo de relance suspeitára ainda da ignorancia que a conservava anjo ; até bem poucos mezes a ama a despia á noute, e ajudava-a á vestir-se de manhã sem que ella hesitasse passageiramente em um instante de confusão, ou mostrasse de leve a côr do pejo accesa em suas faces. Candida ainda não tinha a consciencia, tinha apenas o instincto do pudor.

Nesse estado de admiravel e extasiadora

candura, tendo perdido sua ama, a menina recebeo em breve o presente da mucama escrava.

E que o não tivesse recebido, e que ainda e sempre pudesse ter comsigo a excellente ama, estava perto a edade em que Candida seria apresentada nos salões e exigida pela sociedade, e alli de todo ou em parte havia de ir desmoronando o edificio de sua educação.

Sabeis porque?... porque ainda a mais escrupulosa, a mais digna e verdadeiramente nobre sociedade de paiz onde se tolera o serviço escravo, resente-se por força da infecção terrivel e inevitavel dessa peste que se chama escravidão.

IV.

Imaginai duas hypotheses tanto mais admissiveis, que ellas ahi se realisão todos os dias, uma como excepção, a outra como regra.

Imaginai a hypothese que incalculadamente começara a realisar-se no seio da familia de Florencio da Silva, e que por excepção se observa realisada de plano em algumas casas.

Ahi tendes no Brasil, na capital do Imperio, por exemplo, a familia mais rica e mais sabia, que pela sabedoria não possue um só escravo, nem admitte escravo algum em seo lar, e pela riqueza póde dar a mais esmerada e perfeita educação á filha querida, que é creada e cultivada como tulipa ou rainunculo em estufa.

O sopro envenenado da escravidão não tocou sacrilego, não offendeo o botão de roza.

Chega um dia em que o rainunculo sahe da estufa, em que o anjo baixa ao mundo, em que a donzella entra, apparece na sociedade.

Singela, descuidosa, alegre, avida de suaves e puros gozos a donzella procura naturaes ligações, amigas da sua edade e do seo estado que nem todas que sem duvida bem poucas escapárão como ella ao contacto, á companhia de escravas: eil-a pois em suas relações, em suas ligações, em suas confidencias com essas amigas, exposta e sujeita á sciencia do mal, ás infecções subtis da escravidão, ao contacto mediato com as escravas pela inoculação irreflectida, mas indeclinavel, que lhe vem da intimidade com outras donzellas, que sem má intenção e apenas por vangloria pueril e jactancia louca de mais sabidas, lhe revelão imperfeita e obscuramente segredos de seo sexo, que aprendêrão nas atrevidas explicações de suas mucamas.

A curiosidade se inflamma; a ignorante que começa á corar, pergunta mais, as presumidas sabias doudejão, querendo adivinhar, to-

das sonhão meninamente, mas já maliciosamente, o céo da innocencia se enubla, a angelica pureza do pensamento bate as azas e foge, e as faces virginaes se avermêlhão do pejo revoltado contra o desperto da imaginação, que em tresloucado e escondido arrojo mancha e atormenta, e pouco a pouco destróe a virgindade do coração.

O contagio suppre o contacto immediato: a escravidão influe sempre de perto ou de longe maleficamente sobre a vida das donzellas, perturbando e envenenando a educação dessas pobres victimas.

Agora a outra hypothese, que se realiza na regra geral.

A negra escrava que ahi vai passando desappercebida, mal julgada e não temida, espanta, alvoroça, aterra, quando a reflexão peza e avalia sua influencia tenebrosa e fatal.

A regra é esta: toda familia que não é indigente ou pobre possue uma, algumas ou muitas escravas, e uma dessas escravas é mucama da filha, da menina da familia e companheira assidua da infeliz donzella, condemnada ás infecções da peste da escravidão.

Em muitas casas a escrava mucama dorme

perto do leito da menina, senhora moça, ou á porta do seo quarto. Em algumas familias esta pratica imprudentissima é banida; mas em todo cazo a mucama escrava toma conta da roupa da senhora moça, ajuda-a a despir-se e a vestir-se, é a conselheira do seo toucador, e na costura a executora das modas dos seos vestidos, confidente obrigada dos segredos das imperfeições do seo corpo que se disfarção, e das bellezas de suas fórmas que se fazem sobresahir.

A mucama escrava se recommenda pois á menina, e ganha toda sua confiança pela importancia delicada e até certo ponto confidencial, do myster que desempenha no toucador; a mucama embora escrava, é ainda mais do que o padre confessor e do que o medico da donzella; porque o padre confessor conhece-lhe apenas a alma, o medico ainda nos cazos mais graves de alteração da saude conhece-lhe imperfeitamente o corpo enfermo, e a mucama conhece-lhe a alma tanto como o padre, e o corpo muito mais do que o medico.

A senhora moça torna-se por isso muitas vezes dependente e quase escrava da sua mucama escrava.

Comprehendeis bem toda a extensão dos

abuzos, dos males, das consequencias perniciosas e até mesmo desastrosas, e ás vezes fataes e irremediaveis que podem provir, e que tem provindo da influencia das mucamas escravas sobre a educação, a moralidade, a vida, o destino das donzellas?...

Educae como puderdes, o melhor e o mais sanctamente que é possivel, vossa filha, a par dessa educação que corrige os defeitos, aprimora as qualidades, semêa e cultiva virtudes, a despeito dos mestres que ensinão zelosos, a despeito de vossa esposa que solicita vigia, estará ao pé de vossa filha uma hora só, alguns minutos apenas em cada dia, uma escrava, é de sobra uma só, a sua mucama que com a palavra, o gesto, o elogio, a lisonja, a indiscrição, a petulancia, e a protervia dos seus vicios, dos vicios proprios da sua miseravel condição de escrava, comprometterá, arruinará o grande empenho do vosso amôr, plantará no coração de vossa filha a sciencia do mal, muito antes do prazo em que o mundo lh'a devia ensinar.

Embora não durma no quarto, que cumpre ser sacrario de virginal reserva, e muito peior se ahi dorme, e se é por tanto a impune observadora do abandono do corpo da donzella, nas traidoras revelações do somno

agitado ou descuidoso, e a contadora de historias e perigosa novelleira que falla e conversa em quanto ajuda á despir a senhora moça e a distrae com a sua garrulice nas noutes de vigilia, a mucama escrava ganha em breve a confiança e a amizade da pobre innocente, e umas vezes por maldade, e em outras muitas sem consciencia do mal que faz, revela-lhe mysterios cuja insciencia é o matiz da virgindade, põe em tributos crueis e vae gastando o seo pudor com explicações rudes em que não sabe medir o pudor da palavra, falla-lhe de namoros e de casamentos, impelle-a á affeições que podem ser nocivas, leva-lhe os bilhetes do namorado, verdadeiro ou fingido amante e pretendente a casamento, serve-lhe á intriga amorosa contra a vigilancia dos paes, infecciona-lhe o coração e excita-lhe os sentidos com a manifestação de idéas inspiradas pelo sensualismo brutal, em que se resume todo o amor nos escravos, e em alguns casos por avidez de sordido ganho, por desmoralisação, por perversidade, e até por vingança chega ao extremo de arrasta-la á perdição, e de facilitar a macula que para sempre nodôa a vida.

Por tanto a mucama escrava ao pé da

menina e da donzella é o charco porto em communicação com a fonte limpida.

A mãe que foi menina e moça solteira, sabe o que é, e como procede a mucama escrava; o pae que é senhor, sabe o que são e como procedem os escravos; mas á semelhança dos soldados que guarnecem praça sitiada, que a peste invadio, curvão as cabeças e submettem-se á calamidade, a que não podem fugir.

E não podem fugir porque?... porque a escravidão existe: porque o serviço das casas e das familias é feito por escravos, porque as amas de leite são em geral escravas e á ellas se prendem agradecidos os filhos de creação, e emfim porque em paiz onde se mantem a escravidão, é impossivel subtrahir a senhora, o homem, a menina, o menino livres ao contracto immediato ou mediato com os escravos.

E não vos quexeis: a culpa deste grande mal é mais nosso do que dos escravos; porque nós todos reconhecemos que a escravidão produz o aviltamento, a ignominia, a torpeza, a corrupção do homem feito escravo, e nos paizes que mantem a escravidão, os paes collocão o aviltamento, a ignominia, a torpeza, a corrupção aos lados de suas filhas.

V.

Candida se applaudira tanto do presente de annos que lhe fizera seo padrinho que não só para apprazel-a, como em respeito aos dezejos de Placido Rodrigues, Lucinda foi por Leonidia segunda vez destinada para mucama da menina.

Por excesso de zelo, Leonidia cahio no erro, na grave imprudencia aliás muito commum: resolveo recatar a escrava que era ainda tão moça e que devia ser tão frequente junto de sua filha, e não podendo resguarda-la absolutamente da companhia dos outros escravos durante o dia, encerrou-a ao menos á noute, fazendo-a dormir á porta do quarto de Candida.

Era a irreflectida concessão de prompta

e inevitavel intimidade entre a menina inexperiente e a sua mucama.

Lucinda era aos doze annos de edade, uma creoula quase mulher, tendo já tomado as fórmas que se modificão ao chegar a puperdade: um pouco magra, de estatura regular, ligeira de movimentos, affectada sem excesso condemnavel no andar, muito viva e alegre, garrulla, e com pretenções a bom gosto no vestir, com apparencias de compostura decente nos modos, diligente e satisfeita no trabalho, perspicaz, paciente, e mostrando-se desde o primeiro dia amante de sua senhora, e ufanosa do seo myster de mucama, costurando perfeitamente, engommando bem toda e qualquer roupa de senhora, sabendo trançar, e anelar com papelotes cabellos de meninas, ao que ella chamava saber pentear, fallando em modas e em figurinos francezes, bordando um pouco, exprimindo-se com facilidade e sem notaveis erros na linguagem trivial, e finalmente fazendo bonitas bonecas de panno, tornou-se em poucos dias muito estimada de sua senhora.

O presente que Placido Rodrigues destinara para sua afilhada, tinha sido longamente preparado para que se mostrasse precioso.

Lucinda fôra aos sete annos de idade mandada para a cidade do Rio de Janeiro, e alli entregue a uma senhora viuva que era professora particular de instrucção primaria, e mestra ou preparadora de mucamas.

A pobre, mas laboriosa viuva, ensinava sem paga á ler e escrever mal á meninas pobres, e á barato preço, o myster de mucamas á escravas; tirava porém de umas e outras grande vantagem, porque sendo tambem modista, as meninas e as escravas erão suas costureiras gratuitas.

Exigente e rigida, principalmente com as escravas, quando tratava de ensino e de trabalho, zelava apenas a moralidade das meninas, limitando-se a impedir áquellas de sahir á rua.

As aprendizes de mucamas dormião todas em uma unica sala.

No fim de cinco annos Lucinda que era intelligente e habilidosa, deixou a mestra e tornou a casa de seo senhor para passar logo ao poder de Candida, trazendo as prendas que presumpçosa ostentava, e dissimuladamente escondidos os conhecimentos e o noviciado dos vicios e das perversões da escravidão: suas irmãs, as escravas, com

quem convivera, algumas das quaes muito mais velhas que ella, tinhão-lhe dado as lições de sua corrupção, de seos costumes licenciosos, e a inoculação da immoralidade, que a fizera indigna de se aproximar de uma senhora honesta, quanto mais de uma innocente menina.

A creoula, mucama de Candida, era pois já então uma rapariga muito pervertida e muito desejosa de se perverter ainda mais; sabia tudo quanto era preciso que ignorasse para não ser nociva á sua senhora.

Assim pois na casa de Florencio da Silva estava posto o charco em communicação com a fonte limpida.

VI.

Poucos dias depois do seo festejado anniversario natalicio, Candida vio de subito e com alegre emoção transformar-se a sua guarda-roupa, donde forão banidos os vestidos curtos de menina, e substituidos pelos de saia comprida que cahem até os pés como se fosse longa e immensa nuvem do pudor á envolver completamente o corpo da donzella.

O primeiro vestido comprido é a realisação de um dos grandes dezejos da menina, que, sem saber porque, almeja ser moça: para ella, coitadinha, ser moça se resume em trazer vestido comprido, e em sua innocente ambição troca enthusiasmada as vestes leves e graciosas de anjo pela tunica de martyr.

Foi em um domingo que Leonidia fez sua filha trajar o primeiro vestido comprido, querendo que ella tivesse em um dia de folga horas livres, tempo bastante para gozar as impressões dessa metamorphose e começar a habituar-se a ella.

Candida não teve consciencia, nenhuma menina talvez a tenha, do quanto perde em sua graça, e do que ha de desgeitoso nos primeiros dias do seo vestido comprido, e de incompleto durante longos mezes, emquanto outra e natural metamorphose não arredonda e aperfeiçoa as fórmas que hade tomar o corpo, sujeito ao labor profundo que mysterioso e pouco a pouco se opera: encantada, como se encantão em igual caso todas as meninas, Candida fez rir á seos pais, divertio-os com a alegria que não disfarçava, e com certo ar de gravidade que tomava para honrar o seo vestido do moça, e mostrar-se digna delle.

Todavia essa gravidade pezada, imponente de quietação e de abandono dos brincos e distracções de menina, era affectação impossivel por muito tempo: Candida era travessa e o dia de domingo dispensava os estudos: dezejando ostentar seo novo trajo andou vinte vezes pela caza toda; sentou-se

ao piano, levantou-se depois de breves minutos para mirar-se pela centesima vez ao espelho, rio-se, dançou sosinha, deitou a correr pelas salas como delirantemente, e em uma volta mais veloz enredou os pés na longa saia do vestido e cahio.

Florencio, Leonidia, e Lucinda precepitarão-se para acudir a Candida; que levantou-se, rindo-se; pois não tinha soffrido mal algum na quéda; mas.... o seo engraçado rir de repente se apagou: ah!.... ella acabava de ver que rompera o seo lindo vestido; cuja barra se estendia em duas tiras pelo chão.

A menina não se poude conter; desatou a chorar.

— Que moça que chora assim! dice-lhe o pae.

— O meo vestido!... respondeo soluçando Candida.

— Tens outros muito mais bonitos; acudio Leonidia.

E voltando-se para Lucinda, dice-lhe.

— Vai dar outro vestido á tua senhora.

A menina voou para o seo quarto, e Lucinda a acompanhou.

A escolha do novo ou segundo vestido foi discutida e resolvida, custando muito á mu-

cama vencer o desejo que a senhora teimosamente mostrava de experimental-os todos.

Candida em pé, immovel, estatica, diante de seo grande espelho que reproduzia toda a sua imagem, não sentio a passagem rapida do tempo que gastou a mucama em abotoar-lhe o vestido, completar-lhe o *toilette*, e concertar-lhe o simples penteado.

— Está prompta; dice emfim a creoula.

A menina voltou-se então, mas vagarosamente e emquanto poude com os olhos fitos no espelho e a cabeça inclinando-se para trás, á mirar-se contente: depois, encarando orgulhosamente a mucama, dice ainda uma vez:

— Estás vendo?... já sou moça.

Lucinda fez um momo e sorrio-se maliciosa.

—Pois não sou?... perguntou a menina admirada.

A mucama pareceo ou fingio-se arrependida do movimento que lhe escapára e respondeo.

— Ah! sim, já é; já tem vestido comprido.

Candida comprehendeo que a sua mucama lhe occultava alguma couza que ella não sabia relativamente á sua condição de moça, e com infantil curiosidade, tornou dizendo:

— Não me enganas; tu pensas que ainda não sou moça á despeito do meo vestido: que me falta então para sel-o?

A escrava estremeceo.

— Eu não dice nada! murmurou ella; minha senhora é que vem com idéas que me podem fazer mal....

— Como? que idéas, Lucinda?...

— E' que se a mãe de minha senhora a ouvisse, havia de pensar que estou ensinando malicias á minha senhora, e me castigaria, e me separaria para sempre de minha senhora...

Candida ficou por alguns momentos confusa, absorta, e como querendo adivinhar um segredo impenetravel: depois dice:

— Não tenhas medo: eu nada direi a minha mãe.

E de novo, mas ainda por breve tempo reflectio ou scismou.

Lucinda estava evidentemente inquieta: a menina o percebeo, e ainda lhe dice:

— Descansa: não te ouvi cousa alguma, e eu te juro que meu pae e minha mãe nada saberáõ, do que eu te ouvir.

No juramento da menina transudava já o interesse de uma curiosidade natural, mas cheia de perigos.

A creoula habil e intelligente apreciou bem a poderosa garantia de segredo que lhe assegurava o interesse daquella curiosidade despertada, e não teve mais receios de comprometimento.

— Que faremos hoje?... perguntou Candida; que brinquedo inventaremos?... eu quero festejar o meo vestido.

— Faremos o que minha senhora quizer.

— Vamos fazer um baptisado da minha boneca nova, da Luizinha?

— A Luizinha já foi baptisada no domingo passado: agora só se fosse crisma ou casamento...

— Pois bem: seja casamento...

— Como? com quem?... minha senhora só tem bonecas...

— Ora! pois então?

— Seria preciso um boneco.

— Então a Luizinha não se póde casar com outra boneca?...

Lucinda olhou espantada para Candida e dice:

— Ah!... minha senhora aos onze annos de edade ainda é tão tola!

Tola não era qualificativo injurioso nesse caso.

Candida não se suppôz desrespeitada; mas

por sua vez, sorpreza, enleiada, confundida, e anhelante de explicações, com os labios semi-abertos, com os olhos de bello azul cheios de brando fogo á romper, á destacar-se da prisão das orbitas encarava attonita, pedinte de revelações, sondando abysmos e trévas, sem poder ver na celeste e profunda noute da sua insciencia e pedindo luz, luz que seria para ella raio angelicida.

VII.

A leviandade de Lucinda perturbou não pouco as doces alegrias de Candida naquelle domingo em que ella trajara o seo primeiro vestido de moça.

A menina por vezes mostrou-se distrahida e scismando vagamente: todavia não dirigio pergunta alguma á mucama, nem mesmo, quando se foi deitar; em seo leito, onde sempre tão facil e descuidosa dormia, pensou inutilmente durante meia hora sobre o que lhe podia faltar para ser moça.

Despertando no dia seguinte, lembrou as palavras de Lucinda:

— Minha senhora aos onze annos de edade ainda é tão tola!

Recebeo sem desagrado a creoula que veio

ajudar á vesti-la, não deixou perceber que se preoccupava do que lhe ouvira na vespera, e nem nesse, nem nos seguintes dias pedio explicações á Lucinda.

Este proceder da menina era devido á dous influxos diversos, á um nobre e generoso principio de educação, e aos assomos de pueril vaidade.

Candida tinha por norma de suas acções não praticar alguma que pudesse desgostar seos paes que costumavão castigar-lhe os erros, fingindo-se offendidos por ella e manifestando-lhe sua magoa em calculada tristeza: ora Lucinda lhe tinha dito que sua mãe podia suppôr que ella lhe estava ensinando malicias e que havia de punil-a por isso. Era pois evidente que o segredo cuja revelação desejava continha algum mal, e que o seo conhecimento desse segredo desgostaria seos paes.

Por outro lado a mucama a chamára tola, querendo chamal-a ignorante, e ella que recebia lições de tantos mestres, que lia tantos livros em portuguez, em francez e começava a lel-os em inglez, que já estudára geographia e estava estudando historia, ella que sabia tanto, vexava-se, não tolerava a idéa de parecer ignorante á sua mucama, em mate-

ria que todas as moças da sua edade devião saber, conforme se deduzia da observação de Lucinda.

Entretanto á pezar do principio de educação, e do resentimento da sua vaidade de menina, Candida lembrava sempre o momo que fizera, e as palavras que dicera a sua mucama.

A curiosidade impellia essa mimosa filha de Eva, e á porta do paraiso da camara virginal dormia a serpente da perdição.

A menina resistio heroicamente duas semanas, leo e releo livros, consultou seos diccionarios, procurando luz, e achou-se em um labyrintho de idéas incompletas e obscurissimas; tateando nas trévas e sem conductor, chegou a entrar em caminhos de suspeitas vagas de um mysterio cuja existencia suspeitou, e cuja comprehensão e esclarecimentos em vão buscou com ardor em seos livros.

Era demais para a sua curiosidade que augmentava com as longes e duvidosas conjecturas filhas de estudo sem guia.

Uma noute Caudida recolheo-se mais cedo ao seo quarto, e sentou-se á examinar os novos jornaes de modas que recebera de Paris: Lucinda de pé atraz da cadeira sobre

o encosto da qual apoiara a mão esquerda, dobrava um pouco o tronco e avançava a cabeça pelo lado direito de sua senhora para ver tambem e apreciar os figurinos.

Esta liberdade tomada pela mucama indicava bem o gráo de confiança que ella já gozava.

Candida demorou-se á admirar um figurino.

— Que elegante corpinho de vestido! exclamou Candida.

— E' verdade, minha senhora! dice Lucinda.

— Eu quero um assim para o dia de meos annos.

— Não, minha senhora; ainda é cedo: os enfeites, e o talhe deste corpinho só assentão e sobressaem em *moça feita.*

Candida deixou cair sobre a meza o figurino que sustinha entre as mãos e, sem olhar para a mucama, perguntou abaixando a voz:

— Que é *moça feita*, Lucinda?...

A creoula poz-se á rir.

A menina levantou-se e dice:

— Não quero que te rias: o teo rir me faz mal.

— Minha senhora ainda é menina; respondeo a creoula.

— E tu, que és um anno mais velha que eu, tu já és moça?

— Eu já sou.

— E' porisso que sabes mais do que eu; tornou a vaidosa.

— E' porisso e porque sou negra escrava; com as escravas não precisa haver cuidados; nós não temos de casar-nos.

A idéa do casamento atirada alli de mistura com a de *moça feita* confundio ainda mais a pobre e curiosa menina abandonada á companhia da mulher escrava.

— Mas que é ser moça, Lucinda? como ficaste moça? eu heide se-lo tambem dentro em pouco, não é verdade?

— De certo... não tarda...

— E eu que pensei que já o era!... de veras sou tola... mas que me falta?... como é isto?...

A menina não podia mais abafar a sua curiosidade e abatia-se, pedindo a lição forçosamente agreste, escabrosa e immoral da escrava-mestra.

— Minha senhora talvez falle... talvez mostre que sabe, e eu ficarei perdida.

— Não, não fallarei; eu sei guardar segredo; juro por Deos que ninguem saberá, o que me confiares...

— Com effeito parece incrivel! minha senhora quasi com doze annos e tão tola assim!...

— Explica-me.

— Pois sim: sente-se minha senhora outra vez, e pegue nos figurinos.

— Para que?...

— Póde a senhora entrar de repente, e convem que pense que minha senhora me está mostrando os figurinos.

A *senhora* de quem Lucinda fallava, era Leonidia.

A lição começava pois pelo ardil e dissimulação com que a filha devia preparar-se para enganar sua mãe.

Candida esqueceo logo nessa noute as noções de lealdade, de respeito, de encantado e suave amor que até então soubera zelar e que devia sempre a Leonidia, sua mãe, e portanto a mais segura, dedicada e providencial amiga que uma filha póde ter no mundo.

Desvairada pela curiosidade, escrava de sua escrava, infeliz victima da victima de uma oppressão social, que é punida pela propria corrupção das creaturas humanas, que degrada, desnatura, deprava e empeçonha, mergulhando-as no immundo len-

teiro dos vicios da escravidão, Candida obedeceo á Lucinda, sentou-se, tomou entre suas mãos um figurino, fitou nelle os olhos sem ve-lo, e isso calculadamente para enganar, atraiçoar ao amor estremecido, ao cuidado escrupuloso e santo daquella segunda providencia á que se dá o nome de mãe, e abrio os ouvidos e prendeo a alma ás palavras venenosas, ás explicações necessariamente immoraes da escrava.

As aguas do charco inundaram a fonte pura.

VIII.

Candida anciosa e levemente tremula estava pois sentada, tendo o corpo meio inclinado para a meza, sobre cuja borda encostava seos lindos antebraços, e prendendo com o pollegar e o indicador de cada uma das mãos o figurino disfarçador.

A um dos lados estreito da meza, como á olhar de perfil para sua senhora, e dando frente para a porta do quarto se collocára Lucinda um pouco voltada para Candida, e com o tronco em molle inclinação descansando em um dos quadris, tinha os olhos no assoalho, o dedo indicador da mão direita á roçar com a unha a face superior do encosto de uma cadeira, e um quase imperceptivel sorriso maligno á esconder-se nas commissuras dos labios.

Ao quadro faltava uma figura, a de um pae — homem livre deste paiz onde ha escravos — a de um pae amoroso e justamente zeloso da pureza de sua filha, condemnado á immobilidade para não se lançar em furia contra a mucama, e á mudez para não bradar por soccorro em favor da menina, occulto aos olhos de ambas e em contorsões de dor e desespero, assistindo á lição da impudicicia, e ouvindo cada palavra da escrava cahir como gota de veneno no coração alvoroçado da filha.

Candida vendo que Lucinda guardava scilencio, murmurou com voz tremula e sem arredar os olhos do figurino.

— Anda..... falla....

— Ah! minha senhora tem idéas....

— Quero saber, Lucinda....

— O que, minha senhora?

— Como é que se fica *moça feita!*

— E' pouco a pouco.... de vagar....

— Mas... que é que se passa

— Primeiro.... hia dizendo a mucama.

Mas interrompeo-se e profanou o peito da menina com suas vistas perscrutadoras: depois dice:

— Já começa.... não tarda....

— Não tarda o que?

A escrava deo principio á lição, annunciando os já nascentes e proximos a desenvolver-se duplices pomos que tanto embellezão a donzella, e tão sagradas funcções desempenhão na maternidade,

A mucama não parou ahi: passando além das exterioridades do peito, ouzada foi com a palavra rude penetrar no mais intimo do seio e revelar mysterios que ella só comprehendia pelos soffrimentos e pelo incommodo material.

Inopportunas, precoces as explicações desses phenomenos, dessas funcções naturaes, poderião ser ouvidas e recebidas sem graves inconvenientes pela menina de doze annos, se fosse a delicadeza maternal, ou a sciencia civilisada, decente, respeitadora da magestade da innocencia, que lh'as désse: em tal caso o amor e o escrupulo, o suave culto da virgindade adelgaçarião o veo sem rasga-lo de todo, e ensinarião o conhecimento da grandeza da obra do creador sem baixar ás miserias da creatura; isso porém só se póde fazer com as inspirações subtis do amor de mãe, ou com os melindres da sciencia pudica.

Lucinda, a mucama, deo a lição que podia dar, e o seo discurso, a sua exposição

dos segredos da *moça-feita*, a sua decifração do grande mysterio da puberdade resentirão-se da esqualida sciencia de escrava, cujo sensualismo rebaixa a humanidade até nivela-la com a brutalidade irracional.

Candida ouvira a sua escrava, sentindo o coração em sobresaltos e as faces, ardendo em fogo: nas ultimas explicações ensinuara-se obscuramente ainda um mysterio, uma incognita, um arcano que se lhe occultava....

A menina submergia-se em confusões de pejo, em vexames crueis; mas sua curiosidade a tiranisava cada vez mais, e exigia, e a arrastava, e a obrigava com violencia irresistivel á pedir mais e todas as revelações....

Foi por isso que á tremer, e com o rosto todo roza de fogo, balbuciou, perguntando:

— E depois?.....

— Está moça feita e póde casar; respondeo a mucama.

Candida abafou a voz, como se tivesse medo, quase convulsa, e cobrindo o rosto com o figurino, tornou:

— E o casamento?... que é o casamento?... que ha no casamento?

— Oh! isso é muito feio, dice Lucinda: e eu não sou capaz de ensinar, nunca me

atreverei á ensinar, á explicar cousas feias á minha senhora.

A menina perdida no ultimo dedalo, vergonhosa e audaz, quase sucumbindo ao pejo e ainda loucamente curiosa, pronunciou estas palavras :

— Porém tu.... que sabes tanto, Lucinda ?...

— Eu sou negra, e escrava; nisto sou livre.... não corro perigo; respondeo a mucama de treze annos de edade.

Candida deixou cahir a cabeça sobre a meza e pareceo abysmada em triste meditação.

Ella não meditava; sentia vexame invencivel de encontrar os olhos de Lucinda.

Como que um remorso pesava-lhe sobre o coração.

Candida acabava de deixar de ser anjo : não era mais innocente ; já corava.

— São dez horas da noite, sem duvida; minha senhora não quer despir-se para se deitar, perguntou a mucama.

— Traze-me um copo d'agua ; dice a menina.

Quando Lucinda voltou ao quarto, trazendo o copo d'agua, já Candida se tinha despido só, e estava no leito, cujas cortinas havia cerrado.

— Aqui está a agua, disse a mucama.

— Passou-me a sede; apaga a luz: murmurou baixinho a menina com os olhos fechados.

Lucinda rindo maliciosamente depoz o copo d'agua sobre a meza e apagou a luz.

Candida respirou mais livremente nas trévas.

IX.

Lucinda rira-se maliciosamente, porque comprehendera que especie de sentimento acabrunhava sua senhora, e foi deitar-se tranquilla com a certeza de que a sua lição não seria revelada a Leonidia, e segura não menos de que Candida venceria em breve as revoltas de seo pejo, e de novo cada dia mais curiosa se humilharia a pedir-lhe outros e mais audazes esclarecimentos que ella sem duvida estava disposta a dar-lhe pouco a pouco.

Que interesse tinha a mucama, que prazer achava em toldar a candura do coração da menina, e em encher o seo espirito de conhecimentos de funcções naturaes ainda alheias á sua edade, e de pensamentos deshonestos? é facil explical-o.

A escrava abandonada aos desprezos da escravidão, crescendo no meio da pratica dos vicios mais escandalosos e repugnantes, desde a infancia, desde a primeira infancia testemunhando torpezas de luxuria, e ouvindo a eloquencia lodosa da palavra sem freio, fica pervertida muito antes de ter consciencia de sua perversão, e não póde mais viver sem violenta imposição fóra da atmosphera empestada de semelhantes costumes, e das suas idêas sensuaes ; a mucama, pois, collocada ao pé da menina innocente, inexperiente e curiosa , leva-a, arrasta-a tanto quanto lhe é possivel, para a conversação que mais a encanta, para as idéas e os quadros do seo sensualismo brutal.

Além disso a mucama escrava, que é sempre escolhida entre as mais intelligentes, compara-se com a senhora, e tendo muitas vezes presumpção de excedel-a em dotes physicos, tem inveja da sua pureza e procura manchal-a para que ella não tenha essa aureola que nunca sentio em si.

Finalmente, a mucama comprehende por instincto que essa profanação da innocencia, essas conversações lubricas que ás occultas de seos paes a menina permitte, esta-

belecem maiores condições de confiança, que lhe aproveitão, e por isso mesmo que humilhão a senhora, ensoberbecem a escrava.

Lucinda era levada por todos esses sentimentos; mas principalmente pelo imperio que sobre ella tinha o demonio da luxuria.

Aos treze annos de edade a mucama de Candida só respirava lascivia em desejos, acções e palavras de fogo infernal: sua natureza era sob este ponto de vista impetuosa, ardente e infrene: pelo myster de que estava encarregada, Leonidia não lhe deixava a *liberdade do campo*, e limitada ás devassidões disfarçadas e perigosas da cozinha, desforrava-se da sobriedade imposta com a incontinencia da imaginação, e com apaixonado gosto das fallas, apreciações e descripções libidinosas, que na cozinha erão repugnantes e hediondas, e na camara de Candida serião apenas comedidas pela necessidade de serem toleradas.

Placido Rodrigues tinha feito á sua afilhada uma doação fatal.

A menina accordando na manhã seguinte e vendo-se só, apressou-se a tomar seos vestidos: a mucama porem não tardou a entrar no quarto.

Candida corou, abaixando os olhos.

— Minha senhora não quer que a ajude a vestir-se? perguntou Lucinda.

— Quero... sim... ; dice Candida.

Mas evidentemente ella se vexava diante da escrava.

— Minha senhora não faz idea do corpo bemfeito que tem! d'aqui a dous annos....

— Veste-me, Lucinda.

— E que cabellos finos e longos! minha senhora hade ser a perdição dos moços! tomára eu já....

A mucama provocava a menina, e esta vergonhosa e perturbada, mas gostando do que ouvia, deixava-a fallar.

— Minha senhora parece triste... ficaria hontem enfadada comigo?

— Não... não; mas dormi mal... estou indisposta...

— Ah! já sei... é o enleio... a confusão... ora! ..

— Estás insupportavel hoje! dice a menina.

Diante do toucador, Candida via a imagem de Lucinda, que se sorria e que a não poupava, e esta como que se deleitava a contemplar a imagem de Candida que se abrazava nas flammas do pejo.

— Mas minha senhora ainda é tola?... porque se envergonha assim?... todas as

meninas da sua edade sabem tudo quanto eu lhe dice hontem á noute, e mais ainda, e não se vexão por isso...

— Todas sabem?... perguntou Candida.

— Ora!... não são couzas do outro mundo: minha senhora que nunca esteve em collegio, e é aqui creada como tola, faria rir ás outras pela sua simplicidade...

As rozas do pudor abismárão-se, sumírão-se nas faces de Candida.

— Nos collegios se ensina *tudo aquillo?*... tornou, perguntando a menina que se voltou para Luciuda.

— Ora... por certo que não ha professoras disso; respondeo a mucama; as meninas porem ensinão umas ás outras, e nenhuma dellas é tola.

O qualificativo *tola* repetido pela mucama offendia a *tola* vaidade de Candida.

— Mas então porque sou educada assim?...

— Pois minha senhora pensa que os paes ensinão ou mandão ensinar essas couzas ás filhas?...

— E no meo cazo? se não fosses tu?...

— Se não fosse eu, e minha senhora ainda não sabe tudo... mas se não fosse eu, quando minha senhora se cazasse, seo marido havia de julga-la simploria... e tola.

A escrava immoral, se não fosse immoral, teria dito:

— Seo marido havia de adora-la anjo.

Candida recebeo, adoptou o sophisma da mucama, como verdade incontestavel.

— Tens razão, Lucinda; dice ella.

Nesse momento Leonidia entrou no quarto de sua filha.

— Em que é que Lucinda tem razão?...
perguntou.

Candida mostrou á sua mãe o jornal de modas que ficára aberto sobre a meza, e respondeo:

— Lucinda diz que este corpinho de vestido é lindissimo, e que me convem um vestido assim para o dia de meos annos.

Leonidia examinou o figurino, e logo depois dice:

— A tua mucama não sabe o que diz: o corpinho deste vestido não é talhado para uma menina da tua edade.

Leonidia beijou a face de sua filha que lhe beijára a mão e sahio.

Candida tinha corado de novo.

Era a primeira vez que mentia á sua mãe.

A escrava devia estar ufanosa da mentira, e por tanto do aviltamento da menina livre, da baixeza á que descera sua senhora.

X.

Lucinda tinha começado á vencer as revoltas do pudor de Candida: em taes cazos a primeira victoria por mais simples que pareça, é sempre segura precursora de outras.

A menina vergonhosa e atarantada nos primeiros dias, depois attenta, mas fingindo-se apenas tolerante, e porfim já sem disfarce curiosa e provocadora, prestou-se á conversação da escrava licenciosa, que cada vez mais atrevida, ultrajou impunemente a castidade dos seus ouvidos, poupando-os sómente ao patuá immundo da cosinha.

Custa a admittir que uma menina que se educa, que por pouca instrucção que tenha recebido e pela sua posição e costumes tão

superior em intelligencia, tão elevada moral, e socialmente se acha e se reconhece em relação a mucama, se deixe influenciar e induzir por esta, á ponto de sacrificar o seo pudor para ouvir-lhe a lição perversa, que a sua propria consciencia reprova, pois que ella a esconde de seos paes e de sua familia.

A curiosidade vivissima e natural das meninas é a chave que abre á porta da influencia das mucamas; o conhecimento dos primeiros segredos é incentivo irresistivel para o desejo de saber outros; finalmente tão simples, tão natural se afigura esclarecer-se logo sobre o que hade por força ser esclarecido mais tarde! a mucama é pois um recurso para a curiosa, a mais aproveitavel das reveladoras, pois que revela expontaneamente, e sem necessidade de rogativas que vexão.

Pobres meninas de paiz onde existe a escravidão!...

Candida não sentio surpreza, nem perturbação, quando um dia se achou *moça-feita*, conforme as previas explicações de Lucinda: teve apenas de apparentar ignara confusão aos olhos de sua mãe, que então ensinou á filha muito menos da metade do que a filha já sabia.

A mucama fora a primeira a applaudir o acontecimento, e insistindo em conselhos que desde algum tempo se esforçava em fazer aceitar, dice :

— Agora não póde mais continuar esta vida de freira, que minha senhora leva : é preciso ir ao theatro e aos bailes, para que os moços vejão e adorem a formosura de minha senhora.

Lucinda calculava com a liberdade em que a deixarião os bailes e as noutes de theatro, e principiava á sonhar futuros dependentes do casamento de Candida.

A donzella não menos dezejava saráos e festas : já tinha feito treze annos, reputava-se formosa e deslumbrante e na verdade era linda.

Florencio da Silva annunciou á Candida a sua primeira noute de baile ceremonioso e formal.

Candida ia pois iniciar-se na vida elegante, artificial, e explendida das sociedades : sahio para o baile vestida com a mais falsa simplicidade ; o seo vestido branco era mais rico e mais caro do que dous ricos vestidos de seda : entrou no salão tremula e palpitante, o sussurro levantado pela admiração que causara sua belleza confundio-a á prin-

cipio, os elogios e as lisonjas que ouvio, embora a aditassem, como que a tontearão, a contradança e ainda mais a valsa com cavalleiros apenas conhecidos, mas estranhos á casa de seu pae a acanhárão: passou a noitė em emoções, em enleios, em duvidas de si, em dedalos de idéas, e em observação medrosa.

A primeira noute de baile é para a donzella que se apresenta á sociedade o gozo vago de encantos que atordoão, perturbado pelo receio de erros, pelo temor de inconveniencias, pelo pejo que despertão a contemplação e a fixidade de cem olhos curiosos, pela magia da novidade, e pelo imperio da imaginação que inventa, adivinha, e teme o que não ha.

Na primeira noute de baile a donzella quase que não goza, allucina-se.

Candida voltou para caza, levando o coração cheio das emoções do baile, mas com o espirito absorto,. e a cabeça como em rodamoinho.

Uma unica idéa positiva e bem distincta a occupava e plenamente a satisfazia: tinha a certeza de haver produzido viva impressão e de ter sido reconhecida como rainha do baile pela sua formosura.

Commovida e fatigada recolheo-se logo ao seo quarto, onde Lucinda a esperava.

Ruminando os elogios que recebera, Candida postou-se diante do tocador, admirando ainda o seo elegante *toilette*, e como que de má vontade sujeitando-se á despir as suas armaduras do torneio das graças, da gentileza, e do apurado luxo.

— Então, minha senhora?... perguntou Lucinda:

— Foi um encanto, um deslumbramento, uma embriaguez dos sentidos... ainda não sei de mim...

— Ora tão formosa como é! fez inveja á todas as moças...

— Talvez... creio que algumas me olhavão com raiva...

— E' bom signal; e os moços?

— Mal pude reparar nelles... erão tantos!..

— E entre elles quantos apaixonados?...

— Posso eu sabe-lo?

— E' impossivel que minha senhora não recebesse esta noute pelo menos cinco ou seis declarações de amor.

— Não recebi nenhuma; todos me dicerão pouco mais ou menos a mesma couza.

— O que?

— Que eu sou bella, encantadora, anjo da terra, perfeita formosura...

— E nenhum lhe apertou a mão?...

— Oh! nenhum se atreveo á isso....

— E que mal havia, em que lhe apertassem a mão?... nenhum lhe pedio uma violeta do seo *bouquet*!

— Nenhum.

— Nenhum a abraçou pela cintura mais fortemente do que era precizo, dançando a valsa?

— Nenhum.

— Em tal caso minha senhora sahio do baile sem ter feito a conquista de um só namorado.

— E então?

— Oh, minha senhora! é uma couza triste ir ao baile e não deixar nelle um namorado!... é como se não a tivessem achado bonita!...

— Pensas isso?

— Certamente.

— Mas todos exaltárão a minha belleza.

— Não basta. Exaltar a belleza de uma moça é apenas dever de cortezia: ás vezes até se diz que é linda a moça a quem se acha feia.

— Isso é escarneo.

— Não, minha senhora ; é de uzo e costume nas sociedades.

— Mas essa pratica de mentira é horrivel!... em que pois uma senhora terá a prova segura, de que a julgárão verdadeiramente bella ?

— A prova está nas conquistas que ella faz, no numero dos namorados que ella captiva nos bailes.

— E portanto, eu não captivei nem um !

— Quem sabe ?... parece-me impossivel.

— Asseguro que nenhum me apertou a mão, nenhum me pedio uma violeta do meo *bouquet*, nenhum me abraçou pela cintura mais apertadamente do que era precizo na valsa, nenhum me fez declaração de amor.

— E' incrivel ! disse a mucama.

E pareceo reflectir sériamente.

Candida sentida do que acabava de ouvir á Lucinda, affastou-se do toucador, e tratou de despir-se e de acolher-se ao leito.

A mucama ouvio-lhe um triste suspiro.

— Não se desconsole, minha senhora ; eu já sei, já adivinhei, como foi tudo.

— Como foi ?...

— Minha senhora aturdio-se no baile, não soube olhar, nem rir, nem conversar, e pareceo tola.

— Lucinda!

— Ha de ver que foi isso: não podia ser outra cousa, sendo minha senhora formosa como é.

XI.

Na cidade de.... erão raros os bailes de grande ceremonia, como esse em que fôra Candida apresentada, e que se dera com a maior solemnidade e ostentação em obsequio ao presidente da provincia, que viera pessoalmente (caso raro) examinar a direcção e as conveniencias de uma importante estrada que se projectava.

Desse baile fallar-se-ia dez annos: cada qual guardou suas recordações da brilhante noute de festa, e Candida não esqueceo que o presidente da provincia exaltára diante de seo pae a sua belleza, modestia, e innocencia, felicitando-o por isso.

Nenhuma outra donzella merecera elogio igual: a distincção inflammou a vaidade da menina.

Em feliz compensação da falta de bailes cerimoniosos, havia na cidade de.... frequentes reuniões e saráos, além de uma companhia dramatica, dando duas vezes por semana representações toleraveis, porque erão o unico divertimento publico. Em duas épocas do anno emfim, nos mezes de Junho, e de Dezembro a Janeiro, nas noutes de Santo Antonio, S. João e S. Pedro, e nos dias que correm do Natal até os Reis as festas se multiplicavão, principalmente nas fazendas, onde as reuniões de familias não achão o entretenimento e o gozo suave de algumas horas do dia ou da noute, como se observa nas cidades e nos povoados; mas longa e amena folgança que dura uma noute e um dia, quando não vae além.

Immenso espaço se abria pois aos vôos da vaidade de Candida.

As observações nocivas, ruins que a mucama immoral tinha feito sobre as declarações de amor, e os namorados, preoccuparão durante o resto da noute do baile a donzella, que facilmente se convenceo da importante significação desses tributos rendidos aos seos encantos que reputava inexcediveis; a afortunada nova que no dia seguinte Florencio da Silva lhe deo do elo-

gio que o presidente da provincia tecera á sua belleza, *modestia* e *innocencia* a encheo de alegria; mas ao mesmo tempo levou-a a comprehender e reconhecer que a *modestia* e *innocencia* erão mimosas condições do realce e belleza de uma moça.

Ora modestia e innocencia infelizmente faltavão já ao coração de Candida, a modestia banida pela vaidade, a innocencia do pensamento e do sentimento, a innocencia, essa noute edenica do somno sem sonhos do cherubim que não sabe dezejar, consumida pela luz da sciencia negra acesa pelo sopro da escrava.

As observações immoraes, e o elogio honesto e nobre, a lição da escrava e a inspiração do homem livre, os impetos exigentes da vaidade e o reconhecimento do poder e do encanto da modestia e da innocencia não podião combinar-se porque se repugnavão, amalgamarão-se porém á força no espirito já egoista e viciado de Candida, e dessa mistura de principios contradictorios e repulsivos uns dos outros tirou ella, sem o pensar talvez, um systema vil, indigno da sua edade generosa, da educação que devia a seos paes, e da nobreza do seo sexo, um systema que se resumia, e que se resumio em uma palavra — hypocrisia.

Candida não teve consciencia da enormidade e da fealdade do seu erro: quiz ser incensada, amada, adorada, porque era vaidosa, e parecer, fingir-se modesta e innocente, porque a modestia e a innocencia realção a belleza.

O fingimento, a hypocrisia, erão nesse caso um recurso para disfarçar, e encobrir a sciencia repugnante por prematura, os estragos moraes do coração que a influencia, ou a companhia da mucama escrava produzira. Era o rigor implacavel da logica, o erro arrastando a erros, o germen da immoralidade a desenvolver-se, a sementeira a brotar.

Mão de escrava tinha semeado no campo ingenuo e virgem do coração de menina: a colheita de espinhos era certa.

Candida frequentou saráos e foi muitas vezes ao theatro. Fiel ao systema que se havia imposto, resistio impavida ás flammas de olhos ardentes de admiração ou de amor, ouvio indifferente ou como que alheia confissões apaixonadas, concedeo sorrisos que não explicou com palavras, provocou adorações, olhando sem indicar que as provocava, e brilhou como fulgurante planeta que é foco de luz e não se abraza.

A formosura, a isenção, e a singeleza de Candida encantavão, e desatinavão cem corações de mancebos. Ella foi proclamada a bella das bellas, como entre os heróes guerreiros o mais distincto se acclama o bravo dos bravos.

Lucinda era naturalmente a dona das intimas confidencias de sua senhora, que ruminava seos triumphos e suas conquistas, repetindo muitas vezes os ternos episodios dos saráos, em que deixára escravos confessos, e a adoração, de que fora objecto no theatro.

Candida mostrava-se orgulhosa e satisfeita; a mucama porém não parecia contentar-se com tão pouco. Ella dice-lhe uma noute:

— Minha senhora, aproveite o seo tempo, emquanto não se caza: quem sabe com que casta de homem se cazará....

— Mas eu o aproveito como posso, Lucinda.

— Qual! minha senhora não anima bastante a nenhum dos seos apaixonados; é admirada como uma flor, que é esquecida pelos que a admirão, logo que elles deixão o jardim.

— São tantos os que me adorão!

— Porem como?... ouço minha senhora

dizer que tem muitos apaixonados; mas por certo que ainda não tem um namorado.

Candida sorrio-se e respondeo:

— Morrem por mim... eu o sinto no ardor com que me olhão e na ternura com que me fallão...

— E minha senhora?

— Deixo-os olhar e fallar.

— Eis-ahi! desanima a todos com a sua indifferença! no collegio onde eu aprendi á ser mucama, não havia menina por mais feia que fosse, que não tivesse o seo namorado.

— E de que serve animar o namoro de um homem, á quem não se ama, e que não se quer para marido?... bastã para meo desvanecimento saber que muitos me adorão.

— E todos hão de fugir de minha senhora cansados de adora-la em vão, e minha senhora nunca experimentará os encantos do namoro; nunca receberá um bilhete amoroso, o retrato de um bello moço; nunca apreciará os ciumes de um que se exaspera com as esperanças de outro...

— Mas é preciso que eu namore tambem, Lucinda!

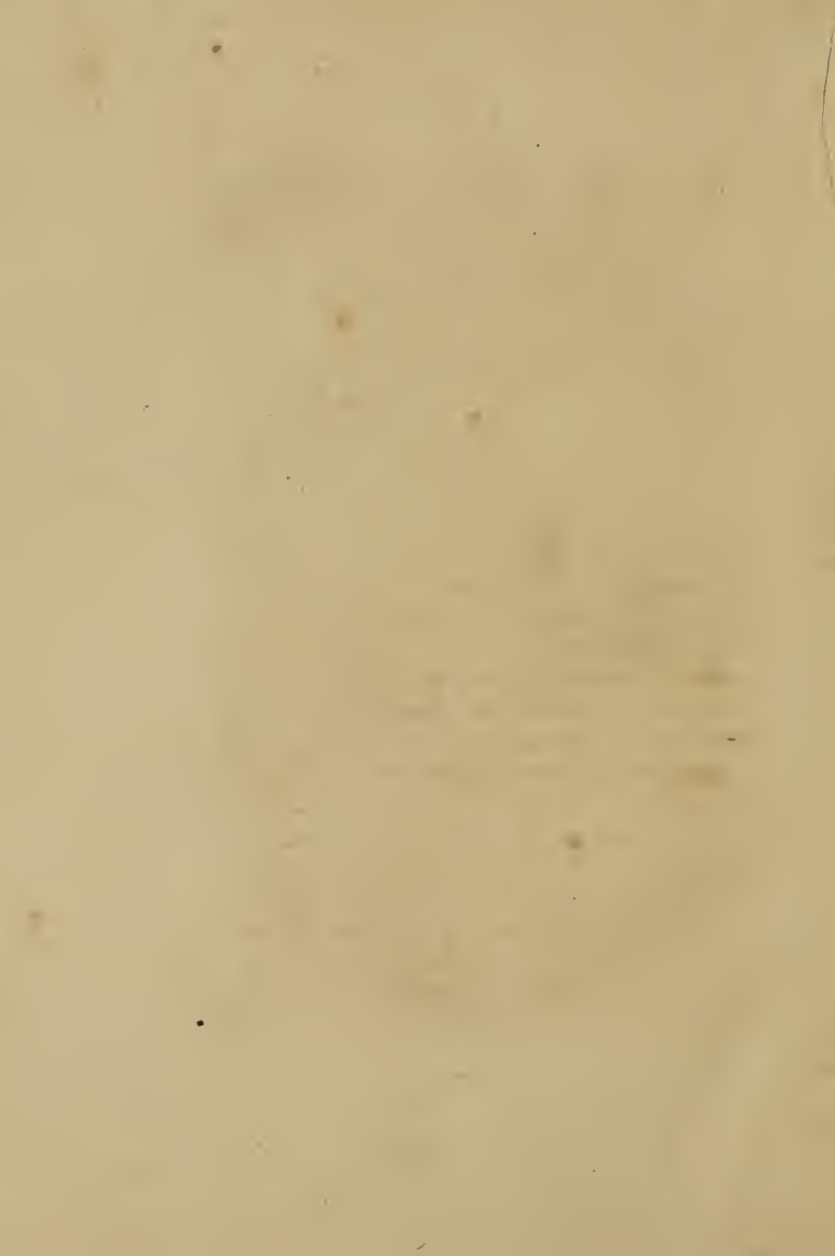
— Um pouco sem duvida, e sem compro-metter-se.

— Sem comprometter-me?... namorar sem comprometter-me?... tu não sabes o que dizes.

— Sei muito bem, minha senhora: a moça que se entrega ao namoro de um unico homem, procura nelle um noivo, e compromette-se, quando não se caza; aquella porém que excita um pouco, e *dá corda* ao namoro de diversos moços, a nenhum delles se prende, e diverte-se á custa de todos.

O que havia de maligno, de aviltante e fallaz no conselho da escrava, não escapou á Candida que fez um movimento de repugnancia.

Lucinda, observando esse movimento, tornou dizendo:

— Minha senhora hade ser sempre criança! qual é a moça que não namora?... vae aos bailes e ao theatro e ainda não reparou que todas as moças namorão?...

XII.

O perverso conselho da escrava, não era mais inspiração de immoralidade sem calculo, era já impulso de maldade reflectida. Lucinda, mucama de quarto de sua senhora, comprehendera que não poderia ser estranha aos mysteriosos empenhos dos namorados desta, e que a sua intervenção se tornaria indispensavel nos cazos de correspondencia amorosa, sendo portanto certas as compensações, ou as recompensas da sua condescendencia e discrição. A mucama escrava queria negociar, lucrar, explorando os galanteios de Candida, e por isso a induzia á proceder de modo offensivo do recato que é a egide da senhora honesta.

Candida tinha para si que sabia com a

chymica de seo espirito instruido separar perfeitamente a verdade, e os conhecimentos convenientes dos falsos, rudes, e baixos conceitos proprios da ignorancia e dos costumes da escrava; mas na presumpçosa confiança da sua intelligencia e sagacidade recebia sempre e guardava uma parte da lição desmoralisadora.

Embora tivesse ouvido com repugnancia, Candida não poude esquecer o perfido conselho da mucama, e observando cuidadosa as outras moças nos saráos, no theatro, nas reuniões, reconheceo que Lucinda havia calumniado muitas donzellas, no absolutismo da sua regra insolente e difamadora; não menos porém se convenceo de que algumas jovens prestavão-se ao galanteio dos mancebos e mostravão aprazer-se delle Fez mais do que observar, procurou com a provocação de gracejos, e com o recurso da intimidade amiga, tão facil de se estabelecer entre as moças, informar-se dos artificios, das emoções, dos inconvenientes, e das consequencias do namoro-entretenimento, e, imprudente e louca, acabou por ver gozos de vaidade no fingimento de amor, na profanação sacrilega do sentimento.

Esse estudo frio e reflectido feito por Can-

dida, assignala por certo a degradação da sua intima castidade, e a ruina da pureza de seo coração tão novo; ella porém se mostrou ainda mais victima da influencia perniciosa da mucama que lhe envenenára o espirito desde menina, encantando-se menos do quadro suave e enlevador da modestia, do pudor, e da reserva angelica das donzellas recatadas ou innocentes, do que da expansão ouzada, do olhar provocador, dos sorrisos maliciosos, e desse louco embevecimento, e desses ridiculos esgares das moças namoradeiras, pobres e inconsideradas algozes do mais preciozo dos seus thezouros, — da virgindade do sentimento.

Ouzemos encarar de frente, e atacar sem piedade o grave erro que se condemna, murmurando o que se deve castigar com a sua exposição em nudez, mas em beneficio das proprias culpadas de suicidio do coração.

O gosto ou a pratica do galanteio é um vicio, como o jogo, como a embriaguez, como a luxuria: não amar, mas simular amor, ouvir e dizer finezas, sonhar brincando futuros de duas vidas identificadas em uma, pelo estreito enlaçamento dos corações, trocar suspiros e flores, trocar um anel de madeixa

por um retrato, permittir um aperto de mão e ás vezes paga-lo, tolerar na valsa o abraço não duvidoso para quem o recebe, consentir em que lhe escrevão cartas de amor, e ouzar escreve-las, eis os mais simples, e os menos arriscados atrevimentos do galanteio ou do namoro, que se afigura inculpavel e permittido á algumas jovens imprudentes.

Ai da donzella que incauta ouza tocar uma só vez com os labios na taça envenenada, mas doce do galanteio, comedia sacrilega do amor, ai della! o galanteio por isso mesmo que é um arremedo do verdadeiro amor, tem emoções, transportes d'alma, gozos de imaginação, ciumes, e arrebatamentos, que embora pervertão, inebrião os sentidos, alvoroção o coração; uma vez levada aos labios essa taça enfeitiçada, e peçonhenta, a imaginação póde mais e o galanteio torna-se exigente, insaciavel, como o jogo, a embriaguez, a luxuria.

Desse vicio do namoro, porque elle se impõe como vicio, resulta para a donzella o reparo á principio mudo e logo depois a murmuração surda da sociedade, as suspeitas que offendem sua virtude, uma turva fonte onde a inveja e a maledicencia vão beber calumnias, o embotamento da sensi-

bilidade que se gasta no fingimento, a frieza enregelada do coração degenerado pelo costume da mentira e da violencia dos sentimentos, e mais tarde a hezitante confiança, ou a triste e dissimulada desconfiança do marido, se a donzella chega á cazar, porque a moça namoradeira é em regra a que mais difficilmente consegue conquistar um noivo.

Até aqui as consequencias menos funestas do vicio do galanteio: as outras mais graves não se podem medir; porque são susceptiveis de ir até aquelle extremo infortunio, que priva a donzella do seo direito ao titulo honroso de *senhora*.

O gosto, a pratica do namoro por divertimento é mais, é peior do que a profanação do amor, divina flamma que sublimiza a mulher, é a chave que abre a porta ás suspeitas aleivosas, ou a mão sinistra que ás vezes arrasta para a deshonra a mulher, e nessa deshonra determina e realiza o suicidio moral da donzella.

XIII.

Instinctivamente Candida reprovou o delirio, com que duas ou tres moças indiscretas e reprehensiveis, mentindo a sua educação, ou por infelicidade mal educadas, provocavão censuras, pela franca vangloria de seos namoros faceis: nesse alarde louco de immodestia, que chega a offender a decencia, ella vio impressa a marca da desestima geral; mas além do escandalo agreste do galanteio desatinado, que alias é raro nas boas companhias, havia o galanteio apurado, subtil, ou mal-patente, o galanteio elevado á arte de gozo de vaidade, e esse transviou-lhe a razão e a empurrou para o erro.

Até então Candida fora louvada, incen-

sada, cortejada com fervente empenho, ouvira confissões de amor apenas dissimuladas nas reservas do receio, da duvida e do respeito, e que proromperião ostentosas e vehementes á mais leve animação, ou á um simples signal de condescendencia; ella porem continha os impetos apaixonados, intimidava, e fazia hesitantes os adoradores de suas graças com o fingimento daquella perfeita innocencia, que ainda não comprehendia, nem sabia sonhar amor; mas d'ahi em diante modificou o systema que se impuzéra, e com habilidade, cuidado, e delicadeza prestou-se ao culto dos seus thurificadores, deixou-se requestar e amar por elegantes cavalleiros, sem prender-se a nenhum delles, e prendendo-os á todos por esperanças vagas que alimentava sagaz e que podia negar mais tarde, e por esses mil, rapidos, e fugazes incentivos que a galanteadora artista acende ligeiramente, deixando sempre incompleto o estimulo, e a nuvem de uma duvida para defeza futura, fallando menos com a voz, do que com os olhos e os sorrisos, com artificial mas silencioza comoção, e com apparencias de enleio ao escutar suave juramento, parecendo prometter muito, e não promettendo

couza alguma, não dando, mas perdendo opportunamente, ou esquecendo na cadeira a flor que lhe pedirão, e fugindo á uma resposta instantemente exigida com a graça de um gesto que enfeitiça e que póde significar sim e não.

Candida reputava-se superior á todos os riscos do galanteio, procedendo assim, e pouco a pouco embriagada pelos cultos que recebia, pelas suaves emoções que experimentava, e pelo numeroso cortejo de escravos que se curvavão ante a magestade de sua belleza, tornou-se a mais activa, a mais hypocrita e disfarçada namoradeira.

Não tardou que um pressuroso apaixonado dezejasse escrever á formosa e supposta esquiva donzella, tentando seduzir um dos pagens de Florencio da Silva, para faze-lo mysterioso portador das suas cartas.

O escravo não precisava ser seduzido para encarregar-se da commissão: não tinha em estima o recato de sua senhora moça; não quiz porém receber a carta antes de entender-se com Lucinda.

A intelligencia entre o pagem e a mucama foi facil, e bazeou-se no segredo, e na partilha das gratificações.

Candida recebeo a primeira carta de amor

mais curiosa do que perturbada; entretanto abrio-a com as mãos tremulas, leo-a para si tres vezes; mas logo depois rio-se e fe-la ouvir á mucama.

A' essa, outras cartas seguirão; como esse namorado, ou sincero e amoroso pretendente á mão da donzella, outros escrevêrão tambem suas cartas de amor, e nem todos tomárão por portador o mesmo pagem; Lucinda porém foi sempre a unica e exclusiva medianeira junto de sua senhora.

Candida recebia indifferentemente, mas sem repugnancia, todas as cartas, fazia dellas vangloriosa collecção, como se fossem louros de victorias, e considerava-se á coberto de todo reparo, porque não respondia á nenhuma.

A donzella se enganava: a sua reputação devia soffrer por tolerancia tão reprehensivel.

Somente ao noivo, ou ao homem digno de confiança e com quem espera casar é dado á donzella permittir que lhe escreva em segredo: ainda em semelhante tolerancia ha imprudencia, e no segredo desobediencia aos paes, que tem direito sagrado ao perfeito conhecimento das acções da filha; mas este erro que o amor desculpa, o casamento absolve depois.

A donzella é flor que tem por matiz o recato e o pejo: uma carta de amor de seo proprio noivo alvoroça-lhe o pudor, e não acontece assim somente quando ella é apenas physicamente donzella, e já traz profanado o sentimento. O amor é para a senhora honesta sentimento—religião, culto purissimo da alma, vida de sua vida, céo branco que a mais tenue nuvem obscurece; deve haver no amor da mulher a virgindade da unicidade: para a mulher do amor puro e sublime o amor não tem plural; porque ella o não sente nunca por mais de um homem. Cartas amorosas que se recebem, são contactos moraes e physicos que se tolerão: mais de um homem á escrever que ama, e uma donzella á ler esses atrevimentos de amor vero ou fingido, á tolerar, á receber esses contactos de amor no coração, que significão?... significão um escandalo, um opprobrio, cujas proporções a leviandade não mede: significão, é precizo dize-lo, a prostituição do sentimento menos vergonhosa do que a prostituição do corpo, só porque é recondita; e muito mais profunda, porque é a corrupção do que a mulher tem de mais nobre, a corrupção do principio que não pertence a terra, e que

anima a mulher como o homem com a flamma, cujo foco está no céo.

E ao pé do grande erro de Candida a primeira punição estava no protervo juizo dos escravos portadores das cartas que lhe mandavão e que ella não repellia. Os escravos não comprehendem o amor platonico, nem os limites que as moças habil ou rudemente namoradeiras, impõe ao galanteio dos seus namorados: para elles não ha intriga amorosa, nem cultos rendidos por cavalleiro á senhora sem reservado calculo physico, que sómente a falta de occasião contrasta, e a lingoa dos escravos é lima surda de murmuração e de aleive, que não sentida, mas activa, adianta o seu trabalho de estrago e destruição.

Os escravos de Florencio da Silva forão os primeiros á propalar na *cosinha*, e logo depois nas *vendas* a multiplicidade dos namorados de Candida, e a extraordinaria sagacidade com que esta entretinha, encorajava, e enganava á todos elles.

As revelações dos escravos na cosinha e nas *vendas* espalhárão-se alem, e Candida sem o suspeitar teve em breve estabelecida e firmada a sua fama de astuta e consummada namoradeira.

E ao pé de Candida, impune, constante e inseparavel della volteava, como serpente, Lucinda, a mucama escrava, a fonte maldita, onde bebera a agua da desmoralisação desde seos annos de menina, a pobre donzella que incauta se adiantava por aquelles desvios, que podião conduzi-la até o abysmo da extrema degradação.

A escrava já tinha feito da menina innocente, donzella maliciosa, e sabida de mais do que para sua gloria podia ignorar ainda por alguns annos.

Da donzella maliciosa fizera depois moça hypocrita e fallaz.

Da moça hypocrita acabara por fazer indomita namoradeira.

Matara-lhe a innocencia, destruira-lhe a virgindade do sentimento, viciara-lhe o coração, sensualisara-lhe os sentidos, desvirtuara-lhe a educação, e já lhe atirava o nome e o credito aos insultos das murmurações e da malidicencia.

A influencia da mucama escrava produzia seos naturaes resultados. A arvore da escravidão envenenava com seos fructos a filha dos senhores.

A victima era por sua vez algoz.

XIV.

Cegos pelo amor, orgulhosos da educação que havião dado a Candida, desvanecidos da sua belleza e da impressão que ella cauzava onde quer que apparecesse, Florencio da Silva e Leonidia não se apercebião do condemnavel proceder da filha.

A consideração e respeito que o honrado e rico negociante gosava e era um escudo que livrava Candida dos golpes de censuras francas: não havia quem se animasse á offender Florencio da Silva e sua digna espoza, negando ou poupando demonstrações de estima a sua filha, que em attenção a elles, era mais lastimada que detrahida nas sociedades.

Todavia Florencio da Silva por mais de

uma vez apezar do seo amor julgou ver desgostoso no facil e embora sempre dubio acolhimento, que Candida concedia aos seos namorados, quebra da modestia e do recato desta.

Nestes cazos são os olhos dos paes que primeiro enxergão, como são os corações das mães os ultimos que se convencem.

Florencio dizia então tristemente a Leonidia :

— Tu não reparas em nossa filha ; eu creio que ella começa a abuzar do dezejo de ser admirada.... a vaidade a está perdendo...

— Que idéa!

— Não viste como a cercárão esta noute ?.. eu detesto todos esses atrevidos que ouzão aproximar-se de Candida, fallar-lhe á sorrir, olhal-a abrasados em fogo com tanta liberdade, e encontrando tanta tolerancia....

— Querias que ella deitasse á correr, fugindo da sala?

— Queria que ella não encorajasse essa corte de... eu sei! talvez de namorados.

— Em serem elles tantos á corteja-la está a prova de que nossa filha não prefere, e não encoraja nenhum.

— Mas faz máo ver... eu te juro.

— O unico recurso é priva-la do theatro,

e não leva-la á reuniões: formosa como é, onde apparecer, achará cultos e sem duvida apaixonados.

— Entretanto Candida podia conter á distancia respeitosa esses moços que a não deixão um momento e que...

— Conserva-los á distancia no baile, onde danção e valsão com ella! tu tens ciumes de nossa filha, Florencio; é natural: eu tambem os tenho...

— Aconselha-a, Leonidia...

— Não me esqueço nunca de o fazer, mas nem é preciso; por ora Candida é um anjo; cuida sómente em divertir-se e brincar.

Florencio da Silva respirava desafrontado, e de longe abençoava a filha á quem já suppunha dormindo, e que no seu quarto, negligentemente meio deitada no leito com o cotovello firmado na almofada, a face apoiada na mão, os cabellos em ondas á cobrir-lhe a espadua e o peito, referia á mucama que em silencio a invejava, os recentes gozos da sua noite de sarão, suas recentes conquistas, e todos os seus ardiz, e todas as finezas e todos os desvarios e atrevimentos dos antigos e novos namorados.

XV.

Candida contava já desesseis annos quando chegarão da Europa Liberato e Frederico, que depois de haver terminado no Rio de Janeiro seos exames de humanidades, e obtido no Imperial collegio de Pedro II os diplomas de bachareis em letras, tinhão ido para o velho mundo civilisado, fazer nas mais famosas e competentes escolas, estudos regulares de agricultura.

Florencio da Silva e Placido Rodrigues destinavão sabiamente seos filhos á tranquilla, feliz, e moralisada vida agricola ; mas querendo-os lavradores illustrados e perfeitamente sabidos em agricultura os havião mandado a enthezourar sciencia e theorias relativas, preparando-lhes no Brasil vasto e facil campo

para que elles as applicassem, corrigissem, e aproveitassem na pratica.

Florencio da Silva e Placido Rodrigues davão, procedendo assim, exemplo louvavel e digno de imitação á seos concidadãos.

A familia de Frederico era bem limitada: resumia-se toda em seo pae viuvo no dia em que sua mãe lhe dera a vida; essa desgraça porém o tornára irmão, collaço de Liberato; porque Leonidia repartira com elle o leite que pertencia a Liberato. Frederico era filho unico de Placido Rodrigues.

Liberato e Frederico tinhão a mesma edade, sendo o primeiro apenas alguns dias mais velho que o outro: amavão-se como os irmãos que se amão, tinhão ambos fraternisado no leite materno, no berço, nos brincos de infancia, nos estudos da escola primaria, no collegio de instrucção secundaria, e no bacharelamento, e ainda na Europa nas escolas agricolas; devião ainda vizitar e estudar juntos durante dous annos a industria agricola dos Estado-Unidos da America do Norte e das Antilhas. No Rio de Janeiro, no velho mundo, em toda parte tinhão morado juntos, e vivido inseparaveis, e era justo e util que assim procedessem; porque sendo irmãos de creação e pela ami-

zade mais estreita nenhum dos dous prescendia do outro, porque cada um delles completava o outro.

Erão ambos intelligentes e estudiosos, mas Liberato excedia tanto a Frederico em brilhantismo de imaginação, quanto este o sobrepujava em reflexão fria e segurança de juizo; o primeiro era bonito de rosto e elegante de figura, o segundo tinha a fronte magnifica, a face porém descarnada, de ossos salientes, pallida, desproporcionada, e melancolica, os olhos ardentes, porém em fundas orbitas, e o corpo alto, magro com exagerado desenvolvimento da ossificação, e com os musculos seccos; em Liberato predominava a coragem impetuosa sem baze na força material, em Frederico a energia sem audacia e com o vigor de braços de ferro; aquelle seria capaz de uma vingança atroz em um momento de furor, mas desarmado pelo tempo tornava-se inoffensivo inimigo; este reflectido, e indomavel recordador da offensa, meditando o desforço e a punição sem os calculos do medo e com a convicção rigida do cumprimento do dever severo; ainda o primeiro generoso por instincto por intimo e natural movimento até a leviandade; e ainda o segundo generoso por

caracter e sem exageração; dedicado somente a seos amigos, mas na dedicação capaz de ir até á heroicidade.

Liberato era o enthusiasmo, Frederico era a razão, e, como sempre se observa e é força que assim seja, cada um delles com os defeitos correspondentes ás suas nobres qualidades.

A amizade intima, fraternal que unia os dous irmãos collaços era abençoada pelos paes de um e de outro e naturalmente se adivinha que Florencio da Silva e Placido Rodrigues devião calcular com um laço ainda mais estreito que sagrasse com segunda fraternidade a alliança apertadissima desses mancebos.

Os dous velhos amigos já havião sonhado juntos com a suave dita do casamento de Frederico e Candida: Liberato já tinha sondado o coração de Frederico, e achara nelle o santo amor que o tornaria duas vezes irmão de seo amigo.

A idéa de uma imposição era estranha por certo ao animo de Florencio da Silva, e não pairava no de Placido Rodrigues, que amava a afilhada quase tanto como ao filho; ambos porém fazião votos ao céo para que desabrochasse no coração de Candida o terno

sentimento que comeaçava a aditar o coração de Frederico.

Nenhum dos generosos interessados nesse projecto inspirado pela amizade, tinha delle fallado á Candida; ella porem advinhára com o seo instincto de mulher os dezejos e combinações de seos paes e de seo padrinho, e guardára para si o segredo que havia descoberto, quando seo irmão adoptivo já estava na Europa.

Candida amava desde a sua primeira infancia a Frederico, e nessa época preferia-o até a Liberato que era menos condescendente com os seos caprichos de menina; continnou sempre a amal-o com expansão suave, porem só com amor de irmã.

Aos treze annos de edade, ao tempo em que Lucinda tinha já encetado as maliciosas e desmoralisadoras explicações de sua natureza e da sua missão de mulher, Candida se apercebera da terna affeição, do amor que não era mais de irmão, que ella havia inspirado a Frederico: não ouvira a este nem fallas apaixonadas, nem ternas promessas, e ainda mais ternas rogativas de sonhada e dezejada união em breve futuro; mas em certo constrangimento respeitoso, no ardor do olhar, na contemplação

suave, na doçura do fallar, no leve tremor da mão que apertava á sua, reconhecera que era amada.

A mocinha deixara-se amar assim, e sorria docemente á Frederico, embora não o achasse bonito: logo depois a retirada dos dous jovens, que seguião para a Europa, interrompeo o desenvolvimento, e deixou no berço esse amor apenas nascente.

Frederico dicera, chorando, ao abraçar Candida em despedida:

— Oh!... não te esqueças de mim, Candida!

E então não a chamou *irmã.*

Candida, no fim de tres dias lembrava-se de Frederico somente como seo irmão adoptivo.

Passados tres annos voltárão emfim da Europa os dous mancebos.

Aos vinte e dous annos Frederico chegara ao seo completo crescimento physico e a perfeita e firme determinação de seo caracter: o viço mais fulgente da joventude não lhe engraçara a figura, mas robustecera-lhe a tempera nobre e generosa do coração, e dera-lhe á alma, a rectidão do juizo, e a prudencia da reflexão.

Candida, sabendo da chegada de Liberato

e Frederico á cidade do Rio de Janeiro, contou com um namorado mais; em breve porem só achou em Frederico um cavalheiro que respeitoso e discreto a amava sem fallar-lhe de amor, e como que estudando-a, e esperando para cahir-lhe aos pés uma hora, que a razão estava encarregada de marcar ao amor.

A vaidosa resentia-se do que lhe parecia frieza.

Tambem a leviana donzella, estimando sempre muito á Frederico, julgou-se incapaz e muito longe de poder amal-o: alguns dias de convivencia na caza de seo pae, ou na de seo padrinho a convencêrão de que esse joven podia e devia ser o seo melhor amigo, seo irmão, como d'antes; porém nunca seo marido. Candida via bem que Frederico era feio, mal feito, e desengraçado; mas habituada desde a infancia ao seo aspecto desagradavel, perdoava-lhe facil e sem esforço os senões da figura, admirando-lhe a energia persistente do caracter, a ás vezes a força physica evidente do deforme Alcides; não era pois a fealdade do mancebo que fechava a este o coração de Candida.

Mas a bella e severa intelligencia de Fre-

derico, a profundeza do seo juizo, uma certa gravidade varonil já dominando os arrojos da edade impetuosa, impunhão á Candida respeito, invencivel reconhecimento de superioridade, que contradizião o sentimento do amor no animo leve, inconsiderado, imprudente e viciado pelo sensualismo da mucama, e pelas degradações do namoro.

A irreflectida moça, pensando em Frederico, sentia como uma especie de temor d'aquelle homem tão serio: menos ligeira e precipitada acharia no desenvolvimento desse sentir, que se lhe afigurava temor, a fonte purissima do amor que lhe parecia impossivel e que se bazearia na estima perfeita das grandes e nobres qualidades do amado; ella porém afastava do seo espirito a imagem daquelle feio *moço-velho*, e sonhava com um marido bailarino, apaixonado de saráos, e de theatros, escravo de seos caprichos, complacente, primeiro incensador de sua vaidade, e até cumplice louco ou cego com a ostentação de sua formozura exigente de cultos na sociedade elegante.

De seo lado Frederico não comprehendeo a donzella que amava, vio-a com os olhos, julgou-a com as apreciações de seo pae,

padrinho perdido de amizade pela afilhada, e de Liberato, irmão extremoso e exaltado, julgou-a por si mesmo com as lembranças da innocencia da infancia da menina, e adorou-a com o suave, mas deferente culto que é devido á pureza.

Esse modo de exprimir amor chegava tarde á alma daquella moça de desezeis annos: em vez de beatifica-la, atormentou-a: anachronico e involuntariamente cruel despertou em sua consciencia o primeiro remorso.

Era um amor que envergonhava e vexava a namoradeira: não podendo rir-se de Frederico, a louca, experimentando na santidade daquelle amor virtuoso e reverente, uma punição da sua immodestia e garridice, odiou-o, por não lhe ser possivel despreza-lo.

Odiou-o ainda mais, porque o respeito indomavel á que a obrigava a estima em que tinha, e a *especie de temor* que lhe inspirava Frederico, levou-a forçadamente á esquivar-se dos namoros, que em todas as reuniões provocava, á resfriar as flammas, á escacear as liberdades, que tolerava em seos galanteadores, e á affectar o recato que alias nunca devera ter esquecido.

Fazendo sobre si mesma essa violencia,

que attestava por certo o poder e a influencia do feio *moço velho*, Candida em breve revoltou-se contra elle, e o aborreceo, ou suppoz aborrece-lo pelas privações que se impunha.

Estes sentimentos contradictorios, esse respeito e especie de temor, e esse odio pelo flagello da consciencia, esse recato obrigado e esse supposto aborrecimento pela privação de levianos e indesculpaveis gozos, provão que uma hora de reflexão em Candida, dez minutos de mais experiencia da vida artificial das nossas sociedades, e das exigencias vaidosas da imaginação da donzella formosa e leviana em Frederico, farião encantada e como que milagrozamente realizar de subito os benignos e generozos planos de Florencio da Silva e Placido Rodrigues.

No respeito, *na especie de temor*, no odio, no supposto aborrecimento que Candida estava confusamente votando á Frederico escondia-se, aprofundava-se o amor mais sereno e mais seguro, aquelle amor que não arrefece nunca, o amor que fica e não voa, o amor que se consagra pela estima.

Frederico poderia ter encantado Candida.

Mas não houve quem fallasse á pobre moça, quem a esclarecesse, quem a diri-

gisse. Em seo quarto de dormir e ao lado do seo toucador ella tinha a mucama escrava á impelli-la para o mal: nos salões, nas reuniões, ella tinha a thurificação da sua vaidade, e o tormento das reservas medrosas que augmentava o preço e à magia dos thuribulos arredados.

E ainda nos salões de reunião, e fóra delles nos colloquios de amizade quase fraternal Frederico, procurando com escrupulosa delicadeza inspirar e merecer o mais terno sentimento, sem o pensar deprimia Candida, exaltando-a pelos thezouros moraes que ella já não possuia, e amedrontava-a com apprehenções da vida tranquilla, séria, e nobremente recatada, que o dever e a virtude regulão e que a leviandade desama.

Tudo pois concorria para afastar Candida de Frederico.

XVI.

Não tinhão faltado festas e obsequios aos dous mancebos recem-chegados da Europa que erão pelos paes apresentados com orgulho.

Liberato e Frederico devião demorar-se apenas quatro mezes com seos paes, seguindo depois para a America do Norte, onde durante dous annos estudarião com observação solicita os systemas, processos, instrumentos, machinas e fabricas ou *engenhos* de agricultura nos Estados-Unidos e nas Antilhas. Elles tinhão chegado em Novembro, e estava marcado o mez de Março seguinte para a nova viagem.

Erão pois como estudantes em ferias.

Na casa de Florencio da Silva não havia

cuidado que se poupasse no empenho de tornar ameno, alegre, feliz, o curto periódo que Liberato hia ali passar.

E tambem a petulante Lucinda se esforçava por agradar ao bonito senhor moço, e por attrahir-lhe as vistas. Semelhante ouzadia é tão trivial em paiz, onde ha escravos, que á ninguem mais admira.

A mucama vestida sempre melhor que as outras escravas, e ostentando faceirice tanto mais facilmente, que os vestidos ainda pouco usados de sua vaidosa senhora, passavão á pertencer-lhe, e alem disso menos agreste e desageitada que suas companheiras, pelo muito que aproveitava, servindo á engraçada e desvanecida Candida, presumia-se de *tentadora*, e ardia por *tentar* o senhor moço: immoral, viciosa e lasciva, apenas contida pelo medo, passava quantas vezes podia por diante delle, indo e vindo pela caza, dava-se pressa em acabar a costura que tinha em mãos para leval-a á Candida, quando esta conversava com o irmão, e não perdia ensejo de atravessar a sala, onde por acazo Liberato se achava só.

Uma noute em que Candida lia á sua mãe o formoso romance « *A cabana do Pae-Thomaz*, » Lucinda, suppondo Florencio ainda

não chegado da cidade, onde ás vezes se demorava, e Liberato á fumar na sala de entrada, como costumava, para não incommodar Leonidia que aborrecia o cigarro, esgueirou-se sorrateira, e dirigio-se com subtis passos pelo corredor que hia terminar naquella sala; sentindo porém o sussurro de duas vozes, que em confidencia se entendião. parou á porta, e applicou o ouvido curioso e indiscreto de escrava.

E' regra que o escravo não receia expor-se, e daria alguns dias de sua vida para apanhar um segredo de seos senhores.

Lucinda escutou pois, tendo os olhos acezos, a boca entre-aberta, e abafando a respiração.

Florencio e Liberato conversavão em voz baixa sobre o dezejado casamento de Frederico e Candida, Entre o pae e o filho não podia haver opposição de idéas em materia sobre a qual estavão ambos do mais perfeito accordo; em um ponto porem Liberato pareceo hesitar.

— Mas ainda faltão dous annos, meo pae ! dice-lhe.

— Que importa ? tua irmã tambem é ainda uma criança; respondeo Florencio.

— Perdão; mas por isso mesmo em dous

annos a cabeça de uma mulher criança pode um dia doudejar.

O amoroso pae abaixou ainda mais a voz e dice :

— Talvez tenhas razão; mas que remedio ?.. o casamento, realizado já, perturbaria ou impediria o complemento dos estudos do nosso Frederico; porque nem era rasoavel que elle levasse a noiva em viagem de laboriosas observações, nem, apartando-se della, ainda tão recentemente casado, poderia viajar e estudar com perfeita tranquillidade de espirito.

— E' assim, meo pae : e depois.... Candida nunca olvidará a sua educação e o seo dever...... nunca desobedecerá. ...

Florencio cortou a palavra ao filho.

— Conto com isso; mas em todo caso não admitto a idéa de casamento de minha filha, sem a livre e plena determinação da sua vontade : Frederico seria o genro da minha escolha; terei grande desgosto se elle não fôr meo genro; tudo porem depende do coração de Candida.

— Mas nem tudo deve abandonar-se á cabeça da mulher criança, meo pae.

— Sim.... sim.... e eu previnirei riscos possiveis.... tu pensas bem, e creio que não tenho sido bastante acautelado...

— Como ?...

— Desde dous annos frequento demais o theatro da cidade, e não tem havido mez em que faltasse um baile em festejo de baptisado, de casamento, ou de commemoração de natalicio ou sob mil pretextos, para obrigar-me á levar Candida á sociedade....

— Ah ! tambem é preciso que ella se recreie.... Candida não é freira.

— Mas a mim me cumpre ser mais prudente : eu o serei depois que vocês partirem para os Estados-Unidos.

— Meu pae desconfia de alguma inclinação?... notou algum acto leviano ?...

— Oh ! não ! juro que não ; acudio Florencio.

E logo começou enthusiasmado á fazer o elogio da innocencia e das virtudes de Candida.

Lucinda aproveitou o fervor do elogio para retirar-se pé por pé e sem ter sido percebida por alguem na traiçoeira escuta.

A mucama estava alvoroçada pela idéa daquelle casamento, furiosa contra o empenho de seos senhores, e meditando já sobre os meios de contrarial-o.

Meia hora depois, Lucinda atravessava placida e alegremente a sala de jantar, onde

Florencio e Liberato acabavão de ouvir com Leonidia a leitura do ultimo capitulo da « *Cabana do Pae Thomaz.* »

Leonidia e Candida tinhão lagrimas nos olhos.

Lucinda entrou no quarto de dormir de sua senhora, e d'ali poude ouvir o que foi dito.

— Pois vocês chórão por isso? perguntou Florencio.

— Meu pae, dice Liberato; este romance concorreo para uma grande revolução social; porque encerra grandes verdades.

— Quaes, meu doutor?...

— As do contra-senso, da violencia, do crime da escravidão de homens, como nós outros que nos impômos senhores; as da privação de todos os direitos, da negação de todos os generosos sentimentos das victimas, que são os escravos; as da insensibilidade, da crueldade irreflectida, mas real, e do despotismo e da oppressão indeclinaveis dos senhores.

— Admiravelmente, meo doutor: o tal romance, bello presente que fizeste á Candida, e que eu já tinha lido, mostra e patentea o mal que os senhores fazem aos escravos.

— E muito mais ainda, meo pae...

— Embora; mas demonstra isso: e tu já pensaste no mal que os escravos fazem aos senhores? já o mediste, e o calculaste?...

— Consequencia do flagello da escravidão: as victimas se tornão algozes.

— E que algozes!...

— Que se quebre pois o cutelo! exclamou Liberato.

— E como? perguntou Candida.

— Banindo-se a escravidão, que nos desmoralisa; que é nossa inimiga natural, que nos faz mal em troco do mal que fazemos: porque o escravo condemnado á ignominia, dá o fructo da ignominia á sociedade que o opprime, e pune a oppressão, corrompendo o oppressor

— Basta: dice Florencio.

Liberato calou-se, mas com ar de triumpho.

E Lucinda que ouvira tudo da porta do quarto, murmurou com os dentes cerrados.

— E portanto... eu sou victima.

XVII.

A escolha do noivo de Candida, era questão de maxima importancia para Lucinda, pois que a ella se prendia naturalmente a do dominio de um senhor, e a do systema de vida em que sua senhora e tambem ella terião de submetter-se.

A mucama de Candida já conhecia Frederico, e o aborrecia pela completa indifferença com que elle havia mostrado quase ignorar a sua existencia.

As escravas tambem tem suas vaidades, embora torpes: são as vaidades que lhes concede a escravidão, torpes, como ella.

Além desse resentimento, que aliás abonava a moralidade de Frederico, o grave caracter deste, o seo proceder, as claras

disposições do animo circumspecto e frio, indicavão que o seo viver, seria como o seo caracter, modesto, zeloso de sua reputação, serio, e reservado, e que na sua caza a honestidade, a prudencia, e o sabio culto do dever, moderarião a impetuosa paixão dos gozos da vaidade de Candida, e por consequencia imporião ordem á familia, respeito aos costumes sãos, e não darião margem aos calculos de expansão libertina, e aos dourados sonhos de um dia *achar fortuna*, com que a mucama muito se preoccupava.

O que convinha á Lucinda, era para sua senhora um noivo estouvado, libidinoso, extravagante e rico; era o chefe de familia desgovernando, na caza a licença aproveitando a desordem, e o desatino dos senhores facilitando a devassidão dos escravos.

Candida, entrando para seo quarto, leo no rosto da mucama annuncios de novidade.

— Que ha? perguntou.

— Importante segredo, minha senhora.

— Dize-o.

— Querem cazar minha senhora, com o filho de seo padrinho.

— Devéras? é commodo: sou poupada

ao trabalho de procurar marido; dice Candida negligentemente, sentando-se e offerecendo os pés, para que a mucama lhe tirasse as botinas.

Lucinda curvou-se, e emquanto descalçava a senhora e punha em seus pés mimosos, lindas chinelas de pellica bordada, reflectio sobre a indifferente frieza da resposta que recebera.

— Ah! minha senhora já sabia?... mas sou capaz de apostar que ignora as condições....

— As condições?... quaes são?

— Minha senhora que tem já dezeseis annos, hade esperar solteira mais dous.... vale porém a pena....

Candida, que não se demorava em pensar no casamento com Frederico, ainda não tinha calculado com esse *sacrificio* de dous annos de espera.

Lucinda saboreou a impressão que produzira no espirito da senhora, o que acabava de dizer-lhe: logo depois proseguio:

— E como em dous annos, a cabeça de minha senhora póde doudejar, e onde ha mais perigo de endoudecer é nos bailes e nos theatros, já se sabe porque, logo que meo senhor moço e o Sr. Frederico torna-

rem a partir, minha senhora irá muito poucas vezes a taes divertimentos....

— Não entendi bem.... dice Candida, sentindo-se offendida.

Lucinda repetio palavra por palavra a sua traiçoeira informação.

— Tu gracejas, Lucinda! tornou a moça, fitando olhos brilhantes de colera no rosto da escrava.

— Uma palavra descuidada de minha senhora poderia ser-me fatal.

— Nunca te comprometti, e preciso do teo zelo, e dos teos serviços. Falla: dize-me tudo que sabes.

A mucama relatou a conversação de Florencio da Silva e de Liberato, azedando o que podia ser desagradavel á senhora, e esquecendo de plano a generosidade, com que o pae protestara respeitar e defender a plena liberdade de sua filha, na decisão do seo casamento com Frederico.

Candida, tendo os olhos pregados nos labios de Lucinda, escutou-a até o fim com os supercilios quase cerrados, e atormentando os dedos em nervoso aperto das mãos entrelaçadas. Custava-lhe sobre tudo duvidar do amor de seo pae, acreditando nas combinações de prepotencia e imposição,

que a mucama deixava claramente entrever.

Grave, um pouco sombria e como suspeitosa a donzella perguntou:

— Onde meo pae e meo irmão conversarão assim?...

— Na sala da entrada.

— A que horas?...

— Logo que anouteceo.... as sete horas talvez.

— Póde ser... Liberato tinha ido fumar... eu ficára á ler... mas meo pae não tinha chegado ainda... e então?...

— Tambem eu pensava que elle não tinha chegado; dice irreflectidamente a escrava.

— Tambem tu?... pois sim: e d'onde ouviste a conversação?...

— Da porta que communica a sala da entrada com o corredor.

– E que tinhas ido fazer ao corredor?...

Lucinda não soube que responder, perturbou-se, tentou mentir e não poude; quiz fallar e não passou de repettir:

— Eu hia... eu hia... eu hia...

Candida corou fortemente: comprehendera emfim o motivo que levara a mucama ao corredor, mas em vez de revoltar-se contra a petulancia viciosa da escrava, achou

sómente nella uma prova da veracidade da relação que acabava de ouvir.

— Que me importa o que foste fazer ao corredor!... exclamou.

— Minda senhora perguntava....

— Que me importa!...

E, levantando-se, Candida avançou um passo para Lucinda, e voltando-lhe as costas, dice-lhe:

— Despe-me.

A mucama estendia os braços, quando a moça tornando-se de frente, com rapido movimento, encarou-a de novo e perguntou:

— Não mentes?... o que dizes é verdade?...

— Eu juro que é verdade, e minha senhora hade exprimentar as provas do que eu dice, na vida que lhe vão dar.

Candida rompeo a rir.

— De que ri, minha senhora?

— Não vês que me dão dous annos?... ah, Lucinda! querem governar o tempo; e quanto tempo? dous annos!...

E, trocando sem explicavel transicção o rizo por seriedade pezada; pareceo começar á reflectir; logo porém levantou os braços e com as mãos desmanchou accelerada o penteado e dice á mucama;

— Despe-me: preciso dormir.

XVIII.

Tinhão chegado as festas do natal, os dias de jubilosa commemoração catholica, em que com as solemnidades da igreja docemente se apadrinhão os regozijos profanos, que principiando á 25 de Dezembro vão até 6 de Janeiro, e ligão assim em laços de flores o anno que cahe no passado e o que avança para o futuro, o anno velho que deixa desenganos e o novo que favonêa esperanças.

Esses dias do natal marcão a época mais alegre, e as festas por excellencia *da roça*: quem póde, foge das cidades; as povoações do interior e principalmente as fazendas e habitações ruraes, abrem o seio hospitaleiro e amigo, ás familias que vão gozar os en-

cantos, beber o ar puro da natureza campestre e esquecer por breve prazo o borborinho, a etiqueta fatigadora, a vida artificial, á que tem de voltar logo depois.

E' na roça o tempo das cavalgatas, e das romarias de fazenda em fazenda, para em serie de banquetes e de funcções, ser satisfeito o empenho de obsequios, que os fazendeiros disputão entre si, repartindo os dias para repartir a gloria da hospedagem festiva.

Florencio da Silva e Placido Rodrigues recebêrão, um em sua caza de campo, o outro na sua fazenda, familias amigas, vindas da Côrte a convite de ambos. Liberato e Frederico tivêrão em alguns antigos companheiros do collegio seos hospedes especiaes.

Com tres estudantes do curso juridico de S. Paulo convidados de Liberato viera tambem um joven francez de nome Alfredo Souvanel.

Como que a fatalidade, ou o destino aproximavão Souvanel de Liberato e Frederico: os dous mancebos tinhão-se encontrado com elle pela primeira vez, havia dezoito mezes, em uma breve excursão que os levára á Suissa, á vizitar alguns azilos agricolas, e separan-

do-se no fim de tres dias, quando apenas se conhecião, de novo, passadas algumas semanas, se achavão reunidos com Souvanel no mesmo alojamento em Stuttgart, na Alemanha, onde seguião os estudos theoricos e praticos do Instituto Agricola de Hohenheim.

Ahi na capital do Wurtemberg estreitárão-se naturalmente as relações dos dous brasileiros com Souvanel, que se dizia proscripto politico, e que viveo vida vadia e alegre com os estudantes da escola agricola, até que ao cabo de alguns mezes e de repente, despedio-se dos amigos na mesma hora em que se partio, sem dizer para onde.

De volta da Europa chegando ao Rio de Janeiro em Novembro, Liberato e Frederico esbarrárão com Souvanel em companhia de amigos e antigos collegas seos, estudantes que vinhão de S. Paulo em ferias.

Alfredo Souvanel devia contar cerca de vinte e seis annos, de estatura regular, louro, de olhos scintillantes, era de aspecto agradavel, bem talhado de corpo, apurava-se no trajar tanto, quanto lh'o permittião seos fracos recursos. Dizia-se bacharel em letras, tinha instrucção superficial, mas intelligenrão facil, espirito, e genio alegre; jogava

com destreza o florete e a espada, atirava com admiravel precizão a pistola, e melhor que tudo isso, era habilissimo pianista, dispunha de excellente voz de baritono, tocava e cantava como tocão e cantão os mestres, que alem do perfeito conhecimento da arte, tem o segredo do sentimento que a sublimiza.

Pretendia elle ser uma das victimas do despotismo de Luiz Napoleão, e amigo particular de Louis Blanc; dizia ter sido activo collaborador de mais de uma gazeta em Paris, e fallava com enthusiasmo da França, e da republica socialista; adorava Lamartine poeta, e detestava-o politico; porque em sua opinião Lamartine sacrificára a revolução de quarenta e oito.

Souvanel se apresentára em S. Paulo á procurar discipulos de musica, e das linguas franceza e ingleza; ganhou porém muito mais com a recommendação de proscripto politico na sociedade dos estudantes, de quem astuto se aproximou.

Quem diz estudante, diz generosidade. Os academicos de S. Paulo protegêrão Souvanel, a victima do despotismo perseguidor e cruel, o martyr das idéas liberaes; este[illegible] dêrão-lhe as mãos da mocidade credu[illegible],
[illegible]n-

mas ainda nobre e grandiosa nessa credulidade, que testifica a magestosa incapacidade de hypocrizia e de perfidia, na insuspeita da hypocrizia e da perfidia: a mocidade; e na mocidade principalmente os estudantes academicos manifestão a nobreza e altitude de seos corações nas bellas illusões, em que se enganão com os homens e o mundo. Elles se enganão, porque ainda são melhores do que os homens e o mundo que os enganão.

Os academicos de S. Paulo adoptárão Souvanel: para disfarçar a benificencia, derão-se a aprender o jogo do florete e da espada, pagando as lições que recebião, e em breve enthusiasmárão-se pelo joven francez, que era o mais alegrão, travesso, original, espirituoso e endiabrado companheiro de folganças.

Em poucos mezes Souvanel fallou portuguez, como se vivesse á vinte annos no Brasil, e chegadas as ferias, deixou S. Paulo, e acompanhou os estudantes que vinhão e lhe pagárão a passagem para o Rio de Janeiro, em cuja capital esperava melhorar de fortuna, como professor de piano e canto.

Os estudantes, amigos de Liberato, exaltárão os merecimentos de Souvanel, que alem

disso recommendado pelo infortunio, pela pobreza, e pela jovial convivencia de alguns mezes em S. Paulo, recebeo com aquelles, convite para passar as festas do natal na caza de Florencio da Silva.

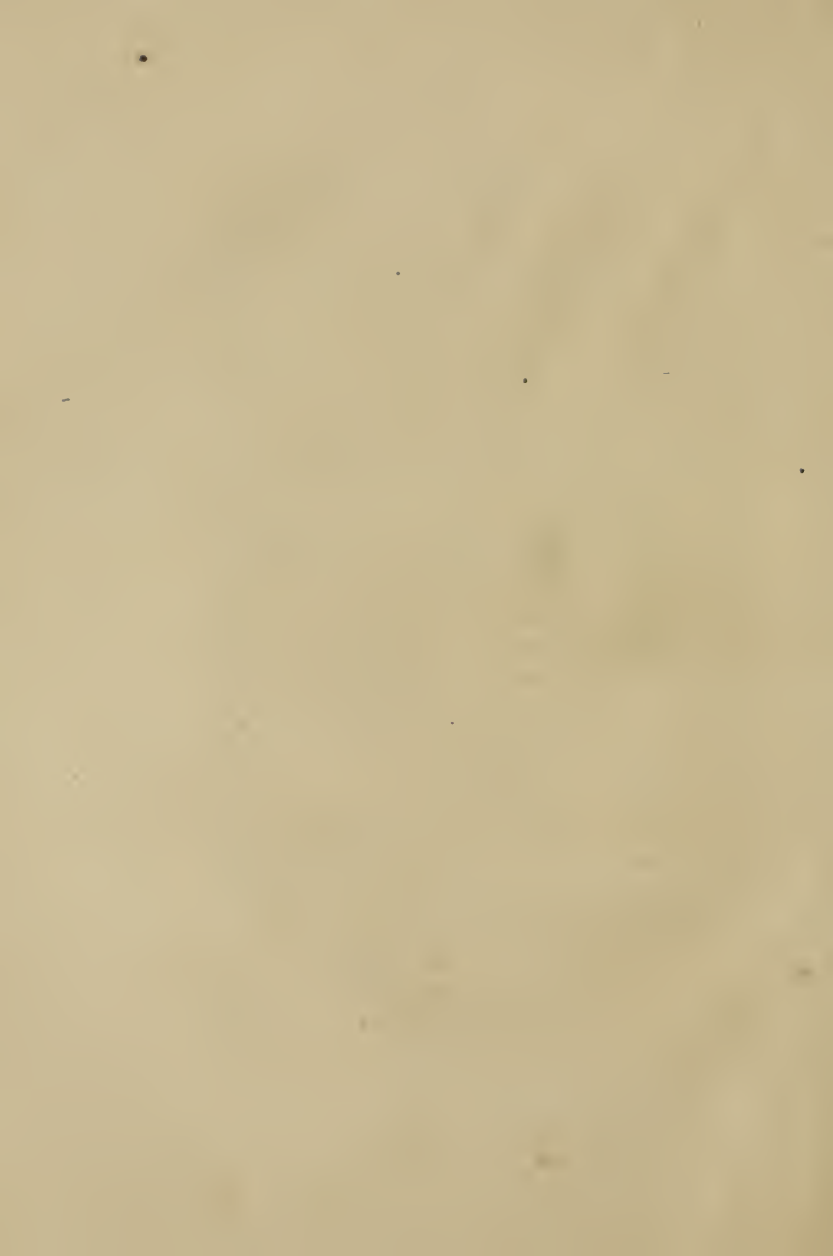
O joven francez não se fizera rogar.

Bastárão poucos dias para que Souvanel se tornasse a alma das funcções do natal, na companhia em que se achava, jucundo, condescendente, infatigavel era o vivificador dos saráos, o ordenador de contradanças variadas, o rei do piano, o interprete fiel das musicas de Bellini, de Donizette e de Verdi, nas arias e duetos de suas melhores operas; nas caçadas brilhava como o primeiro atirador, nas cavalgatas ostentava habilidade gymnastica, fazendo prodigios de equilibrio em pé sobre o sellim, ou aos saltos ao pescoço e á garupa do cavallo; á noute nos salões inventava jogos, lia a *buena-dicha* nas mãos das senhoras, e com um baralho de cartas realisava proezas de empalmação, e de resoluções de problemas de calculo, que parecião inexplicaveis.

Souvanel eclypsou os proprios estudantes: onde hia, entregavão-lhe a direcção do banquete, do sarão, de toda festança: as senhoras o lisonjeavão para que elle as fizesse

dançar, cantar, brilhar; os estudantes o atropellavão, exigindo os entretenimentos que mais lhes convinhão; os amphitriões o tomavão por arbitro e animador das amenas funcções; em suas mãos emfim estava o fio de Ariadna daquelle labyrintho de ruidosos mas innocentes prazeres.

Dir-se-ia que Souvanel, o indomito traquinas, o espirituoso, e alegrão francez, sempre tão atarefado, tão exigido, tão distrahido, e por assim dizer multiplicado para attender e servir á tantas senhoras e senhores, não poderia ter tempo, olhos, contemplação, e talvez calculo para ver, distinguir, amar, ou fingir amar, alguma das muitas bellas jovens, que se reunião naquella sociedade festiva e ambulante, que andava de romaria de fazenda em fazenda.

Entretanto não era assim: logo nos primeiros dias, depois da sua chegada á caza de Florencio da Silva, Souvanel encetára amoroso enleio que se foi entretecendo imperceptivelmente para todos.

XIX.

Florencio da Silva tinha dado á seos hospedes um dia para descanço da viagem antes de faze-los entrar na vida de festas e passeios; mas o joven francez era incansavel e tambem apressado em recommendar-se.

Acabavão apenas de levantar-se do almoço, quando Souvanel, vendo na sala um magnifico piano, correo á elle e executou de cór e com pericia magistral uma peça brilhante: depois, e em quanto o applaudião, examinou os livros de musica, e exclamou:

— Quem canta estas musicas? sem duvida mademoiselle.....

A pergunta e a observação erão como um convite para cantar: Florencio e Leonidia desejárão muito naturalmente, que o

notavel mestre apreciasse o talento musical de sua filha, que elles suppunhão cultivado com esméro.

Candida cantou, acompanhada ao piano por Souvanel, a aria final da Sapho.

O mestre para quem todos olhavão depois dos cumprimentos de cortezia, ou de sincero louvor, teve de enunciar o seo juizo de autorisada competencia.

— E' uma voz admiravel ! dice elle; uma voz suavissima e ao mesmo tempo volumosa, extensa e afinada !

Candida pareceo encantada do elogio.

— Não te desvaneças, Candida; acudio Liberato, rindo-se; repara que Souvanel encareceo sómente a tua voz, mas deixou de elogiar teo canto : póde-se ter boa voz, e cantar mal.

A donzella olhou para Souvanel, que perturbara-se ou fingira perturbar-se um pouco.

— Falle o mestre, e não o cavalleiro, que por cortez é menos franco; dice Florencio da Silva.

Leonidia instou, Candida pedio; Souvanel fallou.

— Com a voz que possue, e a pratica sevéra que tem do solfejo, mademoiselle em duas horas de estudo bem dirigido, cantaria

esta mesma aria de modo á fazer acreditar, que é outra.

— Opéra esse milagre, Souvanel! dice Liberato.

— Se mademoiselle quer perder duas horas......

A experiencia conveio á todos.

— Esqueção-se de nós; porque o estudo é enfadonho, e esgota a paciencia.

Ninguem se afastou.

Souvanel comprehendeo todo partido que poderia tirar daquella exposição viva do seo methodo de ensino e extremou-se na lição: fez Candida repetir dez e mais vêzes cada compasso, explicando nota por nota a idéa contida em cada uma, revelando os segredos da expressão e do sentimento, desde o gemido até o grito, desde o murmurio e o soluçar do *tremulo* até a perfeita segurança na graduação da tenuta, ensinando a respirar na occasião competente, e encher de ar as amplidões pulmonares para o arrojo vehemente das paixões em musica.

A bella discipula, rica de intelligencia e de voz, ávida de saber, vaidosa para mais ardentemente dezejar ser admirada, absorveo-se na lição, admirou o mestre, e ad-

mirou ao mestre ; porque no fim de pouco mais de duas horas, cantou com effeito a aria quase com perfeição, e, como Souvanel o dicera, de modo á fazer acreditar que era outra.

Souvanel acabava de fundar a sua reputação de mestre eximio.

E' claro que desde esse dia, sempre que as conveniencias da sociedade o permittião, antes ou depois dos passeios, na manhã, ou na tarde, que mediavão entre as folganças geraes, Candida tomava á Souvanel uma ou duas horas para preparar as arias que devia logo depois executar.

Mas Souvanel tambem cantou e fez *furor*.

Naturalmente as vozes quizerão combinar-se, diversas senhoras cantárão duettos com Souvanel ; Candida dezejou canta-los, e appellou para o mestre que se exaltava, achando na discipula uma adivinhadora dos segredos mais subtis da arte.

Raramente embora, Souvanel e Candida ficavão uma ou outra vez á sós no piano.

Em uma dessas occasiões o joven francez dice com fingido ou real enthusiasmo.

— Que voz ! penetra e fica no coração de quem a ouve !

Candida interrompeo o canto.

— Prosiga ! exclamou o mestre.

— Oh ! não ; respondeo a moça com enlevamento ; eu quero que a minha voz repita tres vezes ainda este *alegro*...

E ella o repetio tres vezes requintando a doçura e o sentimento que commovida e inspiradamente dava ao canto.

— Isto faz esquecer de que se vive na terra, e imaginar que se está no céo, ouvindo um anjo ! murmurou Souvanel.

— Anjo ! respondeo em voz baixa a imprudente donzella ; anjo ! como, se nem tenho azas para voar e fugir ?...

— Oh ! mas para mim, pobre proscripto, está tão alta, que nem posso chegar com os meos labios a seos pés !...

Nesse momento Leonidia se aproximava.

Souvanel apontou com o dedo o signal de um compasso e dice imperturbavel :

— Perfeitamente, mademoiselle ! agora aqui a respiração, e depois o sentimento contrahido pelo receio ; mas transpirando no tremulo, e preparando-se para a expansão sublime....

Não havia nem receio no sentimento do canto, nem tremulo na musica, nem expansão a preparar....

E todavia Candida não se mostrou sur-

prendida, e continuou a lição, improvisando um tremulo mal cabido, que Souvanel não corrigio.

A filha enganava a mãe.

O mestre começava a enganar a todos.

XX.

Em outra lição, e em outros breves momentos de liberdade, Souvanel mostrando um terno e doloroso pensamento da inspirada *Fovorita* de Verdi, sorrio docemente e dice malicioso a Candida.

— Deixe sahir o coração na voz gemente.... gema com o coração nos labios....

— Arreceio-me.... balbuciou a discipula.

— Porque ?

— O coração exposto assim ?... e se m'o roubassem ?

— Ah! mademoiselle ! por mim eu seria ladrão de consciencia.

— Como ?

— Para não deixal-a pelo roubo infalli-

vel com o peito vasio, pediria de joelhos a gloria de uma troca de corações....

— Não entendo bem esta musica; dice Candida, sorrindo meigamente.

E sem duvida para conter no ponto a que tinhão chegado, as finezas que o mestre lhe dizia, cantou; mas cantou com apuro de ternura, e com verdadeira ou bem simulada commoção, a musica tão repassada de sentimento da *Favorita.*

Para tanto ouzar, ouvir e dizer, era evidente que andava já adiantado o galanteio entre Souvanel e Candida.

A musica arrebata a alma, embriaga os sentidos.

Não ha seductor mais perigoso do que um mestre desmoralisado, e entre os mestres capazes de tentar seduzir o mais perigoso é o de musica e principalmente o de canto; porque elle ensina as fallas que fallão ao coração, arrebatão a alma e embriagão os sentidos.

Souvanel achara Candida bonita, e, tendo logo razão para julgal-a romanesca, acreditou-a susceptivel de deixar-se apaixonar, vio nella um calculo de futuro, e medio as vantagens materiaes que esperavão ao genro de Florencio da Silva. Para elle não podia ser isso obra de prompta reflexão: estran-

geiro mal conhecido, com a sua vida passada em nuvens de duvidas, sem garantias da honra do seo nome, sem fortuna, sem abonador de sua moralidade, á principio nem concebeo a idéa de possibilidade de casamento e apenas por distracção explorou a sensibilidade, e brincou com o coração da que suppunha simples e inexperiente moça da roça; mas á medida que Candida namoradeira, parecia fraquear deixando-se arder em flammas de amor, o joven francez exaltava suas esperanças e pouco a pouco foi chegando ao calculo, do que na propria consciencia, julgando impossivel, não se atrevêra á imaginar nos primeiros dias.

Egoista e frio especulador, descrente em religião, alheio ás noções do dever, desdenhando dos brasileiros em refalsado segredo, ambicioso de riqueza, escondendo nas dobras do agrado perfido, nas artimanhas da docilidade, da condescendencia, das magias da musica, nas têas subtis do espirito vivo e travesso a baixa urdidura da lisonja, da adulação, do servilismo, para achar proctetores, ganho mais facil e fundamento de fortuna, Souvanel não hesitou em abuzar da confiança de seos hospedes, em esquecer os favores que recebera de Liberato; mas cau-

teloso, dissimulado, traiçoeiro, laborou no mysterio de rapidas e fugitivas provocações de amor, de confidencias velozes de apaixonado extremo, e de paciente, lenta e habil propinação do veneno da seducção.

Souvanel não sabia que fallava, não á sesensibilidade, mas ao resentimento e ao desvario de Candida, no ensejo mais opportuno e favoravel.

Desde a noute em que Lucinda repetira á sua senhora com fallaz inexatidão, o que havião conversado Florencio da Silva e Liberato sobre o projecto de casamento, Candida se tornara suspeitosa das intenções de sua familia, revoltada contra a idéa de oppressora privação dos saráos e dos theatros, e disposta á resistencia e á opposição á vontade de seos paes.

Desconfiada de todos e de tudo, reparára e observára com animo prevenido; seo pae e sua mãe não lhe fallárão de Frederico e continuárão sempre á abysma-la, como dantes, no diluvio das delicadezas do mais estremozo amor; Liberato porém, discorrera por mais de uma vez em sua presença, atacando a inconveniencia dos bailes frequentes, para uma donzella modesta e recatada, e ferira com exagerados sarcasmos o thea-

tro ruim, grotesco, e immoral da pequena, mas já rica cidade de....

Ouvindo Liberato, Florencio da Silva e Leonidia tinhão defendido fracamente, e deixado condemnar sem protesto, as duas arenas onde triumphava explendida e maravilhosa a formosura de sua filha.

Candida ouvira, o que chamava sermões de Liberato, com despresadora indifferença silenciosa, que admirava á seos paes; ella porém ouvia com a revolta n'alma, reconhecendo nas observações de seo irmão a verdade das revelações da sua escrava.

Candida em impulsos de reacção detestou, ou pensou detestar Frederico, e jurou a si mesma que jámais consentiria em ser sua esposa.

Em dous annos de sacrilegio do sentimento, em dous annos passados em fingimentos de amor, em tolerancia, provocações, e pratica indesculpavel de dezenas de namoros, Candida conservara o coração livre e como inhospito do sentimento que absorve a vida da mulher: dir-se-ia que o habito de fingir lhe embotara o sentir. Até os dezeseis annos não tinha amado; nem um só mancebo, nem o mais bello dos seos namorados conseguira atear o fogo em sua alma enregelada.

Candida tinha vontade de amar, dezejo louco de experimentar esse sentimento que perturba a razão, põe em incendio o coração, escravisa uma, desatina outro; lêra já em vinte romances dos melhores autores a philologia e a autopsia do amor, e ella não o conhecia ainda, como o aprendêra nos romances; dezejava amar e não amava.

Suspeitando, acreditando emfim, que seos paes querião impôr-lhe em Frederico um marido, e que nesse empenho planejavão rouba-la ao culto dos seos adoradores, por instinctivo incitamento de resistencia e de opposição dezejou ainda mais amar, e não amava!...

Candida não amava; porque em vinte ou trinta thurificadores que queimavão incenso á seos pés, ella que recebia as thurificações de todos, quando procurava distinguir um entre tantos, esquecia vinte nos gelos da indifferença pelo demerito delles, confundia dez no pezo igual do merecimento, e nunca chegava a preferencia de um só, marcado pela escolha do coração.

A namoradeira tinha almejado amor devéras por tresloucada curiosidade, e passára finalmente a almejar ainda mais, á querer,

á pedir ao céo esse captiveiro d'alma por vingança da supposta oppressão.

Foi nesse estado de espirito, nessas circumstancias determinadas por injustas prevenções , nesse doudo empenho de amar, que Souvanel se mostrou aos olhos, aos ouvidos, e ao coração aberto de Candida.

XXI.

A chegada dos hospedes de seo pae e de seo irmão, e no primeiro dia que foi como que de apresentação dos estudantes e do joven francez, que não erão conhecidos da familia, a figura de Souvanel não produzio impressão sympathica nem antipathica no animo de Candida; claramente porém, agradárão-lhe mais os academicos, cuja posição era definida: o estrangeiro recommendado só por suas habilitações de pianista e cantor, pareceo-lhe antes um recurso para divertir a sociedade, do que um amigo trazido como igual para o seio della, e esta consideração o amesquinhou á seos olhos.

A primeirn lição tornou Souvanel interessante: a vaidosa moça attendeo ao en-

sino sem attender a pessoa do mestre, e reconhecendo que muito podia ganhar com as explicações do insigne professor, lisongeou-o, ameigou-o, sem idéa alguma de merecer-lhe cultos, e só para mais condescendente acha-lo, sempre que lhe pedisse o favor de alguma lição.

Mas Souvanel cantou, e sua voz era como o sentimento, deslisando suave como arroio murmurante, ou troando impetuoso, como a catadupa despenhada: era impossivel dexar de olhar o homem que cantava assim, e Candida vio no rosto e nos olhos de Souvanel todas as doces flammas, e todas as lavas abrazadoras da paixão.

Na segunda lição o mestre explicou as notas, os compassos, o andamento, as modulações da voz que devião exprimir amor, e o fez com eloquencia tão viva e insinuante, que a donzella começou á sentir alguma couza de novo em seo coração, ouvindo Souvanel, e ainda leviana, explicou certo pendor que a inclinava para elle, pelo seo costumado empenho de avassallar sempre novos adoradores; dezejou ser cortejada e requestada por esse mancebo, que sabia fallar tão doce e fervorosamente de amor, e, insensata, deixou ver o primeiro

sorriso e ouvir a primeira palavra, que não sendo provocação manifesta, autorisárão com tudo louvores, á principio apenas ternos, logo depois mais palpitantes de affectuoso interesse, e emfim annunciadores francos de galanteio, ou de amorosa chamma.

Candida deixou-se amar e animou com seos gracejos maliciosos o mestre nos momentos em que ficava á sós com elle e embeveceo-sé nesse enleio, que se lhe afigurou simples namoro, como tantos outros, mais delicado e romanesco, porem, por se esconder medrozo no encanto do mysterio.

Souvanel, encorajado, desenvolveo com arte consummada, todos os ardiz e todos os laços da seducção: poucas palavras bastão para mostrar os immensos recursos, o poder temivel, e a victoria muitas vezes facil da mais perigosa das seducções; escreveremos essas palavras que á muitos podem parecer até ridiculas e que entretanto revelão seria observação: *Souvanel seduzio pela musica, e fez-se amar pela musica.*

Dez dias depois da sua chegada á caza de Florencio da Silva, Candida cantou com Souvanel, na fazenda de seo padrinho, o bellissimo e amoroso dueto de *Torquato e Eleonora* da opera de Donizette, e em seo

transporte de fiel interpretadora daquella admiravel e apaixonada musica, desfez-se em lagrimas de indizivel enternecimento.

Acabando de cantar, a donzella fugio aos applausos, correo para a sala do *toilette*, e atirando-se sobre um sophá, murmurou tremendo :

— Meo Deos ! que homem !

Candida acabava de reconhecer que amava perdidamente Souvanel.

Algumas senhoras chegárão, procurando a bella cantora, á quem abraçárão.

— Cantou, como nunca, D. Candida! cantou á fazer chorar!...

— Tambem eu chorei.....

— E' explicavel.... a commoção.... a sensibilidade....

— Sim ; foi isso ; dice Candida melancolica e pensativa ; é isso ; aquelle dueto faz um bem que parece mal.

Quando as senhoras voltárão á sala, trazendo a fugitiva e triumphante cantora, todos a cumprimentárão e a applaudirão de novo, todos, menos um unico cavalleiro e amigo, menos Frederico, que grave e pensativo se fôra debruçar á uma janella.

Liberato foi bater no hombro de seo irmão-colaço :

— Em que pensas, intempestivo philosopho?..

Frederico voltou-se e respondeo:

— Occupava-me em resolver um problema.

— Ao diabo a geometria e o calculo! vamos dançar.

— Tens razão, Liberato; dancemos.

E Frederico avançou até o meio da sala, e, batendo palmas, chamou pares para uma contradança.

Souvanel dirigio-se logo ao piano.

— Deixa o piano, Souvanel; dice Frederico: tu quase nunca danças; agora quero eu tocar.

Souvanel tomou parte na contradança; mas Candida não foi o seo par, nem dançou defronte delle, e nem o joven francez e ella se olhárão.

E Frederico tocou; preoccupado porem, com a resolução do seo problema.

XXII.

Frederico amava Candida: o seo amor era uma sublime mistura de dedicação fraternal e de paixão de amante extremoso: o seo amor era um monumento, em cujas bases entravão Leonidia, que lhe dera o leite de seos peitos e o cuidado maternal de seo berço, Leonidia, sua segunda mãe; Florencio da Silva, que na sua infancia o igualára á Liberato, no zelo da educação e nas caricias; Florencio da Silva, seo segundo pae; Liberato, seo irmão colaço, seo irmão na escola, no collegio, e no coração; Candida, menina, a idolatria de seos innocentes amores de irmão mais velho, Candida moça, a belleza peregrina e a celeste virtude, que devia e podia fazer-lhe da vida paraiso.

Frederico amava Candida com o mimoso culto da gratidão, com o nobre culto da virtude, com as puras magias da infancia, com as poesias da mocidade, com as flammas ardentes do amor que inspira a formosura.

Era um amor em que se identificavão todos os grandes amores do homem.

Em Frederico, tinha Candida dous energicos e poderosos amores, o amor do coração e o amor da razão, ambos igualmente fortes e generosos pelo caracter do virtuoso mancebo.

Frederico sabia que era desagradavel de figura e receiava por isso não ser amado por Candida: esse receio atormentava-o: ver Candida amante e esposa de outro homem, era a apprehensão de uma noute perpétua na sua vida; mas para elle, o sacrificio da filha de Leonidia e de Florencio da Silva, da irmã de Liberato, da sua amada menina da infancia, o sacrificio de Candida sua esposa, por obediencia e sem amor, era um crime de ingratidão, um sacrilegio que lhe tornaria a vida peior do que noute perpetua, remorso perpetuo. Elle sentia-se capaz de defender o coração de Candida contra si, embora perdido para si esse co-

ração, o mundo se lhe antolhasse insuportavel.

Na grandeza e na generosidade do seo amor, o prudente mancebo não se confundira com os indiscretos apaixonados, que dão em espectaculo a donzella que amão, obrigando-a á publica ostentação de affectos que ainda não tem a sagração que os autorisa á face da sociedade, nem em suas conversações com a adorada moça, offendèra a santidade do seo sentimento, procurando exprimi-lo e faze-lo sentir por meio desses ademanes artificiaes e vulgares, e dos discursos bombasticos e do diluvio de juramentos, que são a eloquencia sublime dos namoradores de officio e dos namorados ridiculos.

Zeloso porém, anhelante e completamente captivo dos encantos de Candida; Frederico a acompanhava de continuo com os desvelos do coração, com a vigilancia do receio, e com aquella visão do espirito qne acha luz nas proprias sombras do disfarce, e penetra os véos da dissimulação, adivinhando a verdade escondida.

Assim foi que antes de todos, suspeitou elle do galanteio ou do amor nascente de Candida e Souvanel: não podia dizer qual era o fundamento real da sua suspeita; mas

em seu animo como que presentia galanteio ou amor naquellas lições de canto, na atmosphera que cercava o mestre e a discipula, e na propria serenidade que ambos affectavão.

Frederico quiz duvidar; mas a suspeita o perseguia indomita. O dueto de *Torquato Tasso* veio indiciar nas lagrimas de Candida, o sentimento que ella já abrigava no coração.

O nobre e amoroso mancebo, tocava quase á certeza do seo infortunio; nas ancias tormentosas do seio, cavou silencioso a sepultura do seu magnifico amor; soffreo como soffrem as grandes almas; reflectio porém, ou Candida amava realmente Souvanel ou se prestava á comedia sacrilega do fingimento de transportada paixão: em ambas as hypotheses era lamentavel a leviandade com que a donzella se compromettia, prendendo-se ou simulando prender-se á um estrangeiro, cujo passado ninguem esclarecia, e cuja moralidade se patenteava negativa por essa mesma solicitude amorosa, que era ingrato abuso de confiança: em ambas as hypotheses portanto, Candida perdera muito na estimação que lhe merecêra: na segunda hypothese, não podia mais ser

sua noiva, pois que nunca tomaria por esposa, quem tão facil se abandonava á indignidade do galanteio: na primeira do mesmo modo o seo casamento se tornára impossivel, pois que outro homem enchia com a sua imagem e suave dominio a alma dessa mulher que elle tanto adorava.

Que lhe cumpria fazer?... fugir de Candida, apressar sob qualquer pretexto sua viagem para a America do Norte?... Frederico repellio essa idéa: á força de muito reflectir e talvez ainda tendo o seo amor agarrado á uma tenue esperança, pensou que bem podéra o ciume ter illudido o seo espirito, inventando o que não existia, e calumniando innocente donzella: e quando tudo fosse verdade, quando a paixão mais louca estivesse incendiando o seio da pobre moça, elle tinha o direito de não a querer mais para sua noiva: tinha porém o dever de velar como amigo, pela filha de Leonidia, sua segunda mãe, pela filha de Florencio da Silva, que em seos primeiros annos lhe fizera as vezes de pae extremoso, pela irmã de Liberato, seo colaço, e seo fiel amigo.

Nesse melindre de sensibilidade, nessa poetica aspiração de pureza, de angelica virgindade de coração na mulher com quem

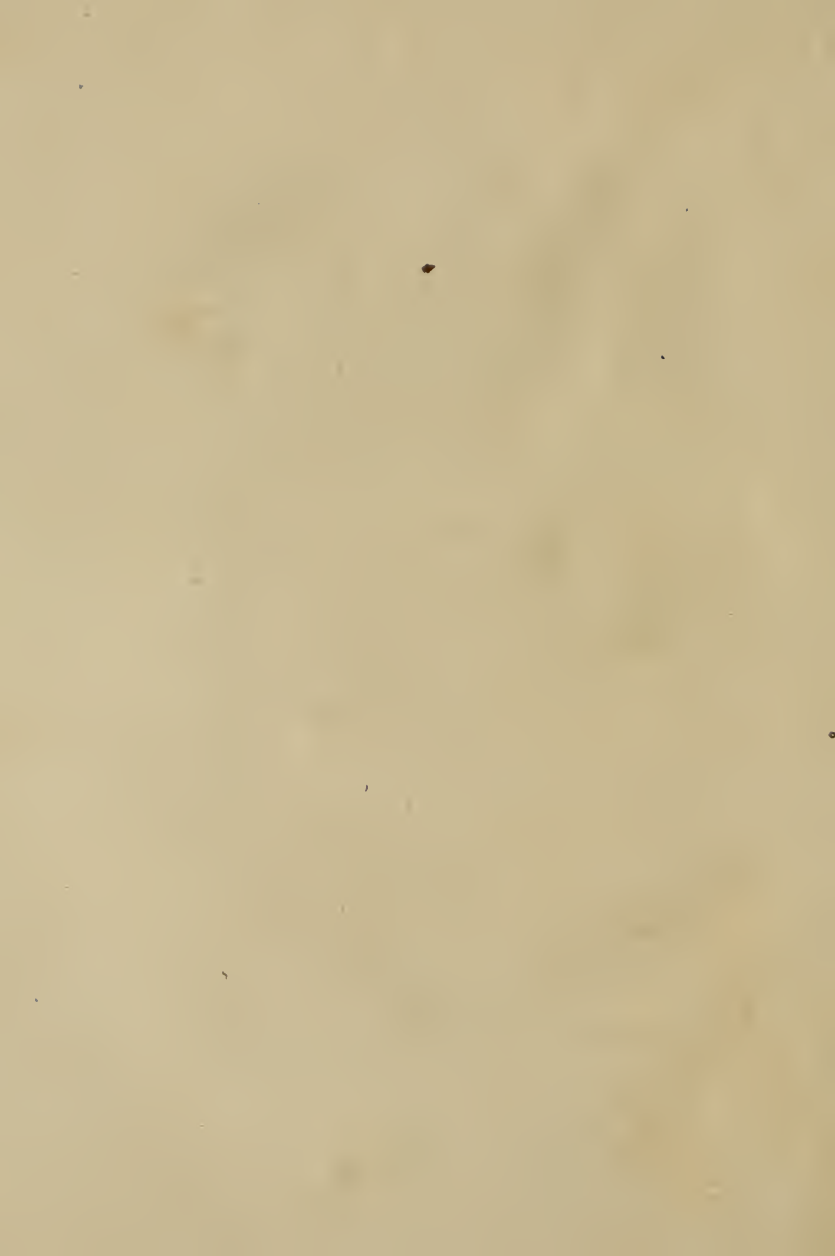
tivesse de casar-se, nessa grandiosidade de sentimentos que lhe impunhão o religioso dever de dedicar-se ainda á Candida, como amigo, depois de senti-la amesquinhada na sua estima, Frederico obedecia ás inspirações de sua natureza heroica, e á virtude de seo grave e admiravel caracter.

Amando extremosamente Candida, reconhecia-se capaz de toma-la pela mão, e de leva-la ao altar, para ahi ver com os seos olhos o sacerdote abençoar os laços de sua união com outro homem, que fosse digno della, e por ella amado. Na immensa dôr desse sacrificio, acharia consolação na felicidade de Candida, e, lamentando á propria desdita, seria amigo leal do esposo da filha de Florencio e Leonidia, e da irmã de Liberato.

Mas Souvanel quem era?... que homem era?... Frederico tambem se relacionára com elle na Allemanha; nunca porém o honrára com a sua confiança, e mais de uma vez dicera a Liberato, que a pretendida proscripção politica, podia ser tão real, como embusteira, e que no supposto proscripto havia a decifrar um inigma, ou de homem exaltado, mas honesto, ou de especulador sem consciencia.

O especulador sem consciencia, principiava á revelar-se á observação de Frederico, que ainda querendo duvidar, porque amava, e convencer-se até a evidência, porque era prudente e justo, depois de triste e longa noute de reflexões, resolveo esperar, ver, e friamente assegurar-se, e ser senhor do fatal segredo, que o ciume lhe tinha já revelado.

Frederico não precisou esperar muito.

---

vel: um unico pagem ali se deixára; esse porem dormia profundamente em estado de completa embriaguez.

Frederico vagou pensativo por entre os carros por algum tempo: de repente a luz de brilhantissimo fogo inundou o espaço, e o mancebo que parecia aborrecido da festa, abrio a portinhola de uma carroagem, subio para ella, e cerrando as cortinas, submergio-se em suas reflexões.

Passados breves minutos, duas vozes a principio abafadas e logo mais livres se fizerão ouvir ao pé da carroagem, e arrancárão Frederico ao seo triste meditar.

— Podemos fallar...

— Vê bem...

— Todos estão vendo o fogo e eu tambem quero ir ve-lo: anda depressa: Entregaste a carta?...

— Entreguei.

— E a resposta?...

— Minha senhora não quer escrever...

— Então sinha-moça não gosta do francez?

— Está douda por elle: nunca se mostrou tão cahida com os outros namorados que tem tido: agora sim, creio que minha senhora cahio no laço.

— E como não escreve?...

— Não tem tempo, não pode.

— Que diabo! o francez tinha-me promettido boa molhadura.

— Espera... eu tenho um recado.

— Vamos a elle, Lucinda; eu quero ver o fogo.

— Dize quanto antes ao francez, que apenas entrarem os cantadores dos Reis aproveite a confusão e vá immediatamente ao gruppo de acacias do lado esquerdo do jardim, onde alguem lhe irá fallar alguns instantes.

— Lucinda! exclamou o pagem; isto é o diabo! pois sinha-moça se atreve...... e depois?...

— Que te importa o mais?...

— E nós? se meo senhor souber?... se o francez....

— Guarda tu segredo: vai depressa..... o francez te dará a molhadura, e eu amanhã te darei um abraço.....

O pagem rio-se, fez a Lucinda um affago obsceno, e seguio por um lado, em quanto a mucama de Candida retirava-se por outro.

Frederico estava quase suffocado dentro da carroagem, faltava-lhe o ar, abrio a portinhola, saltou no chão, e ficou em pé e immovel por algum tempo.

Com a mão agitada por convulsivo tremor, acudia a fronte, como querendo com o passar e repassar dos dedos, desbastar a multidão de turvas idéas que ondeavão nella.

Frederico nunca se precepitava: sentia-se possuido de indignação e de cruel responsabilidade. Acabava de testemunhar o despedaçamento da reputação de Candida pelas linguas-punhaes ervados, de dous escravos: acabava de saber que a donzella que amava, e tão recatada presumira, já era conhecida por namoradeira, já tinha tido diversos namorados, já se aviltára, abandonando-se a má fama, que as bocas peçonhentas da cosinha e das sensalas, sem duvida propalavão; acabava emfim de ouvir um recado abjecto, pelo qual Candida matára a honra de sua alma, e expunha á morte a honra do seo corpo.

O nobre mancebo descrêo do brio de Candida, e julgou-se ao menos curado, de um amor immerecido e que pudera ter-lhe sido fatal. A desestima, talvez o resentimento, aconselhavão-lhe com o despreso o completo abandono dessa mulher indigna; essa mulher porem, era mais do que filha de Florencio da Silva, mais do que irmã de Liberato, mais do que afilhada de seo pae,

era filha de Leonidia, á quem Frederico amava com extremo, com uma especie de religioso culto, com aquella dedicação, com aquelle devoto esquecimento de si, que acendem a flamma que sublimiza a fé dos martyres: Frederico adorava em Leonidia a mãe, a bondade, e a virtude.

Só por Leonidia, elle ainda pensou em Candida: os erros do passado da desastrada moça, erão factos e não podião ser prevenidos: o perigo tremendo á que ia expor-se ainda felizmente estava em tempo de se atalhar; mas de que modo?... a denuncia da vergonhosa entrevista, sendo feita a Frederico da Silva e a Liberato, chegaria á provocar imprudente desaffronta; levada ao coração de Leonidia, seria horrivel desencanto de sua gloria maternal: nada era mais facil do que impedir por qualquer meio o encontro escandaloso dos dous amantes nessa noute, nada mais difficil do que preveni-lo em alguma outra, fallar á Candida, esclarece-la sobre a baixeza e o escandalo do seo proceder, fôra talvez o alvitre mais sabio; repugnava porem á Frederico o dirigir-se áquella moça de coração estragado e de bello rosto hypocrita.

Espiar, era para o honesto e altivo man-

cebo acção ignobil, e todavia nas circumstancias em que se achava, não vio expediente capaz de satisfazer seo empenho de poupar tormentos á Leonidia, desforço violento á Florencio da Silva ou a Liberato e perdição irremediavel á Candida, senão surprehendendo os dous amantes na entrevista, punindo com a confusão a donzella, e impondo a Souvanel prompta, e immediata retirada da caza, que ameaçava com a ignominia.

Tendo assim pensado e resolvido, Frederico sahio do meio dos carros, e voltou á companhia dos amigos, no meio dos quaes encontrou Souvanel que lhe pareceo exaltado de jubilo.

O fogo de artificio terminou com applausos estrondosos.

Meia hora depois a cavalgata dos cantadores dos Reis parou á porta da caza de Florencio da Silva.

Frederico sahio desapercebidamente, foi direito ao gruppo de acacias, e submergio-se em um gruppo de outros arbustos, que perto se destacavão.

XXIV.

Havia luar: em falta do clarão brilhante da lua plena; o começo da phase crescente espancava as trevas. Frederico podia ver, e ávido olhava.

A musica dos cantadores dos Reis soava docemente. Frederico não a ouvia, tinha então a alma concentrada nos olhos.

Uma mulher appareceo, avançou sem medo, e cruzando os braços, parou atras do gruppo de acacias.

Frederico vio, distinguio bem essa mulher: era uma negra.

Alguns minutos morosos se arrastárão, e veio vindo cauteloso, e como tomado de receios o vulto de um homem, que estacou diante da mulher de côr preta.

— Quem é?... perguntou em voz baixa o homem que chegára e surprehendido ficára.

Frederico reconheceo Souvanel.

— Sou Lucinda, a mucama da senhora dona Candida, minha senhora.

Frederico reconheceo tambem pela voz a escrava, que pouco antes dera o recado ao pagem.

— Ah! dice Souvanel com um tom que denunciava o mais desagradavel desapontamento; ah! então és tu?...

— Sim senhor, sou eu.

— E á que vens? trazes-me algum recado?

— Não senhor, trago-lhe um conselho.

— Qual?

— Minha senhora o ama; mas vossa merce a compromette, confiando os segredos do seo amor á um pagem: deve entender-se comigo, que sou a mucama de minha senhora, e á quem sirvo com a maior fidelidade....

— Mas.... eu não sabia....

— Fica sabendo agora; tornou a creoula rindo-se, e aproximando-se a meios passos e com meneios lascivos do corpo á medida que fallava; eu sou apenas um anno mais velha que minha senhora, que me confia

todos os seos segredos, e me toma por conselheira... se porém o senhor prefere o pagem...

— Oh! antes quero a ti que és mais esperta; dice Souvanel, pondo-lhe a mão no hombro.

Lucinda recuou, como a defender-se.

— Não me toque com a mão; murmurou ella.

Souvanel chegou-se para a creoula e perguntou:

— Foi dona Candida que te mandou aqui para te entenderes comigo sobre a correspondencia e o segredo do amor que...

— Foi.... não foi... para que mentir?... fui eu mesma que vim...

O joven francez rio-se.

— Quer dar-me algum recado para minha senhora?... dice a creoula, abaixando a cabeça.

— Quero; respondeu Souvanel; escuta.

E travando-a pelo braço, achegou-a mais para si.

Frederico tinha já ouvido e visto bastante, e repugnando-lhe a scena que adivinhava; recuou subtil por entre os arbustos e arvores, e foi procurar occulta retirada em rua distante, quase applaudindo a victoria libidinosa da negra escrava, pela

deliciosa convicção da innocencia de Candida, naquelle ajustado encontro, em que elle tão injustamente a acreditára desmoralisada e voluntaria victima.

Fazendo longa volta para tornar á caza, Frederico demorava o passo, meditando sobre o que se passára a seos ouvidos e a seos olhos desde a hora do fogo.

Eis ahi pois, pensava elle, uma escrava perversa e devassa como todas as escravas mais ou menos o são, compromettendo o nome e a reputação de uma donzella, sua senhora, para attrahir um homem branco, e satisfazer seo vicio escandaloso; o pagem que levou o recado a Souvanel, convidando-o para a entrevista nocturna, sem duvida imagina sua *senhora moça* nos braços do seductor, e irá murmurar do seo opprobrio, conversando com os parceiros, promptos como elle, a acreditar na infamia que póde manchar os senhores.

Mas que muito era, que o pagem rude e immoral, deixando-se enganar pela mucama, tão facil criminasse sua *senhora moça*, se Frederico, o reflectido e illustrado mancebo igualmente a considerava culpada?... Que juizo estaria elle tambem formando de Candida, se levado pela indignação que lhe

causára o recado, que da carroagem surprendera, houvesse logo partido para a fazenda de seo pae, fugindo á caza e á familia, que ião receber a nodoa da deshonra?...

Frederico sentio-se mordido pelo remorso de sua credulidade aleivosa, tremeo, lembrando que em sua alma illudida calumniára Candida, o seo primeiro amor, a sua aspirada noiva, a filha de Leonidia: impellido pelo arrependimento para idéas suaves, risonhas, e lisongeiras relativamente á donzella, perguntou a si mesmo, se não era possivel que tambem se tivesse enganado, suppondo-a namorada, ou apaixonada de Souvanel; se não era possivel que a malvada mucama, fingindo levar a sua senhora os recados e cartas que de Souvanel trazia o pagem, inventasse respostas verbaes, e entretivesse o ingrato francez em illusões que convinhão á sua depravação.

Aditado por esses pensamentos, filhos de generosa reacção, Frederico subio a escada e penetrou com difficuldade na sala da entrada que estava cheia de gente, que acompanhava os cantadores dos Reis.

Agora é indispensavel dar em breves palavras a topographia de parte da caza de Florencio da Silva.

A sala de entrada mediava entre duas outras lateraes e muito maiores, para cada uma das quaes abria uma porta, e no fundo communicava-se com um corredor, que tambem rasgava portas para vastas camaras, dependentes daquellas duas salas, terminando emfim na de jantar.

O grande salão do lado direito e suas dependencias, tinhão sido destinados á hospedagem, e defezo retiro das senhoras.

O salão do lado esquerdo pertencia á dança, á musica, a reunião geral, á todos: suas dependencias, suas camaras que erão salas ornadas com riqueza, e luxo, estavão entregues ao dominio masculino.

Cada salão tinha duas camaras, e para cada camara uma porta.

Frederico, animado, alegre, não podendo entrar no salão do lado esquerdo, onde dançavão suas contradanças figuradas os cantadores dos Reis, avançou pelo corredor, e foi procurar o recurso da introducção pela primeira e respectiva camara.

Tinha apenas dado um passo para dentro da camara, e parou, annuviando a fronte: eis o que vio.

No salão a dança, o aperto da multidão, a hora da surdez e da cegueira de todos

pelo excesso do ruido e da luz, a camara deserta, um só homem nella, Souvanel meio escondido a um lado da porta aberta por metade; na metade aberta da porta uma cadeira fechando-a, nessa cadeira Candida reclinada negligentemente, com o rosto para o salão e para a dança, que ella sem duvida não via, com um braço atirado para traz, descansando a axilla no encosto da cadeira, e abandonando a mão á Souvanel, que a apertava entre as delle, que meio curvado a beijava e que entre os beijos lhe dizia mil finezas.

Frederico revoltou-se, vendo essa branca e mimosa mão de donzella á receber os apertos das mãos, e os beijos dos labios que pouco antes tinhão apertado, e talvez em transporte brutal beijado as faces da negra torpe.

O amor de Souvanel e Candida era pois uma realidade!...

O generoso e altivo mancebo não poude mais resistir á evidencia, e profundamente golpeado, despedaçado em todas as fibras do coração, ficou á olhar, e a saborear vingança naquelles fingidos extremos de paixão de Souvanel, que erão cansados restos da vida physica, extenuada nos braços deshonestos e

negros da escrava, que era rival da senhora.

Candida tinha os olhos na dança, e a mão febril e tremula perdida nos lascivos beijos de Souvanel: este contava de mais com a solidão da camara, e embevecido, esquecia o mundo e a prudencia á devorar aquella mão tão branca e tão setim, e á dizer envenenadas ternuras, quando não a beijava.

Frederico ciumento, invejozo talvez, com a alma em raiva adiantou alguns passos, chegou quase ao pé das mãos, que se apertavão, e não foi sentido....

Esse abandono, essa imprudencia, essa embriaguez, essa cegueira e surdez de amantes, irritou-o ainda mais... inspirou-lhe odio, furor; porque lhe parecêrão signaes, perdições, abysmos de amor, que elle não merecêra....

Sentio um impeto de arrojada colera... ia atirar-se entre aquellas mãos; de subito porém se suspendeo...

Em frente da porta, por onde entrára na camara, vio o desconcerto de sua physionomia na imagem reproduzida por grande espelho, e horrorisou-se da decomposição dos traços de seo rosto....

Como endondecido deixou-se a olhar ao

espelho, e á inquirir se era a sua imagem essa imagem turva e sinistra que estava vendo....

De subito estremeceo, encontrando no espelho a figura de Liberato.... ah! Liberato era a providencia que chegava para ver a loucura e a perdição de Candida.... Frederico ficou immovel.

Mas ao lado de Liberato, o espelho mostrou dous estudantes amigos, á passar alem da porta da camara....

A virtude venceo a raiva, a lembrança de Leonidia, e talvez o ultimo melindre do amor dominárão o ciume....

Frederico deo um passo ádiante, com suas mãos convulsivas separou, desenlaçou a mão de Candida das de Souvanel, que a apertavão, e com voz comprimida dice:

— Ahi vem gente.

Candida estremeceo, recolhendo o braço.

Souvanel ficou impassivel.

Frederico em pé, silencioso e apparentemente frio, salvava Candida da mais leve suspeita offensiva do seo recato.

— Oh! eis ahi Frederico! dice Liberato; ha uma hora, que te procuramos debalde...

— Candida me prendia aqui com as suas observações sobre as contradanças dos cantadores dos Reis: dice Frederico.

XXV.

Liberato e seos dous companheiros pouco se demorárão na camara, e Souvanel ao ve-los sahir, levantou-se e seguio-os.

Candida tinha ficado como petrificada.

Frederico em pé, por detraz da cadeira da moça confundida, estava immovel, silencioso; mas profundamente alvoroçado.

Em Candida o primeiro sentimento que se despertou, foi o do reconhecimento da grandeza d'alma daquelle mancebo, que desprezado e offendido em seu amor, a soccorrera e salvára ainda no acto da offensa, ella porém sentia sobre sua cabeça o respirar agitado de Frederico, conturbava-se sob o pezo enorme desse anhelito, e tinha medo, a criminosa, da primeira palavra do juiz.

Em Frederico havia dedalo de idéas inconsequentes e contradictorias, no seo espirito o desasocego das inspirações incoherentes, no seo coração a luta do fogo e do gelo: o mancebo pensava em afastar-se e não sabia, como faze-lo, estava prezo pela confusão de Candida, tinha repugnancia de ir esbarrar com Souvanel, tinha medo de encontrar Liberato e de ser por elle interrogado e permanecia inerte, em pé, mudo, immovel, á olhar sem ver, sem consciencia da sua posição, sem atinar com uma sahida desse estado de estupefacção que seguira ao extremo desengano de seo amor, e ao instinctivo movimento de sua generosidade.

Elle nem vio que as contradanças havião terminado, e que ao convite de Florencio da Silva os cantadores dos Reis sahião do salão para a mesa da cea, acompanhados pelas senhoras e cavalleiros da sociedade do hospede obsequiador.

Todos se tinhão levantado e ião deixando o salão: sómente Candida sentada, e por traz de sua cadeira Frederico em pé, parecião alheios ao que se passava.

Mas diante delles parou por um instante Leonidia, que conduzia pelas mãos duas

senhoras, e dice sorrindo á seo filho de criação :

— Frederico, zela bem essa menina, que parece dormir sob a tua protecção vigilante : toma conta della, meo filho !

E seguio conversando com as amigas, á quem naturalmente explicava os santos laços que ligavão aquelle mancebo á sua familia.

Frederico estremecêra á voz de Leonidia, e como por encanto sua alma escapou á estupefacção, e engrandeceo-se ao desperto da consciencia, e da razão.

Candida quiz amparar-se em sua mãe que passava, e fez um movimento para levantar-se.

— Fica; dice em voz baixa Frederico.

A moça obedeceo, convulsando.

Frederico abrio a meia porta que estava cerrada, e foi sentar-se ao lado de Candida; mas sem olhar para ella.

Candida tremia. O mancebo fallou.

— Sabes, é impossivel que não saibas, que nutri a esperança de merecer o teo amor; porque eu te amava muito: sabes que nossas familias dezejavão e projectavão nossa união.... debalde o negarias..., tu sabes tudo isso, Candida! attende bem: não me queixo de ti por não ter podido ser amado; amor

não se obriga. O sonho desvaneceo-se: que o quizesses amanhã, eu não seria mais teo noivo. O amante apaixonado morreo para sempre; mas ainda vive o irmão: Candida! tu és minha irmã e precizas de mim: da-me a tua confiança.

A donzella não respondeo.

— Escuta, minha irmã; o que eu vi inda a pouco, foi doudice de menina..... ninguem o saberá. Amas á Souvanel?... é um amor imprudente. Souvanel póde ser digno ou indigno de ti: na duvida o teo compromettimento por esse amor é grave perigo, é loucura: Candida! oh filha de minha mãe, escuta: se amas devéras á Souvanel, contem-te e espera: eu te juro que irei informar-me sobre o passado, a vida, os costumes desse homem: se for preciso, minha irmã, irei á França, heide saber quem elle é, e se fôr digno de ti, conta comigo, protegerei o teo amor, e serei uma das testemunhas do teo casamento. Sê por tanto franca comigo, Candida! falla, responde á teo irmão: tu amas á Souvanel?...

— Amo-o; murmurou Candida.

Frederico, ouvindo a confissão de Candida, não poude reprimir um doloroso abalo; dominando-se porem logo, continuou:

— Perdoa: eu te amava.... é natural que a certeza do teo amor por outrem me magoasse á pesar meo: heide vencer esta fraqueza: confia em mim. Pois que amas á Souvanel, eu me incumbo de esclarecer-me sobre o que elle é e tem sido na sociedade. Eu te juro, minha irmã, eu te juro por minha honra, e pela vida de meo pae, que te direi a verdade. Eu te quero feliz, Candida! eu te quero feliz e esplendida pela virtude; mas não te arrisques, não te percas, filha de minha mãe!.....

Candida apertou entre as suas a mão de Frederico, e deixando cahir lagrimas nas mãos apertadas, dice, chorando.

— Tu perdoas, como Deos, e és bom como Deos, Frederico!

— Eu sou um desgraçado, e tu és sacrilega, comparando-me com Deos, que é perfeito e omnipotente; Deos porém te perdoará o sacrilegio, se me deres o que te peço em nome de nossa mãe!

— O que, Frederico?...

— Confiança plena, minha irmã!

— Eis a minha resposta; dice Candida.

E levantando entre as suas a mão de Frederico, beijou-a rapidamente tres vezes.

— Candida! exclamou Frederico, retirando a mão.

— Nestes tres beijos, tres vezes o coração da irmã; dice Candida.

O mancebo levantou-se e conduzio aquella a quem chamára *filha de sua mãe* para a mesa da céa, onde a fez sentar-se, e logo depois sahio calmo e sereno: chegando porém ao salão, que achou solitario, foi accelerado abrigar-se ao recanto de uma janella, agarrado a cujo parapeito experimentou e soffreo em convulsivo tremor, a reacção violentamente demorada dos diversos affectos que tempesteavão em seo animo.

XXVI.

A soberana magnanimidade de Frederico, tinha tocado a alma de Candida: a delicadeza com que elle, de passagem somente, lembrára a sua inexoravel leviandade para arranca-la á confusão com o soccorro de uma desculpa immerecida, a sabedoria dos conselhos suavisada pela ternura do amor fraternal, o juramento de dedicação justamente condicional á causa do proprio amor que era o desencanto e o holocausto do que elle nutrira e talvez nutria ainda, davão a Frederico a aureola explendida da magestade da virtude, e a magia do melindre dos sentimentos mais puros.

Candida comprehendeo bem e perfeitamente, pela primeira vez, todo o valor do

thezouro que perdera, e em sua consciencia esclarecida pela mais brilhante luz, reconheceo, em obrigada comparação, a desmedida superioridade que distanciava em altissimo gráo Frederico do seu amado Souvanel; essa superioridade porém, era toda moral e como que fazia esquecer, ou pelo menos encadeiava e submettia á virtude, os instinctos da natureza physica, em quanto Souvanel no rojar do seu amor pela terra sabia inebriar a vaidade, fallar apaixonado aos sentidos, e sorrir mais attractivo ao sensualismo, que a influencia desappercebida da mucama escrava, tinha inoculado no coração de sua senhora.

Aos olhos de Candida, Frederico se afigurava mais do céo que da terra, mais adoravel que amavel, e Souvanel homem menos anjo e mais humano: se ella pudesse repartir-se entre a adoração e o amor, teria dado á um a alma, ao outro o coração, mas o coração physico. Na impossibilidade da partilha, ella preferia a terra ao céo, queria ser alma e coração toda de Souvanel: aceitando porém de Frederico a dedicação-martyrio.

Foi assim que Candida raciocinou, sophismando com a consciencia, para escusar a

cegueira da paixão: mas não poupando a virtude aos sacrificios que podião aproveitar ao seo egoismo.

Ella rendia á Frederico os cultos que se rendem aos santos, e todavia no interesse do seo amor estava prompta á fazer martyr o santo!... no egoismo de sua vaidade acreditava que era para elle suave consolação servir ao seo amor, que devia aditar outro homem!...

Mas ainda bem que a magnanima generosidade e a terna solicitude fraternal de Frederico, ao menos convencêrão a imprudente donzella, de que mais acautellada lhe cumpria ser, em suas affectuosas expansões com Souvanel, emquanto informações abonadoras de seo caracter, não viessem sanccionar a escolha e a bemaventurança do seo amor.

Que tempo duraria essa convicção sábia?... quantos dias lembraria Candida os tres beijos, em que tres vezes sellara na mão nobilissima de Frederico a plena confiança do seo coração de irmã?...

Candida recolheo-se ao seo quarto ao romper da aurora e dormio seis horas, fiel aos tres beijos de amor e confiança fraternal. A fidelidade durante o somno é facil, pelo

menos quando algum sonho não perturba o somno.

Candida não sonhou.

A's dez horas da manhã de seis de Janeiro, Lucinda correo as cortinas do leito de sua senhora, e despertando-a cuidadosa, dice-lhe:

— E' quase meio dia, minha senhora.

Candida abrio os olhos, sorrio-se, e murmurou:

— Que somno!

E priguiçosa cerrou de novo as palpebras.

— Quer ver como abre já outra vez os olhos?... aqui está um bilhete do bonito moço francez; tornou a mucama.

Candida estremeceo, levantou meio corpo apoiando-se no cotovello do braço esquerdo, e adiantando a mão direita, dice:

— Da-me o bilhete.

Lucinda entregou uma carta a sua senhora.

— Que suave accordar! ouzou dizer a escrava.

Candida passou duas vezes a mão pelos olhos, e, encostando-se á cabeceira da cama, abrio a carta e leo para si.

Corárão-lhe fortemente as faces emquanto lia.

Era suspeitoso esse pejo que se acendia nas faces de Candida; porque emquanto as flammas do pudor nellas ardião, a donzella se descuidava de seo corpo, deixara a gola da camiza ceder indiscreta ao declive da posição que tomára no leito, e um de seos peitos, brancos como a neve, se ostentava abandonado aos olhos invejozos da escrava.

— Porque córa?... perguntou a mucama.

Candida tinha acabado de ler: puchou a camiza e escondeo o seio á descoberto sem mostrar vexame e dice:

— Elle exige mais do que eu lhe posso conceder.

— O que, minha senhora?...

— Uma entrevista hoje mesmo...

— Onde?... como?...

— Não o sabe, não o indica; mas diz que o nosso amor corre perigo e que elle se acha ameaçado por odiento rival...

— O senhor Frederico, provavelmente.

— Lucinda, Frederico é o anjo da generosidade...

A mucama poz-se á rir.

— Tu ris?... pois escuta.

E Candida referio quanto se passára com ella, Souvanel, e Frederico na noute antecedente.

Lucinda rio-se ainda mais.

— De que te ris agora?...

— Da simplicidade de minha senhora.

— Como?...

— E' claro que o senhor Frederico, contrariado em sua paixão, quer amedrontar o amor de minha senhora, e fingindo-se irmão dedicado, amante ridiculo e impossivel até á loucura de servir ao amor de outro, armou um laço a minha senhora para faze-la desconfiar do bonito moço francez...

— Lucinda!

— Pois minha senhora acredita, que o senhor Frederico que a dezeja desposar, lhe venha dar boas informações do rival preferido?... não vê que está sendo objecto da zombaria, ou do ardil de um apaixonado?

— Ah! tu não ouviste, como elle me fallou!...

— Palavriados, minha senhora, elle prestou-lhe um serviço, calculando com a gratidão. Não pensa que o senhor Frederico a ama?

— Ama-me.

— Então como combina com o seo amor, que devia inspirar-lhe violentos ciumes, essa

XXIII.

As festas, os banquetes, os saráos, não terminavão, apenas se imterrompião.

Florencio da Silva tomára para si dous dias, os ultimos das grandes commemorações religiosas, a vespera e o Dia dos Reis: os ultimos e por tanto os mais ardentes de alegria, os precursores da despedida dos amigos, das familias, que se devião separar.

A caza de campo de Florencio da Silva estava cheia de convidados, que devião gozar dous dias de banquetes e de saráos, e á noute da vespera do Dia dos Reis, fogo de artificio ás onze horas, e mais tarde recebimento de companhia cantadora dos Reis que se annunciára.

Era geral o jubilo, e como que havia delirio de exaltação.

Entre todos, só Frederico melancolico se obumbrava, embora ás vezes revolto contra a propria tristeza, em reacção calculada, se atirasse com ardor não costumado ás contradanças, e aos jogos espirituosos de sociedade.

A noute de 5 de Janeiro se adiantava no meio de innocentes folguedos.

Annunciou-se a hora do fogo.

As janellas erão apenas sufficientes para as senhoras: quase todos os homens descêrão para o terreiro.

As diversas peças de fogo dispostas com arte, ião arder em pontos destacados, projectando enchentes de luz sobre o jardim, o lago, os repuxos d'agua, as arvores e a relva.

Havia multidão de curiosos, enchendo as ruas da grande chacara.

Frederico preocupado e melancolico, logo que chegou ao terreiro, afastou-se dos companheiros e foi para um lado da caza, onde o isolamento era mais certo, porque d'ali menos se apreciaria o fogo.

Nesse lugar de passageiro retiro, vio elle grande numero de carros, descansando no chão os varaes: os cocheiros e lacaios tinhão ido admirar o fogo, em ponto mais favora-

prompta e facil dedicação fraternal, que promette ser protectora de um outro amor, que é fatal ao delle?... minha senhora não vê que ha por força artificio, e traição nesse ardor de ganhar a sua confiança, e de faze-la desconfiar do bonito moço francez?...

— Lucinda, tu me desatinas, porque parece que tens razão!...

— Se a tenho!

— Oh! mas Frederico é um homem honesto e bom... e o que fez por mim hontem á noute, não o esquecerei nunca! senão fora elle, Hermano e seos dous amigos terião surprehendido minha mão preza entre as de Souvanel...

— O senhor Frederico tinha interessse de noivo em não deixar effectuar-se a surpreza.

Candida começava a gostar de ser combatida pela mucama.

— Noivo! dice ella; Frederico me declarou que desistia absolutamente das pretenções que tivera...

Lucinda fez um momo e observou:

— Era preciso que minha senhora não fosse formosa, como é, para se acreditar em desistencia tão facil.

Este argumento pareceo irrespondivel á Candida que todavia continuou dizendo:

— Entretanto o que lhe ouvi sobre Souvanel foi uma verdade, que achou echo em minha consciencia. Fui imprudente, animando o amor de um desconhecido, cuja familia, vida, e passado, ninguem aqui conhece.

— Como minha senhora se deixa illudir! se o moço francez fosse desconhecido e delle se desconfiasse, o senhor Frederico e meo senhor-moço não o terião convidado para passar a festa do natal aqui com os outros seos amigos. Sómente depois que minha senhora o ama, é que procurão torna-lo suspeito, e sem duvida arredar o bonito moço.

Candida suspirou, e sentando-se na cama, dice:

— E' tempo de vestir-me.

A carta de Souvanel cahio do collo aos pés da moça.

— Impossivel.... murmurou ella recebendo a carta que a mucama levantára.

— Impossivel o que, minha senhora?

— A entrevista.

— Talvez.... não é facil achar lugar e hora.

— Que fosse facil: uma senhora honesta não póde conceder entrevistas secretas.

— Então as senhoras honestas não amão?...

— Que pergunta estupida, Lucinda!

— Perdõe, minha senhora; dice a mucama; eu pensava que o homem amado, merecia sempre confiança e algum sacrificio innocente....

— Assim, no meo caso davas a conferencia?

— Se eu amasse, dava-a.

— Pois eu amo, e não a dou.

— Coitado do moço francez! estava tão triste esta manhã....

Candida guardou silencio; mas penteou-se e vestiō-se evidentemente preoccupada e absorta.

XXVII.

A noute precedente passára toda em fervoroso e alegre festim, e as senhoras cansadas de dançar e de velar, embora em regozijo, amanhecêrão somente ao meio-dia.

Duas horas antes, conversavão reunidos no salão, quase todos os cavalheiros hospedes e amigos de Florencio da Silva.

Souvanel animava a conversação e entretinha com a sua espirituosa garrulice a sociedade masculina que o cercava, e impavido atrevia-se a afrontar os olhos de Frederico, que aliás tranquillo e grave não lhe mostrava nem resentimento, nem indifferença, e apenas frieza imperceptivel a todos, e só por elle sentida, na modificação do antigo acolhimento.

O joven francez fallou da França e de Paris, e contou cem historias das delicias daquelle paiz de vulcões politicos, e daquella capital rainha da moda e dos prazeres.

Então um velho fazendeiro dice-lhe:

— Está visto que o Brasil é para o senhor, terra feia do desterro, e a propria cidade do Rio de Janeiro, deserto medonho.

Souvanel provocava desde meia hora essa observação ou alguma outra que lhe désse ensejo para fazer calculada proposta; respondeo pois immediatamente:

— O Brasil é o meo seio de amparo, terra abençoada por Deos, que no futuro igualará e excederá em opulencia e brilho a minha França. Amo a França como filho, amo o Brasil, como o menino engeitado ama à santa mulher caridosa, que sem ser sua mãe, lhe deo desinteressada o leite de seos peitos.

— Viva o Brasil!... bradou elle com enthusiasmo que illudio a quase todos.

— Estou vendo que tambem depois de Paris, não ha para o senhor cidade como a do Rio de Janeiro; dice o mesmo velho que se encantava, ouvindo o astuto francez.

— Não; respondeo Souvanel; sou franco:

não gostei da cidade do Rio de Janeiro : é uma capital sem monumentos, sem divertimentos publicos, capital, onde o viver custa caro, como em Londres, e não offerece compensações amenas ; não me agrada a cidade do Rio de Janeiro ; eu prefiro a ella a cidade de S. Paulo, onde o academico é principe, e a democracia ri aos sonhos esperançosos da mocidade intelligente que sauda encorajada o futuro ; mas depois de S. Paulo não conheço torrão mais bello, mais attrahente, mais hospitaleiro, e mais capaz de fazer dormir as saudades da minha França, do que esta nascente e esperançosa cidade de...., do que este rico, civilisado e nobre municipio.

Frederico que passeava ao longo do salão, parou de subito, e encarou Souvanel com olhar suspeitoso.

— E' lisonja ! é favor ! dicerão algumas vozes.

— Lisonja ! tornou Souvanel ; eu dou prova de que o não é : pobre proscripto politico, exploro para viver os conhecimentos que tenho da arte de musica : na capital do Brasil posso já contar com algumas discipulas de piano e canto : pois bem ! deem-me os senhores a certeza de iguaes re-

cursos nesta pequena cidade, e eu juro preferi-la á orgulhosa cabeça do imperio.

Frederico franzio os supercilios e continuou a passear pelo salão.

O offerecimento de Souvanel era claro, positivo, sua notavel habilidade no ensino tornara-se famosa pelo extraordinario aproveitamento de Candida em poucas e rapidas lições: a palavra do mestre de musica francez foi tomada ao serio: em poucos minutos teve elle a segurança de dez discipulas.

Souvanel declarou que ficaria estabelecido na cidade de...., como mestre de piano e canto.

Frederico vio na resolução audaz de Souvanel, calculo refinado de hypocrisia e de egoismo, ou expediente de amorosa paixão para a conquista de Candida: tinha decidido deixar Leonidia na ignorancia do amor de sua filha, em quanto se habilitasse para julgar do merecimento e das condições moraes desse estrangeiro mal conhecido; medindo porém os perigos que Candida ia correr em suas relações com semelhante mestre de canto, pois que não podia duvidar de que Souvanel a contasse tambem por discipula, á vista dos milagres de ensino ope-

rados em lições passageiras, determinou prevenir sua mãe adoptiva de quanto sabia, e do que era preciso acautelar.

O cumprimento de semelhante dever custava muito á Frederico: era mingoa da sua magnanimidade da noute antecedente; podia afigurar-se vingança ciumenta de despreso soffrido: embora, era sagrado dever á cumprir: Frederico havia de satisfazel-o.

O cazo não urgia: elle assentou em esperar um ou dous dias, observando solicito o procedimento de Candida.

A resolução de Souvanel, foi durante o almoço, o ponto exclusivo da conversação geral.

Applaudião-se todos os fazendeiros e habitantes do municipio, daquelle inexperado thezouro que lhes ficava da festa do natal.

Candida estava por certo preparada para ouvir a feliz nova; recebeo-a pois sem sobresalto e notando que Frederico a observava suspeitoso, conteve a alegria e esforçou-se por mostrar-se pensativa.

Souvanel agradeceo commovido o favor com que o exaltavão e encarecendo a protecção de que era objecto, declinou os nomes das dez discipulas que já contava.

— Esqueceo uma, Sr. Souvanel; dice Florencio da Silva.

— Qual?

— Minha filha.

Candida vio que Frederico se turbára, e voltára o rosto: revoltou-se dentro de si contra o censor á quem aliás tinha promettido plena confiança de irmã; mas obrigada á respeita-lo, dice:

— Meo pae, eu não devo ser ingrata ao meo antigo mestre....

Souvanel impalledeceo: Frederico olhou com reconhecimento para Candida.

Florencio da Silva quiz insistir; sua filha porem o interrompeo, dizendo:

— Conheço por experiencia propria, a superioridade do methodo de ensino de Mr. Souvanel; mas quero aprender menos, conservando o meo velho professor.

Não faltou quem louvasse o procedimento de Candida, que entretanto nunca fôra tão hypocrita e refalsada.

O almoço terminou. Candida prendeo-se todo o dia ás outras senhoras, e evidentemente evitou Souvanel.

Frederico não comprehendia ainda até onde pode chegar o fingimento de uma moça namoradeira, e começou a ter esperanças de poder salvar Candida, sem perturbar a serenidade e o amor maternal de

Leonidia. Elle estudou até á noute a phisionomia e o proceder de sua irmã adoptiva, acompanhou-lhe o olhar, e os passos, acreditou ter-lhe sondado o coração, e em suas observações solicitas, mas disfarçadas, suppoz encontrar melancolia e dôr mal abafadas, anhelo e temor, e exagerada esquivança propria de donzella inexperiente, alvoroçada pela convicção do perigo: tudo indicava o seo amor por Souvanel; ao menos porem a prudencia já, com excesso talvez, a fazia arreceiar-se do homem desconhecido, a quem amava.

As commoções diversas da ultima noute, a morte da sua esperança de ser amado, o sacrificicio que se impozéra por dedicação, tinhão roubado o somno e alquebrado as forças á Frederico, que cedendo á fadiga de horas longas de interessada e triste indagação dos sentimentos, e das disposições de Candida, sem querer, adormeceo em uma ottomana na mesma camara, onde na vespera surprehendera Souvanel á beijar a mão que lhe era amorosamente abandonada.

O somno de Frederico não escapou á Candida, que foi debruçar-se á uma janella, passando diant. de Souvanel, o qual não perdeo o ensejo.

O joven francez aproximou-se da janella com apparencias respeitosas:

— Fiquei só por ti, e me regeitaste!... dice-lhe.

— Pobre louco! terei dous mestres; um por dissimulação, outro por amor: espera.

— Até quando?

— Até que *elle* durma no navio, em que tem de seguir para os Estados-Unidos.

E Candida com um volver d'olhos mostrou a camara, onde Frederico repousava.

Souvanel fez um movimento com os hombros, como indicando que despresava o mancebo, e immediatamente dice:

— A entrevista que pedi?... é indispensavel...

— Não canto; absolutamente não canto esta noute; dice Candida, vendo chegar Liberato.

— E porque? perguntou este.

— Porque... estou rouca: só cantarei para acordar Frederico; heide porém cantar ao pé delle....

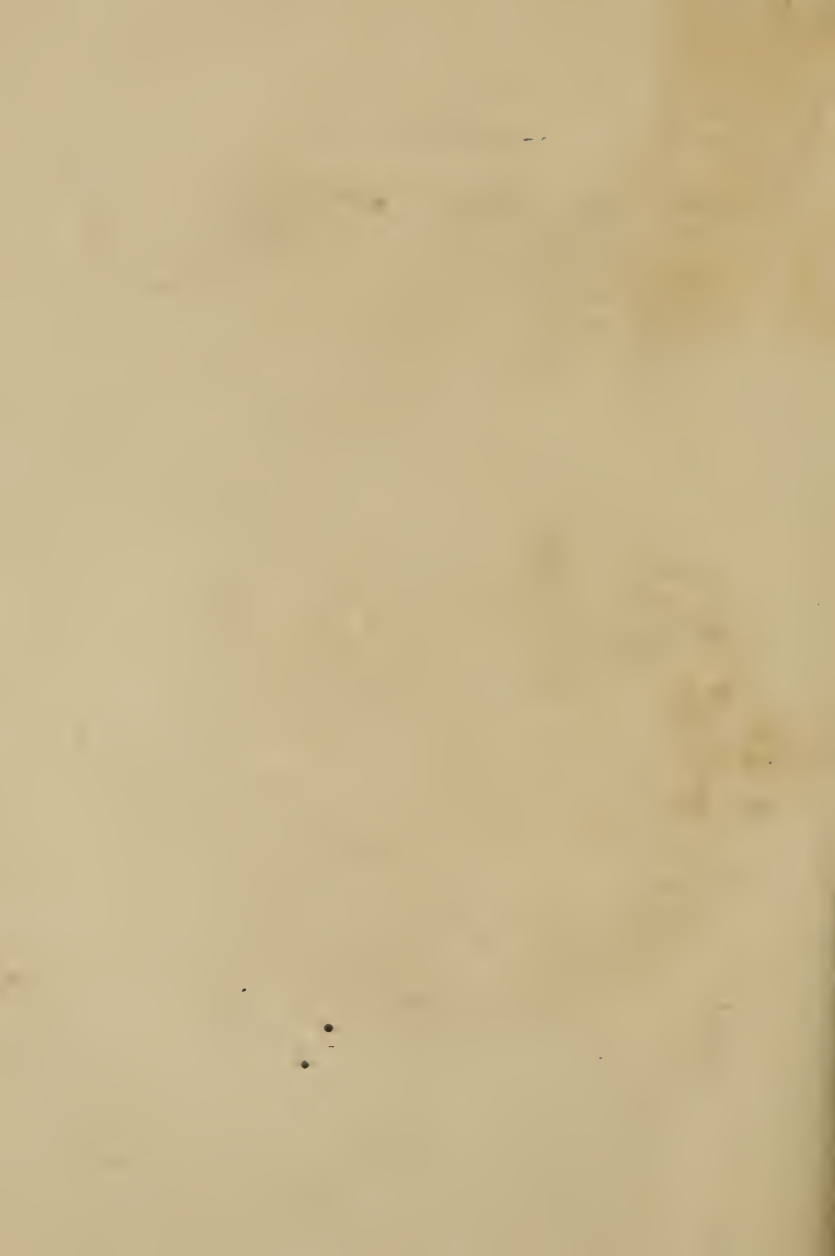
— Boa idéa! despertemos o priguiçoso.

A idéa realisou-se.

Frederico despertou no meio de suaves harmonias, e em face de Candida que ainda o enganava cruelmente assim.

Quando logo depois poude fallar-lhe sem indiscrição. Frederico, docemente illudido, dice á sua irmã adoptiva:

— Obrigado, Candida; mas eu penso que já posso dormir....

— Póde; respondeo a perfida moça, sorrindo meigamente.

XXVIII.

Dançavão.

Leonidia vio Frederico em pé á olhar para as contradanças em que não tomára parte, e chamou-o, mostrando-lhe uma cadeira á seo lado.

— Porque não danças? perguntou ella á seo filho adoptivo.

— Prefiro quase sempre ver dançar os outros; respondeo Frederico.

— Eu sei; mas desde hontem me pareces triste.

Frederico sorrio-se.

— Minha mãe vive sempre em cuidados por mim; dice elle.

— Não é resposta negativa... é subterfugio...

— Mas se estou contente!

— Conheço-te do berço e de te olhar á meos peitos: desde criança, quando em tua alma surge uma nuvem, a nuvem, ainda que teos labios rião, se escrespa de leve na tua fronte, formando uma pequena ruga obliqua sobre a ponta interna da sobrancelha do olho esquerdo: a ruga está ahi, Frederico.

A fronte do mancebo alisou-se, desmanchando-se a quase imperceptivel ruga, que com effeito nella se insinuava.

— Minha mãe é phisionomista! disse Frederico em tom de gracejo.

— As mães levão tanto tempo á aprender, olhando para os filhos!

Frederico beijou com ternuru a mão de Leonidia.

— Passeemos um pouco; dá-me o braço... faze-me passear... tu te descuidas de mim.

— Eu?!!! perguntou o extremozo filho adoptivo, como assombrado da accusação.

Leonidia olhou-o com encanto maternal.

— Desconfiado! não vez que estou brincando?

Passeárão ambos em volta da sala e logo depois entrárão na camara, onde pouco antes Frederico adormecêra na ottomana.

Leonidia sentou-se nessa mesma ottomana, e fez o mancebo sentar-se junto a ella.

Podião alli conversar sem ser ouvidos.

Frederico principiava á entrever as intenções de sua mãe, e lhando para o salão encontrou tambem os olhos suspeitosos e como que supplicantes de Candida.

Leonidia não reparou naquelle encontro de vistas.

— Hontem, dice ella, estavas alli em pé atraz da cadeira de Candida; teo rosto annunciava sombrio e profundo padecer do coração, ou o pasmo inerte do idiotismo: o rosto de Candida indicava abatimento e confusão. Duvidei, quiz duvidar do que via; mas desde esse momento até inda a pouco a ruga da tua fronte me denunciou severa um erro, algum desvario de minha filha.

— Oh minha mãe!

— Hoje tens observado constantemente, e embora com estudada dissimulação tua irmã; tu a tens observado, Frederico, sem olhos de amor de esperançoso noivo, com olhos porem de irmão zeloso..... foi por isso que eu dice — *tua irmã*.....

— E não o é ella, minha mãe?...

— Tu dormes pouco, e menos do que é precizo, e ainda agora adormeceste nesta

ottomana; portanto não pudeste dormir esta madrugada. Que devo pensar de tudo isto?.. noivo ou irmão de Candida, tu és sempre meo filho: falla. Eu me atormento, porque devo mostrar-me satisfeita e alegre, e tenho n'alma um pezo que a esmaga..... fugiste-me o dia todo..... dize-me o que sabes e depressa..... nada me deves occultar, e eu creio em ti.....

Frederico sentio-se compungido desse sagrado sobresalto maternal e menos por amor de Candida do que por amor de sua mãe não se animou á dizer a verdade,

— Tranquillise-se, minha mãe; Candida não praticou acção alguma que á meos olhos compromettesse sua honra..... é uma bella e boa menina..... a imaginação de minha mãe cria quiméras.....

— E porque estava ella perturbada, e tu porque estavas estupefacto... hontem... hontem á hora da ceia?.....

— Quem sabe?.. talvez confusão de ambos.... Liberato entrou de subito na camara, achou-nos conversando quase á sós..... não tenho consciencia..... mas talvez por isso.....

— Frederico, tu inventas desculpas....

— Talvez; porque não posso descobrir culpas.....

— Meo filho, a contradança vae terminar: jura que não tens de que increpar a Candida.....

Frederico fez um esforço violento e dice tremendo :

— Sou eu que tenho de que increpar-me.

— Como ? porque ?

— Minha mãe vae talvez amar-me muito menos.

— E' impossivel.

— Oh minha mãe ! perdão para Candida e para mim ! hontem a noute nós abrimos um ao outro nossos corações.

— Então ?

— Candida está prompta a aceitar-me como seo noivo ; mas só me ama como seo irmão ; e eu estou prompto á considera-la,como minha noiva; amo porém outra mulher... eis o motivo da nossa commoção.

Leonidia concentrou-se em triste silencio por alguns momentos : depois apertou entre as suas a mão de Frederico, e dice melancolica :

— Isso me penaliza e me consola : queria-te duas vezes filho ; mas dou-me por feliz, reconhecendo Candida isenta de culpa...

— Minha mãe nos perdôa ?...

Leonidia sorrio-se para Frederico.

— Sonhavamos demais meo marido, teo pae e eu! tu nos bastas filho de todos tres para nossa gloria; e Candida, o meo anjo, com que direito violentar-lhe o coração?... devia mesmo ser assim: tão irmãos, como poderião ser amantes?... abençoados sejão sempre ambos.

E ella levantou-se.

— A contradança acabou; dice Leonidia; passeemos ainda... leva-me para fóra do salão... preciso respirar livremente...

Fredèrico deo o braço á sua mãe, e a conduzio até á sala de jantar.

— Candida deixou de ser tua noiva, meo filho; dice então Leonidia ao mancebo; respeito e louvo os sentimentos de ambos; tu porém não esquecerás, que és irmão de minha filha.

— Oh! nunca, minha mãe!

— Talvez, não sei... creio que não... mas talvez eu ame mais a Liberato do que a ti; confio porém mais em teo juizo, do que no de Liberato. Meo Frederico, jura-me que serás sempre o zeloso e vigilante amigo, protector, e em ultimo caso o salvador de tua irmã, da nossa Candida!

Frederico, profundamente commovido, respondeo:

— Por ti, minha mãe querida e santa, eu juro que o serei até o extremo da dedicação e dos sacrificios!

— Abençoado sejas, meo filho!

— Mas, pois que prestei o inutil juramento de um dever que cumpriria sem elle, minha mãe tambem me ouça e me attenda. Candida é menina, e as meninas nem sempre sabem ser prudentes. Zele Candida em minha auzencia, que eu respondo por ella e pelo seo futuro, quando me achar á seo lado.

E temendo exigencia de explicações do que acabava de dizer, Frederico voltou immediatamente ao seio da companhia festiva, deixando Leonidia absorvida em reflexões.

E nem Frederico, nem Leonidia tinhão podido ver Lucinda que da porta do quarto de dormir de sua senhora os escutára com ouvido curioso e traiçoeiro.

XXIX.

Quando Frederico entrou, de volta, no salão, Candida o interrogou com o olhar mais deprecador e meigo, e não se contentando com o sorriso bonançoso que tivera em resposta, soube preparar occasião de ouvir o irmão adoptivo que parecia dezejar fallar-lhe.

Frederico prevenio Candida das suspeitas de sua mãe e do alvitre a que recorrêra, para explicar a confusão em que ella os vira a ambos, á porta da camara, na hora da cêa dada aos cantadores dos Reis.

— E por mim que te fui ingrata, tu te accusaste calumniando o teu coração, Frederico!... dice a moça com os olhos humidos de lagrimas.

— Contem-te; respondeo o mancebo; se queres provar-me gratidão, sê prudente, digna de nossa mãe e conta comigo.

Frederico deixára Leonidia, engrandecido pela consciencia de sua generosidade, e pela confiança que sua mãe nelle depunha. Mais que nunca se reputava obrigado a velar por Candida, e a defende-la e salva-la ainda com o maior sacrificio pessoal. Duvidava muito do caracter e do merecimento moral de Souvanel; uma vez porém, que os pudesse abonar, estava resolvido a proteger o amor de sua irmã. Não quizera confiar a Leonidia o segredo dos sentimentos de sua filha; porque ainda julgava pòder impedir novos actos de leviandade e futuras consequencias lamentaveis; mas á primeira desconfiança da lealdade de Candida, que se accendesse em seo espirito, e em todo cazo antes de sua viagem, se não se tivesse chegado a tratar do casamento com Souvanel, revelaria tudo em confidencia de familia.

O solemne juramento que Leonidia o fizera prestar, aliás sem que preciso fosse, como dicera, coagio-o todavia, ao cumprimento de um dever penoso.

Frederico sentia repugnancia incalculavel em travar conversação com Souvanel e ainda

mais em alludir, fallando-lhe, á scena de que fôra testemunha, na noute antecedente; entendeo porém, que força era faze-lo.

Esperou longo tempo: vendo emfim Souvanel descer ao terreiro, acompanhou-o, e lá a sós com elle, dice-lhe em tom grave e conscisamente:

— Mr. Souvanel, sabe que Liberato é meo collaço, e portanto não preciso explicar-lhe o interesse que tomo por Candida: ella é tambem minha irmã,

Souvanel não respondeo. Frederico proseguio:

— Depois do que hontem se passou diante de mim, Mr. Souvanel não póde demorarse nesta caza, além do dia de amanhã, que marcára para sua retirada. Sei que hoje deliberou estabelecer-se em nossa pobre cidade e que podem ser demorados os arranjos de alojamento. De volta á sala, meo pae lhe offerecerá uma caza que se acha mobiliada, e Mr. Souvanel a áceitará e irá amanhã ou depois de amanhã occupa-la.

O tom imperativo de Frederico, irritou o francez, que cruzando os braços, perguntou:

— E se eu não aceitar a caza?...

— E' que está resolvido á ir desde amanhã hospedar-se em hotel.

Isto dizendo, Frederico deo as costas á Souvanel e retirava-se á passos vagarosos.

— Uma palavra ! dice o joven francez.

O irmão adoptivo de Candida parou e voltou-se.

Souvanel, tomando de proposito o tom do costumado trato, que acabava de ser-lhe calculadamente negado, perguntou com voz segura e exigente de explicação :

— Frederico ! tens a idéa de provocar-me ?..

— Mr. Souvanel, respondeo secamente Frederico ; nós não *nos atuaremos* mais, emquanto eu não me convencer por informações fidedignas, que vou procurar e pedir, de que fallando-lhe, fallo á um cavalleiro, á um homem de bem.

Souvanel era bravo, e, dominando rapido e inexplicavel estremecimento, se lançava impetuoso á tomar o passo á Frederico, que se ia em moroso andar : mas estacou immediatamente, e ficou em pé, como prezo ao solo e torcendo as mãos com raiva.

O calculo do especulador encadeiava a furia do destemido duellista.

Souvanel deixou correr alguns minutos, reflectindo, e dissipando a commoção : logo depois seguio em direitura ao grupo de acacias, onde encontrou Lucinda á esperal-o.

— Como o senhor demorou-se! dice a escrava.

O francez acariciou Lucinda com lascivas meiguices, e com indecentes lisonjas, assegurando-lhe constantes relações condemnaveis.

A negra perguntou rindo-se e requebrando-se:

— E se casar com minha senhora... como hade ser?

— Eu te libertarei no dia do meo casamento, juro-o por todos os santos do céo, juro-o pela minha honra, que serás liberta...

— E adeos amores! dice Lucinda.

— Oh não! Candida será minha mulher; tu porém, linda creoula, serás sempre a minha amante, e minha só....

— Palavras de branco que falla á negra...

— Palavra de francez que está doudo por ti...

Souvanel, pretendente á mão de Candida, era já amante sincero ou fingido da mucama da sua noiva dezejada. A desmoralisação do lar domestico precedia o casamento, e predispunha o adulterio.

O pretendente noivo comprava a dedicação da escrava, atraiçoando previamente a esposa: a mucama prestava-se á vender a reputação e a honra da senhora á preço de esqualidos gozos.

O francez especulador immoral, explorava os vicios, e a influencia malefica, tenebrosa e fatal do elemento escravo, de uma victima-algoz em proveito de seos planos egoistas e infames.

A escrava sacrificava a senhora sem piedade, talvez sem calculo de vingança; mas por gosto de inqualificavel corrupção.....

Nos braços da escrava, servindo-lhe ao vicio o interesseiro e perverso seductor, estava pedindo ao demonio da escravidão a chave da porta da camara virginal da donzella, cujo seio precisava manchar para ser senhor pela mancha......

O seductor e a escrava abraçados se associavão, e a escrava em phrenesi de libertinagem, promettia ao seductor entregar-lhe a senhora.....

A victima ia ser algoz. . . . .

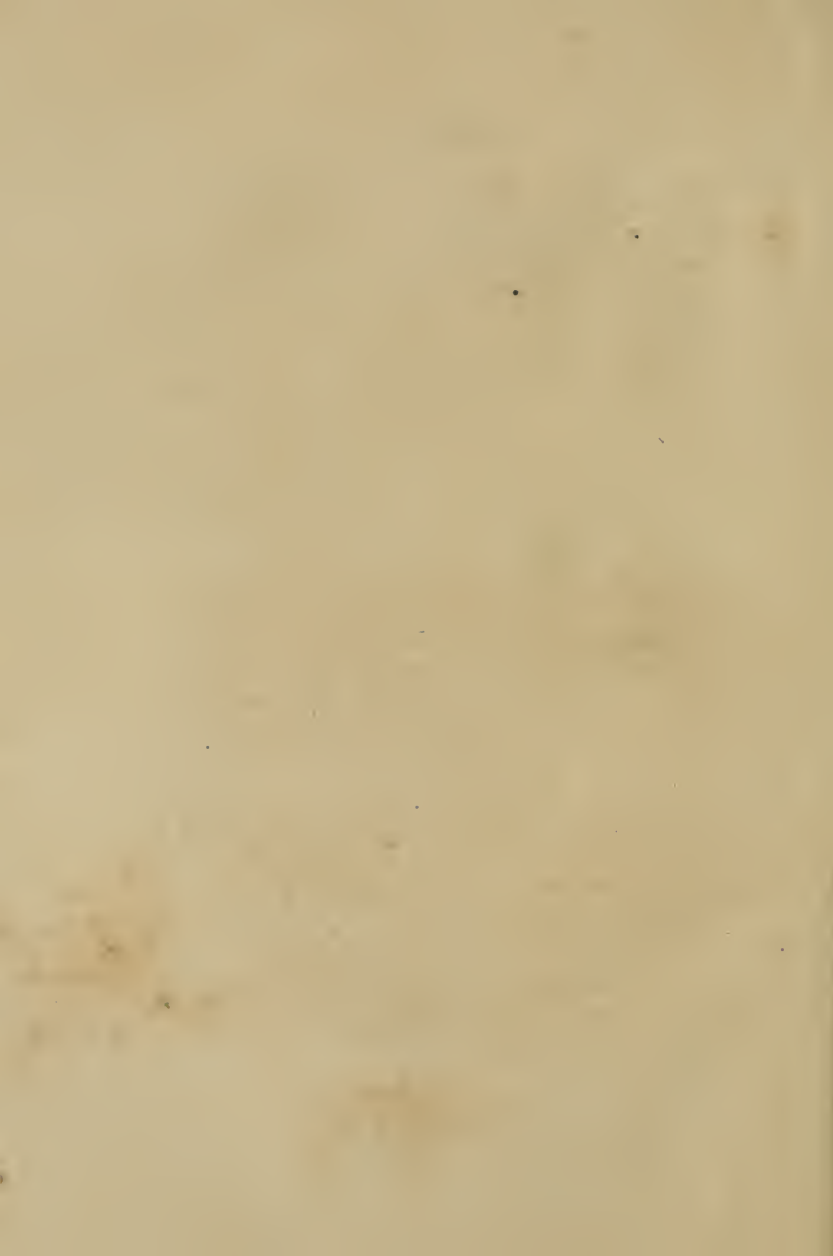
. . . .

Nessa mesma noute, Souvanel recebeo de Placido Rodrigues o offerecimento de uma caza mobiliada, que para as occasiões de festas, ou de demora na cidade de....., elle tinha de reserva, e, agradecendo com perfeita cortezia o favor, declarou que se alojaria provisoriamente em hotel, onde contava achar commodos e seguir systema de

vida conforme os seos habitos e costumes que lhe. lembravão Paris.

Placido Rodrigues insistio debalde.

Frederico impassivel e frio conservou-se mudo.

Candida parecia indifferente.

XXX.

Travada estava a luta entre o anjo e o demonio, entre o genio benefico que se empenhava em salvar, e o genio malefico á quem convinha perder Candida, entre Frederico, o homem livre e moralisado, cuja nobilissima natureza a educação aprimorára, e Lucinda, a mulher escrava e pervertida, sem educação zeiladora dos costumes, e cuja natureza, ainda mesmo que excellente podesse ter sido, se achava desde muito depravada pela ignominia e pelas torpezas da escravidão.

Candida, não se abandonava quanto devia, á segurança plena e ampla, na dedicação extraordinaria e magnifica de Frederico: repugnava á sua vaidade o prestar fé áquelle

prompto sacrificio do amor que inspirára: em seos habitos de conquistadora e namoradeira, via nessa substituição de sentimentos, nessa abnegação de amante, nesse exclusivo extremo da amizade fraternal, força de vontade maior que o poder da sua belleza, e portanto uma offensa ao imperio dos seos encantos, que julgava irresistiveis; além disso um pouco impressionada pelas prevenções e receios, que a mucama procurára acender em seu animo, hesitava, presumindo que Frederico, sempre della apaixonado, sempre com aspirações á desposa-la, fizesse de mentirosa virtude uma rede para prende-la, um engano soporifero para, aproveitando-lhe o somno, separa-la perpetuamente de Souvanel, seo rival.

Hesitante assim, Candida não soube ser franca e leal com seo irmão adoptivo, e antes empregou todos os recursos da dissimulação para illudi-lo e leva-lo a acreditar na sua fiel submissão, aos conselhos que lhe ouvira; mas, ainda suspeitosa por vaidade, sua alma obrigada ao culto da magestade da virtude, embeveceo-se muitas vezes, contemplando Frederico tão grande na protecção com que a queria escudar, e no artificio com que se accusára, áfim de

poupa-la aos desgostos, ás reprehensões, e ao triste desencanto de sua mãe.

Trazendo porém da sala essas impressões, e no meio de injustas duvidas pelo menos a convicção de que devia acautelar-se contra os possiveis ardis de Frederico, e tambem contra os perigosos enleios do amor de Souvanel, Candida, recolhendo-se á seo quarto, esbarrou com Lucinda que parecia sobresaltada á espera-la.

— Que ha? perguntou.

A mucama poz um dedo na boca, recommendando silencio, e apontou para o lado, onde ficava contigua a sala de dormir de Leonidia.

Por alguns minutos os gestos e as meias palavras pronunciadas, quase imperceptivelmente pela escrava, annunciárão critica situação.

A senhora e a mucama emprazárão-se mais com a mimica, do que com phrazes abafadas, para conferenciarem opportunamente nessa mesma e já adiantada noute.

Candida trocou seo *toilette* de festa por leve roupão de dormir, e deitou-se, mandando apagar a luz.

Erão duas horas da madrugada.

Meia hora depois o silencio tornara-se profundo. A caza toda dormia.

Velavão sómente o medo de Candida, a perversão da *mucama escrava*, e a infame traição de Souvanel.

Candida sentio os leves passos de Lucinda que tremula foi ajoelhar-se á cabeceira do leito de sua senhora.

Fallárão então ambas, apuridando-se.

A mucama dice:

— O senhor Frederico revelou tudo á minha senhora velha... á mãe de minha senhora....

— Tu ouviste?

— Ouvi o fim da conversação, foi ali na sala de jantar... o senhor Frederico prestou um juramento que não percebi; mas fallárão de casamento....

— Ah!

— Depois o senhor Frederico foi encontrar-se no jardim com o moço francez...

— Sim... sahirão ambos... reparei...

— E intimou-o á deixar esta caza amanhã....

— Elle? com que direito?

— O moço francez quer desafiar o senhor Frederico....

— Oh! não!... isso não...

— Mas temendo comprometter o nome de minha senhora, chora de raiva... amanhã

não sei o que será... elle, falla em retirar-se para a Côrte, esperar lá o senhor Frederico e provocal-o ao que chama *duello de morte*...

— Sei o que é... é horrivel! não quero isso!..

— Ha só um meio de o impedir; diz o moço francez.

— Qual?

— E' minha senhora ir entender-se com elle sobre as esperanças e o futuro do seo amor, receber suas despedidas e combinar seos planos de proximo casamento...

— Como? quando? onde?

— No quarto de Leopoldo, o pagem *fiel* de meo senhor: ha no quarto uma janella para o jardim: o pagem é dedicado á minha senhora e ao moço francez, que ás tres horas lá á espera...

— Lucinda!

— Minha senhora póde ir e voltar sem ser sentida... dormem todos...

— Oh! não!.. é impossivel!...

— Eu a acompanharei, se minha senhora tem medo...

— Mas... um encontro assim... a taes horas... não irei.

— Á taes horas é que deve ser para que ninguem o suspeite...

— E a minha honra?

— O moço francez é incapaz de attentar contra ella.

— E meo pae? e minha mãe?

— Dormem á somno solto.

— Render-me desse modo escrava de um homem... aviltar-me!

O relogio da sala de jantar annunciou tres horas.

Candida estremeceo.

— E' a hora; dice Lucinda.

— Não irei; seria indigna, se fosse...

— Minha senhora não ama.

— Oh! se amo!!!

— E se elle fugir-lhe? e se elle se fizer matar...

— E' para desesperar,... Lucinda!...

— Animo! vamos: nunca se vio uma senhora conversar com um homem?

Candida sentou-se no leito; Lucinda ergueo-se:

— Vamos... eu a acompanho, minha senhora...

Candida reflectio por breves instantes e dice:

— Souvanel quer pôr em experiencia a minha virtude....

E tornou á deitar-se.

— Minha senhora, dice Lucinda; pense

bem nos perigos á que expõe o seo amor, e o homem que ama.

— Não irei: Souvanel hade amar-me muito mais; porque não vou.

— E fugirá... e matar-se-ha...

— Escuta: vai tu por mim...

— Como? perguntou a mucama com um certo abalo.

— Vae tu por mim; repetio Candida.

— Eu por minha senhora? murmurou Lucinda, inflammando-se, e contendo as flammas de subito pensamento.

— Sim; vae: dize-lhe que o amo, que o adoro, que serei sua esposa; que soffra tudo por minha cauza e não se auzente; que espere e confie no meo amor; que heide ser delle... delle só e para sempre... mas honesta e pura; e que por honesta e pura não posso dar-lhe, nem jámais lhe darei conferencias á taes horas, em semelhante lugar.

— Minha senhora!... dice a mucama que aliás não mais insistia.

— Vai por mim.

E Lucinda perfeitamente convencida da acertada resolução de Candida, sahio do quarto pé ante pé e *foi por sua senhora* a encontrar-se com Souvanel.

Passou uma longa hora que á Candida pareceo um seculo.

Emfim Lucinda voltou, e chegou-se ao leito de sua senhora.

— Elle fica: murmurou com voz tremula.

— Diceste-lhe tudo, que te recommendei?

— Tudo.

— E elle?

— Commoveo-se... chorou... e resignou-se.

— Que me mandou dizer?

— Que a adora, e que hade obedecer á sua vontade, como escravo.

— Não se baterá com Frederico?

— Não, minha senhora; mas detesta-o.

— E porque tardaste tanto?

A mucama rio-se da pergunta da senhora, rio-se contente, e zombeteira; porque ria-se na escuridão, e não atraiçoava a sua torpeza no escandaloso riso; rio-se pois de Candida e respondeo:

— O moço francez demorou-se... esperei-o mais de meia hora...

— Ainda bem que não fui eu que o esperei: dice Candida.

XXXI.

Desde alguns dias que a vida normal recomeçára para as familias e amigos que se tinhão ido e para aquelles que havião ficado no municipio e na cidade de....

Souvanel não julgára preciso voltar á Côrte: na sua mala de viagem trouxera quanto possuia: neste facto denunciava a sua extrema pobreza que aliás nem é labéo, nem motivo de favoravel recommendação. Começára logo a exercer o seo myster de professor de piano e canto, ganhando bastante para manter-se com decencia.

Frederico frequentava assiduo, como costumava, a caza de Florencio da Silva, e applaudia-se da situação que creára.

Leonidia, achando-se uma tarde a sós com o filho adoptivo, dicera-lhe:

— Pensei muito na conversação que tivemos na ultima noute de festa, Frederico, e conclui que não quizeste ser franco, e que ao contrario procuraste esconder-me a verdade...

— Minha mãe... essa conclusão...

— Não te accuso, meo filho; agradeço-te o sentimento que te levou a enganar-me, e á criminar-te de inconstancia; quero porém, para meo socego, que me satisfaças uma pergunta e um pedido, mas desta vez com a lealdade que me deves.

Frederico attendeo:

— O acto ou o procedimento censuravel de Candida compromette a sua honra?

— Juro que não, minha mãe: foi apenas uma inconsideração de menina vaidosa e um pouco leviana... ella porém arrependeo-se logo,

Leonidia corou:

— Guarda o teo segredo, meo filho: agora o pedido: Florencio e Liberato já sabem que desististe do projecto de casamento com a nossa Candida?

— Não, minha mãe, nem elles, nem meo pae.

— Pois o que eu te peço é que deixes á todos tres na ignorancia dessa fatal reso-

lução que os afligiria, como me afflige; não deve apressar-se a noticia do mal.

O pedido de Leonidia escondia uma esperança.

Frederico respondeo, beijando a mão de sua mãe.

Candida mostrava-se melancolica; o que se explicava pelas saudades da festa; mas parecia tranquilla, e tratava Frederico sem o mais leve indicio de resentimento, e com suave affecto.

Souvanel fizera apenas uma vizita de indeclinavel cortezia á familia de Florencio da Silva, e não mais voltára a chacara deste.

Frederico animado pelas apparencias de precaução e recato de Candida, embora suspeitasse que Souvanel escrevia á sua irmã adoptiva por intermedio do pagem e da mucama, á elle vendidos, determinou entrar no desempenho do compromisso que tomára, e sob o pretexto de examinar certas maquinas acricolas, pedio á seo pae permissão para ir passar uma ou duas semanas na cidade do Rio de Janeiro.

Na vespera da viagem foi despedir-se da sua segunda familia.

Leonidia dice-lhe sorrindo:

— Tenho a certeza que não deixas aqui,

nem vás encontrar na Côrte a tua preferida rival de Candida.

— E onde está Candida? perguntou Frederico, fugindo de responder a sua mãe.

Leonidia mostrou a filha no jardim.

— Uma flor entre as flores; espinhou-te porque é rosa: deves perdoar-lhe.... vae dizer-lhe adeos.

Frederico apressou-se a descer ao jardim para escapar ás manifestas sugestões do amor maternal, que tanto nelle podia.

Apertando a mão que Candida, sorrindo meigamente, lhe offereceo, dice:

— Parto amanhã para a Côrte, minha irmã; vou servir ao teo amor, procurando informar-me discreta e solicitamente das condições e dos predicados que podem recommendar o homem que distinguiste: por minha honra prometto dizer-te a verdade do que por ventura souber....

— Ah, Frederico!

— Se julgar necessario, escrever-te-ei pelo correio: tantas vezes tenho-te escripto, enviando-te assim minhas cartas de irmão, que não receio que nossos paes suspeitem o motivo....

— Oh.... não.... se for preciso escreve-me, e se não fór preciso, meo irmão,

escreve-me ainda e sempre como d'antes.

— Confias pois em mim?...

— Como em meo pae e em minha mãe.

— Pois bem, Candida; hasde ver até onde chegará a minha lealdade cruel para qualquer de nós dous, severa contra o teo amor, ou tremenda para o meo sacrificio.

— Tu amas-me ainda, Frederico?

— Que te importa, se sobre tudo quero-te feliz?... despedindo-me de ti por poucos dias, deixo-te dous conselhos, minha irmã.

— Quaes? juro segui-los ambos.

— Não te compromettas; continúa a ser prudente. e espera-me: este é o primeiro.

— No primeiro ganhei um elogio: e o outro?

— Resgarda-te da tua mucama; é uma negra perversa.... capaz de infamar o teo nome.

— Como?

— Resguarda-te....

Frederico não poude dizer mais. Florencio da Silva, Leonidia, e Liberato estavão já bem perto delle e de Candida, a quem vinhão reunir-se no jardim.

Na manhã seguinte Frederico partio para a Côrte.

XXXII.

O nobre defensor lá se ia, e a mucama-escrava ficava ao pé da victima.

Frederico mal podia pezar o grão immenso da sabedoria do segundo e ultimo conselho que deixára á Candida.

Lucinda estava sendo junto de sua senhora o demonio tentador, a guarda avançada que preparava o assalto da seducção.

Dedicada a Souvanel, pelo vicio alimentado no presente, pelo vicio esperançoso do futuro, esqualida amante sem ciumes, a mucama escrava comprada pelos favores lascivos do francez, contando com a emancipação promettida, e com a *sua fortuna* feita por elle apaixonado de seos desenfreados transportes, ou por outros successivos liber-

tinos ricos e depravados, assediava sua senhora com os sophismas rudes, mas sempre sinistros e formidaveis quando fallão ao amor inflammado por violentos ardores.

Frederico o não pensava, e Lucinda uma hora em cada noute, muitas vezes em cada dia, lançava em rosto a Candida a frieza do seo amor, a offensa que a sua virtude *exagerada* irrogava á confiança que merecia o seo amado, quando lhe negava a nocturna conferencia, que elle pedia teimoso, e já resentido, ou antes artificialmente resentido.

Frederico o não pensava, e a mucama escrava predispondo a conferencia reclamada, exigida em duas e tres cartas vulcanicas por dia, encorajava, excitava Souvanel, recebendo-o em deshoras por mais de uma vez no quarto do pagem, o *fiel* de Florencio, e vendido a Souvanel, no quarto do *escravo*, por onde se mostrava caminho aberto para se ir ter ao quarto da donzella.

E quem sabe o que já imaginava o pagem, quando, abrindo a janella em horas mortas da noute saltava para fóra, e Souvanel saltava para dentro do quarto, onde a negra o recebia?...

Candida tinha ao menos triumphado até então das scilladas e dos seductores invi-

tes da mucama e do francez, e não tinha idéa das escandalosas relações de um e outra; mas desde a ultima noute de festa prevenida por Lucinda contra Frederico, e delle desconfiada ainda mais por certo *quê* de triste, desgostoso, e contrafeito, que achava no trato de sua mãe, presumira-se atraiçoada em seo segredo pelo irmão adoptivo, e pagando fingimento por fingimento, e amando em dobro Scuvanel pelo impulso da reacção, presentia a falsidade na lealdade, e suppunha encontrar à dedicação na traição.

A desgraçada victima duvidava de Frederico e o enganava com as mais suaves e meigas demonstrações de s guridade, e attendia perdida de amor ás instigações tentadoras e traiçoeiras de Lucinda, que sublimavão a paixão ardentissima de Souvanel.

Frederico punha condições ao amor de Candida; Lucinda lisongeava-o plena e absolutamente; é claro pois que Lucinda se faria ouvir mais facil e agradavelmente do que Frederico.

Entretanto Candida cogitava perplexa e inquieta na recommendação que recebera para resguardar-se da sua mucama: não podia crer que Frederico se abaixasse á

mover intriga contra uma escrava e em sua consciencia, lembrando os máos conselhos e insistencia de Lucinda no empenho de faze-la prestar-se á conferencias com Souvanel, estava reconhecendo a sabedoria da recommendação.

Mas que motivo teria inspirado á seo irmão adoptivo, o máo conceito em que elle tinha a sua mucama? Candida perdia-se em vagas conjecturas, e promettendo á si mesma acautelar-se, prevenindo-se contra Lucinda, mostrou-se como até então desacautelada, julgando que não podia prescindir dos serviços della, para continuar á entreter sua correspondencia amorosa com Souvanel.

Foi assim que na noute do mesmo dia em que Frederico lhe annunciára a sua viagem, e o fim que o levava á Côrte, ella, que tinha-se já abalançado a escrever á Souvanel para consola-lo das negativas de conferencia, relatou-lhe em minuciosa carta o facto que á ambos devia interessar tanto.

Lucinda, recebendo a carta de sua senhora, e habituada ás mais intimas confidencias do seo amor, não hesitou em perguntar se sobreviera alguma novidade.

Candida não quiz alvoroçar a mucama com reservas, á que ella não estava acostumada,

e referio-lhe o objecto da viagem de Frederico.

— Ah! dice a escrava; espere minha senhora pelas boas informações que hão de vir: o moço francez vae ter todos os vicios, e será bem feliz se não lhe imputarem alguns crimes.

— Como? Frederico é incapaz de aleives.

— Minha senhora, o senhor Frederico é hypocrita.

Candida olhou severamente para Lucinda e dice-lhe:

— Não quéro que falles de meo irmão por esse modo.

A escrava curvou a cabeça.

Passados alguns momentos a senhora, adoçando a voz, perguntou:

— Quando poderá Souvanel receber a minha carta?

— Amanhã, minha senhora.

— E a resposta?... te-la-ei amanhã mesmo?

— Talvez.

— Ah, Lucinda! tu não sabes, como é grata e suave a leitura de uma carta do homem á quem se ama!

A mucama animou-se de novo.

— Faço idea; respondeo; ha porem couza ainda mais grata e suave.

— O que ?

— Ouvir da propria boca do amado, em conversação secreta, isso mesmo que elle escreve e muito mais que elle não pode escrever.

— Lucinda ! que teima !...

— Pois se minha senhora está com vergonhas e medos de menina tola ! é couza do outro mundo uma moça conversar em segredo, com o moço que hade ser seo marido ?.... e elle que a não vê mais, e dezeja tanto ve-la ?

— Não insistas mais nisto ; eu t'o prohibo.

— O moço francez hade pensar que minha senhora tem medo delle, e de si....

Candida corou, e revoltou-se : não se conteve e dice :

— Frederico tem razão.... devo acautelar-me de ti !

A mucama recuou um passo perturbada ; mas logo depois satanicamente inspirada, perguntou :

— Elle dice á minha senhora, que desconfiasse de mim ?

— Dice-me.

Lucinda levou á boca ambas as mãos como para conter uma risada.

— Que é isso?...

— Minha senhora, o senhor Frederico não tem razão; mas tem motivo....

— Dizes que tem motivo?...

A escrava sorrio-se ignobilmente, e murmurou, abaixando os olhos:

— A gente ás vezes é má e offende sem querer....

— Como?...

— Era possivel que elle viesse á casar com minha senhora...

— E então?...

— Eu fiel á minha senhora, e elle.... tão feio....

Candida tinha já compreheudido; mas estouvada e louca, prelibando o ridiculo, dezejando rir, e acostumada á divertir-se com os cazos lubricos, que lhe contava a mucama, dice, fingindo-se enleiada:

— Explica-te, Lucinda.

A explicação foi mentira indecente e escandalosa, em que a negra devassa se ostentou esquiva, reluctante, e recatada principalmente em respeito e por fidelidade á sua senhora.

Candida que começava a ouvir a improvisada historia, rindo-se, acabou, voltando o rosto com repugnancia e nojo de Frede-

rico, que todavia nunca se lembrara de abaixar os olhos sobre a negra que alias era amante de Souvanel.

XXXIII.

Embora insufficiente e por demais fiada, a zelosa e nobre intervenção de Frederico no amor insensato ou pelo menos arriscado de Candida, tinha provavelmente poupado a inconsiderada donzella á reprehensiveis erros.

Candida experimentava toda a vehemencia da saudade, que os recados e as cartas apaixonadas de Souvanel activa e frequentemente atiçavão; consolava-se; porem, esperando que os saráos e o theatro da cidade, lhe proporcionassem ternos encontros com o joven francez.

A famosa namoradeira não cuidava mais em entreter os cultos de seos antigos adoradores; absorvida toda no amor de Sou-

vanel, lembrava-o, desejava-o, e prelibava anciosa, a hora encantada e suavissima, que lh'o mostrasse no theatro, ou que a aproximasse delle em algum saráo.

Mas o theatro se reabrira poucos dias depois da festa do natal, uma sociedade de baile dera a sua primeira e brilhante reunião mensal, no novo anno, e Leonidia, queixando-se de soffrimentos e de alterações em sua saude. se esquivára, e privára por tanto sua filha de todos esses divertimentos,

Não escapou á Candida a inexplicavel indifferença de seo pae, que abandonava sem os soccorros da sciencia, os padecimentos que sua mãe accusava.

Leonidia dizia-se doente, e Florencio da Silva, marido extremoso, não se apressava á chamar medicos que regenerassem a saude da espoza tão amada, que nem se resentia desse descuido insolito.

Candida não se illudio.

— Enclausurão-me: pensou ella; é um systema de vida calculado e ajustado, que se me impõe. Meo pae, minha mãe, Liberato e Frederico estão e trabalhão de accordo.

E ella por isso mesmo amou, ou suppoz amar com ardor ainda mais vivo á Souvanel.

Os amorosos bilhetes do joven francez a incendiavão.

Lucinda desmoralisada e perversa alimentava e atiçava o incendio.

O supposto systema de oppressão excitava o ardimento da reacção.

A primeira carta de Frederico chegou pelo correio á Candida, que recebeo-a em familia, e que, precatada, foi lel-a no seo quarto e reservadamente, sem observação alguma de Leonidia ou de Liberato, que alias tinhão tambem recebido cartas.

— Como respeitão o segredo de minha correspondencia com Frederico!... dice comsigo mesma Candida ironicamente.

A carta de Frederico, á sua irmã adoptiva, era rica de sabios conselhos; mas para Candida o importante, o essencial, estava nas ultimas linhas que dizião assim.

« Minha irmã, ainda não sei quem seja a pessoa, sobre quem tomo informações; mas posso já assegurar-te, que ou é outro o seo verdadeiro nome, ou não é, como se diz, proscripto politico. »

Candida atirou com a carta sobre a meza e dice:

— Mentira! não hãode conseguir enganar-me.

XXXIV.

A viagem de Frederico á cidade do Rio de Janeiro, com o fim precizo que elle tinha declarado á Candida, inquietou Souvanel, que exigio de sua amada a communicação immediata de todas as informações que recebesse, e mostrou requintar de paixão, exagerando entretanto os seos temores, do que chamava influencia inqualificavel de um rival que o aborrecia.

Porque se inquietára Souvanel?... arreceiava-se dos embustes e das calumnias possiveis de Frederico?... mas o amor de Candida era tão fraco e frivolo, que por credulidade infantil, cedesse ás aleivosas imputações que fizessem ao escolhido do seo coração?... e Souvanel que teria conheci-

mento dessas imputações, não saberia destruil-as, e, destruindo-as, não confundiria o aleivoso, e não se recommendaria muito mais, como victima innocente de rancorosa intriga do rival? além disso Frederico tão querido e attendido pela familia de Florencio da Silva, não tinha meios poderosos para contrariar e combater esse amor, que apagára suas doces esperanças, sem abaixar-se ao vil e indigno recurso, que sómente os mizeraveis empregão?...

Porque se inquietára o joven francez?

E amava elle realmente á Candida?...

Se a amava, como resistia á auzencia, e afóra a sua vizita de cortezia, nem uma só vez mais fôra cumprimentar a familia, que durante algumas semanas o hospedára?...

Se a amava, como se atrevia á propor, á pedir com instancia á donzella uma conferencia secreta, á noute, em lugar suspeito, isto é, como ousava propor e *exigir* que a filha atraiçoasse ao amor dos paes, que a donzella affrontasse o seo recato, que a amada se aviltasse aos olhos do amante, que a noiva se nodoasse no conceito do noivo?.... ha verdadeiro amor sem as delicadezas do respeito, que é o suave culto da estima?....

Se a amava, como torpemente ultrajava a Candida, condemnando-a á ter por ignorada rival a sua mucama?...

Souvanel não amava Candida; explorava o infeliz amor da pobre moça; ambicionando enriquecer com o seo dote, e com a herança futura que lhe caberia por morte de seos paes: não esperava que Florencio da Silva e Leonidia lhe dessem de boa vontade a filha em casamento, e immoral e infame, planejava impor-se marido por triste necessidade de rehabilitação de uma victima.

Souvanel projectava seduzir Candida, e procedia com implacavel e fria machinação.

Excitava incessante a paixão da donzella em cartas ardentes e não lhe apparecia para ser mais dezejado, e tornar alguma vez, aceitavel a idéa da conferencia particular: realizado o primeiro encontro secreto, seguro estava de outros.

Comprára a janella do quarto do escravo, do *pagem fiel* de Florencio da Silva, e em deshoras ali era recebido por Lucinda; porque sem Lucinda lhe seria talvez impossivel chegar até Candida.

Tendo sabido pela fatal mucama, do dissimulado proposito com que Leonidia sequestrava sua filha das assembleas e dos diver-

timentos publicos, exasperava Candida, emprazando-a para se encontrarem em noutes de theatro e de reuniões.

E finalmente interessava Lucinda no bom resultado da sua malvada trama, e não poupava instrucções, com que a escrava fosse pouco a pouco preparando a perdição da senhora.

O seductor nem se descuidava, nem se precepitava.

A primeira informação mandada sobre sua pessoa, por Frederico, fez estremecer Souvanel.

— Demonio ! dice elle, machucando a carta que recebèra de Candida ; demonio ! é precizo andar depressa... Frederico é cão de caça....

Evidentemente pois, o joven francez trocára o seo verdadeiro nome pelo de Souvanel.

O seductor escreveo á Candida um bilhete de concisão refletida. « Candida :—Morro por ver-te : amanhã á noute no theatro, ou depois d'amanhã á noute em indispensavel entrevista, no quarto do pagem : se me negas na entrevista a vida, ou no theatro a consolação, juro que não me verás mais soffrer: em qualquer canto do mundo te esquecerei, morrendo : ou no theatro, ou no quarto do pagem; ou adeos para sempre !— *Souvanel.* »

XXXV.

O bilhete amoroso de Souvanel, era uma ridicula tirada de estragado romantismo dos pretenciosos e grotescos profanadores da escola franceza de Victor Hugo, que por seo assombroso genio se faz admirar ainda mesmo, quando tortura a verdade, descomedindo a naturalidade dos sentimentos.

Aquella imposição extrema de escolha, entre uma noute de theatro, e um adeos para sempre, escandalizaria o senso commum, senão fosse a expressão do apuro de perverso plano.

Souvanel contava, que os soffrimentos fingidos de Leonidia o auxiliassem, tornando impossivel a presença de Candida no theatro, e ficando pois á esta decidir-se exclusiva-

mente, ou pela concessão da conferencia, ou pela separação perpetua.

Candida, incapaz de raciocinar, desatinou, lendo o bilhete de Souvanel. Orgulhosa e tambem muito contida pelo receio de provocar as expansões do abafado desgosto de sua mãe, tinha até então disfarçado o resentimento da privação dos divertimentos, á que estava habituada, e não ouzára reclamar contra a nova e systematica vida á que seos paes a submettião; nesse dia porém, venceo o orgulho e o receio, e pedio á Leonidia para ir á noute ao theatro.

— Não me vez doente?... perguntou-lhe a mãe.

— Minha mãe soffre: mas porisso mesmo, algumas horas de distracção devem aproveitar-lhe.

— Não: no meo estado todo divertimento, me fatiga, e me faz mal... vejo que é por amor da minha saude que dezejas levar-me ao theatro: obrigada, minha filha: ficaremos em caza, e tu me farás ouvir algumas das tuas arias á noute... prefiro o teo canto ao melhor theatro.

Candida sentio os espinhos da ironia nas suaves palavras de sua mãe. A ironia matou-lhe a esperança de conseguir o que alme-

java, e desanimou-lhe a insistencia por inutil e inconveniente.

Como insistir, se Leonidia pretextava padecimentos?... insistfr era duvidar da sinceridade, da verdade das queixas de sua mãe, e a manifestação da duvida, era um desafio á francas explicações que a consciencia de Candida temia.

Com o coração em tormentos, com a alma em allucinação, Candida, desenganada do recurso do theatro, aterrada pela ameaça do adeos extremo, da morte do seo amor, da separação perpetua do homem que amava, assombrada pela idéa do opprobrio, e dos perigos de um encontro secreto, ajustado com Souvanel, pela idéa da sua confusão nesse ultrage do dever, nesse abandono do pejo, nessa hora impudica de autorisação á todos os dezejos, e á todas as exigencias encorajadas pela mais louca, indesculpavel, e vergonhosa condescendencia, Candida apaixonada, delirante, mas ainda sujeita aos melindres do pudor, e ás lições da honestidade, lutava, chorava, e estorcia-se na solidão de seo quarto, e procurava um expediente que a salvasse da situação violenta, e terrivel em que presumia achar-se.

Temia perder o amado, temia a indigni-

dade e o labéo da conferencia secreta, resentia-se da oppressão da familia, maldizia de Frederico, julgava-se condemnada a eterno luto na vida, pela morte do amor, do primeiro, do unico amor de seo coração.

Raciocinava como as delirantes apaixonadas de desesseis annos, raciocinava menina, inexperiente, insensata, douda...

Raciocinou ou doudejou duas horas, deitada em seo leito á chorar e á delirar, pensando que pensava.

Por fim levantou-se animada, esperançosa, mais estouvada, mais louca, do que nunca até então se mostrára : suppoz ter achado um recurso...

Escreveo a Souvanel com alacridade e mão firme: « Souvanel: Nem theatro, nem conferencia secreta, nem adeos para sempre ; se me amas, serei tua: vem pedir-me em casamento á meos paes: se elles te regeitarem, appella delles para a justiça publica: podes fazer uzo deste bilhete perante ás autoridades competentes: quero ser tua, ainda mesmo á pezar de meos paes.— *Candida.* »

XXXVI.

Evidentemente o desvario desordenava as idéas de Candida e obscurecia-lhe a razão. Antes da repulsa de seos paes ao noivo que almejava, já audaciosa, descomedida e ingrata, ouzava autorisar o recurso á justiça publica, contra o zelo de sua familia. Ella esquecia que a filha honesta e boa, prefere ser martyr da prepotencia de seos paes á fazer o martyrio delles; esquecia não menos, que mostrando-se facil á incorrer em tal extremo de desobediencia, facil se denunciava á perder-se em todos os desatinos que a paixão exigisse pertinaz.

Souvanel presentio todas as vantagens que podia recolher da situação delirante do animo de Candida: contava com a nega-

tiva prompta, immediata, e decidida de Florencio da Silva, ao seo pedido de casamento com a rica donzella; mas sem hesitar pelo vexame da rejeição, e animado pelo computo das consequencias do desespero da pobre allucinada, respondeo ao louco bilhete, affectando submissão ao sacrificio de ir humilhar-se á receber affronta certa; jurando porem de novo que, depois de pago esse extremo tributo ao mais ardente e desgraçado amor, vingar-se-ia da familia mais cruel, e da amante mais fraca, e insensivel, deixando-lhes o remorso do seo suicidio realizado, onde os indifferentes, e os ignorantes da sua indomavel paixão menos pudessem adivinhar quem era a cauzadora da sua morte.

O reflectido e infame seductor, escreveo, rindo-se, a ameaça do suicidio; meditou depois, relendo a carta que escrevèra, sobre o rude e mais que trivial e já ridiculo meio de intimidação que empregava; lembrando porem o resultado do seo precedente e ultra-romantico bilhete, poz illimitada esperança no desatino de Candida, acrescentou ao que havia escrito previas despedidas, adeoses, e bençãos á sua amada, e fazendo seguir a sua funebre resposta o competente

destino, deitou-se tranquillamente e não foi ao theatro, somente porque com razão detestava o theatro da cidade de....

Logo no dia seguinte, Souvanel que evidentemente tinha pressa, vestio seos melhores vestidos, e antes da hora em que Florencio da Silva costumava partir para a cidade, onde presidia á sua caza commercial, apresentou-se na bella chacara.

Recebido agradavelmente por toda a familia, increpado de seo longo esquecimento de procura-la, festejado pelo olhar brilhante e pelo sorrir encantado, dadivoso e já perdido e francamente amoroso de Candida, provocado pelos gracejos de Liberato, que lhe tomava contas da auzencia, Souvanel, tomando grave e estudada attitude, pedio solemnemente audiencia á Florencio da Silva.

Leonidia apprehensiva, Liberato aturdido, Candida commovida, anciosa e tomada de pallidez, ou descoramento, que denunciava cumplice conhecimento do motivo da inexperada vizita, deixárão á sós na sala Florencio da Silva e Souvanel.

Passados apenas dez minutos, Florencio da Silva chamou a espoza e os filhos, que voltando á sala, virão das janellas Souva-

nel que se retirava, fustigando o cavallo, o qual já ia á trote largo.

Florencio parecia ainda surprezo.

Candida tinha os olhos e as faces em fogo.

Leonidia, observando a filha com olhar severo, guardou triste silencio.

Liberato, curioso, perguntou:

— Porque se foi tão apressado Souvanel?... que queria elle?... sem duvida algum dinheiro emprestado...

— Mais, muito mais do que isso, a doação do nosso mais precioso thezouro... vaidoso francez!... nada menos que a nossa Candida em casamento!!!

Liberato exclamou:

— E' incrivel! que pretenção tresloucada!

E o irmão olhou para a irmã, para quem já olhava o pae, e a mãe á mais tempo estava olhando....

E todos tres lêrão espantados, revoltados, e como que vergonhosos, a autorisação do pedido de Souvanel, no semblante decomposto, e no tremor convulsivo do corpo de Candida.

A desgraçada moça respirava afrontada e com afflicção, convulsava, e soffria.... o vulcão ia proromper....

— Candida!... dice Florencio da Silva, com aspereza.

— Eu o amo!... respondeo em grito sahido da alma a pobre moça.

XXXVII.

A palavra sevéra do pae, a censura exaltada do irmão, não erão as mais opportunas para combater a dolorosa commoção de Candida: Leonidia levou comsigo a filha, e encerrando-se com ella em seo quarto, deixou-a dar livre curso ao pranto, e em vez de reprehende-la, ou de fallar-lhe á razão em hora de dezarrasoamento, contemporizou, ameigando-a, chorando tambem, e convidando-a á esperar docil e paciente do futuro, o esquecimento do amor mal empregado, ou talvez, se isso fosse impossivel, e se Souvanel viesse á mostrar-se digno de ser seo marido, o conseguimento da approvação de seos paes, que só dezejavão e querião a sua felicidade.

Leonidia, acendendo nesse conselho de docilidade e paciencia, uma leve esperança no futuro, apenas era levada pelo cuidado de mitigar a afflicção da filha e de prevenir algum acto de louco arrebatamento: em taes cazos illudir, deixando esperar um pouco ao menos nos primeiros dias de mais violencia do amor contrariado, é sempre mais sabio do que a impozição dezabrida dessa montanha de gelo que se chama — *jamais*.

Entretanto Leonidia, apezar de mãe, seria em sua familia a ultima pessoa que se dobrasse á aceitar Souvanel por genro. Mais firme em suas resoluções sobre os filhos do que seo marido, que excessivo e vehemente na negativa do que lhe parecia inadmissivel, acabava de ordinario por deixar-se vencer principalmente por Candida, se esta chorava e insistia; Leonidia teimosa, como sabe se-lo a mulher, em seo empenho de casar a filha com Frederico, tinha ainda contra o joven francez, além da justa repugnancia que elle inspirava, por desconhecido, uma prevenção explicavel pelo facto de ser elle estrangeiro, que bem podia vir a separa-la para sempre da sua Candida, levando-a espoza para o seo paiz:

A estremosa mãe embalava pois a filha com illusões, para applacar-lhe a dôr, e porfiando nellas, vigorando-as, mostrando-as quase provaveis, confundia-se, vendo o desespero de Candida, que nem ao menos a attendia: fatigada emfim, assentou que convinha dar á inconsolavel, uma ou duas horas de solidão, e recommendando-lhe prudencia e reserva diante dos escravos, acompanhou-a até o leito, onde a abandonou soluçante e foi ter com Florencio da Silva e Liberato, que sem duvida a esperavão.

O que exasperava Candida, o que a punha em desatino não era precisamente a repulsa soffrida por Souvanel; era a sinistra ameaça deste: ella julgava possivel, provavel mesmo, triumphar da opposição de seo pae; mas incapaz de criterio, desasisada, ineptamente credula, tendo de memoria as cartas vulcanicas do francez, imaginava-o fugindo em doudo furor, desapparecido de uma vez, e perdido para si, para ella, e para Deos, no horror do suicidio.

Em sua simplicidade exagerada e menina, a donzella se arrastava para o abysmo.

O que não pudera em longa hora Leonidia, pôde em um minuto Lucinda.

A mucama entrou no quarto, chegou-se

ao leito da senhora; voltou-se, e assegurando-se de que ninguem a observava; dobrou-se um pouco para aproximar a boca do ouvido de Candida, e dice baixinho:

— Socegue.... ou abrande a afflicção....

— Como?... perguntou chorando Candida.

— Finja-se submettida.... não alerte seos paes....

— E elle?...

— Conseguiremos... talvez seja ainda possivel obriga-lo a ficar....

— Mentira!

— Verá; mas não acorde seos paes; é preciso que elles durmão.

Lucinda retirou-se logo.

Candida appareceo á meza do jantar e jantou: tinha vermelhos os olhos, estava triste; dir-se-ia porém resignada.

Leonidia como que se applaudia do seo maternal milagre de consolação; pois que em segundo colloquio tinha conseguido fazer-se ouvir e fazer esperar... a illusão.

Liberato mais revolto olhava a irmã com ar de desgosto.

Florencio da Silva, ostentando severidade, arredava os olhos para não ver Candida; mas em strabismos de amor á todo mo-

mento a estava vendo, e duas vezes levantara-se da meza sob futeis pretextos, e fora enxugar indomitas e traiçoeiras lagrimas.

O café servio-se na sala de entrada.

Depois que o creado se retirou, e passados alguns minutos de pesado silencio, o pae dice á filha:

— Tu queres matar-me, Candida?...

A filha respondeo, chorando:

— Não me vê submissa, meo pae? que posso mais fazer? amei, amo, sou infeliz e me resigno.

Florencio da Silva abraçou Candida e dice-lhe:

— Eu te farei feliz!

— Não é tanto o que eu peço...

— Então que pedes?...

— Que não se me imponha casamento.

— Quem jámais pensou em tal imposição, minha filha?...

Candida beijou a mão de seo pae.

— Esta criança está enganando os velhos! dice Liberato gravemente.

Florencio da Silva olhou para o filho com severidade.

XXXVIII.

Em suas conferencias de familia, nesse dia em que Souvanel se abalançara á pedir Candida em casamento, o que mais preoccupou á Florencio da Silva, Leonidia e Liberato não foi a pretenção do joven francez, foi a evidente e prévia intelligencia que havia entre este e a donzella.

Souvanel não vinha mais á chacara de Florencio, Candida não apparecia como dantes nos saráos e no theatro da cidade: como pois explicar o accordo de ambos, senão por meio de correspondencia secreta?...

— Se temos inimigos de portas a dentro! exclamára Liberato.

— E quem são?...

— Não se pergunta; são os escravos.

Segurança e moralidade com a escravidão ninguem comprehende:

— Mas eu trato paternalmente os meos escravos: observara Florencio da Silva.

— Embora; nem é pae, nem elles são filhos; porque vossa mercê é senhor e elles são escravos: entre um e outros abysmo cheio de odio: escravos? quem os educa?.. são todos abandonados á perversão dos costumes: julga-se pae o que lhes dá pão, pano, e paciencía de sobra; mas a alma e o coração desses desgraçados? se lhes illuminassem as almas, adeos escravidão!.. nas trevas do espirito os corações escravos não podem abrir-se á virtude que é luz generosa, abrem-se á corrupção que tem embriaguez que olvida, noute que esconde gozos nefandos, consolação envenenada que é contraveneno dos matyrios da escravidão, Guardamos em caza a peste, e pergunta-se donde vem o contagio?...

— Tens razão; mas esqueçamos a these. e. vamos ao facto: quem será dos nossos escravos o medianeiro atrevido?

— Lucinda talvez... a mucama...

— Lucinda não sahe de caza, dicera Leonidia; como pois fallaria á Souvanel?...

— Não nos previnamos com suspeitas que

podem ser injustas: cada um de nós que observe e espreite, e a verdade se descobrirá; concluira Florencio da Silva.

E o dia passou...

E a noute que chegára, adiantava-se...

A caza de Florencio da Silva se fechára; as luzes apagárão-se todas... todas, excepto a do quarto de Candida, que velava á tremer.

Todo o ruido que assignala a vida, cessára, todo, excepto o tique-taque da pendula do relogio da sala de jantar, que marcava a marcha do tempo sempre em marcha...

O relogio annunciou tres horas da madrugada...

Como um espectro, a negra mucama em camisa, avançou pé por pé para o leito da senhora, que chorava, e que a encarou tremendo e perguntando-lhe com o olhar desvairado o que havia...

Lucinda não fallou; porém com eloquentes gestos indicou que Souvanel esperava Candida no quarto do pagem....

Candida retorceo-se desesperada no leito...

A mucama fez com as mãos signal de fuga e de morte...

A donzella saltou do leito vestida com simples roupão finissimo, com os cabellos

soltos, com os seios á palpitar entonados sob o véo transparente...

Os brancos labios da senhora tocárão o ouvido negro da escrava e murmurárão:

— Vamos....

Mas a dous passos Candida titubiou e seo corpo abandonou-se inerte nos braços da escrava.

Lucinda carregou a senhora que acabava de desmaiar e a depoz no leito: logo em seguida sahio diligente, mas cuidadosa e subtil....

A mucama escrava tinha reflectido: o ensejo era opportuno: por onde ella ia, alguem podia vir....

Cinco minutos depois, Lucinda tornou a entrar no quarto, trazendo pela mão Souvanel, á quem mostrou a senhora estendida no leito....

Candida tornava então á si e vendo Souvanel, estremeceo toda.... teve instinctivamente a idéa de levantar-se e fugir, fez um movimento, um esforço, e achou-se, como paralytica.... não ousou gritar... porque gritar era matar o amante.... á custo dobrou os braços sobre o peito e poz as mãos, implorando piedade....

Souvanel aproximou-se do leito virginal....

A escrava perversa apagou a luz.

XXXIX,

No dia seguinte Candida não ousou afrontar os olhos da mucama e para escapar ao castigo da sua voz, ás torturas da sua companhia, acolheo-se á sombra de sua mãe, á quem não deixou um instante.

Leonidia pensou que a filha procurava interessa-la pelo seo amor, e preparar nella uma protectora de Souvanel, fazendo-se tão branda e amiga, e mais do que assidua, inseparavel de seo lado: pobre mãe!.... pobre mãe! a desgraçada filha já estava á mercê de Souvanel.

Candida temia então, mais que nunca, ver fugir-lhe o amante; mas não era, como nos ultimos dias, por impetos de amor ainda

puro, era pelo abandono em que poderia esquece-la o seductor feliz.

Criminosa em sua consciencia, a misera lisonjeava com suave e triste agrado os seos juizes naturaes em seos paes, e buscava refugio em sua mãe, para evitar o seo remorso vivo, que era Lucinda.

Candida perseguida pela memoria algoz, Candida á seos proprios olhos indigna, não poude levar até a noute o seo tormento abafado, e sem o soccorro das valvulas das lagrimas: tinha o seio offegante de angustias, e ao cahir da tarde trancou-se no seo quarto.

Vendo-se emfim só a desgraçada moça, desatou phrenetica os cabellos e correo a atirar-se no leito... mas recuou horrorisada e foi cahir em uma cadeira, da qual se levantou agitada para passear com arrebatamento ao longo do quarto.

Tendo entre os dentes o lenço dobrado, Candida chorou desesperadamente amarguissimo pranto, que fazia lembrar doces, as mais afflictas lagrimas que até então derramára.

Candida rememorou toda sua vida; lembrou-se dos risos, da angelica pureza da infancia, do amor de seos paes, dos extre-

mos de sua querida ama, a virtuosa Adeodata, que tão suave e honesta lhe ensinava sempre sómente as noções do dever e santas lições de religião e de virtudes, e por natural contraste vio diante de si, no seo quarto, á seo lado, no posto da ama livre, a mucama escrava, Lucinda!...

E na *mucama escrava*, na influencia da companhia da *escrava*, da negra condemnada á escravidão, deleixada, desnaturada, corrompida na escravidão, nessa peste animada, que invadira o seo aposento, ella encontrou, um por um, todos os principios maleficos que a tinhão levado á perdição.

Fôra a escrava que a arrancara das risonhas e serenas ignorancias da innocencia, ensinando-lhe rudemente theorias sensuaes da missão da mulher.

Fôra a escravra, que destruira com escandalosas explicações, a virgindade de seos ouvidos e de seo coração.

Fôra a escrava, que lhe desmoralisára, aviltára, e estragára o sentimento, levando-a pouco e pouco á pratica de namoros multiplicados e vergonhosos.

Fôra a escrava a subserviente de todos os seos namorados, a declarada inimiga de Frederico, o mais nobre dos mancebos, e

emfim a cumplice da seducção, a traidora que se vendêra á Souvanel.

Candida lembrava Lucinda á lutar pertinaz com ella, para que concedesse conferencias secretas no quarto do pagem ao joven francez.

Candida via finalmente Souvanel, trazido pela mão da escrava até o seo leito, e via ainda a escrava chegar-se á vela... estender o pescoço... retrahi-lo depois... voltar o rosto e com olhos ardentes, com dous brazeiros nos olhos contemplar Souvanel e a victima indefeza... e immediatamente estender de novo para a vela o pescoço negro, e, malvada, apagar a luz!...

A escrava! a mucama escrava!...

Candida lembrava-se com horror de Lucinda, e em seo tormentoso meditar e padecer, em sua videncia tarda, serodia, esbarrava com uma Lucinda em cada escrava.

E embebendo sua alma na imagem de Souvanel, a infeliz moça tremia, corava, chorava, arguia o amante de abuso, de crueldade, de violencia: mas, impudica, revoltante e, — só materialmente explicavel contradicção,—não odiava, amava ainda mais Souvanel, e desfazia-se em pranto que era revolta da consciencia; porque ella perdoava

a Souvanel, e, o que é mais, o que assignala a baixeza, a mizeria da humanidade, Candida abrazada de paixão no meio das angustias do remorso, perdia-se em confusão, jurando não sacrificar-se outra vez, e dezejando todavia Souvanel!...

O remorso dormitava com o desperto do amor, e então, pensando na negativa que seos paes tinhão opposto ao seo casamento com o amado francez, na sua situação de dependencia extrema do noivo regeitado, na necessidade de conservar esperançoso, animado, vehemente o amor de quem já podia zombar della, no concurso indispensavel de Lucinda para manter, e activar sua correspondencia com o homem que a seduzira e que já era seo senhor, Candida obrigada á abjecção pela logica da ignominia, imaginava desculpas para innocentar a escrava, que poucos momentos antes lembrara com odio; mas de cujos serviços precisava ainda.

E, confessemo-lo, se Candida não podia desculpar justificadamente a criminosa mucama, pudéra ao menos lançar culpas iguaes ás da escrava sobre o monstro da escravidão; porque se uma era algoz, o outro a armára com o cutélo.

Fora Lucinda que desvairára Candida e

a arrastára á degradação; mas que era, que é Lucinda? uma escrava, mulher sujeita á condição oppressora e fatal, escrava, e por tanto mulher condemnada á licença impune dos vicios, proscrita da educação moralisadora, criada na depravação dos costumes, entregue á inoculação dos vicios: que podia pois Lucinda ensinar, senão a immoralidade e o vicio?....

Lucinda não é que tem a maior culpa: ella é o que a fizérão ser, escrava, e consequentemente fóco de peste; porque não póde haver moralidade, honra, culto do dever na escravidão, que é a negação de tudo isso. Que importa ao escravo o dever se elle não tem direitos?... a escrava que vive, que tem uma segunda natureza tolerada e adoptada nella, pela sociedade escravagista, no gozo sensual, na depravação dos sentidos, como hade respeitar, aconselhar, e crer o recato, a honestidade, a pureza da donzella?... a escrava é o que a fazem ser: a sociedade escravagista se envenena com o veneno que prepara e impõe. Lucinda pelo menos não é a unica criminosa: é escrava, procedeo como as escravas procedem, conforme as condições de sua condição: a maior criminosa é a so-

ciedade cega e louca que põe a desmoralização junto da inexperiencia, a escrava junto da menina donzella.

Oh! pensem, meditem os paes, uma hora somente, nos perigos que ameação suas pobres filhas, condemnadas, sujeitas á influencia de mucamas escravas!!!

XL.

Candida pudera durante o dia, libertar-se do demonio que a perdêra, e para quem não tinha mais olhos, sem torturas de extremo e ignominioso confrangimento; não ouzou porém á noute fechar a porta de seo quarto á mucama fatal. Como fazel-o?... Por um lado, despertaria suspeitas, apprehenções no espirito de seos paes, que exigirião explicações dos motivos do nocturno afastamento da creoula; por outro, a força moral perdida para com Lucinda, a dependencia em que ficára a senhora tão escrava da escrava, que lhe conhecia todos os segredos, e que fora testemunha do seo opprobrio, a necessidade indeclinavel emfim dos seos serviços, como intermediaria do seo já cri-

minoso amor, obrigárão Candida á submetter-se de noute á companhia da sua mucama.

Essa submissão era um erro; mas imposto pela logica do erro; era um castigo; era o resultado da degradação da moça livre em face da escrava que podia já governal-a pela intimidação, e até pela ameaça

Candida conseguira preparar e aproveitar um ensejo de recolher-se, despir-se, á pressas, deitar-se e apagar á luz na auzencia de Lucinda: fingio-se adormecida quando a mucama entrou no quatro; esta porém, que medrosa das consequencias da sua premeditada traição, precizava reconquistar a confiança da senhora, esperou, velando, hora opportuna, a hora do mais pezado somno da familia, para ir fallar á victima da sua corrupção.

De que modo poderia a escrava malvada ganhar de novo, não a estima, mas a vontade e o animo da senhora?.. só viciando-a envenenando-a moralmente ainda mais. Ella hia pois attenuar ou justificar a culpa, e portanto facilitar subsequente depravação.

Lucinda foi ajoelhar-se á cabeceira do leito de Candida, como ás vezes fazia para conversar com a senhora em voz baixa.

Candida não dormia, mas simulava dormir.

A mucama chamou-a duas vezes, dizendo:

— Minha senhora!

Candida não respondeo.

Lucinda procurou e achou uma das mãos da senhora, puchou-a para si, atreveo-se á beijal-a.

Era força acordar; Candida fez como se acordasse, e perguntou:

— Quem é?

— Minha senhora... sou eu... eu que soffro, porque me supponho aborrecida... detestada....

— Deixa-me... dice Candida, retirando a mão que a negra beijára.

— Minha senhora se atormenta, como creança.... me aborrece em vez de estimar-me mais.... resolveo o seo destino.... vae ser por força feliz.... e se martyriza....

— Deixa-me... ou gritarei por meo pae... tu és perversa....

Lucinda tinha a certeza de que Candida não gritaria.

— Minha senhora é injusta.... se soubesse o que elle dice.... o que elle pensa.... o que elle está prompto á fazer...

Elle era Souvanel: o que elle tinha dito, o que elle pensava, o que estava prompto

a fazer, era o futuro, a vida, a salvação. tudo, absolutamente tudo para Candida.

A pobre moça, envergonhada ainda mesmo na escuridão, não repellio mais a escrava ; deixou-se porém em silencio.

Lucinda cruel, quiz obriga-la a fallar, para obriga-la a entregar-se a ella, como até á ultima noute,

— Minha senhora se presta a ouvir-me?...

Candida não respondeo.

— Não sei que faça.... temo e não fallo... entretanto.... o que elle dice....

O mesmo silencio.

— Minha senhora está implacavel.... não quer ouvir-me.... a victima sou eu.... paciencia.... eu me vou embora....

Candida murmurou tremendo :

— Falla....

— Ainda bem ! minha senhora toma juizo : que fez? o que outras muitas teem feito em situação desesperada.... assegurou a sua felicidade com o favor prévio, que prendeo e escravisou o seu amante, e tornou impossivel a opposição de seos paes a um casamento ditoso, que vae em breve realizar-se....

— Ah !...

— Hontem, saindo d'aqui, elle me dice :

« que anjo! agora sim, eu me reconheço amado, e morrerei por ella! adoro-a mil vezes mais.... se fôr preciso, confessarei minha dita á familia da minha noiva, e ou com approvação de seos paes, ou pela intervenção da justiça, ou azilando em minha caza Candida fugitiva do lar oppressor, Candida será minha esposa legitima, ou eu seria o mais infame dos homens....

— Elle.... dice isso?...

— Chorando, minha senhora.... o moço francez está como doudo.... a sua paixão toca ao delirio.... para elle minha senhora tornou-se objecto sagrado....

— Lucinda! não me illudes?

— Ah minha senhora! experimente, se a illudo.

Candida estremeceo, como se a ponta de um punhal a tivesse tocado.

— Experimentar?... de que modo? perguntou com voz abalada por turva desconfiança.

A mucama respondeo.

— Elle diz que está prompto a obedecer a minha senhora, como seo escravo, e que minha senhora póde impor-lhe todo e qualquer sacrificio, na certeza de ver cumprida a sua vontade, menos só....

— Menos que?...

— Deixar de ama-la, e sujeitar-se á ve-la esposa de outro....

— Eu.... esposa de outro....

— Minha senhora experimente pois, se a illudo: mande pedir, ou ordene qualquer prova bem difficil de amor ao Sr. Souvanel.

— Que posso eu pedir-lhe senão que me salve?...

— Elle pensa nisso; está resolvido a tudo quė minha senhora quizer; diz porém que tem um plano seguro....

— Qual?...

— Não m'o quiz explicar: julga que o bom resultado do seo plano depende do maior segredo e que sómente á minha senhora....

— Que me escreva; disse rapidamente Candida.

— Era isso mesmo e que elle pretendia fazer hoje; mas....

— Mas o que?...

— Meos senhores velhos, e meo senhor moço desconfião, que minha senhora e o Sr. Souvanel se escrevem, e os pagens recebêrão ameaças vagas, que só um entendeo, e esse não ouza por ora continuar a ser portador das cartas....

— E então.... Lucinda?...

— E' preciso esperar, minha senhora.

Candida abafou um gemido.

— Esperar.... até quando?...

— Até que elle possa escrever-lhe ; não ha outro recurso ; porque.... minha senhora não deve mais expor-se....

— Oh! nunca..... murmurou Candida aterrada.

— Tambem elle pensa assim.... não por si ; mas por minha senhora....

— Tambem elle?... dice a infeliz moça, sobresaltando-se.

— Não por si...., repetio a perfida e malvada mucama.

Candida poz-se a chorar.

— De que chora?...

— E hontem?... porque não pensou elle assim.... e tu.... porque....

Os soluços cortárão a falla á victima.

XLI.

Lucinda não se esforçou por tranquillisar o espirito inquietado e apprehensivo de sua senhora, que se espantára da subita e inexperada prudencia do amante. Sem duvida este e a mucama tinhão-se entendido sobre o mais efficaz artificio para aggravar os erros, e levar até ás mais vergonhosas condescendencias o desvario da mizera sacrificada.

Candida contava ter de rezistir, em porfiada opposição, aos dezejos e as exigencias mais vehementes de segundo encontro nocturno com Souvanel, e no meio de mil recados e protestos de paixão, facil de manifestar-se em palavras, recebeo o golpe

do frio calculo de uma prudencia inverosimil em amor apaixonado!...

A infeliz não dormio, para pensar em tudo, menos somente em novo laço armado pela traição: imaginou Souvanel prompto a abandona-la; imaginou-o condemnando-a pela fraqueza, e punindo-a com o desprezo merecido; em momentos de fugitiva e ditosa allucinação, imaginou-se tambem sagrada aos olhos do amante pela enormidade do sacrificio; mas immediatamente cahindo do céo no abysmo, e baixando ás mizerias materiaes, revolvendo-se nos lôdos da terra, a mizera imaginou-se, ainda, mulher sem condições de encantamento, pobre taça que não tinha o dom da embriaguez; não imaginou porém, um só momento, Lucinda a empurra-la para a infamia, e Souvanel á espera-la no sorvedouro da corrupção.

A' suave frescura da madrugada, Candida adormeceo; mas breves horas depois acordou em afflictivo sonho e vio diante de si a mucama, que pondo na boca um dedo, e com os olhos indicando-lhe ouvidos suspeitos na sala de jantar, chegou-se para ella e dice-lhe em voz de segredo:

—Elle veio ás duas horas da noute e deixou este bilhete ao pagem que lhe abre a janella.

Candida tomou com ardor o bilhete, e abrindo-o, leo á tremer: « Perseguem-me; sob a ameaça de prizão estou homisiado na caza de um amigo: é por ti que soffro; mas heide tudo arrostar por ti. Talvez me prendão ou me matem em breve: que importa? eu te amo, e não fugirei aos perigos: tenho uma idéa salvadora e infallivel: fico e ficarei desafiando a perseguição e a morte, emquanto não me desprezares e até que marques a noute em que me deves ouvir e resolver de uma vez sobre o nosso destino. Adeos.... — *Souvanel.* »

Candida sentada no leito, tremula, em desalinho, fóra de si, perguntou á Lucinda:

— O meio de chegar uma carta a Souvanel?

— Nenhnm: é impossivel.

— Um recado ao menos....

— Ninguem se atreverá... minha senhora não faz idea do que vae pela caza....

— Mas para que eu falle à Souvanel?

— Ha signal convencionado entre elle e o pagem: é um ramo de flores deixado em certo ponto do bosque vizinho.

— Quero fallar á Souvanel esta noute no quarto do pagem... tu me acompanharás, e não me deixarás um só instante... á menos

se eu te mandasse sair... e eu não o mandarei... mas é indispensavel... precizo ouvir Souvanel...

— Elle virá; dice a mucama que se mostrava tristemente commovida.

E logo retirou-se com ar serio e temeroso; quando porem voltou as costas á senhora, sorrio-se maliciosa e triumphantemente.

Candida se deixava outra vez cair na rede da perfidia.

A escrava vendia ou revendia a senhora.

XLII.

Saindo de um sonho angustiado, ainda sob as impressões crueis do suspeito enregelamento do amante, mal acordada e logo sujeita aos terrores inspirados pelo bilhete inesperado de Souvanel, Candida sem reflectir e obedecendo ao primeiro impulso do amor alvoroçado, tinha marcado um novo encontro, em que provavelmente seria pela segunda vez escrava do amante algoz. Ella o comprehendeo, tremendo de vergonha e de medo, logo depois do desperto da consciencia; era porém tarde: o convite e o emprazamento já estavão dados e Lucinda desapparecera.

Quando voltou ao quarto para vestir a senhora, a mucama dice:

— O pagem foi pôr o signal no lugar ajustado...

— Que pressa! observou Candida.

— Mas se é precizo aproveitar occasiões, minha senhora!

O dia estava como destinado para o recebimento de cartas importantes.

Candida recebera o assustador bilhete de Souvanel ao despertar de manhã.

A' tarde chegárão, vindas pelo correio, cartas de Frederico para Candida e Leonidia.

Emquanto sua mãe lia a carta do filho adoptivo, que muito longamente lhe escrevera, Candida foi para o seo quarto e com desconfiança e curiosidade leo tambem a que lhe era dirigida e que dizia assim:

« Minha irmã.—Já sei demais para te fazer chorar: o verdadeiro nome do falso Souvanel é Paulo Dermany, que fugio de Marselha, onde era caixeiro de uma casa commercial, porque, phrenetico jogador, não só roubou avultada quantia ao amo, como houve dinheiro, falsificando as firmas de diversos negociantes. O ministro da França no Rio de Janeiro descobrio Dermany e lhe faz seguir a pista desde a sua passagem por esta capital, tendo já requerido ao nosso governo a sua extradicção. Por escrupulo,

talvez exagerado, de generosidade, fiz previnir a esse desgraçado mancebo dos perigos que corre. Mando-te incluso o retrato photographado de Dermany: é um dos exemplares remettidos pela policia franceza para ser mais facilmente reconhecido e prezo o criminoso. Minha pobre irmã, semelhante homem é indigno de ti: esquece-o, repelle-o, salva-te. Tenho a certeza de que o falso Souvanel já, em consequencia dos avisos, que de mim recebeo, terá desapparecido da nossa querida cidade; se porém assim não for, autoriso-te á communicar-lhe esta minha carta. Minha irmã, chora tuas illusões perdidas; mas agradece á Deos a luz salvadora, que ainda te chega á tempo. Adeos: recebe o coração todo *irmão* de—*Frederico.*»

Candida, acabando de ler a carta, ficou immovel, e como pasmada e estupida á olhar, ora para o papel, ora para o retrato de Souvanel ou de Dermany ..

No fim de alguns minutos rio-se com o rir da demencia e murmurou:

— A luz salvadora... que ainda... me chega... á tempo!!!

E rindo insensata, corrião-lhe dos olhos lagrimas em fios...

Logo depois terrivel reacção nervosa, lançou-a no leito em convulsivo tremor, e em seco e violento soluçar...

Uma hora passou assim, hora de angustiado arrependimento, e de torturadora agitação do corpo em contracções dolorosas, da alma em suspensão de capacidade para reflectir.

No meio desse indizivel soffrimento a victima adormeceo: a natureza cansára; duas noutes de vigilia tormentosa, e a declinação da crise nervosa, tinhão imposto á mizera moça o favor do somno.

Quando Candida despertou, tremeo, encontrando em pé e a olha-la Leonidia, que tinha em suas mãos a carta e o retrato mandados por Frederico.

A mãe procurou socegar a filha.

— O que Frederico te escreveo, escreveome tambem: agradece-lhe os santos cuidados, e segue-lhe os sabios conselhos de irmão.

E assim dizendo, Leonidia sahio.

Candida sentio frieza cruel nas palavras de sua mãe, que lhe deixára a carta de Frederico, e fizera em pedaços o retrato de Souvanel: ergueo-se exaltada, e loucamente prendendo-se á taboa ultima, á extrema esperança de naufrago:

— Tudo isto é falso ! exclamou: Souvanel é innocente, calumniado, perseguido ameaçado de morte, porque eu o amo !....

E diante do toucador, concertando seo penteado, e depois os enfeites do corpinho de seo vestido, dizia ainda :

— Esta noute darei á Souvanel a carta de Frederico.... observa-lo-ei, verei a verdade na confissão muda da sua physionomia, e se a calumnia o fére, se a prepotencia nos persegue, serei delle ápezar de todos....

E meditando, radiou de alegria triumphal, dizendo, ou pensando :

— Que recurso facil e seguro ! se Souvanel é criminoso, não ouzará mostrar-se, disputando a minha mão de esposa perante á justiça publica; se o ouzar é porque não tem crime, nem teme a acção da justiça : heide propôr á Souvanel que amanhã mesmo requeira a autoridade competente o deposito da minha pessoa fóra da caza de meos paes, e o favor da lei para o nosso casamento....

E em seo apaixonado delirio ingrata aos paes, e toda abandonando-se ao louco amor votado á um homem mal conhecido e pelo menos já muito suspeito, Candida foi procurar sua mãe.

A caza estava em movimento. Florencio

da Silva que voltára da cidade mais cedo do que costumava, escrevia, dobrava e lacrava papeis com apressada diligencia: Leonidia, arrumava canastras de roupa e punha em serviço relativo todas as escravas: dir-se-ia que se occupava de uma mudança de residencia, ou de proxima viagem de toda a familia.

Lucinda em obediencia á ordem peremptoria dobrava os vestidos de sua senhora, e enchia com elles grandes caixas de viagem.

— Que é isto, minha mãe? perguntou Candida.

— Vamos passar algumas semanas na nossa cidade: lá te divertirás muito mais do que na chacara: vae buscar as tuas joias... partiremos amanhã... ápressa-te... ajuda-me nestas arrumações de improviso, que o máo gosto de teo pae ás vezes de nós exige....

Candida obedeceo triste, mas tranquillamente; porque a mudança, e a viagem erão para o dia seguinte, e lhe deixavão ainda a noute para a sua ultima e decisiva conferencia com Souvanel.

Alem disso na cidade de... não seria do mesmo modo possivel á Candida entender-se

com o seo amado? não estaria perto delle, como na chacara? não corria o amante menos perigo de ser surprehendido, e de cahir nos laços da activa perseguição?...

Candida prestou-se docilmente á ajudar á sua mãe nos preparativos da mudança temporaria de residencia.

As dez horas da noute tudo estava prompto.

Mas ás onze horas ninguem ainda se tinha recolhido para dormir, e Florencio da Silva tomava dispozições e dava ordens para a viagem.

Candida começava á inquietar-se...

A' meia noute em ponto Florencio da Silva dice:

— Vamos!

— Para onde, meo pae? perguntou Candida:

— Para longe do desvario, minha filha; vamos para o cidade do Rio de Janeiro.

XLIII.

A viagem de Florencio da Silva e da sua familia á cidade do Rio de Janeiro tinha sido resolvida no dia em que o falso Souvanel pedira Candida em casamento, mas feita precipitadamente, em consequencia das informações, que sobre o reconhecido Dermany, mandára Frederico a sua mãe adoptiva.

Leonidia agigantara tanto os perigos á que poderia achar-se exposta a filha, apaixonada por homem tão ouzado e destimido, que nem recuava diante do crime, que a partida para a capital foi immediatamente determinada, áfim de afastar Candida para bem longe de Dermany.

A cidade do Rio de Janeiro offerecia para o cazo á Leonidia, dous grandes recursos:

os theatros, bailes e passeios da Côrte, poderião levar Candida á esquecer mais facilmente o seo infeliz amor, e não era presumivel que o seo fatal pretendente ouzasse apparecer, onde mais devia arreceiar-se da acção da autoridade, pois que, conforme escrevera Frederico, embora não houvesse tratado de extradicção entre o Brasil e a França, o governo brasileiro se prestára ao favor que lhe requerera o ministro francez, mediante promessa de reciprocidade.

Entretanto Leonidia commettêra innocente erro, fazendo Lucinda acompanhar sua senhora, e por outro lado não contara com a audacia de Dermany. Lucinda era o máo genio, era a alavanca da seducção ao pé de Candida, e Dermany devia por certo pensar, que casando com a filha de Florencio da Silva, acharia neste um protector, e talvez no soccorro de sua riqueza, meios de annullar a perseguição que movião contra elle as victimas dos crimes que perpetrara em Marselha.

Florencio da Silva, chegando com sua familia á capital, hospedou-se em um dos melhores hoteis ; mas no fim de tres dias achou-se de boa caza, mobilhada com elegancia na rua do Lavradio, para viver mais ao gosto dos costumes brasileiros.

Candida tinha feito a viagem em revolta de lagrimas, que apenas refreava diante de olhos estranhos; chegada porém a cidade do Rio de Janeiro, pouco a pouco deixou de chorar e cahio em abatimento e melancolia. Violentas e terriveis havião sido as suas emoções nos tres ultimos dias passados na chacara de seo pae: dôr desesperada, hora de perdição, remorsos, extrema esperança ainda afflictiva, pela offensa ao proprio decoro e á sua familia, emfim um raio fulminador na carta de Frederico, e a partida inesperada impedindo a segunda, derradeira e peremptoria confidencia com Souvanel ou Dermany, erão certamente de sobra, para despedaçar o coração da desgraçada moça.

A forçada imposição da viagem, fizera Candida duvidar ainda uma vez da lealdade de Frederico, e da veracidade das noticias crueis que este lhe mandára, e reputando innocente o seo Souvanel, chorára-o longa e teimosamente, chorando-se tambem : a pobre sedusida amava sempre e perdidamente o seo algoz.

No hotel, e logo depois na caza que seo pae tomára, retrahio-se a infeliz moça, recebendo Frederico ; mas obrigada a ouvi-lo, sujeita á influencia poderosa do mancebo,

cuja virtude e generosidade brilhavão como os raios do sol, não poude resistir ás provas dos crimes e da identidade de Dermany, a quem não tornaremos a chamar Souvanel, e afundou-se no abatimento e na melancolia profunda, que erão filhos da convicção da infamia do seo amante, e da indignidade em que ella propria se reconhecia.

Amava ainda muito e apezar seo Dermany, e teria vexame de ser esposa de um.... ladrão; não amava homem algum, senão elle; mas se chegasse a amar não ouzaria pensar em ser esposa: que tormento e que castigo!...

Candida encontrava um unico recurso nos immensos horizontes da vida.... um unico; era não casar-se nunca: era viver sem esperança da vida unica da senhora honesta.

No seo meditar solitario e turvo ella ás vezes dizia a si mesma, sorrindo amargurada á sua consciencia; como a victima póde sorrir ao carrasco:

— Sou.... fiz-me proscripta de amor.... sou.... fiz-me galé perpetua do opprobrio.

Florencio da Silva e Leonidia, vivião a imaginar divertimentos e prazeres para entreter, consolar e distrair Candida.

Frederico ajudava-os nesse empenho, es-

tudava o animo da irmã, e suppunha velar melhor que o cão das Hesperides por essa fortaleza que tem mil brechas viziveis e mais de mil brechas inviziveis e que se chama — coração de moça.

Liberato, o impetuoso, ficára na cidade de.... diringindo provisoriamente os negocios da caza de seo pae.

E junto de Candida estava sempre a mucama-escrava, Lucinda, a confidente, o genio do mal, a *victima-algoz*, a escrava desmoralisada, o demonio.

XLIV.

Quem menos lamentára, e antes applaudira a mudança temporaria da residencia de Florencio da Silva para a cidade do Rio de Janeiro, fôra Lucinda.

A creoula sonhava com a capital, tinha por ella certa especie de culto perverso, adivinhava os seos mysteriosos escandalos, e adorava-os em sua imaginação de escrava viciosa.

Lucinda mais de uma vez procurára consolar a senhora; mas a sua consolação repugnava por infame.

Vendo Candida submergida em pezada tristeza, dicera-lhe:

— Minha senhora, não se mate assim; o infortunio foi grande; mas se é irremediavel, o que convém é remedia-lo.

Em outras circumstancias Candida ter-se-ia rido da observação contradictoria da mucama; na sua situação porém, perguntou amargurada:

— E como se remedeia o irremediavel?...

— Olhe, minha senhora: o moço francez, o Sr. Souvanel é o mais bonito e o mais merecedor dos homens, e foi feito para seo marido; mas se é irremediavel o perde-lo, como parece....

— Então?...

— O remedio é ter paciencia, e minha senhora consolar-se, procurando ou aceitando algum outro moço bonito para marido.

— Eu?!!!

— Sim, minha senhora.

— Eu?!!!

— Que tolice, minha senhora! eu não digo que esqueça o moço francez; mas no cazo de ser impossivel o casamento com elle, minha senhora não se hade condemnar á vida de freira.

— Oh se heide!... eu o amo sempre!...

— E se elle morrer?... se seguir prezo para França, como se diz que seguirá?...

— Nem assim mudará o meo destino. Eu só posso ser esposa de Dermany.

— Porque, minha senhora?

— Lucinda! murmurou a moça, abaixando o rosto envergonhada.

— Que tolice de minha senhora! repetio a mizeravel escrava; que tolice!... com a riqueza de seo pae....

Candida levantou a cabeça, e dice:

— Infamia!...

Lucinda mudou de tom, e com voz sumida, soprou algumas palavras de segredo importante no ouvido de sua senhora; esse segredo porém, devia ser esqualido; porque a moça, revoltando-se, tornou com voz surda e immensa perturbação:

— Duas infamias....

A mucama estava habituada a vencer pela insistencia e pela teima a opposição da senhora, e consequentemente em suas conversações nocturnas, ou das horas dedicadas ao toucador, foi sempre perseverando nas mesmas idéas, e até já tinha sido portadora de amorosos recados de um bello mancebo que se enamorára de Candida, quando de subito mudou de rumo e de systema, e voltou a proteger a causa considerada perdida de Dermany.

Candida sobresaltou-se, notando a extraordinaria transformação do modo de pensar da escrava.

— Dermany está na cidade?... perguntou, estremecendo.

— Sim, minha senhora, está.

— Ah! expõe-se por mim?

— Como um louco.

— Ama-me pois ainda?

— Apaixonadamente.

— Onde o vês? onde te falla?...

— Só á noute.... no saguão da caza.... coitado! vem vestido de libré de lacaio....

— Oh!... por mim....

— Só por minha senhora.

— Elle se expõe.... meo Deos!

— E' precizo salva-lo.

— E como?

— Minha senhora.... pertence ao Sr. Souvanel.

Candida tornou-se branca e fria como a neve: o sangue pareceo refluir-lhe para o coração; seos olhos cerrárão-se.

Lucinda, temendo que a senhora desmaiasse, dava-se pressa em acudi-la; esta porém repellio-a brandamente e dice repassada de dôr.

— Não ha mais Souvanel.... ha outro.... ha Dermany, que se esconde, e que se disfarça com a libré de lacaio; porque é criminoso....

XLV.

Com effeito Dermany tinha chegado á cidade do Rio de Janeiro: arrojara-se á tanto, pensando que a policia brasileira não faria grande esforço para descobri-lo e prende-lo, não tendo que punir nelle crime commettido no paiz, e porque tambem é nas grandes capitaes, onde melhor se póde occultar quem foge á justiça publica.

Dermany corrêra em seguimento de Candida, e foi-lhe facil achar a caza de Florencio da Silva, pois sabia qual era o hotel, onde Frederico estava alojado: perdeo duas noutes de improficua espera; por que em ambas Frederico em vez de sahir do hotel, voltou á elle: na terceira noute emfim o irmão adoptivo de Candida ensi-

nou, sem que o pensasse, a caza que ella habitava com seos paes ao infame seductor.

O *pagem fiel* de Florencio da Silva, fôra naturalmente trazido para a cidade, acompanhando seo senhor, como Lucinda acompanhára sua senhora; os dous escravos cumplices da seducção e do opprobio de Candida, estavão pois alli, para abrir outra vez as portas á traição e ao crime.

Dermany, jogador furioso, tinha a audacia dos jogadores da sua tempera, e parava vertiginosamente nos lances arriscados da vida, como nas grandes e decisivas cartadas do *lasquenet*. Certamente elle teria podido fugir da cidade de.... e asylar-se no interior de alguma das provincias centraes do Brasil, onde tarde ou nunca o encontrarião os olhos do ministro francez; não admittio porém esse recurso de um viver impune, seguro; mas retirado, modesto e com as privações dos gozos dos grandes fócos de população.

O plano de Dermany era de ouzadia descommunal, era parada de jogador, que em desespero, atira a meza toda a sua fortuna: plano para elle de apparente simplicidade brutal, mas realmente cheio de complicações e de embaraços na execução, re-

duzia-se ao seguinte: — raptar Candida e leva-la para remoto e solitario ou ignorado refugio: d'ahi escrever á Florencio da Silva e obriga-lo á lavar a nodoa da filha pelo casamento: servir-se da protecção do sogro para escapar ás perseguições ou antes á acção da justiça; insinuar-se durante um ou dous annos no animo da familia de sua esposa, recolher o dote em dinheiro e o que pudesse da riqueza de Florencio da Silva, e, abandonando Candida, fugir para os Estados-Unidos da America do Norte.

Para conseguir tanto, Dermany arrostou os perigos a que se expunha na cidade do Rio de Janeiro, e escondido de dia, e tomando á noute uma libré de lacaio, fallou e entendeo-se com o pagem, o *escravo fiel* de Florencio da Silva, renovou ainda no quarto do pagem os seos encontros secretos com Lucinda, mostrou-se cada vez della mais apaixonado, deslumbrou-a com a perspectiva do futuro brilhantemente escandaloso, que lhe preparava, e teve a certeza de contar com ella para entregar-lhe Candida.

O seductor soube pela mucama, qual era o abysmo que o separava da seduzida: Lucinda pedio-lhe cem vezes que inventasse

explicações, escuzas romanescas e ardilosas, para negar ou ao menos attenuar os crimes de que o accusavão; mas Dermany, certo de que Candida tivera conhecimento das provas irrecusaveis das suas infamias, tomára o partido de confessa-las, escrevendo á sua victima, e limitando-se á protestar o seo profundo arrependimento, á attribuir tudo á loucuras da mocidade, e a ameaçar enfurecido a pobre moça de entregar-se aos seos perseguidores e de ir morrer nas ignominias do galé, se ella não quizesse salva-lo com o seo amor.

Dermany escrevera dez cartas a Candida, subindo cada vez mais no diapazão do amor em delirio, e da ameaça em romantico furor, e conseguio receber esta breve resposta á sua decima carta:—«Dermany: enganaste-me: estou perdida para todos; não heide porém descer mais por ti: já não me pódes salvar; salva-te ao menos tu, fugindo. Eu te perdôo: adeos.—*Candida.*»

Lendo o conciso bilhete de Candida, o seductor irritado deixou escapar diante de Lucinda as seguintes e terriveis palavras:

— Esta resposta é um thezouro! a confissão, o conselho, o perdão e a assignatura valem mais do que pensa quem a escreveo!...

E a escrava poz-se á rir, dizendo:
— Ainda bem!... não perca o bilhete.

XLVI.

A demonstração plena de que Candida nascera com felizes disposições naturaes e de que pudera ter sido exemplo de recato, de honestidade e de virtudes, se não tivesse sido sujeita ao influxo perversor da companhia frequentissima, pestilencial e depravada da mucama-escrava, está em que á despeito dessa inoculação immoral das lições de Lucinda, á despeito da consciencia do vilatamento que a tornára dependente de Dermany, á pezar do amor ardente que tributava ao seo infame seductor, envergonhava-se emfim desse amante, procurava distancia-lo, repugnava-o ou temia-o, desde que o soubera perpetrador de crimes ignominiosos.

Candida tinha amado, mais do que isso, adorado Souvanel; mas recuava aterrada diante da imagem de Dermany — o ladrão.

E concebei, se puderdes, esta contradicção por assim dizer delicadissima de sentimentos oppostos, mas persistentes e simultaneamente influentes: Candida amava sempre apaixonada a Souvanel que a offendêra, e rejeitava Dermany réo de crimes infamantes. e previamente marcado com o signal repulsivo do galé: a consciencia condemnando, o coração amando, e entre a consciencia e o coração um abysmo, em cujo fundo se levantavão a reprovação da consciencia e a tormentosa e afflictiva incandescencia do amor.

Se conceberdes essa contradicção ou luta de sentimentos, esse *não* e *sim*, essa desestima e esse amor, esse medo que faz arredar, e esse laço que aduna, essa convicção da indignidade do amado, e esse captiveiro da amante, essa repulsão e essa attracção, tereis comprehendido as tempestades, os despedaçamentos do coração, os transes da alma de Candida.

O maior infortunio, o mais chorado sacrificio, déra á infeliz moça a experiencia do mal soffrido e com esta o cauteloso temor

de outros males iguaes á soffrer. O remorso de um opprobrio a fazia horrorisar-se de outros.

Candida amava em Dermany, Souvanel; mas em Dermany inspiravão-lhe repugnancia e horror o ladrão e o galé.

Idéa talvez pueril, Candida, amando Souvanel e esbarrando com Souvanel em Dermany criminoso, lembrava que a esposa toma o nome do marido, e tremeo de horror pensando, que poderião chamar á mulher do galé—galé, á mulher do ladrão — ladra.

A sociedade não impõe, não inflige a condemnação injustamente extensiva de semelhantes nomes, que indicão crime e punição; mas a esposa de tal criminoso e sentenciado punido, é em todo o cazo mulher de galé, mulher de ladrão.

O crime não se estende pela punição mas a infamia do crime estende-se pelo nome á mulher, á esposa infeliz do criminoso.

D'ahi o medo e o horror que fazião Candida recuar diante de Dermany, o novo nome com inexperada e horrivel condição de Souvanel o seductor amado.

Candida amava sempre o antigo Souvanel; mas á força se tornava cautelosa, prudente e sábia.

A cautella, a prudencia, a sabedoria che-

gavão tarde para o grande erro do passado; ao menos porém, prevenirião erros igualmente fataes no futuro.

Lucinda pleiteava incessante á favor da cauza de Dermany, era a portadora das suas cartas, a interprete de seos sentimentos, a eloquente descriptora dos seos soffrimentos e desesperos.

Candida ouvia paciente, curiosa e commovida á mucama, inteirava-se de suas conversações com Dermany; mas suspeitosa e tomada de susto, desconfiada de Lucinda, pretextara as estreitas proporções de seo quarto, sem duvida incomparavelmente inferior á salla em que ella dormia na caza magnifica da chacara de seo pae, para excluir a companhia nocturna de sua escrava, e dormir só e trancada, livre por tanto de qualquer atrevida vizita, ou invasão sinistra do seductor

Lucinda exasperava-se; mas continha-se: ao pé do toucador, ou penteando sua senhora vingava-se garrula, impudente, venenosa, da sua proscrição nocturna, insistindo sempre com a senhora para que confiasse o seo destino á Dermany, e sem dó das lagrimas que a fazia derramar, lembrava-lhe o seo maior infortunio, e o direito e o dever que assis-

tião ao amante de tomal-a por esposa: outras vezes aconselhava e pedia á Candida que, ainda mesmo para desenganar Dermany, concedesse á este uma hora, alguns minutos sómente de conversação particular.

A mizera victima resistia tenazmente com assombro da mucama, que esgotando em vão os esforços mais porfiados, mostrou-se em uma manhã mais séria e apprehensiva que de costume, e dice-lhe:

— Minha senhora vae levar o Sr. Dermany a um excesso que certamente lhe custará dias de grande tormento....

— A elle ou a mim? perguntou Candida tristemente.

— A elle tambem; mas principalmente á minha senhora.

— E o excesso? qual é?...

— Hontem o Sr. Dermany mandou-me chamar, e encarregou-me de dizer á minha senhora, que não podendo dominar sua paixão e resolvido a tudo tentar para ser seo esposo, ou minha senhora lhe irá fallar esta noute, ou amanhã elle escreverá a seo pae, exigindo-a em casamento, e remettendo-lhe como prova de seos direitos sobre minha senhora, o bilhete que ha tres dias minha senhora lhe escreveo.

A escrava tinha os olhos embebidos no rosto de Candida, que ao receber esse golpe inopinado, abysmou as faces em ondas de sangue.

A victima abrazou-se no fogo da vergonha e da colera, e instantes depois, quando poude fallar levantou a cabeça, olhou terrivel para Lucinda e respondeo:

— Dize a esse homem....

E interrompendo-se logo, proseguio depois de um instante:

— Oh! não: a esse homem.... d ra avante nem mais uma palavra....

— Minha senhora....

Candida impoz silencio a Lucinda.

— E tu, dice-lhe, acautela-te: se tornes a fallar-me desse homem, heide accusar-á minha mãe para que me liberte da tua companhia fatal.

A mucama poz-se a chorar.

— Deixa-me! tornou-lhe a moça rispla-mente.

E Lucinda sahio, enxugando as lagrimas.

— Que infamia!!! murmurou Candid

XLVII.

Frederico prevenira seo pae, de que serios deveres o retinhão na capital, junto da familia de Florencio da Silva, e continuava á dedicar-se á Leonidia, velando por Candida. Tinha conseguido a victoria mais difficil, convencer sua irmã adoptiva dos crimes e da indignidade do homem que a apaixonara; mas não lhe escapando a luta da razão e do amor que ainda se travava no animo da infeliz, proseguia em -ua nobre tarefa, atacando repetidamente -se amor desatinado com a força de vigo-os raciocinios, e com severos conselhos r)s sem amargor e sem recriminações. r generoso mancebo sabia fazer-se ouvir: ando de Dermany, patenteava com a luz

da evidencia seos actos criminosos, e o tremendo e vergonhoso castigo que elle teria de receber; nunca porém o injuriava com insultosa qualificação, ao contrario parecia lamenta-lo, chamando-o *desgraçado*; combatendo o amor de Candida, desculpava-o, reconhecia a impossibilidade de suffoca-lo de subito, e appellando para o tempo, fulminava o desatinado sentimento, avûltando suas lamentaveis e desastrosas consequencias e finalmente sem dar a sua voz o tom, e ás suas fallas a fórma de consolação, lembrava á Candida sua mocidade e sua belleza, e a segurança do mais bello noivo, á sua escolha, em prazo marcado pelo esquecimento, ou pelo arrefecimento do primeiro amor.

Para a triste moça Frederico tinha só um nome—minha irmã:—da sua affeição nunca fallava, da ternura de Florencio da Silva e de Leonidia sempre, e no fim de seos conselhos, todos absolutamente contrarios ao amor de Dermany, mais de uma vez declarou.se prompto a facilitar todos os mei[illegible] para remover e por a salvo da justiç[illegible] *desgraçado*, se elle se prestasse a reti[illegible] do Brasil.

Candida abatida, obrumbrada e subm[illegible]

em affliçõe̊s que escondia, ainda experimentava maior dôr ante as amplas manifestações do coração grandioso, da sensibilidade delicada, e da modesta superioridade de Frederico; ella o escutava, o attendia, o consultava com essa plena seguridade que o reconhecimento da virtude, e a mais elevada estima sabem impor. Mil vezes a mizera moça já se tinha revoltado contra o amor que a infelicitava, e que a fizera espantar a serena felicidade, que Frederico lhe offerecêra, querendo-a por esposa, e embora á si mesma dicesse que nunca fôra sufficientemente digna de homem tão nobre, amargurava-se lembrando, que se tornara absolutamente indigna delle.

Candida não amava, admirava Frederico; e ainda á pezar seo amava Dermany: mas se o que sentia por aquelle era estima sem amor, o que sentia por este era amor sem estima.

Frederico estava animado e animava Florencio da Silva e Leonidia, asseverando que sua irmã se submettia ao imperio da razão.

Mas exactamente no dia em que Candida recebêra o recado ameaçador de Dermany, Frederico, tendo lido uma carta que Liberato lhe escrevêra da cidade de.... deri-

gio-se immediatamente á caza de Florencio da Silva.

Quando Frederico entrou na sala; Leonidia estava só: Florencio tinha sahido; Candida repouzava.

Pallida, agitada, nervoza, Leonidia antes de fallar, apresentou á Frederico uma carta de seo filho.

— Ah! Liberato lhe escreveo, minha mãe?...

— Dermany veio para a Côrte; dice com voz lugubre a triste senhora.

— Era disso que eu vinha preveni-la..... mas.... porque tão forte commoção?.... minha mãe está soffrendo muito....

Leonidia murmurou, levando a mão ao peito:

— Talvez.... mas hade passar.... tudo passa....

E interrompendo Frederico que hia fallar, perguntou rapida:

— Receias que Candida ainda.... se deixe allucinar por esse homem?

— Não; não; socegue: minha irmã começa á pensar bem.

— Mas Dermany... esse francez audaz...

— Dermany?... respondeo Frederico, affectando serenidade; sobrão-nos os meios de

distancia-lo : tranquillize-se : entre elle e minha irmã estou eu.

— Meo filho, vejo bem a ruga do despeito e da colera encrespada na tua fronte ! exclamou Leonidia : que pensamento é o teo ?

Frederico sorrio-se e tornou, dizendo :

— Que pensamento ?.... é tão simples e natural ! defenderei minha irmã.

Leonidia empallideceo ainda mais, e levantando-se, dice :

— Frederico! não quero que exponhas a tua vida !....

— Lembro-me eu de tal, minha mãe ?.... não se afflija sem motivo.

— Oh!.... alem da desgraça da filha o medo de te perder, Frederico ! porque eu sinto, eu vejo, eu sei que és capaz. ..

— Socegue, minha mãe....

— Se eu te conheço !.... não te precepitarás doudamente, bem sei; mas passo á passo, e decidido tu irás até.... o fim e o fim ?.... que é, que será o fim ?....

Leonidia lia claro no animo do filho adoptivo e em agitação cruel gesticulava sem fallar e apenas de espaço em espaço, soltando a voz, dizia com interrupções :

— Que homem fatal !—mizera filha !....— que perigos !— meo Deos ! —

Frederico procurava debalde socegar sua mãe adoptiva.

A afflicção da nobre senhora, era ·produsida pelo concerto de mil tormentos que a angustiavão : Leonidia tremia pelo receio da perdição e da deshonra de Candida, imaginava, talvez exagerada, os riscos á que via exposto o seo querido Frederico, o amado irmão de seos filhos, desesperava da realisação de seo mais doce e bello sonho da vida, do casamenfo de Candida com Frederico, e emfim, pensando em seo marido, em sua familia confrangia-se, sentindo que os pesares, e a desgraça a ferião de morte com uma molestia fatal, cujos sinistros annuncios ella estava escondendo, e que breve teria de deixar seo esposo em viuvez, seos filhos — sua misera filha sem mãe....

E Leonidia — tão feliz, tão completamente feliz até bem pouco — amava ainda a vida ; mas queria a vida, acreditava que podia curar-se, restabelecer-se, viver muito, se fosse *possivel,* o que a vinda de Dermany para a capilal hia talvez tornar *impossivel*....

A dôr, o medo, o amor da filha, do marido, de Liberato, de Frederico, os seos soffrimentos, as apprehenções da morte, a ternura de mãe, a louca paixão de Candida, o

seo dulcissimo sonho, a imagem sinistra de Dermany, as desillusões, a vergonha, torturavão a sensivel e infeliz Leonidia.

Frederico a olhava dolorosamente commovido.

— Oh minha mãe! que amargura é essa? tinha elle por vezes perguntado.

Leonidia acabára por desatar em pranto.

— Não chore! não chore assim, que me mata, minha mãe! eu estou aqui: eu juro que salvarei minha irmã....

Um raio de inspiração extrema, de esperança douda, illuminou o rosto de Leonidia, que estancando as lagrimas, encarou Frederico e perguntou com voz abatida, tremula, e celere:

— Um amor leviano.... amor, opportunamente vencido, deshonra uma menina?

— Não, minha mãe.

— Candida arrependida ainda póde merecer um homem honesto?

— Póde.... póde.... hade ser feliz: respondeo Frederico enternecido e só pensando em tranquillisar sua mãe adoptiva.

— E tu, Frederico?... tu queres salvar Candida?... queres dar-me a vida?... queres pagar-me.... é pagar-me que eu digo, o leite, o berço, a creação, e o amor?... queres; meo filho?!!!

— Minha mãe!... exclamou Frederico, que emfim comprehendia a situação violenta em que se achava.

Leonidia poz as mãos sobre os hombros do mancebo, olhou-o com os olhos em fogo de amor maternal, e por entre lagrimas, rio-se sem consciencia do riso, deixou-se de repente cahir de joelhos, e dice a soluçar:

— Frederico!... meo filho!... casa com minha filha!...

Levantando Leonidia em seos braços, Frederico a depôs no sophá, e cahindo por sua vez de joelhos, tomou-lhe ambas as mãos, e as beijou chorando, e exclamando:

— Minha mãe! minha mãe!

Nos escrupulos de seo brio, Frederico tinha condemnado Candida, como indigna do seo amor purissimo; mas fóra de si, vendo o santo desespero de Leonidia, sua mãe idolatrada, entre o seo brio e aquella dôr suprema, poz todas as suas esperanças na paixão de Candida por Dermany, e em ultimo cazo incapaz de resistir, capaz sómente de abnegação e de sacrificio, á temer e á tremer hesitava, pensava urgido e em commoção vehementissima, quando Leonidia com o coração a convulsar-lhe os labios, perguntou-lhe de novo e arrebatada:

— Meo filho! e Candida?...

— Será minha esposa, se ella livremente declarar que o quer ser; respondeo o mancebo, abaixando a cabeça.

Leonidia correo para fora da sala, e quase logo voltou, trazendo Candida pelo braço.

— Candida, dice a pobre mãe em sublime alvoroço, mostrando Frederico á filha; Candida! Candida! este anjo da familia te aceita por esposa, se quizeres salvar-te nas suas azas!!! oh, minha filha! responde.

O ultrage recebido no recado de Dermany, a commoção e o pranto de Leonidia, a pallidez e anciedade de Frederico, que dezejava escutar — não — e que podia tambem indicar o empenho de ouvir—sim—, a surpreza, a dôr, as emoções diversas, a vertigem emfim, perturbárão todas as ideas de Candida, que esquecendo o passado, os erros, a nodoa, o amor, os remorsos, balbuciou attonita, como espantada, como idiota:

— Eu quero.

Leonidia atirou-se nos braços de Frederico.

Candida ficou em pé á olhar absorta; mas passados alguns momentos cambaleou, e sem gemer nem gritar cahio desmaiada na cadeira que encontrou mais proxima.

XLVIII.

Os amores mais profundos e santos ainda assim tem suas exigencias de egoismo: em Leonidia o amor maternal fora egoista, abuzando do poder que exercia sobre Frederico, para obriga-lo á aceitar a mão de Candida; ao menos porem, Frederico reconhecia que Leonidia não tinha a idea de sacrifica-lo e só pensava em realizar o mais suave empenho da sua vida, empenho que se exaltára pelas circumstancias delicadas e apprehensivas da situação, em que Dermany puzêra sua familia.

Frederico retirára-se absorvido em tristes reflexões: amára ternamente Candida; talvez a amava ainda; mas repugnava-lhe ao pundonor toma-la por esposa; a imagem

de Dermany o perseguia insolente, levantando-se sempre ao lado da imagem de Candida; todavia elle se prendêra pela sua palavra, e pelo inexperado e inverosimil —*eu quero*—pronunciado pela irmã adoptiva.

Alem disso, o nobre mancebo desde alguns dias se preoccupava da ameaça de novo e para elle mais cruel infortunio; observava cuidadoso que Leonidia envelhecia, e decahia rapidamente; notava o embranquecimento subitaneo de seos cabellos, a magreza e a pallidez do rosto, a respiração oppressa coincidindo com a contracção ligeira da face, e com o instinctivo movimento da mão, que acudia ás vezes ao lado esquerdo do peito, e principiava á temer que profundo e abafado desgosto estivesse destruindo a saude e preparando a morte proxima da extremosa e amargurada mãe, que aliás não se queixava de padecimento algum.

A idéa da morte de Leonidia apavorava Frederico.

O que pensou e reflectio o generoso mancebo, foi digno delle: resolveo consagrar-se á felicidade da familia, que por morte de sua mãe o adoptára filho: mas em todo cazo determinou exigir explicações da de-

cisão inexplicavel e do desmaio de Candida.

Voltando na tarde do mesmo dia á caza de Florencio da Silva; encontrou este e Leonidia radiantes de alegria.

A mãe extremosa dice-lhe:

— Nem sabes o que fizeste, meo filho; eu hia morrer, e tu me restitues a vida.

E apontou para o peito. Era a primeira vez que Leonidia confessava a convicção do mal que principiava á soffrer.

Frederico empallideceo.

— Nada receis; tornou-lhe a mãe adoptiva: tu vás curar-me.

Leonidia não calculava o poder, a influencia das palavras que proferio agradecida.

Logo depois appareceo Candida. Florencio da Silva tomou o chapeo e sahio: Leonidia conversou alegremente algum tempo, e deixou a sós os suppostos noivos.

Candida não se confundio: seos paes a entregavão sempre á intimidade fraternal daquelle conselheiro dedicado e amigo.

— Minha irmã, dice Frederico; eu tenho consciencia de que não pensas que eu tivesse preparado a surpreza que te fez desmaiar esta manhã.

— Sei bem que te sacrificavas, Frederico.

— Não fallei em sacrificio: tenho a dignidade da minha independencia: não te pedi, confesso; mas te aceito em casamento: eis a verdade...

— Tu me aceitas? Frederico! tu me levantas?...

— Candida, eu te julgo digna de mim. sentes que te mereço?...

— Não... eu não sou digna de ti...

— Oh! e a tua decisão?...

— Eu estava allucinada... respondi sem reflectir... ah! se soubesses!

— Deves dizer-me tudo, minha irmã.

— Tudo?... oh! sim: á ti o direi... mais tarde...

— Amas pois ainda, como dantes a...

— Escuta: eu te juro, que nunca serei esposa de Dermany, nunca; ouviste? mas casar-me comtigo, Frederico?... tu nem sabes como eu te admiro hoje!... nem sabes como eu me sinto vil diante de Frederico tão nobre!...

— Minha irmã, tu te calumnias; foste leviana, mas eu te perdoei.... já não sou eu que aceito, sou eu que supplico a tua mão de esposa.

Candida tomou a mão que Frederico lhe estendia e beijou-a.

— Minha irmã!

— Chama-me assim; é o unico titulo que poderás dar-me.

— E nossa mãe?...

— Deixemo-la crer e viver algumas semanas.... algum tempo no seo doce engano.... oh!... Frederico!... Frederico!...

— Candida.... fazes-me estremecer....

A pobre moça exclamou immediatamente, interrompendo Frederico:

— E' loucura.... mas estou louca.... amo Dermany.... não serei delle; mas hei-de morrer solteira....

— Antes isso; dice gravemente o mancebo.

— Minha mãe está fallando perto.... ella vae chegar....

— Enganemos pois nossa mãe, Candida; é preciso engana-la.... é indispensavel engana-la....

— Como? porque?.., tu fallas, tremendo....

— Candida, nossa mãe concentra no coração desgosto assassino.... o corpo resentio-se dos martyrios da alma.... e a phtisica....

— Oh!... meo Deos!...

— Silencio, Candida; não a mates; dice Frederico.

— Como se não fosse eu que a estivesse matando!... murmurou a infeliz moça.

Leonidia entrou na sala. Florencio da Silva chegou de volta de seo passeio: a conversação tornou-se animada e amena. Frederico retirou-se ás onze horas da noute.

Mas duas horas antes, ás nove, e em quanto os senhores descuidosos se entretinhão em amiga conversação, Lucinda, a escrava, descêra ao quarto do pagem, que demorava no fundo do saguão, e ali recebêra a vizita de um homem vestido de lacaio.

O lacaio era Dermany.

Lucinda deo-lhe conta de quanto naquelle dia se passara no seio da familia de sua senhora.

Dermany, ouvindo a nova do casamento de Candida e Frederico, dice com impassibilidade e frieza:

— Tinhas razão, Lucinda; já era tempo de jogar a ultima cartada; joguemo-la

E tirando do bolso um pequeno embrulho que encerrava dez outros, muito mais pequenos, e todos iguaes, mostrou-os á escrava, accrescentando logo:

— Como te dice, um em cada manhã....

— No café; acudio Lucinda, rindo-se.

— Não tenhas medo; não ha perigo: são dozes fracas de tartaro emetico.

— Oh! minha senhora já as terá tomado maiores: amanhã começarei....

— Tu és um thezouro, Lucinda! dice o francez.

XLIX.

Liberato não se limitára na cidade de... á substituir seo pae na direcção da caza commercial e na gerencia de outros negocios: a pretenção do falso Souvanel á ser esposa de sua irmã, e o conhecimento da inclinação, do amor de Candida, o tinhão fortemente contrariado, porque elle dezejava com ardor o segundo laço de fraternidade, que devia ligal-o ainda mais á Frederico; essa contrariedade porém, assumira proporções de resentimento ameaçador, desde que soubera que Souvanel era um nome mascara que escondia a face do crime, e Dermany um miseravel que tentára levar o opprobrio, o desgosto, a desordem e o luto ao seio de sua familia, conspurcando-a com o

contacto de sua pessoa, já marcada ignobilmente: ficando pois, na cidade de... Liberato determinou provocar Dermany, e vingar-se delle, aproveitando para isso a auzencia de seu pae, que sem duvida o teria contido.

O irmão de Candida abandonava-se aos impetos de sua natureza exaltada; felizmente porém, Dermany á medo de diligencias da autoridade, já se achava occulto, graças ao generoso aviso de Frederico.

Liberato descubrio o asylo proctetor do francez criminoso; mas estacando diante do infortunio, seo furor desarmou-se, e fazendo espiar Dermany, para não perdel-o de vista, adiou sua vingança.

Alguns dias passárão e de subito Dermany desappareceo, sem que se soubesse para onde se retirára.

Liberato espalhou dinheiro á mãos cheias, empregou todos os recursos de uma policia habil e acabou por saber que Dermany seguira para a cidade do Rio de Janeiro, onde estava.

Nestas pesquizas, a vingança tinha gasto dez dias.

Liberato sobresaltou-se: Dermany na capital, era a conspiração contra Candida e contra sua familia: o alvoroçado mancebo

immediatamente despachou um portador levando cartas á seos paes, e á Frederico, nas quaes os prevenia da partida do francez para a cidade do Rio de Janeiro; mas, deixando-os ignorar suas proprias disposições, entregou a caza e os negocios de Florencio da Silva ao guarda-livros, honradissimo velho, que merecia bem tal confiança, e seguio apressadamente para onde julgava perigar a felicidade e a honra da irmã e da familia.

Arrojado, violento e iracundo, Liberato, anhelando encontrar Dermany para insultal-o e coagil-o á bater-se com elle, segundo os costumes que aprendêra na Europa, queria escapar á acção dominadora de seo pae, e á influencia prudente e fria de Frederico, que se opporião ás suas idéas de desforço e vingança.

Chegando á capital, o macebo impetuoso, foi alojar-se em um hotel de segunda ordem, onde condemnou-se ao mais desagradavel encerro durante o dia, indo á noute passear de sentinella pela frente da caza ocupada por seo pae.

Liberato estava certo de que ali havia de encontrar o homem que procurava; amanheceo porém, tres vezes, passeando diante da

caza, sem que lhe apparecesse Dermany, e tendo apenas visto nessa tres noutes Frederico, que se retirava do tecto amigo, e, alem de Frederico, duas vezes nessas noutes, um lacaio que fora conversar com o pagem de seo pae.

Mas o irmão de Candida teimou, como Dermany tinha teimado, esperando Frederico, para, seguindo-o, aprender a caza de Florencio da Silva: entretanto o cazo não era o mesmo, e Liberato esquecia as suspeitas, os reparos e desconfianças que devia despertar o seo passeio constante de todas as noutes sempre pela mesma rua e em idas e vindas frequentes até o romper da aurora.

O exaltado mancebo, procedia insensatamente, e ainda pela quarta vez voltou á rondar pela frente da caza de seo pae.

Todavia, não era só Liberato que se abalava com a estada de Dermany na capital: Frederico certificado desse facto por algumas palavras que conseguira arrancar á Candida, achava-se inquieto; mas preferia com razão, tornar sua irmã adoptiva ou já supposta noiva, deffendida por sua propria virtude, que elle trazia alerta com a luz de sabios avisos e com a evidencia da desgra-

ça e da iguominia que Dermany lhe preparava, á empregar espiões e cautelas que são quasi sempre estereis, quando a mulher quer ser má.

Ainda assim, porém, Frederico desde duas noutes observava cuidadoso da janella da caza de Florencio da Silva, o desazado passeador que tão mal disfarçava algum intento premeditado : pela imprudencia do proceder e pela figura, logo se convenceo de que não era Dermany ; mas desconfiado, ápezar disso, despedindo-se da familia amiga e quase sua, sahio ás horas do costume, e não mostrando reparar no homem suspeito, que nesse momento seguia pelo lado opposto da rua, caminhou tranquillo e sem olhar para traz, e dobrando a primeira esquina, parou e ficou á espera.

No fim de um quarto de hora, Frederico ouvio os passos de alguem, que se approximava, e avançando opportunamente para dobrar outra vez a esquina, esbarrou cára a cára com a insensata sentinella, e reconheceu Liberato, pela exclamação que escapou á este.

— Liberato ! exclamou Frederico, abraçando o amigo.

E logo olhando-o com attenção perguntou:

— Porque semelhante chapéo, e essè trajo que não são os do teo costume ?

Liberato, confundido, respondeo :

— Porque eu não queria que tu e meo pae me conhecesseis.

— E que pretendias ?

— Já o advinhaste : encontrar Dermany e esbofetea-lo.

—Assim, Dermany de um lado e tu de outro, conspiraveis para desacreditar Candida !....

— Frederico !

— Desde quando estás na Côrte ?

— Ha quatro dias.

— E por tanto já quatro noutes....

— E' verdade... tenho velado á espera do mizeravel....

— Por fim de contas só uma queixa temos delle : é ter querido desposar Candida, sendo criminoso e estando condemnado.

— Achas pouco ?

— Não ; mas na sua desesperada situação é explicavel, embora não desculpavel, que elle tentasse obrigar uma protecção poderosa.

— E a sua ameaçadora insistencia, pois que ouzou vir para a capital ?...

Frederico procurava desarmar os impetos do furor do amigo; apertado porém, pela ultima pergunta, dice o que não pensava:

— Tens certeza dessa insistencia? Dermany não se atreve por certo á mostrar-se de dia, e tu mesmo asseguras, que elle não tem sido encontrado de noute na rua em que mora tua familia.

— Mas... quem sabe se uma correspondencia secreta...

— Não creio: ha providencias tomadas: sómente poderia haver correspondencia, se elle pudesse penetrar no saguão da caza, e entender-se com algum escravo; e tu dizes...

— Nestas quatro noutes, somente duas pessoas tem entrado na caza, tu e um lacaio...

— Que lacaio? perguntou Frederico.

— Não sei; um lacaio.

— E porque dizes que é lacaio?

— Ora! pela libré e porque se senta na soleira da porta ao lado do pagem, com quem conversa.

— E depois se retira sem entrar...

— Não; pelo contrario, entra sempre com o pagem e demora-se até fechar-se a porta; já duas vezes e pela terceira vez hoje...

— E hoje? sahio antes de mim?

— Frederico! é um raio de luz...

— Mas... responde...

— Ei-lo ahi vae! dice Liberato, mostrando um lacaio, que passava á pequena distancia, seguindo a rua do Lavradio.

Frederico tinha o braço do amigo prezo em suas mãos.

— Siguiremos de longe este lacaio, dice elle.

— Deixa-me livre; murmurou tremulo de colera Liberato; tu és apenas irmão adoptivo e eu sou irmão legitimo e natural de Candida.

Frederico para dominar o amigo, respondeo-lhe:

— Sou mais do que irmão adoptivo de Candida, sou seo noivo desde quatro dias.

— Ah! Frederico!

— Silencio, acompanhemos o lacaio.

Os dous amigos caminhárão, medindo seos passos e sem perder de vista o lacaio que tendo-os percebido, nem porisso apressou a marcha.

Frederico estava contrariado pela companhia de Liberato; mas não podendo esperar que este o deixasse só, dobrou-se ás circumstancias sem manifestar o seo desagrado:

desconfiava, tinha quase a certeza de que o lacaio era Dermany e ardia em dezejos de ir franca e directamente tomar-lhe o passo, de apoderar-se delle pelo terror que abate o criminoso perseguido, e de força-lo á aceitar o favor de retirada segura do Brasil; tendo porém, á seo lado Liberato, e conhecendo seo genio violento, resolveo limitar-se nessa noute á assegurar-se da morada do francez.

O lacaio depois de algumas voltas e de um longo caminhar, tomou pela rua de... e foi seguindo até que hesitou, como querendo parar; mas voltando os olhos e vendo os dous vultos que á distancia o acompanhavão pelo outro lado da calçada, continuou sua marcha morosa e imperturbavel.

— Passemos adiante delle, e não o olhemos; dice Frederico.

E ambos, accelerando o andar, deixárão logo atrás o lacaio que tambem foi proseguindo.

Frederico dobrou a primeira esquina e sempre com o ouvido attento, parou com Liberato no canto da outra rua: o ruido das pisadas do lacaio tinha cessado: mas evidentemente elle tinha voltado.

Não se ouvira bater em porta alguma.

Frederico levou o amigo quase a correr em volta do quarteirão e foi outra vez entrar na mesma rua de... por onde ambos tinhão já entrado, seguindo o lacaio.

Todas as cazas estavão fechadas, excepto um sobrado, onde havia dança e musica.

Algumas carroagens achavão-se paradas á porta do sobrado.

Frederico tinha pouco antes passado junto dessa caza sem attender aos signaes de reunião festiva que havia nella; ainda então seguio para diante; mas indo e vindo nada descobrio que o orientasse sobre o desapparecimento do lacaio: começava já a impacientar-se, quando reparou em um muro ennegrecido, no meio do qual se destacava rude e velho portão largo, e lembrou-se de que exactamente alli o lacaio quase interrompera a marcha, em que aliás continuára depois de olhar para traz,

O portão estava aberto e a flamma do gaz, em grande e tosco lampião, illuminava a entrada...

Dentro o espaço se alargava e no fundo se distinguia como a frente de immensa caza, onde aqui e alli luzes dispersas, mostravão portas que se destacavão do meio das trevas...

— E' provavelmente aqui, observou Frederico.

— Entremos, dice Liberato.

Frederico não respondeo ao estouvado amigo; mas levando-o comsigo, dirigio-se para a caza onde soava a musica, e a alegria velava: demorou-se por algum tempo, como apreciando a voz de uma senhora que cantava, e quando terminou o canto, fez algumas perguntas banaes aos criados e pagens que conversavão junto das carroagens, e emfim inquerio ainda:

— Aquelle portão e muro são de alguma chacara?...

— Como? chacara nesta rua?... aquillo e um *cortiço*: respondeo um criado.

— Ah! um *cortiço*.... pensei que era chacara de pessoa rica; porque ainda ha pouco me pareceo ter entrado ali um lacaio.

— Entrou; dice um homem que estava em mangas de camisa e conversava com os criados; entrou: é um lacaio que mora no cortiço; em quanto o amo está em Minas tomando aguas....

— Que diabo! e não lhe deixou commodo em caza?... perguntou um pagem a rir.

— Diz que o amo é unhas de fome: alu-

gou a chacara a um irmão, por quatro meze que foi passar em Minas.

Frederico já sabia bastante e afastou-se com Liberato.

— Que moços curiosos! dice um criado.

— Ora! são como todos; tornou o homem que estava em mangas de camisa; nesta mesma noute um outro sujeito e de muito peior cara, veio beber cerveja á venda, e emquanto despejava duas garrafas, fez-me dar-lhe conta dos moradores do *cortiço*, e achou tanta graça na historia do lacaio, que obrigou-me a repeti-la tres ou quatro vezes com todos os pormenores.

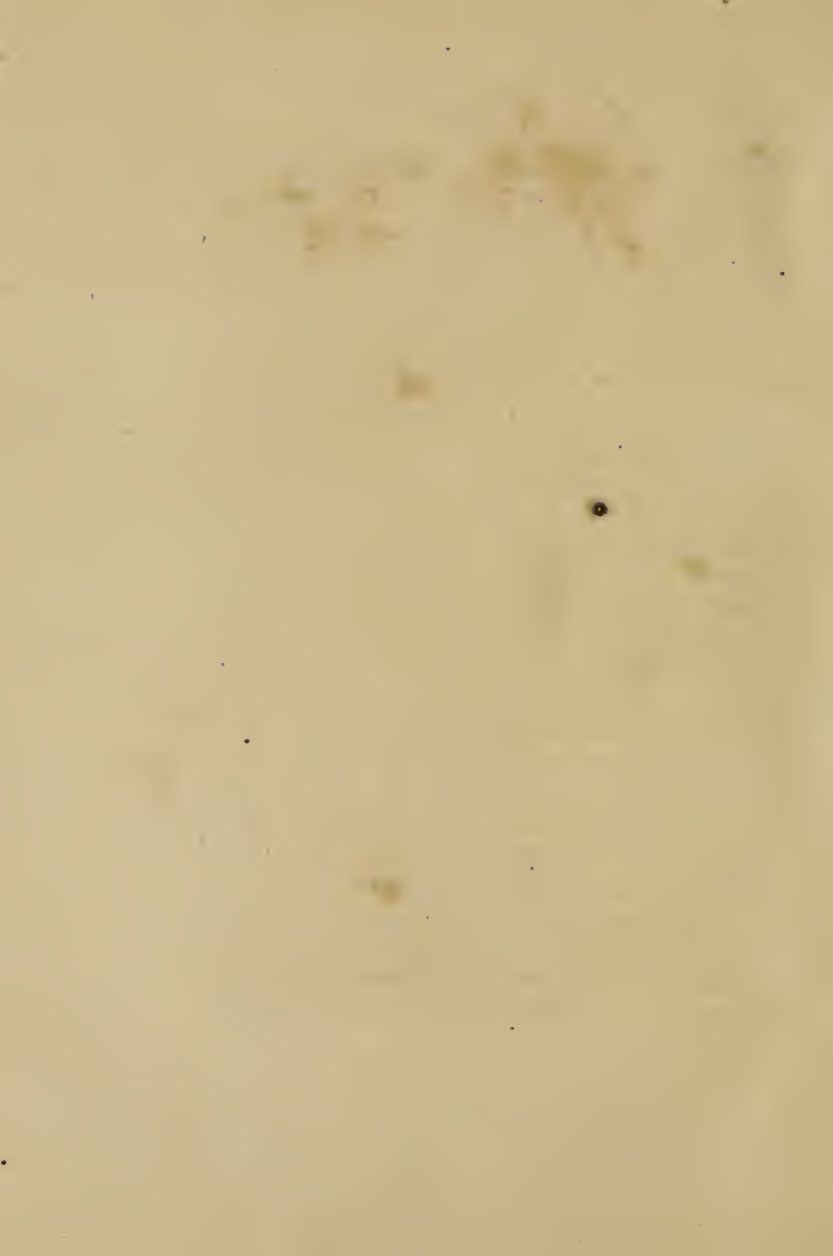
Frederico levára Liberato para o seo hotel.

Digamo-lo em honra dos dous mancebos:

Frederico tinha planejado obrigar Dermany a deixar o Brasil, e propunha se a favorecer-lhe e garantir-lhe a retirada ou a fuga.

Liberato queria esbofetear Dermany, calculando indomito e arrojado com as consequencias dessa extrema affronta.

A nenhum delles porém, lembrára se quer, por um instante, a idéa de denunciar Dermany á policia.

Brilhavão nos dous mancebos a altivez e a generosidade do caracter natural dos brasileiros.

L.

A insolente e inqualificavel ameaça de Dermany tinha sublevado o coração de Candida: na grandeza do seo amor que ainda resistia ao conhecimento da indignidade do homem amado, ella sentira o enorme insulto feito á sua delicadeza, o menospreço do seo pudor, o desprezo da sua individualidade nesse egoismo enregelado de especulador immoral, que se mostrava prompto á patentear o erro fatal que a aviltava, á documental-o com a confissão imprudente lançada em um bilhete confidencial, e ferida em sua vaidade, ultrajada nessa intenção perversa, preferira o maior martyrio á submetter-se, como escrava medrosa á prepotencia de senhor infame.

No dia da ameaça e da affronta, na hora mais fogosa de seo ardente resentimento, Candida irreflectida e exaltada, surprehendida pela proposição, pelo pedido, pela exclamação de suprema esperança e empenho transportado de sua mãe, em um impeto de vingança, em um grito de naufraga, que vê a salvação, em uma explosão de dôr e de desespero declarára aceitar Frederico por seo noivo.

Mas logo apoz, a consciencia fulminára a aviltada que desmaiou.

Candida chegára aos dias do maìs triste arrependimento, e do mais acerbo desencanto: Frederico se mostrava á seos olhos, como anjo salvador, Frederico era para ella a grandiosidade, a virtude, o bello moral, e Dermany, o objecto da sua paixão, e não mais do seo amor, era a embriaguez ignobil, o grilhão que peza e fére, o vicio que se esconde porque faz vergonha, e apezar de sua paixão, se tivesse liberdade de escolha, se um erro irreparavel não lhe escravisasse a vontade, Candida exultaria, proclamando-se noiva e esposa de Frederico.

Mas tres dias tinhão passado, sem que se effectuasse a ameaça de Dermany, e, embora justamente revoltada, Candida não tolerasse

mais a conversação da mucama, abrandou a sua colera, e principiou á considerar o atrevido recado do seo amante, como recurso doudo de apaixonado em delirio.

E nesses tres dias foi-se tambem agigantando no animo da infeliz moça uma preoccupação cruelissima, que a separava mais que nunca de Frederico, e que a impellia mais que nunca para Dermany.

Nesses tres dias, marcados como os ultimos por affictivo calculo, Candida, não sabendo como o amor contrariado póde determinar e muitas vezes determina perturbações physicas profundas na vida animal da mulher, extremecia pavorosamente, lembrando outra cauza em regra productora de iguaes alterações.

E muito peior, ella conservára na cidade certo costume geral na roça; ao levantar-se do leito de manhã, ou ainda na cama tomava sempre uma chavana de café que a mucama lhe trazia, e nos dous ultimos dias logo depois de tomar o café, tivera nauzeas e vomitos.

Na segunda manhã, observando a repetição desses phenomenos, Lucinda fez um movimento de espanto e de temor.

Candida pallida, banhada em frio suor e cheia de pertubação, perguntou á escrava:

— Achas-me doente?

A mucama hesitava.

— Falla... falla...

— Minha senhora tem tido febre?

— Não... nada mais sinto alem... disto.

— Em tal cazo... ah! minha senhora...

— Dize: que pensas?.. tornou a moça com voz alterada.

— Eu não sei... tenho medo....

Em sua nova e tremenda affiicção Candida esqueceo o desgosto e a desconfiança que ultimamente lhe inspirara a mucama, e murmurou á tremer um segredo no ouvido da perfida que, recuando, como aterrada e escondendo o rosto com as mãos, dice:

— Oh!... minha senhora está gravida....

A sentença não fulminou a victima—; porque està já esperava o golpe.

Candida fechou os olhos e exhalou um gemido repassado de dôr.

Lucinda traiçoeira e malvada, deixou-se em pé e emmudecida por alguns minutos, e apenas suspirando com fingida magoa: por fim dice:

— Minha senhora....voltarei d'aqui a pouco...dissimule e espere:

E, voltando as costas, sahio alegre, e radiosa de animação infernal.

Candida ficou só;—ah! não se julgava mais só.

Que remorsos! que amargura! que emoções novas! que raciocinios! que terror!

Na pavorosa situação em que, illudida e atraiçoada, a mizera se acreditava, era força pensar, medir o futuro; raciocinar...

E ella o fazia, coitada, torcendo com ancia as mãos, e derramando lagrimas que lhe abrazavão os olhos.

Esperar era nada resolver, e nada resolver, era a vida em torturas com os olhos no ventre, amando e temendo o testemunho do opprobio á crescer e á accusa-la...

Cahir de joelhos aos pés de sua mãe era mata-la e matar-se.... e sua pobre mãe já doente.... e as apprehenções da phthisica!....

Fugir com Dermany era a partilha da infamia.....

Dermany era ladrão e condemnado....

Mas ainda assim Dermany era o pae de seo filho....que contas do pae daria ella á seo filho?....

E se ella conseguisse obter o perdão de seos pais, estes no infallivel cuidado que tomarião para esconder a sua degradação, que farião de seo filho? que destino darião a innocente creatura?...

Em sua presumida maternidade a voz do ventre fallava-lhe ao coração.

Candida não estava, mas suppondo-se condemnada a ser mãe, já deffendia seo filho.

Foi no meio dessa tempestade de idéas tormentosas e cada qual mais pungente, que Lucinda voltou para junto de sua senhora.

A padecente estendeo os braços para o carrasco de mascara negra e perguntou, chorando:

— E agora que será de mim, Lucinda?

A refalsada mucama respondeo:

— Já pensei, minha senhora; ha um remedio.... cruel, mas certissimo....

— Qual ê?...

— O aborto . . .

— Oh! nunca! nunca!...

— Então.... é preciso ter animo... dizer tudo e quanto antes á sua mãe....

— Eu a mataria....

— E' verdade que ella parece doente.... anda com uma tosse....

— E então?

— Não vejo outro recurso, minha senhora....

— E.... Dermany?

— Eu não fallo mais nesse homem á minha senhora.

— Se meo pae consentisse o nosso casamento, e Dermany quizesse viver comigo no fundo de um deserto....

Lucinda não respondeo.

— Falla; dice Candida em tom quase humilde.

A mucama fallou:

— Minha senhora não póde esperar tal consentimento.

— Eu o sei.

— Póde porém obrigar o perdão de seos paes....

— E como?...

— Casando apezar delles com o Sr. Dermany: feito o casamento, o perdão dos paes vem depois: é o que se vê sempre....

— Sim.... Sim.... mas esse francez.... seos crimes infamantes....

— Eu não aconselho, minha senhora; dice a perversa escrava.

— Ah! Lucinda....

Candida interrompeo-se, e retorcendo-se com anciedade e nauzeas, immediatamente depois experimentou ainda uma vez a acção vomitiva do tartaro emetico tomado no café.

— Não ha duvida possivel; dice a mu-

cama escrava; e o peior é que em poucos dias hãode começar as suspeitas de minha senhora velha....

— Meo Deos! exclamou Candida em desespero.

— Minha senhora é necessario resignar-se....

— Oh! não! não! não! é impossivel! antes morrer!....

— E seo filho?... perguntou a escrava-demonio.

Candida desfez-se em pranto angustiado.

A escrava hia evidentemente dominando de novo á senhora, e arrastando-a para as garras de Dermany.

LI.

Ao meio-dia Liberato apresentou-se á seos paes e teve com elles longa conferencia particular, terminada a qual foi alegre e feliz, pela esperança do casamento de sua irmã com Frederico, abraçar a noiva.

Candida recebeo o irmão como o seo primeiro e natural amigo e nas circumstancias extremas em que se achava, nos confrangimentos do seo coração, procurou consolações, esperanças de commiseração e de amparo, mostrando-se leal e sincera no que podia se-lo sem confessar a sua ignominia.

Liberato era precipitado e violento.

Ouvindo a irmã confessar que o seo casamento com Frederico não era um ajuste realmente assentado entre ambos, e que

só os padecimentos de sua mãe aconselhavão deixa-la por algum tempo nessa illusão suave, rompêo em protestos e ameaças que revoltárão a infeliz moça tão desesperada já.

O cuidado dos soffrimentos de Leonidia apenas conteve as explosões de Liberato fóra dos aposentos de Candida; elle porem declarou alli que sabia, como Dermany se introduzia na caza para fallar com os escravos e jurou que poria termo immediato á todos os escandalos, com que a irmã imfamava sua familia,

Em vez de um amigo consolador, esperançoso, indulgente, dedicado, Candida encontrára em seo irmão juiz severo, ameaçador, terrivel, e, para maior mal, Liberato receioso de não poder occultar de sua mãe doente as impressões inexperadas e acerbas que recebêra em sua conversação com a irmã, sahio furioso, e não voltou á caza de seo pae, senão á noute em companhia de Frederico.

Vinhão ambos, Liberato e Frederico, resolvidos á fazer com que Florencio da Silva tomasse providencias para melhor garantir o respeito devido á sua familia. A condemnação do serviço de escravos no interior

da caza, e especialmente a remoção prompta e urgentissima da mucama de Candida e do pagem *fiel* de Florencio da Silva erão as principaes exigencias, ou os primeiros conselhos dos dous mancebos.

O veneno da escravidão estava pratica e evidentemente reconhecido por Liberato e Frederico nas relações do fingido lacaio com os escravos da caza ameaçada de deshonra: ambos vinhão denunciar a traição dos escravos mais estimados da familia dos senhores, a acção malefica dessas *victimas algozes*, *vitimas* pela prepotencia que lhes impõe a escravidão, *algozes* pelo damno que fazem, pelas vinganças que tomão, pela immoralidade e pela corrupção que inoculão.

A' principio conteve-os a presença suspeitosa de Candida; mas em breve a triste e conturbada moça deixou a sala, como se comprehendesse que estava ali acanhando, e impedindo expansões que urgião manifestar-se.

Os paes e os irmãos, Florencio da Silva e Leonidia, Liberato e Frederico applaudirão-se da retirada de Candida, e longamente se entregárão ás mais sérias e graves combinações.

Mas a noute hia avançando e Leonidia

foi chamar a filha, pois que chegára a hora de servir-se o chá.

Florencio da Silva e os dous mancebos conversavão ainda socegadamente ; quando pallida, perturbada, convulsa, Leonida entra de novo na sala, e com a face decomposta, a voz surda, sepulchral e horrivelmente contrahida diz ou balbucia :

— Candida... desappareceo...

— Que?!!! exclamárão tres vozes.

— Fugio!!! tornou Leonidia.

E cahindo em uma cadeira a pobre mãe levou ambas as mãos ao rosto, abaixou a cabeça, e abrindo a boca, lançou um golfada de sangue.

— Leonidia!.... gritou Florencio da Silva, correndo a acudir á espoza.

— Minha mãe! minha mãe!... dice Frederico, chorando; minha mãe! coragem! eu juro que salvarei Candida para salvar a sua vida!..

E lançou-se precipitadamente para fóra da sala e da caza.

— Liberato! acompanha Frederico! dice Leonidia nos braços do marido, e quase sem voz.

Liberato vôou em seguida do irmão adoptivo.

LII.

A mucama-escrava consumára finalmente a sua obra.

Vendo Candida sahir apprehensiva e temerosa da sala, a perversa Lucinda correo a ella em tremente agitação e annunciou-lhe aterradoras novas, declarando que o pagem de seo senhor, posto em confissão por Liberato, denunciára medroso todos os segredos do amor de sua senhora moça e de Dermany, não o deixando ignorar nem mesmo a hallucinação e o erro da noute sinistra: que Liberato furioso jurára medonha vingança, de que ella, pobre escrava, hia ser a primeira victima: que Dermany fôra reconhecido na ultima noute por Frederico, e que em desvario inaudito ousára

voltar ainda, e estava no quarto do pagem e absolutamente decidido a subir e a apresentar-se na sala, arrostando tudo para reclamar sua noiva, se esta não lhe fosse fallar immediatamente.

Lucinda chorava, tremia, e despedia-se de sua senhora, dizendo que hia fugir....

Candida apavorada, e no maior desatino, toda entregue aos impulsos do terror, perdida, douda, e nesse estado de abandono da propria razão, nesse delirio compellida pela escrava, lançou-se precipitada para o o saguão e entrou no quarto onde estava Dermany.

O joven francez radiou com alegria satanica.

— Este momento é todo nossa vida ; dice elle com voz commovida, mostrando duas folhas de papel a Candida ; aqui estão as licenças que consegui hoje obter para que em qualquer igreja o primeiro padre que encontrarmos abençõe o nosso casamento. Lê e fujamos! vem ser minha esposa!

Candida toda tremula nem olhou para os falsificados documentos que Dermany lhe apresentava, e estendendo-lhe a mão, balbuciou apenas:

— Vamos.

E aceitando sem repugnancia o braço de um homem que trazia libré de lacaio, acompanhou-o, fugindo da casa de seos paes.

A escrava.mucama os seguio levando uma trouxa de vestidos seos: evidentemente ellá se tinha preparado.

Dermany caminhava apressado, e Candida deixava-se quase arrastar, e arfava de fadiga, quando teve de entrar n'aquelle pequeno povoado de cazinholas que se escondèm humildes, e a que o povo deo o nome de *cortiço.*

— Quem traz você ahi? perguntou um velho que estava sentado no portão.

— Minha irmã e uma escrava: é só por uma hora, respondeo Dermany.

Candida confusa, vergonhosa pelas observações rudes e desrespeitosas que hia ouvindo á homens e mulheres que encontrava e a olhavão rindo-se, subio a uma especie de galeria baixa, estreita, agreste, para a qual se abrião muitas portas todas igualmente pequenas, e onde não havia uma só janella.

Individuos de ambos os sexos, todos vestidos pobremente, alguns maltrapilhos entravão por aquellas portas, ou sahião para a galeria, galhofando grosseiramente.

Candida agarrava-se ao braço de Dermany, que emfim parou diante da ultima porta, e abrindo-a, dice á infeliz moça :

— Entra.

Candida entrou seguida de Lucinda, e achou-se em uma saleta, cuja mobilia limitava-se á uma cama, uma agreste meza, e um banco de páo.

Lucinda começava á espantar-se.

Dermany chamou o morador do quarto vizinho, que prompto accudio á sua voz : era um mancebo assalvajado e que indicava occupar-se de grosseiro myster.

— Manoel, vae correndo buscar-me por todo preço um carro com possantes bestas; dirás na cocheira que é para ir já a Andarahy levar uma familia,

— Estou morto de cansaço : cavei terra o dia todo...

— E quanto ganhaste?

— Mil e quinhentos á secco.

— Dou-te tres mil reis, se me trouxeres o carro antes de uma hora.

— Olhe lá !

— Toma mil reis por conta.

Manoel recebeo o bilhete de mil reis e partio accelerado.

Dermany entrou no quarto e abraçando

Candida beijou-lhe cem vezes as faces e os labios, dando-lhe os mais dôcês nomes.

Lucinda afastou-se para a galeria.

O joven francez requintou seos afagos; mas Candida tremula, anciosa, e obstinadamente insensivel ás caricias, dice por vezes:

— Fujamos primeiro...

Dermany sahio do quarto, dizendo de máo modo:

— Espera-me pois ahi.

Lucinda voltou logo para junto de sua senhora.

Candida principiava a medir as proporções escandalosas e horriveis de sua situação.

O *cortiço* causava-lhe medo e asco...

Dermany não a encantava mais, despertava-lhe a vergonha na consciencia....

A fuga da caza de seus paes lembrava-lhe o opprobrio....

—Oh, minha mãe!... exclamou a desgraçada.

— Não se atormente, minha senhora; disse Lucinda:

— Ah! que me resta agora?...

— O amor do Sr. Dermany, e em todo o caso e sempre a fidelidade da sua pobre escrava.

Candida, coitada, abraçou Lucinda.

E pouco depois dice :

— Tenho sede... agoa ! agoa !...

A mucama não achou agoa no quarto de Dermany.

— Espere, minha senhora ; vou procurar e pedir um copo d'agoa.

Candida ficou só, e como que se sentio agonisante n'aquella solidão de criminosa.

Ouvia gargalhadas, e convulsava pensando que era da sua ignominia que gargalhavão.

Ouvia abrir e fechar portas e tremia por mil perigos, mil vexames, e mil affrontas no meio de tanta gente á viver como em commum.

E Dermany não voltava...nem Lucinda lhe trazia agoa....

E ella tinha medo e febre...terror e sede abrazadora...

Caudida ouvio leve ruido proximo.... o seo medo exagerou-se.... quiz e não ousou gritar por soccorro.... levantou-se do banco de páo e sahio para a galeria.

Vio um pateo e gente nelle. ...

Estremeceo, escutando atras de si brando gemido....

Voltou-se e vio aberta a porta do apo-

sento vizinho...e outra vez ruido abafado que vinha desse quarto....

Olhou....deo um passo a tremer....chegou á porta do quarto e...titubeou, desprendeo grito doloroso e horrivel, e deitou a correr frenetica e impetuosamente pela galeria, pela escada, pelo pateo, á chorar, e á ulular como louca....

O que ella tinha visto no quarto era esqualido, infame, e espantosamente perverso e criminoso....

Candida sacrificára tudo, riqueza posição, credito, honra, o nome de seu pae, talvez a vida de sua mãe, a gloria de ser esposa de Frederico para seguir Dermany....

Deixára-se levar, dominar, arrastar pela sua mucama, a *escrava*....

Dermany lhe garantira amor, oh! mais do que amor então, a benção nupcial pelo primeiro padre na primeira igreja....

Lucinda, a *escrava* que a levára á perdição, poucos minutos antes lhe assegurára *a sua fidelidade em todo o caso e sempre.*

E Candida acabava de ver com os seos olhos n'aquella noute, n'aquelle lugar ao pé do seo sacrificio, na suprema dedicação opprobriosa, em paga da mão regeitada de

Frederico, em paga da mancha lançada no nome de seu pae, em paga da vida ameaçada de sua mãe, em paga da sua reputação, e da sua honra, oh! ella acabava de ver Dermany nos braços de Lucinda !!!

LIII.

Para onde corria Candida em furia e afflicção desesperada ?... ella não poderia dize-lo; mas arrebatada, já com os cabellos soltos e cahidos, esbarrando aqui e alli nas pessoas que encontrava, arrojou-se alem do portão, sem ver ou sem lhe importar alguns soldados que ali se tinhão postado, e impetuosa avançou pela rua....

— E' uma mulher douda; dizião uns.

— E' alguma mulher dissoluta que o amante espancou e poz fóra de caza; dizião outros.

— E' talvez uma pobre mãe que vae buscar o medico para ver-lhe o filhinho que lhe morre; dizião os mais compassivos.

Mas para onde corria Candida ?...

A mucama-escrava a arrancára do branco ceo da innocencia e a fizera em menina sábia precoce da sciencia pudenda da mulher.

A mucama-escrava amesquinhara-lhe o pudor, distanciara-a do recato, impellira-a para vãos e aviltantes namoros.

A mucama-escrava a atraiçoára duas vezes com Dermany, protegendo perversa um amor fingido e funestissimo, e tornando-se amante infame do supposto noivo de sua senhora.

A mucama-escrava depois de tentar debalde arrasta-la para as garras de Dermany, abrira á este a porta do quarto de sua senhora, e a abandonára quase desmaiada ao algoz.

A mucama-escrava dera-lhe dózes repetidas de uma substancia vomitiva, para hallucina-la com a convicção de um estado que patentearia o seo opprobrio.

A mucama-escrava finalmente, inventando ainda aterradoras noticias, conseguira arranca-la da nobre e respeitada caza de seos paes, para leva-la de rastos pelo braço de um mizeravel para o escuro recanto de um *cortiço*.

O mais, a infidelidade, a ingratidão, a

torpeza, a fria perversidade da mucama-escrava e de Dermany érão o castigo da Providencia imposto á moça que se rebaixára, e tanto offendêra á seos paes, ao dever e á sociedade.

Mas para onde corria Candida ?....

Fugida da caza paterna; não ouzando nem sabendo lá tornar, escapando á Lucinda, á Dermany, ao *cortiço*, nodoada, deshonrada, perdida, para onde poderia ella correr, senão para os braços do primeiro libertino que reparasse em sua belleza ?

E depois do primeiro, o segundo senhor e dono, e, depois vencidos, desfeitos os ultimos vexames, a extrema degradação....

Era por tanto ainda a mucama-escrava que fatal empurrava implacavelmente sua senhora para a prostituição e o alcouce....

Oh ! como a escravidão é veneno e peste !..

E Candida corria sempre sem saber para onde, com os cabellos e os vestidos em desordem, corria insensata, delirante, e levando no turbilhão desconcertado, e horrivel de mil idéas obscuras, negras, uma só idéa distincta, mas lugubre.... era encontrar o mar....

E corria sempre surda e cega, quando de subito duas mãos a agarrárão, e uma voz amiga exclamou ;

— Minha irmã !

Candida reconheceo Frederico, exhalou um gemido de agonia, e seo corpo sem vida dobrou-se inerte nos braços do mancebo.

— Que seja um desmaio, meo Deos! dice Frederico, sustendo Candida.

— Seja antes a morte; dice Liberato, afastando-se apressado.

— Ajuda-me á soccorrer nossa irmã !....

Liberato em vez de responder ou voltar, seguio, rugindo de raiva, para o *cortiço*.

LIV.

Era tarde para a vingança.

Quando Liberato chegou ao portão do *cortiço*, sahia por elle Dermany no meio de soldados que o levavão prezo para ser entregue á legação franceza.

O jogador tinha perdido a partida.

Liberato conteve o seu fervor e nem reparou no vulto de uma mulher que, ao percebe-lo recuou, escondendo-se por entre os curiosos que em chusma observavão a scena.

Dermany, ouvindo o grito de Candida e o ruido de sua carreira pela galeria não tardára tambem em correr no encalço da sua victima; mas ao chegar ao portão hesitára, vendo os soldados e logo fugira para

o interior do *cortiço*, onde em breve fora descoberto e prezo.

Lucinda acompanhara temerosa a diligencia feita pela força publica, e seguira á esta, lamentando em voz baixa Dermany, até que, ao passar o portão e ao dar com os olhos no irmão de sua senhora, desviou-se e, envolvendo-se na multidão, foi desnorteada procurar abrigo, onde se acoutasse.

A Providencia marcava por diversos modos a punição dos criminosos ; mas de envolta com essas punições acendia uma luz que sómente os cegos não vêem, a luz do infortunio, da desmoralisação, da miseria moral, que em vingança implacavel a escravidão impõe á sociedade escravagista.

Os escravos são victimas ; mas sabem ser *victimas-algozes.*

Lucinda, a mucama-escrava, victima porque era escrava, tinha sido algoz de sua senhora.

Que aproveite o exemplo.

LV.

O zelo da mais santa amizade, teceo delicado véo para encobrir o vergonhoso procedimento de Candida. Segundo as explicações de Frederico a pobre moça tomada de delirio febril sahira de caza e corrêra em desatino pela rua, onde elle e Liberato a encontrárão só, e por tanto isenta de compromettimento que a desdourasse.

Os medicos chamados para soccorrer Leonidia, tiverão tambem de prestar instantes cuidados a Candida, e reforçárão as explicações de Frederico, declarando-a atacada de gravissima affecção cerebral a que chamárão *meningite*.

As folhas diarias, dando conta da prizão de *Dermany*, informárão, que a diligencia

policial se effectuara com extraordinaria habilidade, sendo o criminoso surprendido quando acabava de entrar no *cortiço* com uma mulher de ruins costumes, que aliás fugira precipite ao ver prezo o socio de suas orgias.

Lucinda e o pagem *fiel* de Florencio da Silva tinhão desapparecido.

Apparentemente ao menos, a reputação de Candida achava-se escudada; mas só apparentemente, porque havia ainda outros escravos na caza, além do pagem e da mucama; esses porém tremião e ainda não ousavão detrahir....

Todavia a situação da familia de Florencio da Silva era duplamente luctuosa; por quanto Candida não dava esperanças de salvar-se, e Leonidia hia aggravando sempre mais as tristes apprehensões dos medicos.

Candida tinha accessos de delirio terrivel, e então era de ver a industria sublime com que Leonidia, distanciava todos e até seo marido do lado da filha: ella tinha invenções, idéas, recursos que só as mães os teem.

Uma vez, Florencio da Silva em consternação, queria por força ficar ao pé da filha; mas Leonidia empurrando-o desesperada para longe, exclamou:

— Ella vae pôr-se nua!... sahe!...

Em outro dia porém a mizera mãe a sós, e sem temor de algum outro ouvido, a desgraçada mãe a soluçar, a retorcer-se de dôr, ouvio na voz do delirio choroso e pungente a relação entrecortada, repetida, mas então completamente feita de todos os erros, de todas as mizerias de sua filha, e até da convicção de um estado que não era real, e que se o fosse, como ella suppunha, exhibiria vivo testemunho da deshonra.

Então Leonidia desfeita em lagrimas, em afflicção extrema, quando terminou o accesso do delirio, ajoelhou-se junto ao leito, apertou entre as suas as mãos ardentes da filha, e com voz gemente, cheia de ternura indisivel, de verdade profunda, de consolação lugubre, e, deixem-nos dize-lo assim, de desespero resignado, dice:

— Minha filha! meo bem! meo anjo! minha Candida! morre! morre, minha filha; tu deves morrer: não falles mais... não delires mais... morre, meo anjo! olha... eu tambem vou morrer...

E beijando mil vezes as mãos de Candida, repetia:

— Morramos, minha filha querida!.. tu deves morrer...

— Oh, minha mãe!.. minha mãe! eu não quero que morras! eu perdôo, esqueço todos os desvarios de Candida e lhe darei o meo nome!

— Frederico!... exclamou Leonidia, levantando-se.

Frederico estava em pé atrás de sua mãe adoptiva, e com o rosto banhado em pranto.

— Vivirás, minha mãe?.... preguntou elle ternamente.

Leonidia humilhada e commovida, duvidosa e esperançosa, fóra de si pela confusão, pela vergonha, pela dôr, por mil sentimentos diversos, em vez de responder, tambem perguntou:

— Ouviste... o horror do seo delirio?..

— Ouvi tudo... sei tudo...

— E tu... Frederico?... ainda assim... Frederico?....

— Vivirás, minha mãe?....

Leonidia tomou as mãos do mancebo, encarou-o de face, e com os olhos em fogo, com admiração inexprimivel, com a voz um pouco rouca, com accento de gratidão sublime, dice, sem pensar no que dizia, e como estupefacta:

— De que altura és tu?.....

— Oh, minha mãe!!!

A extremoza mãe lançou-se sobre Candida, e abraçando-a bradou:

— Vive, minha filha!... vive, minha filha! vive! vive!....

Candida pareceo sorrir triste, mas docemente ao brado do coração de sua mãe.

CONCLUSÃO.

I.

Dous mezes depois celebrou-se, ainda na cidade do Rio de Janeiro, o casamento de Frederico e Candida.

Muito mais rico do que a noiva, conhecido e estimado pela nobreza de seos sentimentos, pela severidade de seos costumes, pelo brilho de suas virtudes, Frederico deo com o seo nome á Candida uma égide que a pôs á salvo dos botes de injuriosas suspeitas.

Grande aos olhos da familia de Candida, anjo salvador para esta, Frederico, abençoado por seo pae, sentio-se no acto de seo

casamento e no meio das tristes lembranças dos passados desvarios de sua noiva, explendido aos olhos do Deos do perdão.

Quando a ceremonia religiosa terminou, elle deo a mão á Candida e voltou-se para a familia.

O olhar de Leonidia cheio de celeste amor abrio-lhe a porta do paraizo.

Leonidia tivera razão de perguntar de que altura era Frederico; porque na sua virtude elle se mostrou alto, como o sacrificio que fizera ao amor de sua mãe adoptiva.

A' noute e recolhidos á camara nupcial, Candida fez um movimento para ajoelhar-se diante de Frederico.

Elle a conteve e dice-lhe docemente:

— O passado morreo: no altar donde viemos hoje, eu te purifiquei e Deos nos abençoou.

E abraçando a noiva, beijou-a na fronte.

II.

Alguns dias depois os noivos e seos paes preparavão-se para voltar á seos lares, quando um agente policial, ou interesseiro procurador se apresentou na caza de Florencio da Silva, annunciando que se achavão detidos e prezos na caza de correcção, um pagem, e uma negra creoula que se confessavão, escravos, dando o nome de Florencio, como o de seo senhor.

Frederico avançou para o agente policial, e tomando a palavra ao sogro, dice:

— Nossos escravos ou não, nós os abandonamos ao seo destino; pois que de nós fugírão, regeitamo-los.

— Então... como ficão elles?...

— Pouco nos importa isso: a liberdade,

como premio, elles a não merecem; como direito, a sociedade ou o governo, que lh'os outorgue. Elles nos fugírão, nós os abandonamos.

O agente policial retirou-se confundido.

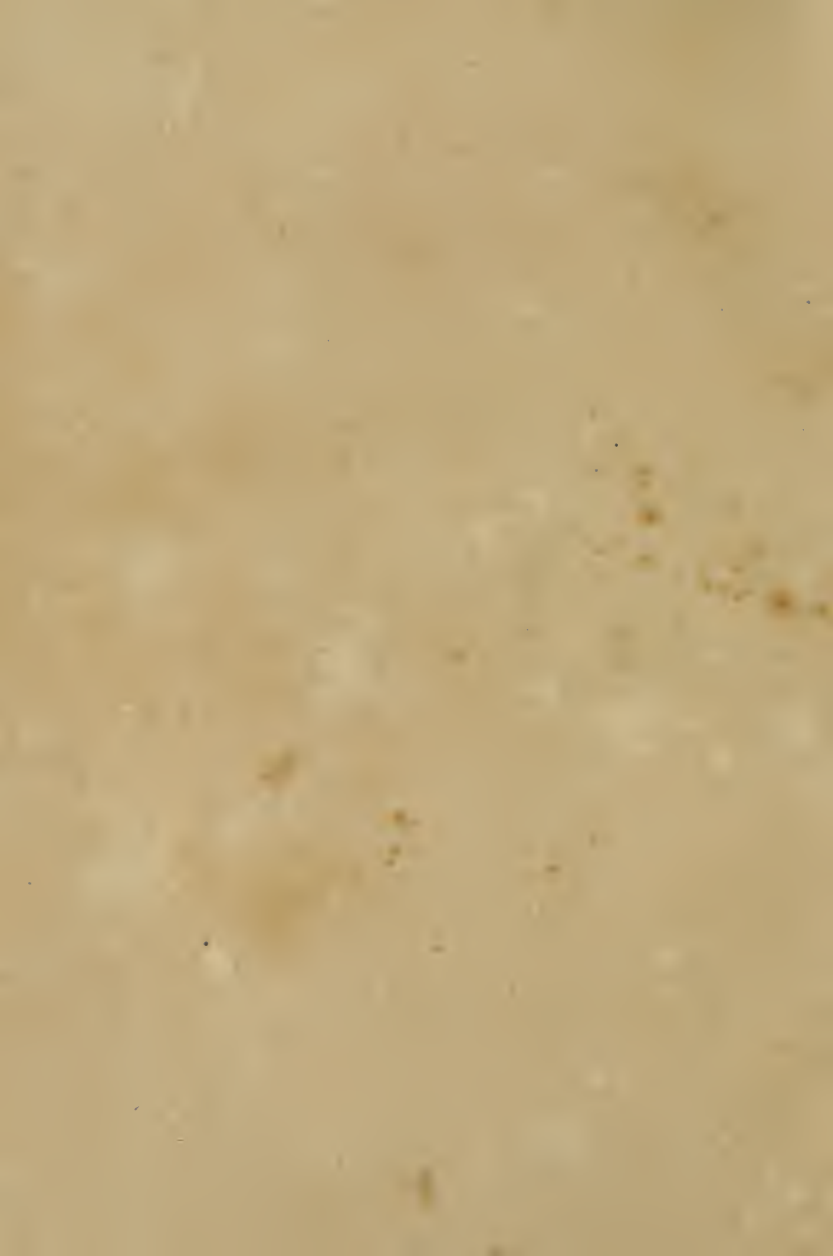
Frederico voltou-se para a familia estupefacta e dice:

— A escravidão é peste: porque não nos havemos de libertar da peste?.. que fariamos dessa mucama e desse pagem?.. matal-os?.. fora um crime hediondo: conserval-os em captiveiro?.. uma vergonha da familia em constante martyrio, considerando, vendo, e soffrendo diante desses escravos: vende-los?.. vingança ignobil que mancharia a mão que recebesse o dinheiro, preço da venda dos criminosos empurrados impunes...

— Mas esses dous traidores e perversos...

— Arvore da escravidão derão seos fructos. Quem pede ao charco agoa pura, saude á peste, vida ao veneno que mata, moralidade á depravação, é louco. Dizeis que com os escravos, e pelo seo trabalbo vos enriqueceis: que sejá assim; mas em primeiro lugar donde tirais o direito da oppressão?.. em face de que Deos vos direis senhores de homens, que são homens como vós, e de que vos intitulaes donos, senhores, arbitros abso-

lutos?.. e depois com esses escravos ao pé de vós, em torno de vós, com esses mizeraveis degradados pela condição violentada, engolphados nos vicios mais torpes, materializados, corruptos, apodrecidos na escravidão, pestiferos pelo viver no patanal da peste e tão vis tão perigosos póstos em contacto comvosco, com vossas esposas, com vossas filhas, que podereis esperar desses escravos, do seo contacto obrigado, da sua influencia fatal?.. Oh! bani a escravidão!.. a escravidão é um crime da sociedade escravagista, e a escravidão se vinga desmoralizando, evenenando, deshonrando, empestando, assassinando seos oppressores. Oh!.. bani a escravidão! bani a escravidão! bani a escravidão!...

FIM.

OBRAS DO MESMO AUTOR

A Moreninha	1	vol…
O Moço Loiro	2	»
Os Dois Amores	2	»
Rosa	2	»
Vicentina	2	»
Culto do Dever	1	»
Romances da Semana	1	»
O Rio do Quarto	1	»
A Carteira de Meu Tio	1	»
Memorias do Sobrinho de Meu Tio	2	»
Nebulosa	1	»
Mazellas da Actualidade—*Voragens*	1	»
Theatro (Obras Dramaticas)	3	»
Passeio pela Cidade do Rio de Janeiro	2	»
Lições de Historia do Brasil para o Imperial Collegio de Pedro II	2	»
Lições de Historia do Brasil para as escolas de instrucção primaria	1	»

Ineditas e no prélo.

A Luneta Magica	2	»
Nina	1	»
As Mulheres de Mantilha	2	»